FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SABADO, 7 DE ABRIL DE 1962

ANO 42.º — NÚMERO 14 122

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ

ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

COERÊNCIA

O primeiro número do «Diário de Lisboa» saiu, precisamente, há quarenta e um anos, numa época em que a livre discussão das ideias e a coragem das opiniões constituiam lemas sagrados da Imprensa. Ficou a dever a essa circunstancia e a outros factores que decidiram do seu futuro o favor que encontrou logo na opinião pública, conquistado também por um certo ar de novidade com que apareceu no Chiado, quebrando com a ousadia irreverente da sua mocidade a sonolência em que Lisboa dormitava. Eram modestas as nossas aspirações, que foram contudo largamente ultrapassadas. E' preciso dizer que este jornal não teve a anunciá-lo as trombetas clangorosas de uma publicidade retumbante. Nunca lhe subiu, também, á cabeça a mania das grandezas. Tem vivido modestamente, mas honradamente, do seu próprio esforço, sem compromissos que o embaracem nem ligações que o comprometam.

Se de alguma coisa temos de nos orgulhar, nestes quarenta e um anos decorridos, é da coerência que pu-

(Continua na página seguinte)

LIZ E BURTON não têm deixado da andar juntos

ROMA, 7 — Elizabeth Taylor e Richard Burton foram mais uma vez passar juntos parte da noite, a dançar nos «dancings» desta cidade.

Desre a meia-noite e até cerca das três horas da madrugada estiveram em dois «dancings» discretos, reunindo-se a alguns amigos comuns. — (A. N. I.).

Guerrilheiros angolanos vão ser treinados em Marrocos

BRAZZAVILLE, 7. — Cinquenta angolanos, portadores de passaportes passados no Congo (ex-Belga) partiram de Ponta Negra para Marrocos, a fim de receberem instrução de combate de guerrilhas. Serão depois utilizados em operações no Norte de Angola — segundo se anuncia em círculos bem informados. — (A. N. I.).

O «GOVERNO PROVISÓRIO» PRETENDE O RECONHECIMENTO SUDANÊS

KHARTOUM, 7. — Matos Cyaya, secretário-geral da U. P. A., chegou ontem a Khartoum, onde se encontrará hoje com o ministro sudanês dos negócios Estrangeiros, a fim de discutir o reconhecimento pelo Sudão do «Governo Provisório» de Angola e a abertura de uma «representação» angolana no Sudão. — (F. P.).

O secretário de Estado do Comércio (X) com os componentes da Corporação da Lavoura

470 mil contos de subsídios à Lavoura em 1961 pelo Fundo de Abastecimento

— revelou o secretário de Estado do Comércio

A Corporação da Lavoura foi, hoje, agradecer ao sr. secretário de Estado do Comércio a sua acção em prol dos problemas da Lavoura, especialmente a solução do das carnes, e solicitar-lhe providências para debelar a crise nesse importante sector da economia nacional.

O sr. dr. João Dias Rosas, recebeu no seu gabinete a representação, constituída pelos srs. eng.º António Caldas de Almeida, presidente da referida Corporação; prof. Manuel Cardoso, vice-presidente; Manuel de Jesus Selores, Filipe Góis e eng.º José Mira Mexia, da direcção; eng.º Amaral Neto, deputado e vice-presidente da Secção de Florestais; drs. Amaral Neto Aires Martins e Fernando Vilhena Vasconcelos, Dario Canas, Almeida Garrett, José Mexia de Almeida, Alves de Matos, Manuel Valente e Bento Charrua, de vários organismos ligados á Corporação.

Agradecimentos e considerações sobre os problemas da Lavoura

O sr. eng. Caldas de Almeida dirigiu-se áquele membro do Governo nos seguintes termos:

— Acaba a Secretaria de Estado do Comércio de tomar uma série de medidas sobre a valorização da carne de bovinos, com audiência plena das actividades interessadas, e, dando satisfação a tudo o que a Corporação da Lavoura, sobre o assunto, se permitiu solicitar-lhe. De futuro, saberá sempre a produção qual o preço mínimo com que poderá contar em qualquer época do ano, disporá de uma valorização para o novilho que consente a sua criação, e encontrará, sem duvida, pela primeira vez, um estímulo para produzir carne de qualidade extra, visto terem sido libertados os preços da mesma em determinadas condições.

Depois de agradecer ao secretário de Estado, acentuando o facto de

(Continua na página central)

As tarifas dos eléctricos

— nota oficiosa do Ministério das Comunicações

O Ministério das Comunicações distribuiu á Imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Em relação á notícia hoje vinda a publico sobre o aumento das tarifas dos eléctricos e autocarros em Lisboa, o gabinete do ministro das Comunicações informa que nenhuma decisão foi, em definitivo, tomada até este momento.

Reconheceu o Governo, pelo Ministério das Corporações, ser necessário a melhoria de salários que a Companhia Carris propôs para a totalidade dos seus empregados.

E' de admitir, pelas alegações feitas pela Companhia, que esta não possa suportar inteiramente os encargos resultantes deste justo aumento.

A prova dessa impossibilidade, que poderá mesmo ser feita depois de levada a efeito a actualização de vencimentos e salários do pessoal da Companhia, terá esta que a produzir nos termos do processo estabelecido no contrato de concessão que fez com a Camara Municipal de Lisboa.

Se a companhia provar a sua razão, o Governo, a quem cabe sancionar, pelo Ministério das Comunicações, quaisquer alterações de tarifas, não abandonará nunca o firme propósito de encontrar a solução que, permitindo á companhia a realização do justo aumento de vencimentos e salários aos seus operários, tenha sobre o publico utilizador dos transportes a menor repercussão. Por ultimo, esclarece-se que nunca a Companhia Carris, nos pedidos que formulou, admitiu, como se depreende das notícias vindas a publico, a hipótese de uma elevação geral das tarifas actualmente em vigor, pois que as elevações que a companhia propôs para estudo foram de $20 em alguns bilhetes de eléctricos e na tarifa mínima de autocarros».

Nota do dia

OS PIORES CEGOS

Celebra-se hoje o «Dia Mundial da Saúde», data que comemora a entrada em vigor do estatuto por que se rege a benemérita Organização Mundial da Saúde, à qual se devem já relevantes serviços no campo da política sanitária e, sobretudo, da prevenção contra a doença. Este ano, o tema escolhido para a celebração é de uma oportunidade incontestável e envolve todos os problemas que se relacionam com a prevenção contra a cegueira, a que hoje se consagram os maiores esforços em todos os países que caminham na vanguarda da ciência médica. Entre nós, embora estejamos longe de atingir os progressos alcançados noutros países, alguma coisa se tem feito, quer no sentido de prevenir e curar a doença, quer no de acudir à situação dos invisuais, convindo não esquecer a acção desenvolvida pela Liga de Profilaxia da Cegueira e pela Fundação Raquel e Martin Sain. A Sociedade de Ciências Médicas, pela sua secção de Oftalmologia, já ontem comemorou esta data com uma sessão em que diversos oradores se ocuparam de diferentes aspectos do problema. Das afirmações que se fizeram à margem das preocupações científicas, destaca-se a «necessidade urgente da entrada em vigor da legislação que permite o funcionamento do Banco Português de Olhos», conforme foi salientado por um dos oradores da noite. Que anacrónicos preconceitos ou que estúpida incompreensão se opõem a que entre nós se adoptem as disposições legais que já vigoram em muitos países acerca do assunto?

Porque é que aos cegos portugueses não há-de ser oferecida a possibilidade de se curarem por processos que hoje se praticam em todo o Mundo sem encontrarem qualquer resistência justificada? E' bem certo que os piores cegos são aqueles que não querem ver. E para essa espécie de cegueira não há remédio possível.

A independência argelina é uma necessidade histórica

— declarou ao tomar posse o chefe do Executivo provisório

ARGEL, 7. — Christian Fouchet, alto comissário da França na Argélia, empossou esta manhã, no Rocher Noir, os doze membros do executivo provisório argelino.

Após a curta alocução de Christian Fouchet, Abderralemane Farès, chefe do executivo provisório, pronunciou um discurso, no qual afirmou:

«Neste momento solene em que, depois dos textos, se inscreve de facto a primeira linha da nova página da história do meu país — nova página que nenhuma força humana, e, ainda menos, os sangrentos, desonrosos, ultimos destroços da política do derradeiro quarto de hora poderão mais fazer voltar para trás — o meu pensamento, todo o meu pensamento emocionado, vai para as minhas irmãs e irmãos que sofreram terrivelmente durante as provações passadas».

Aludindo aos acordos de Évian, Farès declarou: «Esses acordos, verdadeiro dicionário do realismo político, honram os negociadores. Estes

(Continua na 16.ª página)

A entrada para o G. A. T. T. corresponde na prática à aceitação internacional da unidade da Nação portuguesa

BRUXELAS, 7. — Sabe-se de fonte autorizada que o presidente da Comunidade Económica Europeia (Mercado Comum) comunicou ao Governo português o seu acordo quanto ao nome do embaixador de Portugal junto daquela comunidade e que será o dr. Calvet de Magalhães, já representante de Portugal junto da O. C. D. E. em Paris

Recorda-se que Portugal na conferência pautal de Genebra, há pouco realizada, obteve o acesso a parte contratante do acordo geral sobre pautas aduaneiras e comércio — G. A. T. T.

A participação de Portugal no G. A. T. T. era condição indispensável para que este país pudesse concretizar quaisquer projectos de ligação com o Mercado Comum. Além disso, as condições em que Portugal obteve a sua entrada para o G. A. T. T. devem ter sido consideradas pelo Governo português como requisitos prévios essenciais á tomada de uma atitude portuguesa definitiva quanto á integração europeia. Na verdade, a forma como conseguiu realizar o seu acesso ao G. A. T. T. assegura a Portugal as

(Continua na 16.ª página)

Diario de Lisbôa

publica hoje

56

páginas

NÚMEROS ESPECIAIS COMEMORATIVOS DO 41.º ANIVERSÁRIO

32 PAGINAS DO MAGAZINE E 8 DO JUVENIL

(16 páginas no formato habitual)

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

SÓCIO HONORÁRIO

Por várias vezes e de muitas maneiras o dr. Azeredo Perdigão tem demonstrado a simpatia que lhe merece a Sociedade de Geografia, instituição benemérita que á cultura portuguesa tem prestado os mais relevantes serviços. Ontem a direcção da Sociedade de Geografia entregou ao dr. Azeredo Perdigão o colar de sócio honorário da Sociedade de Geografia. Ao receber a notável distinção disse aquele advogado: «Mas hoje o serviço da Nação tem de primar sobre todo e qualquer outro. Na hora angustiada em que vivemos, o interesse publico exige de todos nós, sacrifícios que em nenhuma outra época da nossa história foram exigidos. Só mediante uma íntima união de espíritos e vontades, e por integral devoção á causa nacional, poderemos vencer as três grandes batalhas em que estamos empenhados — moral, económico-social e política. Em qualquer destas batalhas, a Sociedade de Geografia tem um importantíssimo papel a desempenhar. Não conheço outra instituição que possua mais vastos, nobres e complexos fins estatutários. Confundem-se com eles os mais altos interesses nacionais. Realizar esses fins é servir, no mais elevado grau, a Nação. E a Sociedade de Geografia, em todas as emergências, tem estado á altura das suas enormes responsabilidades, e por certo continuará a estar».

OS LOBOS

Lá para os lados de Gosende uivam os lobos e vão-se ás crias que é uma coisa por demais. Numa lameira de pasto pertencente ao sr. Francisco Morgado, residente em Vila Pouca, Castro Daire, andavam a pastar uma vaca e três vitelas. À noite, o encarregado de as conduzir para o curral só encontrou a vaca e duas vitelas, pois a mais gorda tinha desaparecido. Com a ajuda de vários populares, a q u ele encarregado percorreu a região em busca do animal e encontrou-o, mas só os ossos e uma parte da cabeça.

A AUTO-MOTORA assassina

Regressava a casa o pequeno José Ribeiro, de 9 anos, filho da sr.ª D. Balbina Dias de Castro, viuva. Vinha da escola. Em Vizela. Atravessava a via férrea. Lá o colheu uma automotora que o matou. Era quase surdo o José, que, no s i l ê n c i o completo que o envolvia, não deu pela aproximação da máquina assassina.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio de Belém, os srs. prof. eng. Francisco Leite Pinto, presidente da Junta de Energia Nuclear; general José Augusto Monteiro do Amaral; Junta Distrital de Lisboa, e a direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa.

SENHORIO E INQUILINO

As questões entre senhorio e inquilino são frequentes. Vêem-se todos os dias e em todos os povoados, mas em geral ficam em apodos mimosos e não se passa disso. Mas em Tomar ontem não foi assim. Augusto Godinho, de 56 anos, e o industrial Manuel Ramos Abreu, de 52, pegaram-se no Largo de Santo André. O segundo foi-se ao primeiro e com um formão no abdomen agrediu-o e atirou com ele para o Hospital da Misericórdia, em estado grave.

NO POÇO

No lugar de Almezinha, freguesia de Abiul, concelho de Pombal, o sr. Manuel Bernardo Ferreira, de 46 anos, casado com a sr.ª Gracinda Gameiro, e com dois filhos, foi debruçar-se s o b r e um poço. Caiu á água. Gritou. Veio a mulher que ainda t e n t o u ampará-lo, mas não conseguiu. Quando o retiraram era cadáver.

C A S A que se afunda

O sr. José Rebelo Gonçalves construiu a sua casa no lugar de Vale Formoso, Paço de S o u s a. Custou-lhe uns cinquenta contos que é dinheiro para um motorista. Mas a casa começou a torcer, a afundar-se, sem se saber porquê. Afinal parte dela foi tragada por uma mina que passava no subsolo, sem que os donos o soubessem.

UMA CARTA dos estudantes de Belas-Artes

Da comissão Pró-Associação dos Estudantes da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«A comissão Pró-Associação da E. S. B.-A. L., formada há cerca de 2 meses por expressa vontade dos alunos deste estabelecimento de ensino, teve a iniciativa de promover um almoço que fizesse assentar definitivamente a ideia de uma Associação na qual alunos e professores, ressalvadas as suas funções específicas, colaborassem, isto é, uma Associação destinada a defender os valores supremos da Universidade fomentando para tal o estreitamento das relações mestres-alunos.

Esta iniciativa teve o êxito que a tradicional boa-vontade da juventude, por um lado, e a compreensão dos mestres, pelo outro, faziam esperar. A comissão Pró-Associação da E. S. B.-A. L. regozija-se com o acontecimento.

E o facto de o jornal que V. tão bem dirige se ter também interessado pela iniciativa é para nós prova evidente do alto espírito de civismo que o norteia. Soube o «Diário de Lisboa» compreender o significado do almoço de confraternização tendo, através da publicação da notícia pormenorizada, valorizado o prestígio da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Ainda a propósito da notícia gostaríamos de acentuar que estiveram presentes cerca de 300 pessoas, que se integram numa população escolar de cerca de 500 e que, além do subdirector da E. S. B.-A. L., mestre Leopoldo de Almeida, em representação do director, arq. Paulino Montês, e que teve palavras que muito sensibilizaram os alunos e professores, falaram, ainda, os srs. prof. arq. Cristino da Silva e dr. Artur Nobre de Gusmão. Mestre Cristino da Silva entusiasmou-nos ao recordar os almoços de confraternização da Escola realizados há 40 anos, incitando-nos a prosseguir em iniciativas do género. O sr. dr. Nobre de Gusmão, em linguagem fácil e elegante, fez votos para que esta iniciativa, sendo a primeira, não fosse, no entanto, a ultima.

A comissão Pró-Associação regozija-se, pois, pelas palavras tão carinhosas proferidas por aqueles mestres e agradece publicamente ao «Diário de Lisboa» o seu gesto tão simpático».

COERÊNCIA

(Continuação da página anterior)

semos sempre nas nossas opiniões e nas nossas atitudes. Jornal republicano, tem defendido com intransigência a República. Jornal independente, nunca se deixou atrelar ao carro de nenhum triunfador e preza, acima de tudo, o seu bom nome. Jornal tolerante, tem o cuidado de respeitar as opiniões dos outros, exigindo apenas que não desvirtuem as suas. Cumpriu aquilo que prometeu no seu primeiro número, sem se desviar nunca da linha de rumo que traçou, e trilhando sempre os caminhos da honra, da dignidade e do amor da Pátria não movido de prémio vil, como queria o Poeta. Aliás, o seu programa era simples. Definiu-o o seu primeiro director de modo a não deixar dúvidas a ninguém: «*Este jornal que hoje inicia a sua publicação, sob os auspícios dum acontecimento nacional — a homenagem aos Soldados Desconhecidos, escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça. Não traz consigo o «Diário de Lisboa» outro programa senão este — erguer Portugal acima das misérias e fraquezas dos homens, a fim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espírito...*».

Atravessávamos, então, uma época conturbada, em que as paixões não conseguiam dominar-se e as discórdias ameaçavam, por vezes, subverter as melhores intenções. Já então vivíamos sob o peso de algumas ameaças que procurávamos conjurar com patriótica decisão: «*O nosso País, que jamais deixou de inspirar-se nas largas correntes que renovam os povos, havendo mesmo prestado assinalados serviços à cultura humana geral, sente actualmente as mesmas dúvidas, incertezas e amarguras que, um pouco por toda a parte, o desespero transforma em revoltas*». Isto foi escrito há quatro décadas e podia ter sido escrito hoje.

A Pátria foi, e continua a ser, o motivo fundamental das nossas preocupações e dos nossos anseios. O pessimismo não fazia parte da nossa bagagem: «*Assim como noutras idades descobriu em si a coragem bem bastante para resolver em fé, mocidade e progresso as torturas que o oprimiam, também agora Portugal, obra de sacrifícios e de entusiasmo épico, conseguirá sobrepor-se a todas as defecções pessimistas para justificar a sua existência de séculos com a plenitude do seu ressurgimento*».

O «Diário de Lisboa» procurou sempre conciliar os desavindos. Nunca estimulou ódios nem advogou violências. A tolerancia foi a sua bandeira. Lutou sempre pela verdade contra a mentira, pela razão contra o absurdo. O leitor acreditou em nós porque lhe falámos, desde o primeiro dia, uma linguagem clara, honesta e verdadeira. Nunca lhe mentimos, pelo menos conscientemente. Nunca o lisonjeámos na mira de conquistar o êxito fácil. Nunca o iludimos com promessas que não pudéssemos cumprir. Nunca lhe impingimos gato por lebre. Se alguns erros cometemos, não tardámos a penitenciar-nos deles. Os êxitos que conquistámos nunca nos fizeram perder a cabeça. Os dos outros nunca nos causaram inveja. Para cantar as nossas glórias, nunca procurámos diminuir os méritos alheios. Nunca medimos a nossa estatura por um vidro de aumentar. Pigmeus, nunca nos inculcámos gigantes. A consciência não nos acusa de termos cometido qualquer vilania. Dormimos, em geral, oito horas seguidas por noite, sem um sobressalto, sem um pesadelo.

Tem-se apontado o «Diário de Lisboa» como uma escola de jornalistas. Nesta escola, porém, os mestres nunca quiseram passar de discípulos. Mas mais do que uma escola de jornalistas, tem sido uma escola de camaradagem e um exemplo de respeito mútuo. Um director que sabia usar da liberdade sem nunca abusar dela, e que não a queria apenas para si, partilhou-a com os seus redactores. E nunca teve de se arrepender da confiança que neles depositou. O «Diário de Lisboa» foi, assim, uma obra de colaboração, uma casa para cuja construção todos contribuíram com uma pedra.

Poucos meses depois da sua fundação, este jornal foi alvo de uma violência por parte do Poder, contra a qual não deixou de protestar, e fazia-o nestes termos: «*O «Diário de Lisboa», que tem procurado escrupulosamente manter-se alheio a ódios e a pugnas políticas, dirigindo-se às pessoas cultas e àquelas que, embora o não sendo, têm a vontade limpa de honrar Portugal com o seu esforço humilde, não se fundou para agitar nem amotinar turbas a fim de tornar possível qualquer desses sucessos de rua, graças aos quais muitos biltres se têm alçado a situações a que dantes só se elevavam indiscutíveis homens de mérito. Na sua acção não vê ídolos nem pessoas, mas sòmente ideias que possam ter proveito para a Pátria e para a conciliação dos espíritos desavindos*».

O «Diário de Lisboa» defende hoje os mesmos princípios, luta pelos mesmos ideais, bate-se pelos mesmos pontos de honra. A coerência é uma das virtudes que inspiram a nossa conduta e a sede de justiça uma das aspirações que fazem parte do nosso ideário. Recebemos de mãos honradas a pesada herança que não deixa de constituir um título de nobreza e assim procuraremos transmiti-la, limpa de qualquer mancha ou hipoteca, a quem nos suceder ao leme desta pequena e equilibrada nau que não receia o perigo das grandes tormentas.

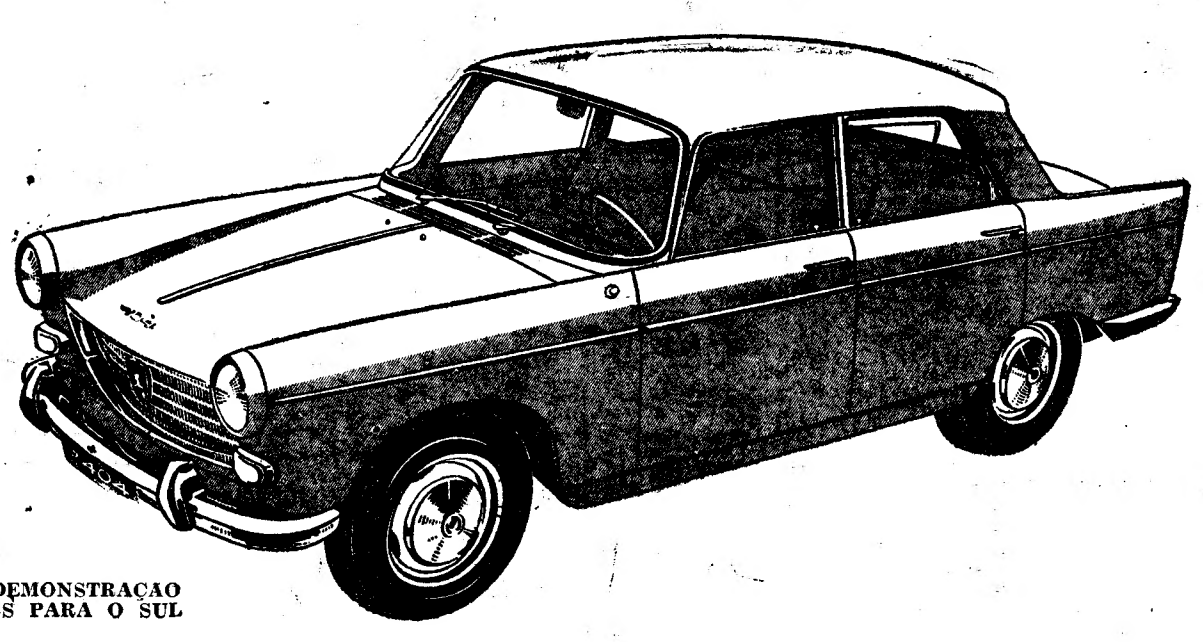
No último número de aniversário em que colaborou, o dr. Joaquim Manso escreveu: «*Queremos ser firmes, independentes e honestos, nas nossas convicções e opiniões, servindo pausadamente a justiça que é de todos, a inocência que é dos perseguidos, e a liberdade, quando é ofendida*».

Assim continuaremos a ser.

Peugeot

UM CARRO DA MAIS ALTA QUALIDADE

404 PEUGEOT



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS AGENTES PARA O SUL

MOCAR, LDA. Avenida António Augusto de Aguiar, 19-A – LISBOA

Funcionam actualmente no continente e ilhas

vinte e oito Casas dos Pescadores com sessenta mil associados

TAVIRA, 7. — Os representantes da Imprensa, a convite da Junta Central das Casas dos Pescadores e do seu presidente, sr. almirante Henrique Tenreiro, visitaram hoje, no Algarve, as Casas de Pescadores e Escolas de Pesca. Volvido um quarto de século sobre a data da instituição das Casas dos Pescadores estão presentemente em actividade nada menos de 28 espalhadas por todo o litoral do continente e ilhas adjacentes, que possuem aproximadamente 60 mil associados. Neste período de 25 anos, construíram-se 34 bairros, que são aglomerados de casas simples mas alegres; organizou-se o serviço de abono de família, que progressivamente se foi alargando a todos os sectores das actividades das pescas e com o qual se despende anualmente cerca de 5 mil contos. Criou-se o fundo de reforma para os pescadores de bacalhau e arrasto e instituíram-se 18 serviços de venda do pescado; inauguraram-se escolas de ensino primário e de pesca, que incluem 9 rudimentares, 5 elementares e 1 profissional. Montaram-se ainda 30 casas de trabalhos manuais e de ensino doméstico para filhas de pescadores e instalaram-se ainda 8 farmácias, 6 maternidades, 35 postos de puericultura, 7 creches, 3 lares e refeitórios, 1 colónia de férias, 1 cooperativa, que tem doze filiais e três asilos.

A visita começou pela Escola de Pesca de Tavira, onde os jornalistas foram recebidos pelo capitão-de-mar-e-guerra José Henriques de Brito, director daquele estabelecimento de ensino. Puderam verificar que o problema da instrução profissional dos pescadores continua a constituir um dos principais objectivos da Junta. Nas 15 escolas de pesca existentes no País, é ministrada a cerca de 500 filhos de pescadores, uma cuidada e eficiente preparação.

Só a Escola de Pesca de Tavira prepara anualmente 60 pescadores, que recebem instrução sobre trabalhos de marinharia, manuais, aulas de remo e natação, eteologia marítima, conservação do pescado, etc.

Esta escola fornece anualmente cerca de 25 mil refeições inteiramente suportadas pelas organizações das pescas.

Os jornalistas visitaram sucessivamente os bairros de pescadores de Santa Luzia, da Fuzeta, Olhão e Albufeira.

Actualmente, a Junta Central das Casas dos Pescadores tem 34 bairros construídos, num total de 2250 casas e encontram-se em vias de acabamento mais as seguintes: 12 na Torreira, 16 em Cascais, 56 em Matosinhos, 24 em Vila do Conde e 50 no Machico (Funchal).

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 15 e 30 e ás 21 e 15: «Vamos dançar o twist» e «Maracaibo» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21: «Sublime aventura» e «Carga de fuzileiros» (12 anos).

SETUBAL — *Luísa Todi* — A's 16 e ás 21: «Hawaj azul» e «Vencendo o medo» (17 anos); *Salão* — A's 16 e ás 21 e 15: «Homens diabólicos» e «Os 5 cavaleiros sem medo (12 anos).

PALMELA — *S. João* — A's 21 e 30: «Morangos silvestres» e baile (17 anos).

Farmácias de servico

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Macedo Henriques* — R. Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel. 071297).

BARREIRO — *Pimenta* — Rua Conselheiro Joaquim Aguiar, 258 (Tel. 023012).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 039025).

MONTIJO — *Diogo* — R. Almirante Reis, 42 (Tel. 030032).

SESIMBRA — *Leão* — Av. Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Higiene* — Rua Frei Agostinho da Cruz, 5 (Tel. 22408); *Portugal* — Rua Camilo Castelo Branco, 34 (Tel. 23211).

PENHORES ALMADA
Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCÃO E AQUÁRIO

COMUNHÃO PASCAL

dos alunos dos 1.º e 2.º anos da Academia Militar

Com o cerimonial liturgico da praxe, realizou-se hoje, de manhã, a comunhão pascal dos alunos dos 1.º e 2.º anos dos diversos cursos da Academia Militar, instalados no aquartelamento da Amadora. Pouco antes das 9 horas chegou ali, a fim de presidir ao acto, o sr. bispo de Tiava, dr. José Pedro da Silva, que após os cumprimentos se dirigiu para uma dependência do aquartelamento onde efectuou a cerimónia, para o que foi erguido um altar encimado por um crucifixo ladeado por castiçais.

Ao acto estiveram presentes, além dos srs. general Buceta Martins e coronel Garcia Pereira, respectivamente 1.º e 2.º comandantes da Academia Militar e tenente-coronel Catalão Dionísio, comandante do corpo de alunos, oficiais, professores e senhoras de suas famílias.

No próximo sábado haverá igual cerimónia para os alunos dos 3.º e 4.º anos da Academia Militar, instalados no aquartelamento do Largo Gomes Freire.

O PORTO PELO TELEFONE

Homenagem a um aviador

PORTO, 7 — Chegou ontem ao Porto, em missão especial da Direcção da Aeronáutica Civil brasileira, o eng.º Bandeira de Melo, que hoje entregou oficialmente, na sede do Aeroclube do Porto, as insígnias de vice-comodoro da patrulha aérea civil do Brasil ao major Lima Teles. Assistiram á cerimónia o governador civil, comandante da P. S. P., director do aeroporto, que representava o director-geral da Aeronáutica Civil, o cônsul do Brasil, o deputado dr. Urgel Horta, e directores e associados do Aeroclube.

Falou em primeiro lugar o eng. Bandeira de Melo, que fez depois a entrega ao homenageado do «brevet» brasileiro e impôs a respectiva insígnia. O cônsul do Brasil entregou, por sua vez, o respectivo diploma. O chefe do distrito, eng. Brito e Cunha, leu uma carta enviada ao major Lima Teles pelo comandante da patrulha aérea civil brasileira. Por fim, falou o homenageado, que agradeceu e ofereceu ao comodoro Bandeira de Melo uma medalha do Aeroclube do Porto, destinada á patrulha brasileira e, ainda, os emblemas de piloto civil português e do clube. Após a cerimónia, efectuou-se um almoço num restaurante regional.

Acidente de viação

Na Rua de São Roque da Lameira, uma bicicleta, na qual seguia o estucador José Gomes Ferreira, de 32 anos, residente em Matosinhos, embateu numa motocicleta, tripulada pelo 1.º cabo miliciano José Joaquim Castro Bastos. Do acidente resultou ferimentos em ambos, ficando o primeiro internado no Hospital de Santo António e o segundo no Hospital Militar. Ficou, também, ligeiramente ferida a leiteira Maria Rosa da Costa, residente na Rua de São Roque da Lameira, 620.

Acção de paternidade ilegítima

Deu entrada no Tribunal Cível uma importante acção de paternidade ilegítima, em que é queixosa a costureira Gracinda Vieira, moradora na Rua do Alto da Fontinha, 69, contra Aquiles Alves de Brito, industrial, morador na Avenida Montevideu, 696, á Foz do Douro, e, ainda, contra doze sobrinhos e herdeiros do industrial Afonso Alves de Brito, pai do primeiro, falecido em Matosinhos, em Fevereiro ultimo, e que deixou em testamento todos os seus bens, avaliados em milhares de contos, áqueles seus familiares. A autora do processo pretende ser julgada e reconhecida para todos os efeitos filha legítima do falecido.

Julgamento de um bígamo

No 2.º Juízo Criminal, foi julgado Aurélio Pacheco Martins, de 37 anos, casado, empregado comercial, actualmente preso, porque, sendo casado, aproveitou um lapso do registo desse casamento, efectuado em Luanda, e voltou a casar no Porto. Foi condenado em dois anos e quatro meses de prisão maior, dois anos de multa a dez escudos por dia, mil escudos de imposto de justiça e quatro mil e duzentos escudos de indemnização.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45: «Conhece a Via Láctea?», pelo T E. P. (17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30: «O Conde de Monte Cristo» (12 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Francisco de Assis» (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Esplendor na relva» (17 anos).
NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «As armas e o homem» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30: «O gume da navalha» (17 anos).
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Tira daí o sentido» (12 anos).
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Ponte para o Sol» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Uma vida por um silêncio» (17 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os canhões de Navarone» (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Foice em seara verde» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 15: «Quadrilha do amor» (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Serviço á lista» (12 anos).
ODEON-CINE — A's 15, 17 e 30 e 21 e 30 — «Zorro, o vingador» (12 anos).

ABRIU ESTA TARDE

a exposição bibliográfica de Afonso Lopes Vieira

No salão do Grupo dos Amigos de Lisboa, foi inaugurada, esta tarde, uma exposição bibliográfica de Afonso Lopes Vieira, com originais do poeta e escritos sobre a sua vida e obra, bem como reproduções de obras de arte, que o retratam ou por ele inspirados.

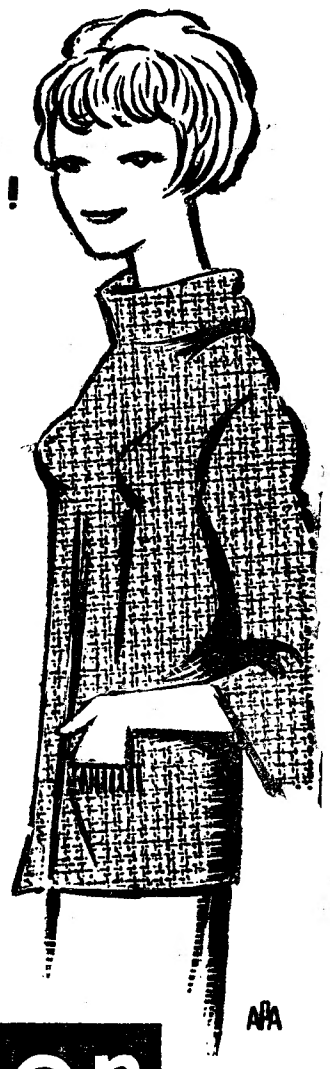
Entre outros, o busto de Joaquim Correia, os retratos de Sousa Lopes, reproduções dos dr. Columbano, Eduardo Malta e Antónioi Carneiro.

A bibliografia é completa, com espécies quase desconhecidas, como a tradução de «A Gente Nova», de Kropotkine, feita pelo poeta em 1904; e a tradução do «Amadis», em esloveno.

Todas as espécies bibliográficas expostas são da colecção do eng.º Julio Eduardo dos Santos, que também elaborou o belo e bem apresentado catálogo da exposição, ele próprio constituindo amostra de bom gosto e elemento de consulta.

A inauguração da exposição realizou-se ás 16 horas, a ela tendo assistido a direcção do Grupo Amigos de Lisboa, os srs. presidentes das Camaras Municipais de Lisboa e de Leiria, e o director da biblioteca Afonso Lopes Vieira, que conserva os livros que foram do grande poeta e cidadão.

FORME O MELHOR TERCETO DO MUNDO!



• VOCÊ e o seu
• BOM GÔSTO só precisam de
• robilon

os sensacionais fios para TRICOT

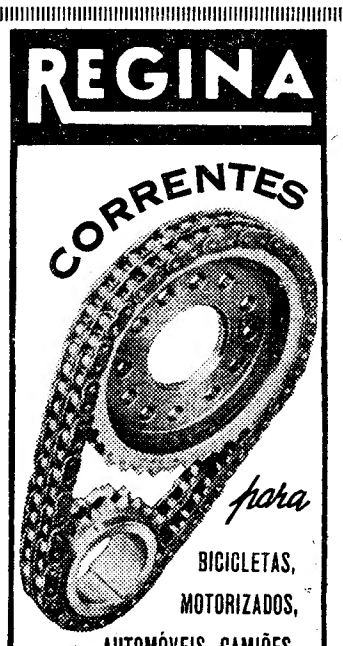
DURAM MAIS PORQUE:
lavam-se fàcilmente
enxugam depressa
não são atacáveis pela traça

CUSTAM MENOS PORQUE:
não feltram
são mais resistentes
têem maior duração

robilon

O MELHOR GÔSTO PARA O SEU BOM GÔSTO
Vende-se na: CASA JUSTO
R. dos Fanqueiros, 256 — Tel. 2 59 40 — Lisboa

REGINA



para BICICLETAS, MOTORIZADOS, AUTOMÓVEIS, CAMIÕES, TRACTORES E INDÚSTRIA

REPRESENTANTES
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79

ALEMÃO FRANCÊS INGLÊS
Centro de Iniciação e Aperfeiçoamento de Línguas
R. Estefânia, 48-2.º E.
Telefs. 733733/729329

FERROS ARTÍSTICOS
Serralharia Artística
Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves
TRABALHOS ARTÍSTICOS E PARA CONSTRUÇÃO CIVIL
Escritório e Secção Técnica
RUA DAS AMOREIRAS, 94
Tel. 68 23 40 — Lisboa - 1
PORTUGAL
Oficinas
RUA VICENTE ESTEVES
Tel. 93 20 12 — Amadora
PORTUGAL

JÓIAS de gosto artístico
PRATAS de Arte
RELÓGIOS de boas marcas
SÓ NA CASA ANIBAL TAVARES
Tome nota 95, RUA DA PRATA, 97 — Telefone 2 5853

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
IVY RODAN
a mais bela voz dos mares do sul
FILIPE DE BRITO
virtuoso do acordeão
e HIND MOURHABI
em danças exóticas
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00

TEATROS E CINEMAS

«O Tartufo», no Teatro Avenida, de Coimbra

E' um sintoma altamente animador o interesse cada vez maior que a nossa juventude manifesta pelos diversos aspectos da cultura e da arte, incluindo o teatro. E esse interesse é particularmente notório entre os estudantes de Coimbra, onde ao T. E. U. C. (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), fundado há mais de vinte anos, se viria juntar o C. I. T. A. C. (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), que existe desde 1956.

A acção do C. I. T. A. C. «pela formação de espectadores conscientes da evolução e da problemática teatrais e pela efectivação prática do fenómeno cénico» tem sido intensa e permanente, tendo tomado especial importancia desde o ano passado, graças a um subsídio da Fundação Gulbenkian. É então que, além da apresentação de espectáculos de reconhecido interesse, assume a direcção artística do C. I. T. A. C. o actor e encenador Luís de Lima, que apresentou um espectáculo constituído por três peças em um acto: «Conversação Sinfonieta», de Jean Tardieu; «O Professor Taranne», de Adamov, e «A Rebeca», de Helder Prista Monteiro.

Anteontem e ontem, como ponto alto da sua actividade, o C. I. T. A. C. levou á cena, no Teatro Avenida de Coimbra, «O Tartufo», de Molière. E, quer pelo nível invulgar com que o espectáculo foi apresentado, quer pelo interesse que despertou, pode dizer-se sem exagero tratar-se de um acontecimento da maior importancia e significado, nesta onda de entusiasmo e renovo que agita a gente nova e cria fundadas esperanças em melhores dias para a vida cultural portuguesa.

E se o C. I. T. A. C. encontrou em Luís de Lima um mestre de teatro que alia a competência ao dinamismo e á devoção pela sua tarefa, este teve a auxiliá-lo na sua importante tarefa o entusiasmo e o interesse profundo dos seus colaboradores mais directos e do publico — constituído principalmente por estudantes e gente nova.

A apresentação do «Tartufo» é, antes do mais, uma realização de que Luís de Lima e os estudantes do C. I. T. A. C. se podem, legítimamente, orgulhar. Trabalho de três escassos meses, representa um esforço devotado e uma concretização do desejo de transcender o fácil, superando o nível habitual do amadorismo.

Luís de Lima, com uma consciência e uma coragem dignas de todo o aplauso, não se contentou com o «razoável». Embora o critério possa ser discutível, quis que desde a peça á representação, passando pelo cenário e pelos figurinos, tudo se fizesse com segurança e qualidade indiscutíveis, com a exigência que é própria do verdadeiro teatro. «Pelo menos, os estudantes que trabalharam na peça ou a viram não mais se contentarão com teatro improvisado e de má qualidade» — declarou-nos, como justificação do seu ponto de vista.

E, assim, o cenário de «O Tartufo», bem como os figurinos, foram encomendados a André Acquart, um dos maiores cenógrafos do teatro francês. Por outro lado, recorreu á tradução, em alexandrinos, do dramaturgo brasileiro Guilherme de Figueiredo, que inclui um prólogo inspirado nas petições de Molière a Luís XIV.

O texto, fiel ao essencial, aparenta certas variantes «mais adaptadas ás plateias de hoje», no parecer do tradutor. Que essas variantes resultaram inteiramente, pode, pelo menos, provar-se pela reacção do publico, que sentiu, de forma sensível, a actualidade dessa figura duplice, símbolo dos hipócritas e falsos devotos, que procuram os favores do poder para todas as suas sórdidas ambições.

Espectáculo, portanto, de inatacável dignidade artística, flagrante oportunidade e inexcedível apuro, «O Tartufo» revelou, ainda, a consciência dos seus intérpretes, em que se destacam Francisco Delgado, no protagonista, com uma interpretação de um actor consumado e magnífico de expressividade; Maria Hermínia Brandão, que nos deu uma «Dorina» exuberante, de intencionalidade e á-vontade exemplares; e Maria Emília Geada, que interpretou, com assinalável acerto, a figura da mãe de «Orgonte». E', porém, justo destacar o talento e a consciência com que interpretaram as restantes personagens, de Maria da Conceição Oliveira, Carlos Nery, Carlos Sério, Eliana Gersão, Fausto Monteiro, António Rocha Andrade, João Gama, Carlos Nery, António Barreto e Maria da Graça Marinho de Campos.

Certo, não é um espectáculo de profissionais. Mas «O Tartufo» não é obra de «amadores», no sentido pejorativo do termo. A profundidade, seriedade, bom gosto e consciência com que foi realizada esta peça tão significativa, é exemplo verdadeiramente digno do maior apreço, prova insofismável de que vale a pena crer na juventude, auxiliá-la e estimulá-la nos seus propósitos, ponto de partida para o futuro.

Por isso, o CITAC, Luís de Lima e quantos com ele colaboraram, estão de parabéns. A obra realizada é um serviço inestimável, que dará seus frutos, sem duvida. — M. de A.

Atrás do reposteiro

- O actor Raul Solnado é um dos pretendentes á exploração do ABC, enquanto a companhia deste teatro andar em digressão pelas nossas províncias ultramarinas.
- Estão já escolhidos alguns dos intérpretes de «Pão, Amor e Totobola», a nova película de Henrique de Campos, segundo um argumento do actor Varela Silva. Do elenco fazem parte Florbela Queirós, Fernanda Borsati, Américo Coimbra e Costa Ferreira.
- Eva Todor tem três intervenções na nova revista do Maria Vitória: «Romeu e Julieta», com Raul Solnado, «Cleópatra» e «Jornalista brasileira».
- A nova revista do ABC é entregue á Comissão de Censura na próxima terça-feira. A estreia está marcada para o dia 27 do corrente.
- Sob a direcção de Couto Viana, continuam no Trindade os ensaios de «A Rapariga do Bar», de Oliva Alves Guerra, o primeiro original português apresentado esta época e que terá Lígia Teles como protagonista. A estreia, como já noticiámos, está marcada para o dia 14.
- Amanhã, no Grupo Desportivo de Santos, realiza-se uma festa na qual colabora o ilusionista Le-A-Far. Este «mágico» apresentar-se-á, também, amanhã, nas «matinées» infantis da Feira Popular, e nas que se realizam no Cine-Teatro Joaquim de Almeida, no Montijo.
- Uma empresa teatral projecta levar á cena na próxima época «O Clube dos Antropófagos», original do escritor, ensaísta e crítico Manuel de Lima.

No Variedades

«Aqui há fantasmas» continua a sua apoteótica carreira

No Teatro Variedades continua em cena a engraçada farsa «Aqui há fantasmas» que hoje será apresentada em duas sessões ás 20 e 45 e ás 23 horas. Esta peça é interpretada por um excelente «naipe» de actores do qual se destaca Ribeirinho, Henrique Santana, António Silva, Costinha, Luísa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luís de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves e Henrique Viana. Amanhã, domingo, este espectáculo será apresentado ás 16, ás 20 e 45 e ás 23 horas.

HOJE — SÁBADO NO

VARIEDADES

Telef 326037

2 SESSÕES

ás 20.45 e 23 h.

P.ª Ad.

M/ 17 anos

EM PLENO ÊXITO!

A IRRESISTIVEL FARSA PORTUGUESA

AQUI HÁ FANTASMAS!...

Henrique Santana no «Chichas Valentão»

com RIBEIRINHO - HENRIQUE SANTANA - LUÍSA DURÃO - CARMEN MENDES - LILI NEVES - LUÍS DE CAMPOS - HENRIQUE SANTOS - CARLOS ALVES - HENRIQUE VIANA e ainda COSTINHA e ANTONIO SILVA

Amanhã domingo
A tarde ás 16 h.
A noite 2 sessões

ABC

JOSÉ MIGUEL

apresenta

às 20.45 e 23 horas

A GRANDE E POPULAR REVISTA

SAÚDE E TOTOBOLA!

com

JOSÉ VIANA, LEÓNIA MENDES, HELENA TAVARES, ANITA GUERREIRO, VÍTOR LIMA MARIA DA NAZARÉ e BARROSO LOPES

Amanhã Esp. ás 16 horas

(ADULTOS)

O Monumental

apresenta um bom espectáculo de «music-hall»

O Teatro Monumental tem, finalmente, no seu palco um excelente programa de «music-hall». Apresenta-se o «Jazz Ballet Rodney», que nos proporciona um desfile de lindas mulheres. Além desta atracção, o «Trio Nonis», um categorizado intérprete da musica brasileira, Nelson Ferraz, e, ainda, os artistas nacionais Simone de Oliveira e Luís Guilherme. Estas atracções são apresentadas por Pedro Moutinho, Artur Agostinho e Henrique Mendes.

Recital de bailado

das alunas de Elsa Mastbaun Pimenta

Hoje, ás 18 e 30, no Tivoli, a professora de bailado Elsa Mastbaun Pimenta apresenta as suas classes de dança, num programa curiosamente concebido, o qual demonstrará a preparação a que são submetidos os alunos daquela professora. Além de uma aula, (na qual será feita barra e centro) os pequenos alunos dançarão o bailado «Os caçadores de ratos de Hammelin», extraído de um conto dos irmãos Grimm. A coreografia é de Elsa Mastbaun, os cenários são de Luís Amancio e os figurinos de França Nogueira Ferrão.

No S. Luiz e Alvalade

Uma parada de vedetas interpreta «Amores célebres»

Nas telas do S. Luiz e do Alvalade continuam a passar todas as noites alguns dos mais célebres episódios de amor da História. O primeiro destes, «Lauzun», revive a corte do Rei Sol, um caso de amor interpretado por Dany Robin e Jean Paul Belmondo. A segunda história, «Jenny Lacour», reconstitui o ambiente de Paris 1880, num emocionante episódio vivido por Simone Signoret e Pierre Vaneck. É-nos depois narrada uma novela de amor interpretada por Brigitte Bardot, Alain Dellou, Pierre Brasseur e Suzanne Flon. Finalmente, «Comediantes» é brilhantemente interpretada por Edwige Feuillére, Annie Girardot, Marie Laforêt, Pierre Dux e Jean Desailly.

Primeiras exibições

«Ele, ela e o marido», no Eden e no Roma

Uma comédia que tem por fulcro as fronteiras do amor conjugal, salpicada de ironia, temperada com condimentos picantes, e que se aceita como uma sátira á fleuma dos aristocratas britanicos, mais ou menos arruinados, perante as infidelidades das esposas, deslumbradas pelos casacos de arminho com que, os magnates do petróleo do Novo Mundo substituem as humildes violetas dos apaixonados da velha Europa, agradou sobremaneira ao publico que encheu ontem os cinemas Eden e Roma para assistir á estreia de «Ele, ela e o marido». O filme agradou especialmente pela interpretação de Cary Grant, Deborh Kerr, Jean Simmons, Robert Mitchum e Moray Walson, e pelo diálogo vivo, malicioso e mordaz.

O realizador (e produtor) Stanley Donen não teve dificuldades a resolver, e a fotografia, de Christopher Challis, saiu perfeita sob aodos os aspectos.

Os complementos, quer num cinema, quer noutro, são interessantes. — *Visor 55.*

ALMOÇO de homenagem

ao coronel Óscar de Freitas

Atinge hoje o limite de idade, pelo que abandonará as funções de inspector-geral dos Espectáculos, o sr. coronel Oscar de Freitas. Durante a semana, aquela individualidade foi alvo de várias homenagens. Hoje, assinalando o seu ultimo dia no desempenho daquele cargo, os funcionários da Inspecção Geral dos Espectáculos ofereceram-lhe um almoço que decorreu no restaurante Castanheira de Moura e no qual participaram quantos trabalham naquele organismo.

No TEATRO

Monumental

2 sessões ás 20.45 e 23 h.

Ad. m/ 17 anos

VASCO MORGADO apresenta

«MUSIC-HALL»

com o já famoso

JAZZ BALLET RODNEY

SÓ HOJE E AMANHÃ

o excepcional

TRIO NONIS

o cantor brasileiro

NELSON FERRAZ

e as atracções nacionais SIMONE DE OLIVEIRA — LUÍS GUILHERME — Pedro Moutinho — Artur Agostinho — Henrique Mendes

AMANHÃ A' TARDE A'S 16 H.

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, ÀS 16 HORAS

O GRANDE ACONTECIMENTO DO ANO, A FAVOR DO ORFANATO-ESCOLA SANTA ISABEL, PARA O QUAL CONTINUA ABERTA COM ENORME PROCURA A BILHETEIRA DOS RESTAURADORES, 7, COM AS SEIS GRANDES FIGURAS DO MUNDO TAURINO

Miguel Baez, LITRI, Manolo Vasquez, César Giron, Gregório Sanchez, Jaime Ostos e José Júlio

6 BONITOS NOVILHOS DO EX.mo SR. D. DIOGO D'AFFONSECA PASSANHA (ANTES SOLER)

PREÇOS DESDE 25 ESCUDOS — MAIORES DE 6 ANOS

A MAIS ANTIGA AGUARDENTE PORTUGUESA

Fine MACIEIRA

RUA IVENS, 47 • LISBOA • TEL. 32 46 78

VENHA HOJE AO MAXIME

DANÇAR O «TWIST» COM AS VEDETAS DO

BALLET JAZZ RODNEY

EXTRAORDINÁRIO SHOW À 1,30

DENTRO DE DIAS! CONTRATADO DIRECTAMENTE DO «OLÍMPIA» DE PARIS, PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL, SENSACIONAL ESTREIA DOS REIS DO «TWIST»:

TEDDY REYE e o seu conjunto de TEDDY BOYS

MARQUE A SUA MESA

CONSIDERADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

MAIORES 21 ANOS — TELEFONES 35366/7

(AMOURS CÉLEBRES)

AMORES CÉLEBRES

UM ESPECTÁCULO DE RARO REQUINTE E ENCANTAMENTO!

OUTRO GRANDE EXCL.
FILMES CASTELLO LOPES

BRIGITTE BARDOT
ALAIN DELON
DANY ROBIN
JEAN-PAUL BELMONDO
ANNIE GIRARDOT
PIERRE BRASSEUR
EDWIGE FEUILLERE
SIMONE SIGNORET

2ª

(ADULTOS)

DYALISCOPE-COLOR

SEMANA SENSACIONAL!

SÃO LUIZ ALVALADE

Enquanto a Companhia do TEATRO MODERNO DE LISBOA se encontra em Paris, participando no Festival Internacional do Teatro, o

IMPÉRIO

apresenta AMANHÃ, ás 11 h. e apenas por

6 ÚNICOS ESPECTÁCULOS

o TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

na notável peça de KARL WITTLINGER

Conhece a Via Láctea?

com

JOÃO GUEDES

e

MÁRIO JACQUES

Bilhetes á venda

Espectáculos para adultos

RAUL SOLNADO

NO MARIA VITÓRIA

TEL. 31740 M/17 ANOS

BREVEMENTE

A REVISTA POPULAR

SOL E DÓ

ORIGINAL DE JOSÉ GALHARDO e JOÃO NOBRE
COM MUSICA DE JOÃO NOBRE e JOÃO DE VASCONCELOS

interpretada por um elenco de excepcional categoria, com

EVA TODOR
HUMBERTO MADEIRA RAUL SOLNADO

a cantora brasileira

MARIA HELENA

EMÍLIO CORREIA — FLORBELA QUEIROZ
NICOLAU BREYNER — MARIA DO ESPÍRITO SANTO

a atracção

FINA GALICIA

e ainda a atracção do «NOUVELLE EVE», de Paris

BALLET ROANI

2.ª FEIRA, TIVOLI ás 6.30 da tarde

RECITAL DE CANTO
A FAVOR DA
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
oferecido pela Companhia Italiana do TEATRO DE S. CARLOS
com
UM PROGRAMA SENSACIONAL
de árias célebres de óperas
BILHETES À VENDA

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
R. da Glória, 21—Tel. P.P.C. 36 9807

TRINDADE

Subsidiado pelo Fundo de Teatro
ÀS 21.45 ADULTOS

ALVES DA COSTA
E
BRUNILDE JÚDICE
em
O PAI
de STRINDBERG

AUGUSTO FIGUEIREDO
MARIA ALBERGARIA
CARLOS WALLENSTEIN
MÁRIO PEREIRA
IRENE CRUZ
FRANCISCO NICHOLSON

Encenação de
COUTO VIANA

COLISEU

Emp. Ricardo Covões Herds.
Telef. 31997

HOJE ás 21.30

GRANDIOSO SARAU DA TUNA ACADÉMICA DE COIMBRA
Musica clássica e folclórica portuguesa
Orquestra de camara
Grupo Universitário de Danças Regionais
SERENATA DE COIMBRA

Domingo, 8, ás 16 e ás 21.30
MALVALOUCA
c/ a genial artista Paquita Rico
e a grandiosa superprodução
TODOS CONTRA MIM

NA SEVERA

TODA A GENTE CANTA

Frankfort

RESTAURANTE
PASTELARIA

TODOS OS PRODUTOS ALIMENTARES
AV. DE ROMA, 46-A TELEF. 77 65 97

*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
A mais ambiciosa superprodução francesa dos ultimos anos!
AMORES CÉLEBRES
com Brigitte Bardot — Alain Delon — Dany Robin — Jean-Paul Belmondo — Annie Girardot, etc.

EDEN — Telefone 320768
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Um filme original em Tecnicolor
ELE, ELA E O MARIDO
com Robert Mitchum, Jean Simmons, Cary Grant e Deborah Kerr

CONDES — Telefone 322523
A's 14.45, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
7.ª SEMANA
da mais emocionante história de todos os tempos
Em Dyaliscope e Eastmancolor
O CONDE DE MONTE CRISTO
Louis Jourdan — Yvonne Furneaux
Pierre Mondi

ROMA
A's 15.30, 18.30 e 21.45
Uma irónica comédia sobre o amor conjugal!
ELE, ELA E O MARIDO
Sim, a variedade é a doçura do amor!
Com Cary Grant — Deborah Kerr, Robert Mitchum e Jean Simmons

AVIS — Telefone 47163
A's 15.30 e 21.45
M/ 12 anos
Uma obra gigantesca do cinema japonês
OS TRÊS TESOUROS
Mitos fabulosos com figuras irreais e lendárias que assombram pelo seu esplendor, com Toshiro Mifune, o maior actor do cinema japonês

LIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 17 anos)
O SABOR DO MEDO
ESTA TERRA MARGA

A VOZ DO OPERÁRIO
Às 21.30 (M. 17 anos)
ESCANDALO NA CORTE
e GERAÇÃO REBELDE
Amanhã — GORGO — (M. 12 anos)

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)
5.ª SEMANA
O maior êxito do ano e do Mundo
OS CANHÕES DE NAVARONE
Em Cinemascope e Eastmancolor
c/ Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn
A's 18.30 — «BALLET».

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
A caricatura de um crime
O FIO DA MEADA
(Colorido)
Em complemento — «UM ROUBO NA CIDADE» — da «Scotland Yard».

ODEON — Telefone 326283 (M. 12 anos)
15.15 e 18.15 e 21.30
2.ª MÊS TRIUNFAL!
5.ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!
UM ÊXITO IGUAL AO DA FAMOSA CANÇÃO EM TODO O MUNDO:
A NOIVA
com Elsa Daniel e António Prieto

CAPITÓLIO — Telefone 327493
Às 15.30 e 21.30 (M. 17 anos)
O GRITO DO SÉCULO
AO RITMO DO TWIST
Depois do êxito extraordinário do «Rock and Roll», agora a maior sensação no mundo da dança o TWIST.
Com Chubby Checker, Dieu, Wicki Spencer

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 12 anos)
O DIABO ÀS 4 HORAS
com Spencer Tracy e Frank Sinatra

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
Às 21 horas (M. 17 anos)
O HOMEM QUE LUTA SÓ
HÁ LODO NO CAIS

IMPÉRIO — Telefones 555134/5
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Grande êxito de gargalhada do filme de René Clair
TODO O OIRO DO MUNDO
com o genial Bouvril
Uma história onde se prova que o dinheiro não compra tudo... apesar de ser tão desejado!

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
PARA LADRÃO... LADRÃO E MEIO!
Um espectáculo de rara categoria com o maior intérprete do Cinema Francês
JEAN GABIN

POLITEAMA — Telef. 326305
15 h., 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA:
O FILME DE MAIOR ÊXITO DO ANO EM TODO O MUNDO!
OS CANHÕES DE NAVARONE
com Gregory Peck, David Niven, Anthony Quinn, Gia Scala e Irene Papas
CINEMASCOPE TECNICOLOR
(Maiores de 17 anos)

ALVALADE
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)
AMORES CÉLEBRES
Um espectáculo de raro requinte e encantamento com os maiores nomes do cinema e do teatro de França.
Com Brigitte Bardot — Alain Delon — — Dany Robin e outros

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas (M. 12 anos)
A CIDADE CONTRA MIM
O INIMIGO SILENCIOSO

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 (M/ 17 anos)
AS DUAS MULHERES
e AS «GIRLS»

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M. 17 anos)
MILAGRE DE AMOR
com Lauren Bacall — Roberto Stack — Lorn Green

DESPORTOS

O «NACIONAL» DE FUTEBOL DA 1.ª DIVISÃO

O BENFICA NA TAPADINHA

PRINCIPAL ATRACÇÃO DA 22.ª JORNADA

Em relação aos dois primeiros classificados a jornada de amanhã pode considerar-se tranquila. Tanto o Sporting como o F. C. Porto actuam diante do seu publico adepto, embora o clube das Antas, contra os eborenses, não pareça vir a gozar das facilidades que esperam os

A 22.ª JORNADA

Sporting - Salgueiros
Atlético - Benfica
C. U. F. - Académica
Leixões - Belenenses
F. C. Porto - Lusitano
Beira Mar - Olhanense
V. Guimarães - Sp. Covilhã

«leões», cujo adversário, em ultimo lugar, está destinado a sofrer muitos golos.

O caso do interesse principal situa-se na Tapadinha onde a presença do Benfica é, realmente, uma atracção após a eliminação do Tottenham. A circunstancia dos alcantarenses se encontrarem em forma reforça o interesse pela perspectiva de um bom jogo.

O Sporting é favorito absoluto. O Salgueiros não tem, na realidade, estofo para se impor ou resistir por aí além.

O Atlético pretenderá defender o seu 5.º lugar sem esquecer que o degrau superior lhe está ao alcance. A moralização do Benfica é, porém, obstáculo de monta. Previsão de jogo emotivo no qual o grupo da casa revelará o seu valor.

Vaticínio: vitória do Benfica.

No Barreiro, a C. U. F. não deixará de exteriorizar a sua boa forma. Os estudantes, sem a indispensável estabilização, não devem surpreender os visitados pelo que estes suscitam o vaticínio favorável.

Nas Antas, a táctica defensiva do Lusitano é factor a ter na devida conta. Aos avançados portuenses apresenta-se a obrigatoriedade de aproveitamento das oportunidades de golo que não se afiguram, esclareça-se, de registo abundante, em consequência do hábito dos alentejanos quando agem nos campos dos adversários. O Porto, no entanto, suscita o favoritismo.

A deslocação do Belenenses a Matosinhos sugere um embate entusiástico por parte dos leixonenses, ciosos de pontos. Os «azuis», sem problemas no concernente á classificação, estão á altura de produzir um rendimento de apreciável factura técnica. O empate ou a vitória do grupo local entram no vaticínio.

Nos restantes encontros, o Beira-Mar e o Vitória de Guimarães reunem condições para derrotarem os seus antagonistas.

— Vocês não vão «encharcar» o campo, pois não?!!!

O DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Torneio Regional de Cadetes. Torneio Primavera e provas extras para Aspirantes, no Estádio Nacional, ás 10 horas.

AUTOMOBILISMO — «Quilómetro de Arranque», em Alverca.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Montijo-Técnico.

— Campeonato Nacional da III Divisão: C. D. U. L.-Atlético, Sp. Tomar - Sp. Caldas, Internacional-Encarnação, Seixal - C. Quebradense, Moscavide-Lisgás, Almada-Tabacos, Paço de Arcos-Boa Hora, Circulo Católico-Salesianos.

CICLISMO — «Grande Prémio Robbialac» (ultimo dia): Faro-Tavira, 160 kms, com partida ás 8.30.

— Festival na pista de Tavira (20 voltas), ás 16 horas.

FUTEBOL — Campeonatos Nacionais da 1.ª, 2.ª e 3.ª Divisões, ás 16 horas.

— Selecção Nacional de Juniores-Barcelona, no Restelo, ás 11 horas.

— Provas da A. F. L.: Campeonato Regional da 3.ª Divisão, ás 16 horas. Campeonato Regional de Juniores da II Divisão, a partir das 9.30. Torneio de Principiantes, a partir das 9.30.

HIPISMO — Provas de campo, na Herdade da Agolada (Coruche), ás 11 e ás 16 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa: Atlético-C. F. Benfica e Palmense - Belenenses, nos campos dos primeiros, a horas a indicar.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Escolas de jogadores: Benfica-Salesianos (10 h.); Cascais-Oeiras (9.30); C. U. F.-Paço de Arcos (10) e Campo de Ourique-Liceu Francês (9), nos rinques dos primeiros.

— Campeonato Regional de Juniores: Cascais-Oeiras (10.15); C. U. F.-Paço de Arcos (10.45). Campo de Ourique-Liceu Francês (9.45), Salesianos-Física (10.30), Campo de Ourique-Liga de Algés (10.30), Parede - Belenenses (10) e Sporting-Azeitonense (10), nos rinques dos primeiros.

O «NACIONAL» DA II DIVISÃO

A 22.ª JORNADA

Continua amanhã, com os encontros correspondentes á 22.ª jornada, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, efectuando-se os seguintes desafios:

ZONA NORTE — Boavista-Peniche (0-2), Espinho-Torriense (2-1), Sanjoanense-Vianense (1-0), Castelo Branco-Spt. Braga (1-3), Cernache-Oliveirense (1-3), Vila Real-Marinhense (1-2) e Caldas-Feirense (0-6).

ZONA SUL — Setubal-Sacavenense (2-0), Campo-Maiorense-Alhandra (0-2), Farense-Lusitano (1-2), Portimonense-Seixal (1-2), Cova da Piedade-Barreirense (0-3), Oriental-Montijo (0-4) e Olivais-Desp. Beja (3-4).

A CIDADE

Pelos hospitais

COLHIDO POR UMA MOTOCICLETA — O empregado de mesa sr. José Manuel Braga Madaleno, de 27 anos, residente em Alcabideche, Cascais, foi colhido por uma motocicleta e sofreu contusões na cabeça. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José ficou ali internado.

QUEDA DE UM AUTOCARRO — Caiu de um autocarro em andamento, na Estrada de Benfica, a menina Maria Emília Oliveira Pinto, de 16 anos, residente na Vila Ferro, 147, a qual sofreu várias contusões na cabeça.

Ficou internada na sala de observações do Hospital de S. José.

QUEDA DE UMA BICICLETA — O enfermeiro sr. José Alberto Antunes da Silva, de 54 anos, residente na Vila Nogueira, Azeitão, Setubal, caiu da bicicleta que conduzia, ficando muito contuso na cabeça. Foi transportado ao Hospital de S. José e ficou internado na sala de observações.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma caixa de madeira contendo latas de «Nido»; um chapéu de chuva; um brinco de fantasia; uma pá de ferro, com cabo comprido; um dólar; uns óculos graduados; uma carteira com documentos em nome de Celeste Loureiro Histre Ribeiro; um porta-moedas com dinheiro; diversas luvas desirmanadas; um tampão de depósito de gasolina; um tampão de roda de automóvel; dois aros de roda de automóvel; diversas argolas com chaves; e chaves desirmanadas.

O «MUNDIAL» DE HÓQUEI EM PATINS

A Portugal com um ponto de avanço basta, hoje, empatar com a Espanha

Por HENENDEZ CUEVAS

SANTIAGO DO CHILE, 6 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — Empatando ontem com Portugal, depois de ter vencido a Espanha em jogo anterior, a Itália cotou-se como equipa realmente forte, que nos jogos decisivos faz sentir a sua influência, especialmente pela forma como defende a baliza e pelo perigo dos seus contra-ataques.

O encontro iniciara-se da melhor maneira para os portugueses, com duas avançadas brilhantes e remates de Bouços, o primeiro ao lado da baliza, o segundo defendido por Bolis.

Mas os italianos começaram a mostrar-se perigosos, primeiro com incursões muito rápidas, provocando perigo, depois com remates de longe, inesperados, a que Moreira correspondia bem.

As primeiras manifestações de violência deram-se ainda na primeira parte, com os «sticks» a trabalharem nas pernas dos jogadores. O árbitro procurou impor autoridade, mas com critérios desiguais. O jogo endurecia e os portugueses deixavam de apresentar a sua habitual forma de actuar.

Criou-se, deste modo, um ambiente de tensão, bem aproveitado pelos italianos, cuja defesa se mostrou sempre atenta. Frequentemente, Bolis defendeu, tendo ao lado, na linha de baliza, o defesa Baraldiu ou um dos avançados, desse modo se fechando bem o caminho das redes.

Alguns bons ataques de Portugal iam esbarrar, assim, com uma verdadeira parede. Cabe á defesa italiana, na quase totalidade, o mérito do empate — que os italianos, no fim, celebraram como se de uma vitória se tratasse.

Note-se que a Itália, nos dois tempos, seguiu actuação idêntica: forçar o ataque, em velocidade e entusiasmo, até marcar um golo e defender depois essa vantagem, á custa de todos os sacrifícios. No primeiro tempo foi Cerrina que conseguiu o tento, depois de Moreira estar fora da baliza na defesa de um remate de Tavonne. E a igualdade só quase no fim do tempo foi reposta por Bouços, na transformação de uma grande penalidade.

Na segunda parte, Bocissio concluiu uma jogada linear dos italianos, com três toques e golo; e novamente os italianos se remeteram á defesa, com todos os seus elementos protegendo a baliza e sem se entusiasmarem com as largas que os portugueses davam para descongestionar a área da baliza.

O golo conseguido a poucos minutos do fim por Livramento foi um prodigio de habilidade e de velocidade, com uma finta e o remate numa sequência tão rápida que Bolis não deve ter podido seguir a trajectória da bola.

Hoje disputam-se os jogos: Alemanha-Brasil (o dos mais fracos), Suíça-Uruguai, Chile-Itália e, finalmente, o Portugal-Espanha.

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PORTUGAL...	8	7	1	—	60- 9	15
Espanha	8	7	—	1	33- 8	14
Itália	8	5	3	—	24-14	13
Argentina	9	5	—	4	22-27	10
Suíça	8	3	2	3	26-31	8
Uruguai	8	3	1	4	13-26	7
Holanda	9	2	2	5	21-30	6
Chile	8	2	1	5	24-26	5
Alemanha	8	1	1	6	11-32	3
Brasil	8	—	1	7	15-45	1

PORTUGAL TEM 10 VITÓRIAS SOBRE A ESPANHA EM 16 DESAFIOS

Os resultados dos encontros efectuados entre as equipas de Portugal e da Espanha, nos campeonatos da Europa e do Mundo foram os seguintes:

1947	(Lisboa)	2-1
1948	(Montreux)	3-1
1949	(Lisboa)	6-2
1950	(Milão)	6-0
1951	(Barcelona)	3-4
1952	(Porto)	2-1
1953	(Genebra)	1-1
1953	(Genebra)	2-1
1954	(Barcelona)	0-3
1955	(Milão)	3-3
1956	(Porto)	1-0
1957	(Barcelona)	1-1
1958	(Porto)	2-2
1959	(Genebra)	5-2
1960	(Madrid)	3-1
1961	(Turim)	1-0

Resumo

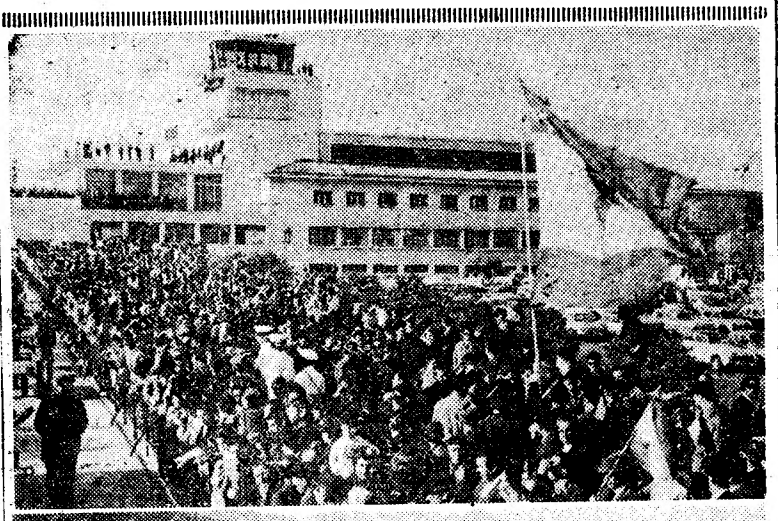
	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Portugal	16	10	4	2	41-23	24
Espanha	16	2	4	10	23-41	8

BOUÇÓS com 21 golos

Marcadores dos golos da selecção de Portugal:

Bouços	**21**
Adrião	**13**
Livramento	**12**
José António	**7**
Leonel	**3**
Urgeiro	**2**
Vaz Guedes	**1**

Cordero (Chile), na própria baliza



APOTEÓTICA RECEPÇÃO AO BENFICA

Duas imagens da jornada do Benfica em Londres, contra o Tottenham: um aspecto da multidão que se juntou ontem, no aeroporto, para receber os campeões com os aplausos devidos, em manifestação entusiástica de vincado cunho popular, e um momento do jogo contra os «spurs» na altura em que os benfiquistas faziam ver ao árbitro o infundamento da grande penalidade que proporcionou, afinal, a vitória aos ingleses.

DESPORTOS

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Educação Física do Norte-Académica e C. U. F.-Porto, nos campos dos primeiros, respectivamente ás 22 horas e 21.30.

VOLEIBOL — Campeonato Regional da 1.ª Divisão (Seniores — Categoria de honra): Belenenses-C. D. U. L., na Escola Francisco de Arruda, ás 21 horas.

— Campeonato Regional da 1.ª Divisão (reservas): Belenenses-C. D. U. L., na Escola Francisco de Arruda, ás 22 horas.

O UNIÃO MICAELENSE venceu por 2-0 o Marítimo do Funchal

PONTA DELGADA, 7 — Na primeira mão da eliminatória insular para a «Taça de Portugal» (futebol) o clube União Micaelense, representante dos Açores, venceu, por 2-0, o Marítimo do Funchal, representante da Madeira.

O grupo açoriano fez uma boa exibição e teve no seu guarda-redes o melhor elemento. — (A. N. I.).

Joaquim Belchior e Conde de Palma, vencedores em Badajoz

BADAJOZ, 7 — O atirador português Joaquim Belchior ganhou a taça «Gonzalez Byass», com 9 em 9, no torneio internacional de tiro aos pombos que está a ser disputado nesta cidade. Belchior bateu sessenta e dois concorrentes.

Outro atirador português, conde de Palma, ganhou a taça «Presidente», efectuada, a seguir, com 20 em 20. Havia 60 concorrentes. — (A. N. I.).

A «Semana do Benfica» em Santarém

SANTARÉM, 7 — Prossegue hoje a «Semana do Benfica» promovida por um grupo de adeptos do popular clube de Lisboa. Esta tarde, a direcção do Benfica foi recebida na Camara Municipal de Santarém, a qual oferece, hoje, um jantar.

A' noite, disputam-se os encontros Benfica-Empregados de Comércio de Santarém (em hóquei em patins) e Benfica-Belenenses (em handebol de sete).

As cerimónias são encerradas no decorrer de uma grande ceia de confraternização benfiquista.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

OS ENCONTROS DA 12.ª JORNADA

Em prosseguimento do campeonato nacional da 3.ª Divisão, disputam-se, amanhã, os seguintes encontros:

ZONA A

1.ª série — Freamunde-Bairro Latino, Bragança-Monção, Chaves-Famalicão e Gil Vicente-Mirandela.

2.ª série — Arrifanense-Tirsense, Lourosa-Vilanovense; Leça-Varzim e Ovarense-U. Lamas.

ZONA B

3.ª série — Gouveenses-Guarda, Académico-Sp. Gouveia; Lamego-M. Panasqueira e Mortágua-Lusitano V. M.

4.ª série — Marialvas-Nazarenos, F. C. Caldas-Naval; U. Coimbra-Alcobaça e Mirense-Norte e Soure.

ZONA C

5.ª série — Desp. Olivais-União de Tomar, Estoril-Vila-franquense, Tramagal-Torres Novas e Ferroviários-«Leões».

6.ª série — C. Caparica-Amora, Palmelense-Vitória, Casa Pia-F. Benfica e Sesimbra-Luso.

ZONA D

7.ª série — Calipolense-Est. Portalegre, U. Montemor-Est. V. Novas, Portalegrense-Juventude e Estremoz-Elvas.

8.ª série — Despertar-Silves, Esp. Lagos-Serpa, S. Domingos-Ferreirense e Aljustrelense-Faro e Benfica.

Linha de SINTRA

Festa na Associação dos Bembeiros de Oeiras

A comissão de festas da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras promove, hoje, uma «soirée»-dançante, com a colaboração do conjunto musical «Melodia Azul», cuja receita reverte inteiramente a favor dos cofres da associação.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — A's 21: «French-Cancan» e «Em nome duma mãe» (17 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — A's 21: «A vida é um jogo» (17 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — A's 21: «Tira daí o sentido» e «Aguia fugitiva» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — A's 17 e ás 21 e 30: «Milagre de amor» (12 e 17 anos).

CASCAIS — *S. José* — A's 21 e 30: «Pequeno homem — Grande Norman» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Nifo* — Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (Tel. 012070).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 0430090).

PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica, 87-A (Tel. 047204).

ESTORIL — *Ostende* — Rua de Espinho, 1 — Monte Estoril (Tel. 060391).

CASCAIS — *Misericórdia* — Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

O «DÁNOTA» (conhecido cadastrado) foi detido pela Polícia

Uma brigada da secção de justiça da P. S. P. de Lisboa deteve Fernando do Nascimento Morgado, «O Dánota», de 36 anos, solteiro, natural de Lisboa, a quem não é conhecido modo de vida.

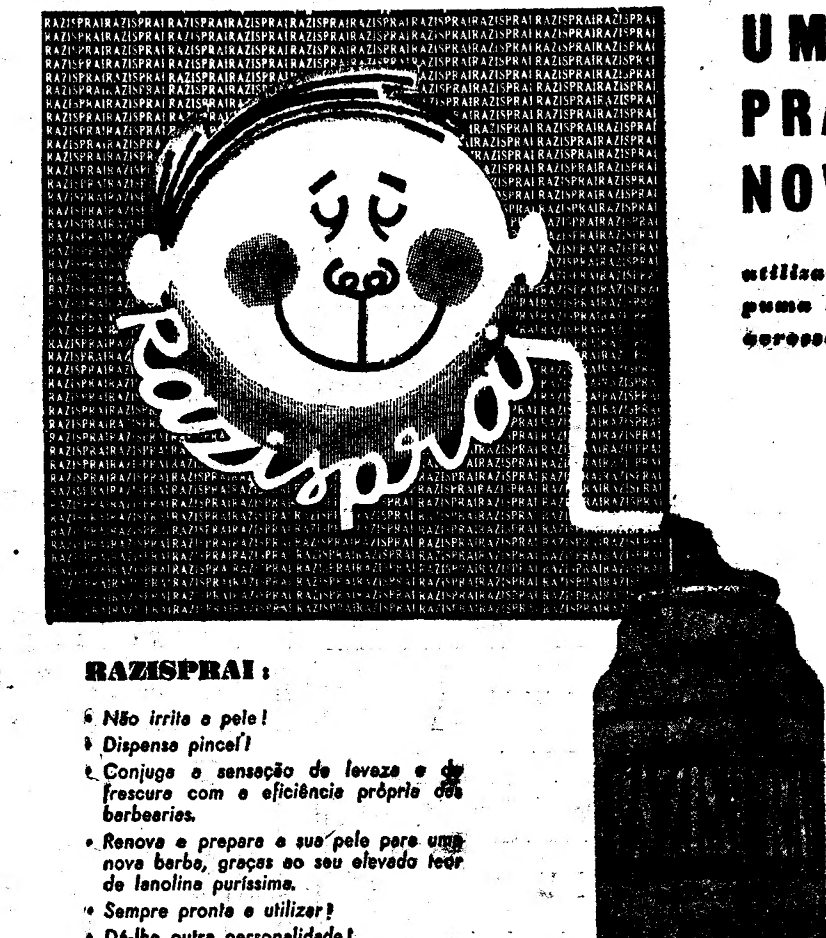
Apesar de residir na Rua de D. Maria Pia, encontrava-se num quarto do prédio n.º 184 da Rua Silva Carvalho, onde foram encontradas quatro malas de viagem, contendo grande variedade de atoalhados, camisolas, camisas, etc., averiguando-se, entretanto, que tudo aquilo fora furtado a Marcos Manuel Dias Achega, residente em Torres Novas, da sua viatura estacionada em Campo de Ourique.

O «Dánota», segundo se presume, tinha ligação com a quadrilha de arrombadores de montras, constituída por José Rodrigues de Almeida, «O Simas», Carlos Alberto Calheiros dos Santos, «O Vadinho», António Pedro Ferreira dos Santos, «O António das Cocheiras», Joaquim Dias Félix e outros, que foram presos pela mesma secção há dias, e enviados á Polícia Judiciária, conforme os jornais relataram, pois na viatura de onde foram furtadas as malas de viagem que estavam na posse do Morgado registou-se o mesmo processo de arrombamento utilizado pela dita quadrilha.

O detido foi enviado, também, á Polícia Judiciária.

Agora toda a gente pode fazer a barba em sua casa como um barbeiro profissional com...

RAZISPRAI



UM PRAZER NOVO!

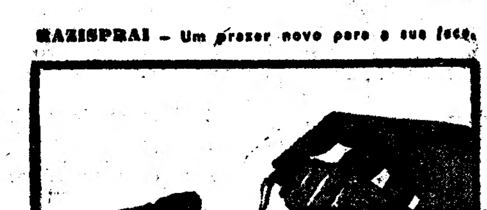
utilizando a nova espuma super-suave em aerossol RAZISPRAI

RAZISPRAI:

- Não irrita a pele!
- Dispensa pincel!
- Conjuga a sensação de leveza e de frescura com a eficiência própria das barbearias.
- Renova e prepara a sua pele para uma nova barba, graças ao seu elevado teor de lanolina puríssima.
- Sempre pronta a utilizar!
- Dá-lhe outra personalidade!

ESC. 28$00

RAZISPRAI — Um prazer novo para a sua face.



1 — Lavar muito bem a face de preferência com água quente e sabão, deixando a pele molhada.
2 — Agitar bem.
3 — Premir a válvula do nebulizador, deitando na mão uma pequena quantidade de RAZISPRAI.
4 — Aplicar directamente a espuma sobre a face molhada, com os dedos.
5 — Fazer a barba, molhando de vez em quando a navalha ou a máquina de barbear.

Linha de SINTRA

Festa no Atlético Clube do Cacém

Esta noite, pelas 22 horas, leva a efeito, o Atlético Clube do Cacém, uma festa, em homenagem aos corpos gerentes do Atlético Clube de Portugal, seguida de baile, abrilhantado pelo conjunto musical «Napolitano».

Cinemas

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «O ultimo comboio de Gunn Hill» e «Sempre mulher» (17 anos).

CACEM — *Cinema S. João* — A's 21: «Tormenta no paraíso» e «Contra todos os riscos» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21 e 30: «A América vista por um europeu» (17 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel* — A's 21 e 30: «Furia do poder» (12 anos).

VENDA NOVA — *Cine Portugal* — A's 21 e 15: «Totó fora da lei» e «Morte duma testemunha» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); *Clabel* — R. António Sardinha, Lote 5, Loja B (Tel. 931551).

QUELUZ — *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

SINTRA — *Misericórdia* — L. Dr. Gregória de Almeida, 2 (Tel. 980391).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. — (Tel. 931690).

DAMAIA — *Lemos* — Rua de Goa (Tel. 932121).

Tauromaquia

SIMÃO e PROCÓPIO

Quando o «Diário de Lisboa» apareceu

Quando apareceu o «Diário de Lisboa» oferecia a tauromaquia nacional um panorama pouco diferente daquele que transitou do Campo de Sant'Ana para o Campo Pequeno. Lidavam-se touros já corridos, o que impedia os progressos dos lidadores, sobretudo dos peões, e estes limitavam-se a bandarilhar e a executar tão absurdas sortes como a da gaiola. Alguns aventuravam-se a usar da «muleta» e Rodrigo Largo e Alfredo dos Santos chegaram a fazê-lo, e a matar em Badajoz, mas seria Procópio o precursor dos actuais matadores portugueses. Para tal contribuiu a campanha que fizemos para a desaparição do touro corrido, e a do complexo de inferioridade que impedia os portugueses de rivalizar com os espanhóis no uso da «muleta» e da espada.

Dos cavaleiros seria Simão da Veiga o primeiro a matar a pé, para o que o animámos quando da aparição de Cañero e haveria de pôr em prática já com Domecq.

Em Simão da Veiga e em Julio Procópio, o primeiro já desaparecido e o segundo quase esquecido, simbolisamos aquela evolução do toureio nacional para o qual contribuiu a aparição do «Diário de Lisboa». Desde então surgiram «espadas» nacionais que rivalisam com os estrangeiros, em Espanha e nas Américas, e os cavaleiros portugueses passaram a exibir-se mais frequentemente em Espanha, onde Simão da Veiga toureou em épocas seguidas.

Sirvam estas rápidas linhas para conhecimento dos «aficionados» jovens que ignoram o que era a tauromaquia nacional antes da aparição dos que já esqueceram aqueles tempos do touro corrido e lidado a duo ou a sós...

«EL T. P.»

EMIGRANTES PORTUGUESES

No paquete francês «Provence», procedente dos portos do Mediterraneo, com 383 passageiros, em trânsito, embarcaram hoje para o Brasil 626 emigrantes portugueses, o maior contingente embarcado num só navio, registado nos ultimos anos.

BENFICA EM AMSTERDÃO

Excursão de 28 de Abril a 13 de Maio em luxuosos autocarros visitando ESPANHA, FRANÇA, (Vale de La Loire), BÉLGICA e HOLANDA

Preços 1.950$00 — 5.650$00

ORGANIZAÇÃO CLARAS TURISMO

Avenida Fontes Pereira de Melo, 33 — Telefones 51191 - 732294

CLUBE 100 À HORA

CIRCUITO DE ALVERCA «KARTS»

Domingo — dia 8 de Abril às 15 Horas

CORRIDA DE 100 c. c. EM 50 VOLTAS

CORRIDA DE 200 c. c. EM 60 VOLTAS

DIA MUNDIAL DA SAÚDE

PROTEGER A VISTA E EVITAR A CEGUEIRA!

O tema que a Organização Mundial de Saude escolheu para celebrar este ano mais um dos seus aniversários — «Proteger a vista e evitar a cegueira» — tem a sua plena justificação na existência de dez milhões de cegos espalhados pelo Mundo inteiro.

A cegueira é a mutilação que rouba o que há de mais belo na vida: a luz e a cor. Se evitá-la constitui uma obrigação, combatê-la será uma devoção.

Com os recursos actuais da Medicina e da cirurgia, podem hoje curar-se ou evitar-se muitas doenças dos olhos, que ainda há poucos anos eram consideradas verdadeiros flagelos da humanidade. Tais enfermidades, como, por exemplo, o tracoma, o glaucoma, o estrabismo, cataratas, descolamentos da retina, conjuntivite purulenta dos recém-nascido, fibroplasia retrolenticular, irites, toda uma gama de oftalmias, enfim, que uma vez tratadas em data oportuna, só excepcionalmente conduzem a resultados irreparáveis.

Nos nossos dias, o inimigo publico numero um dos olhos é o acidente. Nos Estados Unidos calcula-se haver por ano 300 mil acidentes com os olhos, e a Inglaterra conta cerca de 10 mil acidentes anuais. O que é mais lamentável é que se calcula que 95 % destes acidentes se poderiam evitar se fossem tomadas as precauções necessárias.

Assim, não obstante os avanços da medicina e da cirurbia e a mais cuidada higiene publica, a cegueira tem aumentado nos ultimos anos.

O cego não necessita de comiseração, mas de auxílio, um auxílio valioso, real, construtivo, um auxílio capaz de criar confiança áquele que nasceu sem ver ou de restituir essa mesma confiança ao indivíduo que um dia perdeu a visão.

E' indispensável facultar ao cego todos os meios que possam torná-lo auto-suficiente, habilitá-lo a competir no trabalho com os seus colegas visuais. Mas como será possível arrancar o cego á sua dependência, ao seu tortcrante desespero, ao vazio e á inutilidade da sua existência?

Abrindo escolas. Escolas que *ensinem o cego a poder fazer tudo, excepto ver.*

Cabe á França a honra de ter aberto a primeira dessas escolas há dois séculos. Actualmente encontram-se muitas centenas espalhadas por todo o Mundo.

Diversas instituições internacionais se preocupam hoje com a defesa do cego: a Fundação Americana para Cegos do Ultramar, que fornece a numerosos países orientação profissional e ajuda técnica; a Real Sociedade dos Cegos da Comunidade Britanica, que exerce actividade em 35 países. A Organização Mundial para a Protecção Social dos Cegos, fundada em 1951, que conta 50 países filiados, sempre pronta a estimular as obras de assistência aos cegos, e a Associação Internacional para a Prevenção da Cegueira, mais de natureza médica, cuja finalidade é realizar pesquisas sobre as causas de cegueira e meios médicos ou cirurgicos para a eliminar.

Em Portugal existem a Liga da Profilaxia da Cegueira, fundada em 1936 pelo saudoso dr. Mário Moutinho; a Campanha Antitracomatosa; e mais recentemente a Fundação Sain, na qual os cegos depositam as melhores esperanças, Há, porém, uma lacuna que urge preencher: a criação do Banco de Olhos, porque a sua realização viria beneficiar muitas centenas de cegos do nosso País.

Emfim, é bem justificado todo o esforço que se faça para desenvolver o auxílio aos cegos que arrastam o seu infortunio pelos sete cantos do Mundo. Por isso, junto o meu apelo ao do director-geral de Organização Mundial de Saude: «Neste Dia Mundial de Saude faço um apelo aos Governos, ás administrações de Saude e ás populações para que reflictam no que se faz e no que se pode fazer para evitar a cegueira. Os conhecimentos existem. Resta aplicá-los com amplitude suficiente para que se proteja a vista de milhões de pessoas, que, á míngua de assistência, serão condenadas ás trevas».

ARTUR PINA

*

A Emissora Nacional dedica parte do «Jornal Sonoro» de hoje ao Dia Mundial da Saude, numa entrevista com o sr. dr. Artur Pina.

O ministro das Corporações, á direita, na cerimónia da posse do dr. Saraga Leal, que está junto daquele membro do Governo

A Junta da Acção Social vai entrar numa nova fase segundo afirmou o ministro das Corporações na posse do novo vice-presidente

Foi muito concorrida a cerimónia da posse do dr. Saragga Leal do cargo de vice-presidente da Junta da Acção Social, que se efectuou hoje, no gabinete do ministro das Corporações e Previdência Social.

O professor Gonçalves de Proença começou por acentuar a importancia do acto que, em seu entender, assinalava uma autêntica viragem na vida da Junta da Acção Social, pois tinha chegado o momento de passar da fase inicial de experiência «á fase de estabilização, absolutamente indispensável não só á ponderação dos resultados adquiridos, como também á reorganização das estruturas e do seu enquadramento conceitual».

Referindo-se á competência da Junta, afirmou que esta se deve preparar, não apenas para coordenar e orientar os organismos de acção social do Ministério das Corporações, mas também «para ajustar as linhas de actuação indispensáveis á perfeita coordenação dos seus serviços com os dos restantes departamentos do Estado com iguais ou paralelas responsabilidades», designadamente os dependentes dos Ministérios da Educação Nacional e da Economia.

Anunciou a publicação de uma nova revista, cujo primeiro numero acaba de sair sob o título «Estudos Sociais e Corporativos», a criação de Gabinetes de Estudos Sociais nas Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra e a organização, já para o próximo ano lectivo, de um Curso Superior de Estudos Sociais, destinado á preparação e recrutamento do pessoal do Ministério.

Referindo-se ao Instituto de Formação Social e Corporativa, de que foi o primeiro director, o ministro afirmou que está para breve a criação de uma nova unidade nos arredores de Lisboa e que foi um êxito a utilização, durante o Inverno, das instalações das Colónias de Férias da F. N. A. T., para a realização de cursos, experiência que se pensa repetir nos próximos anos.

Sobre o Serviço Social Corporativo e do Trabalho, outro dos serviços dependentes da Junta da Acção Social, declarou que está em estudo a instalação de um serviço social piloto numa grande comunidade de trabalho, e que a Junta vai procurar colaborar na preparação e formação profissional dos assistentes sociais.

Fez o elogio do novo vice-presidente — a quem declarou entregar confiadamente «parte significativa da actividade do Ministério no sector cada vez mais importante da luta ideológica», e dos seus antecessores drs. Osório Vaz, Lino Neto e Emmanuel Salgueiro.

O dr. Saragga Leal, depois de agradecer as palavras do ministro, afirmou não ter duvidas de que novas e largas perspectivas serão abertas aos órgãos instituídos pela lei n.º 2085, que novas tarefas lhes serão atribuídas e, de qualquer modo, que haverá sempre de intensificar-se a acção que já desenvolveram por forma a que mais se divulgue e a mais vastas camadas da população alargue a obra de «educação social» a esses órgãos confiada.

O PREÇO DA FRUTA

Do presidente da Junta Nacional das Frutas, sr. eng.º Regalo Correia, recebemos uma carta que não nos é possível publicar hoje, o que faremos amanhã.

CAFÉ RESTAURANTE
EXPRESSO TERMINUS
Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 324597
Amanhã: Domingo
Lampreia á Moda do Minho
Paelha Valenciana
Pato com Arroz no forno á Portuguesa
Frango Grelhado ao Espeto com Piripiri

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A PISCINA DO TAMARIZ
JÁ REABRIU
Tratamento de água sob a direcção técnica do Engenheiro Químico B. de Mesquita
Informações no CASINO ESTORIL Telefone 060730

Não deixe de visitar amanhã, domingo, o
JARDIM ZOOLÓGICO
ONDE ENCONTRARÁ EM EXPOSIÇÃO TODOS OS ANIMAIS DA FAUNA EXÓTICA DA CRIAÇÃO
O COMBOIO ELÉCTRICO MINIATURA NO JARDIM DOS PEQUENINOS — TODAS AS DIVERSÕES
AMANHÃ, DOMINGO, A ENTRADA ATÉ ÀS 13 HORAS — 3$00

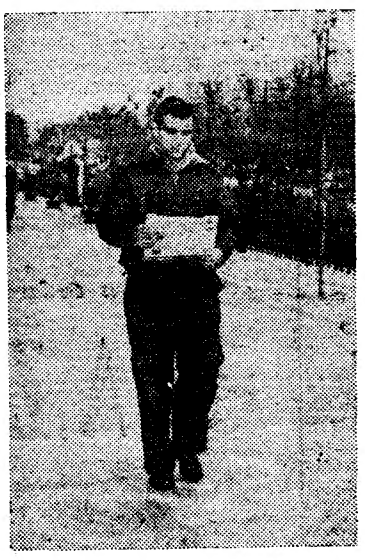
A presença do jornal n

A meio da tarde, já quando a luz suspende um oiro derradeiro sobre a cidade, saem os ardinas em revoada forte pelas ruas de todos os dias. Vão disparados, lestos na venda e na competição, a voz apregoando um nome de jornal. É um convite e uma ordem á população: saibam todos o que vai pelo Mundo — o que se diz, o que se pensa, o que se projecta fazer! E o transeunte, assim chamado por aquela voz, saca da moeda prateada e em troca recebe o papel saído da máquina. A tinta, ainda fresca, escurece-lhe a polpa dos dedos, como um sangue negro que viesse á superfície das páginas, dizendo do muito esforço que vai da notícia escrita pelo redactor ou repórter á manipulação e ao chumbo cinzento do tipógrafo. Os dedos, interessados, vão desfolhando o jornal —e, uma a uma, as notícias vão surgindo, as do País e as do estrangeiro, equilíbrio e contraste, rotina e diversidade. Tudo ali se encontra: síntese e análise da vibração quotidiana, o jornal é bem o mensageiro que, clamando mil contradições, nos vem dizer o caminho certo e claro a percorrer.

● Luís Ferreira, reformado. Senta-se no jardim de S. Pedro de Alcantara, um dos mais sugestivos miradouros de Lisboa, distribuindo ás pombas o miolo de pão que traz de casa. A tarde surpreende-o nessa quietude — até que, passando o ardina, o bom do homem compra o jornal. Interessa-o a vida da cidade, a intriga dos bairros, o que vai pelos tribunais...

— Tribunais?...

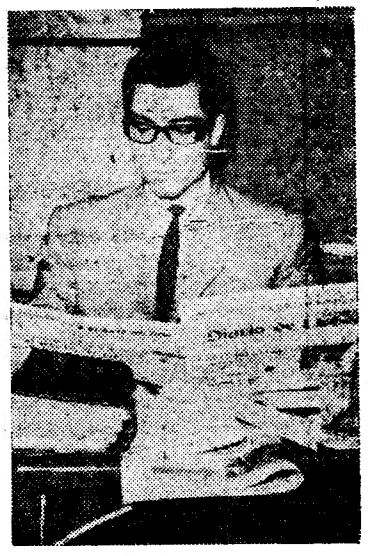
— Sim. Gosto de saber quem, fazendo o mal, é castigado...



● Calcando o mosaico citadino da Avenida, este leitor do *Diário de Lisboa* pondera a nossa primeira página. Que títulos lhe captam a atenção? Os da libertação argelina ou de qualquer acontecimento nacional? Que notícia o levará ás páginas interiores? Qual a gravura do seu agrado? Ele o sabe na sua independência de leitor livre —e, certo como chamar-se João Fernandes e ser serralheiro civil, sempre dará a sua atenção a um jornal que há muito se habituou a ler...

● Terminou o seu trabalho — e, morador na Outra Banda, na Cova da Piedade, espera o «cacilheiro» para a travessia do Tejo. Leitor das páginas desportivas, nem repara nas gaivotas que esvoaçam: a sua atenção é toda captada pelos nomes dos jogadores predilectos. Não dispensa o jornal á segunda-feira, á cata do «comentário» sobre a jornada do dia anterior — o domingo dos estádios cheios, das bolas furando as redes e das multidões aplaudindo em delírio...

— A página desportiva é cá comigo!



● Á mesa do café, no sossego de um dos seus cantos, um jovem universitário lê as nossas colunas. José Carlos Midões, da Faculdade de Ciências, entre um gole da bebida escura e o estudo dos seus livros, não descura o que se passa no mundo exterior...

— Qual a secção que mais aprecia no «Diário de Lisboa»?

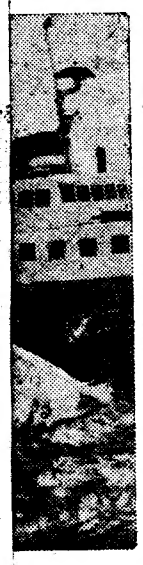
— Leio-o todo. No entanto, prefiro-o ás quintas-feiras por causa do suplemento literário, que considero um dos melhores do País.

● O André vende jornais e revistas em Santa Apolónia. Os passageiros embarcam e ele

rnal na cidade

reformado.
im de S. Pe-
im dos mais
ros de Lis-
s pombas o
raz de casa.
de-o nessa
e, passando
do homem
nteressa-o a
intriga dos
pelos tribu-

saber quem,
stigado...



trabalho —
utra Banda,
le, espera o
a travessia
das páginas
repara nas
çam: a sua
otada pelos
es predilec-
o jornal á
ata do «co-
jornada do
domingo dos
s bolas fu-
s multidões
rio...
portiva é cá

fica. Como matar o tempo? Lendo! Ei-lo dando os seus olhos ás páginas do «Diário de Lisboa»... Há sempre alguma coisa de que tomar conhecimento, que ponderar, que aprender.

— O jornal é o mundo!

● Na viagem subterranea do «Metro», rápida e atirada sempre na mesma direcção, há quem leia o jornal saído da rotativa. Esta senhora, uma passageira como muitas outras, olha as páginas do «Diário de Lisboa». Interessa-lhe nomeadamente aquela que é dedicada á mulher e á criança. Todavia, também, num breve relance de olhos, se sente na obrigação de verificar o que internacionalmente sucedeu...

● Finalmente, em casa, o pai entrou e abandonou o jornal á curiosidade dos filhos. Irmão e irmã, Maria Teresa e Domingos, abriram-no na página das «Palavras Cruzadas» e deram-se á solução do problema.

— Batráquio? Duas letras?
— Rã.
— Sentimento? Sete letras?
— Amizade.

Os instantes problemas
que afectam a Lavoura apresentados pela Corporação e analisados pelo secretário do Comércio

(Continuação da 1.ª página)

ter ouvido sobre o assunto, mais uma vez, a Secção de Pecuária da Lavoura, disse que a Corporação, acompanhada pelos representantes de todas as Federações do País, ali estava a manifestar o seu reconhecimento, lembrando a primeira exposição feita ao sr. dr. Corrêa de Oliveira, antecessor do actual secretário de Estado do Comércio, e o interessado esforço de ambos para a solução agora efectivada. E prosseguiu, referindo-se á situação e aos problemas da Lavoura:

— E', hoje, infelizmente bem conhecida a crise grave em que se debate a actividade agrícola que, precisa, e merece, não só ouvir palavras de apoio, incitamento e carinho da parte do Governo e da Nação, mas, também, ver que são tomadas medidas que lhe permitam sobreviver e saldar as suas dívidas. E' grande o desconhecimento e a incompreensão pelas nossas dificuldades e pelo nosso trabalho. Diz-se que produzimos caro e mau; e pode pensar-se que mais valeria importar o que precisamos, visto podermos fazê-lo a preços inferiores, não se comparando os nossos com os que são oferecidos aos produtores europeus, mas com os preços internacionais favorecidos com fortes «dumpings» e poderosas protecções, que todos os Governos dispensam ás respectivas Lavouras, e que atingem extraordinárias proporções quando procuram eliminar excedentes. E é geralmente com estes preços que comparam os nossos, mas sabe bem Vossa Excelência que nem sempre, quando há necessidade de importar, o podemos fazer a preço mais favorável que o do nosso mercado.

Providências em estudo

Disse depois o sr. eng. Caldas de Almeida:

— A situação em que a Lavoura se debate obriga-a a pedir ao Governo providências que lhe consintam a sobrevivência, e a sua Corporação vai iniciar um estudo sério que solicite ao Governo a subida do preço de alguns produtos que possam proporcionar á produção agrícola o restabelecimento de um equilíbrio financeiro, entre o valor do que vende e do que é obrigada a comprar, ou a despender, fazendo-se ao mesmo tempo a estimativa de repercussão sobre o nível de vida das várias camadas de população em face das subidas pretendidas.

«Será possível, por outro lado — continuou o orador —, sem prejuízo para o consumidor, aumentar largamente o valor de muitos outros produtos agrícolas, tais como a batata, as frutas e muitas matérias-primas para a industria, e, para o conseguir, a organização corporativa da Lavoura não hesitará em «estudar os mercados, fortalecer o espírito de cooperação da Lavoura, evitando que entregue nas mãos de muitos intermediários grande parte da valorização do seu trabalho, que poderia guardar para si se alongasse, directamente, ou através de organizações, a sua presença junto do consumidor».

Disse, por fim, o presidente da Corporação da Lavoura que, ao agradecer ao sr. dr. João Dias Rosas, o fazia não só pelas providências tomadas sobre a carne de bovinos, mas em relação a toda a sua obra realizada em defesa da Lavoura. Acrescentou que a actuação exercida quando ao vinho é também desejada pela produção e pelo comércio, e a mais acertada para os interesses da Nação.

— Trabalhou V. Ex.ª — disse, falando ao sr. secretário de Estado — para que as campanhas do azeite, da batata e da montanheira fossem satisfatórias para todos, e se nem sempre se conseguiu que logo de início tudo se passasse como devia, não foi por falta, nem do interesse, nem do esforço que lhes dispensou.

Deuois de agradecer a atenção dos componentes da Corporação da Lavoura, o sr. dr. João Dias Rosas, fez várias considerações sobre o

(Continua na 11.ª página)

JOÃO PEREIRA DA ROSA

A direcção do Sporting Clube da Penha promove amanhã, as 22 horas, na sua sede (Rua da Penha de França, 77), uma sessão solene de homenagem á memória de João Pereira da Rosa, que foi sócio honorário da colectividade.

Presidirá á homenagem á memória do saudoso director do nosso prezado colega «O Século» o sr. dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, e assistirão, além de outras entidades oficiais, representações de todas as colectividades de Lisboa, com os seus estandartes, e corporações de bombeiros.

O ministro do Ultramar com as individualidades condecoradas

Os membros da Comissão Ultramarina das Comemorações Henriquinas
receberam as insígnias da Ordem do Infante

O sr. ministro do Ultramar entregou, esta manhã, no seu gabinete, as insígnias da grã-cruz da Ordem do Infante ao sr. almirante Sarmento Rodrigues, governador-geral de Moçambique, pela acção desenvolvida na Comissão Ultramarina das Comemorações Henriquinas

Durante a cerimónia, a que assistiram os srs. subsecretário de Estado da Administração Ultramarina e Fomento Ultramarino, receberam, também, as respectivas insígnias, os srs. profs Silva Rego e Carrington Simões (grau de grande oficial), drs. Elísio da Costa Vilaça e Banha da Silva (grau de comendador), e dr António Guilherme Marques (grau de oficial).

Ao proceder á entrega das condecorações, o ministro focou o significado daquelas comemorações e o esforço dos portugueses em Africa e louvou o trabalho da referida comissão, distinguindo, sobretudo, a acção dos srs. almirante Sarmento Rodrigues e prof. Silva Rego.

Em nome dos agraciados, agradeceu a distinção o sr. almirante Sarmento Rodrigues.

Depois de amanhã, ao meio-dia, o sr. ministro da Marinha procederá á entrega das insígnias, da mesma ordem aos membros da Comissão de Marinha para as Comemorações Henriquinas.

LIMA FERNANDES VENCEU A 3.ª TIRADA DA VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

TAVIRA, 7. — A terceira tirada da Volta ao Algarve em bicicleta foi ganha pelo alpiarcense Lima Fernandes, que cobriu o percurso em 4 h., 16 m. e 26 s. Com o mesmo «tempo» cortaram a meta mais vinte e dois corredores, entre os quais o portista José Pacheco, portador da camisola amarela.

O general França Borges
foi convidado a visitar a cidade de S. Paulo

O sr. general França Borges, recebeu o deputado brasileiro, sr. dr. Cunha Bueno, que, acompanhado do sr. dr. Donatelo Grieco, encarregado de Negócios do Brasil, lhe foi comunicar o adiamento do 3.º Congresso Luso-Hispano-Americano-Filipino dos Municípios, para o próximo ano.

O presidente da edilidade, que se encontrava acompanhado do vice-presidente, sr. Aníbal David, do vereador, sr. dr. Gonçalves Lourenço e dos directores de serviços e chefes de repartição, aceitou um convite, que lhe foi dirigido por aquele parlamentar, para visitar S. Paulo em Julho próximo, a fim de participar, com o «alcalde» de Madrid, numa reunião preparatória daquele congresso.

O sr. dr. Cunha Bueno aproveitou, também a visita, para entregar ao sr. general França Borges, uma medalha do Instituto Geográfico de S. Paulo, comemorativa da transladação dos restos mortais da imperatriz Leopoldina, primeira mulher de D. Pedro IV.

CAPITALISTAS

«A CONFIDENTE», com sede na cidade de Lisboa e filial no Porto, comunica a todos os capitalistas que coloca dinheiro sobre 1.as hipotecas, em propriedades, ao juro de 8% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da sua inteira responsabilidade a eficiência da transacção.

Tratamos de toda a documentação, registos, etc. Nada cobramos de comissão aos capitalistas.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA HÁ 28 ANOS

LISBOA
Rossio, 3, 2.º andar
Telefones 369384/5/6

PORTO
Rua Passos Manuel, 14, 1.º
Telefones 20344/5/6

JOIAS

Antigas e modernas. Compra, cobrindo todas as ofertas.
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Companhia de Seguros FIDELIDADE

Capital e Reservas:
Esc. 378.346.236$33

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 — Lisboa
Telef. 30321

COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

A EMPRESA PREDIAL NORTENHA, entidade autorizada oficialmente nos termos do Decreto-Lei n.º 43.767, de 30/6/1961 e membro da «Fédération Internationale des Administrateurs de Biens Conseils Immobiliers» — «FIABCI», chama a especial atenção de todas as pessoas interessadas em *eficientes aplicações de capital*, para o facto de estar apta a colocar quaisquer quantias, com juros garantidos e compensadores, prestando, gratuitamente, toda a assistência aos interessados. Consultem-nos no v/ próprio interesse, pois uma boa aplicação dos v/ capitais está na competência e zelo de uma entidade idónea e devidamente autorizada.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA
(COLHAM REFERÊNCIAS)

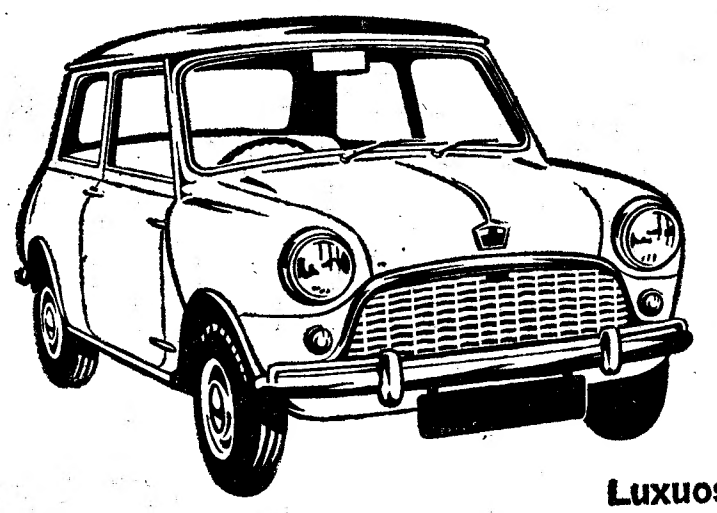
LISBOA: PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
Tel. 362228 e 366812

PORTO: PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º
Tel. 26706 e 30181

AUSTIN

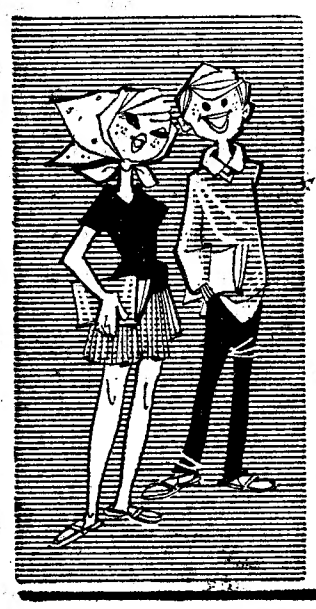
Desportivo

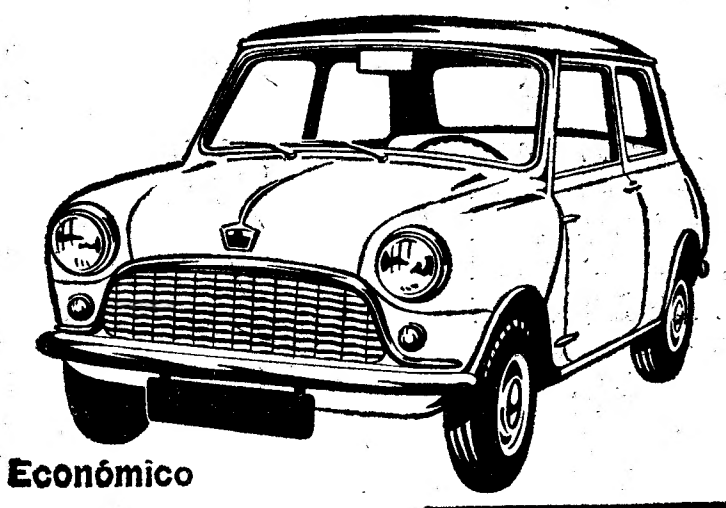
Preço total esc. 59.224$50 — **Seven Cooper**



Luxuoso

Super Seven — Preço total esc. 49.050$00





Económico

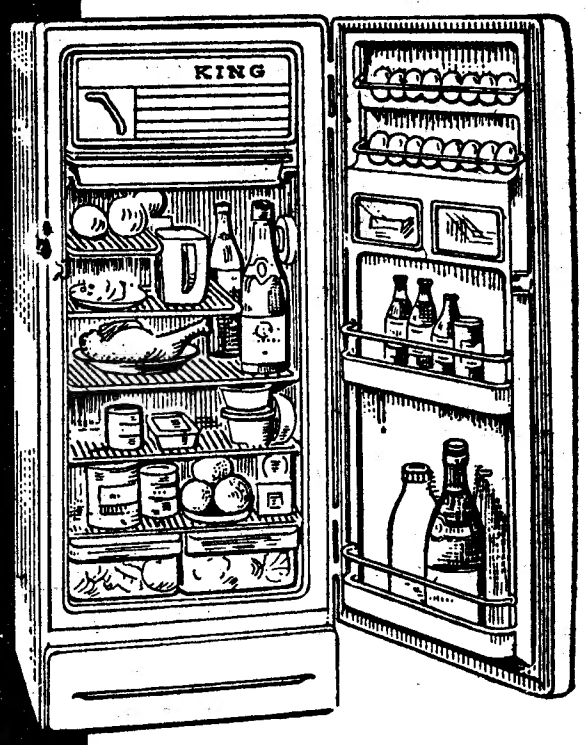
Preço total esc. 46.463$70 — **Seven de Luxe**

DISTRIBUIDORES GERAIS: **J. J. GONÇALVES, SUCRS.**

LISBOA PORTO ÉVORA SANTARÉM AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

KING

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ APRESENTA



PREÇOS FIXOS COM IMPOSTO DE CONSUMO JÁ INCLUÍDO

110	lts.	modelo de mesa	3.990$
110	lts.	mod. de parede	4.250$
120	lts.	modelo de mesa	4.250$
155	lts.	freezer 2/3	5.250$
155	lts.	freezer total	5.500$
200	lts.	freezer total	6.500$
200	lts.	congelador	6.990$

COMPRE MELHOR COMPRANDO A PREÇO FIXO!

E. T. À VENDA

REPRESENTANTE
ROBERTO CUDELL, L.DA
NOS AGENTES OFICIAIS

A ELÉCTRICA DAS AVENIDAS
Avenida Miguel Bombarda, 40

A ELECTRIFICADORA
Portas de Santo Antão, 130

A INSTALADORA
Rua de S. José, 23

A POPULAR DO CHILE
Praça do Chile, 15-A

COMPANHIAS REUNIDAS DE GAS E ELECTRICIDADE
Rua Garrett, 2

ELECTRO-COMERCIAL ERGON, LDA.
Avenida de Roma, 5-B-C

ELECTRO LISBOA, LDA.
Rua Augusta, 248

EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA.
Avenida Almirante Reis, 12

F. COSTA & CARVALHO
Rua Cavaleiro de Oliveira, 55-C

FRIGAZ, LDA.
Rua Maria (aos Anjos), 43

J. M. RAMOS CORREIA
Queluz

LOJA SOL, LDA.
Rua da Assunção, 82

NETO & MORAIS, LDA.
Rua Correia Teles, 22-D

ONDA ELÉCTRICA, LDA.
Rua S. Pedro de Alcantara, 47

QUARESMA & PRATA, LDA.
Avenida Almirante Reis, 53-D

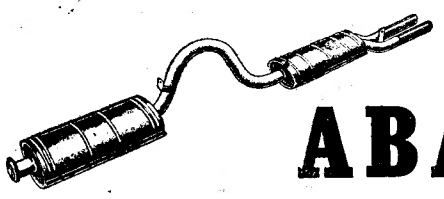
RÁDIO ELÉCTRICA CENTRAL DE ALGÉS
Rua Damião de Gois, 38-A — Algés

RÁDIO ELÉCTRICA
De: Manuel Marques Lemos
Rua da Graça, 85

RÁDIO REPARADORA
De: A. V. Pinto da Silva
Rua da Palma, 179

RÁDIO VALBOM, LDA.
Avenida Conde Valbom, 127-B

SONILUX, LDA.
Avenida Marquês de Tomar, 94-A



ESCAPES ABARTH

MAIOR RENDIMENTO ● MAIOR REPRISE
MENOR CONSUMO

ENTREGAS IMEDIATAS PARA OS SEGUINTES CARROS

FIAT 600 NORMAL, SPORT, COMPETIÇÃO
FIAT 1100/103 E
FIAT 1100/103 - 58
FIAT 1100/103 - 58 e 1200
FIAT 1100 SPORT SPECIAL

J. MENDES COELHO, Lda.

Rua Gomes Freire, 5 - A/F — Telef. 43523/57947 — LISBOA

Maria da Encarnação Santos

FALECEU

Seus filhos, José Inácio dos Santos, e filho, António Inácio dos Santos, sua mulher e filha, Carlos Eugénio dos Santos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que Deus chamou á sua divina presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, e parenta, e que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 8, pelas 10 e 30 horas, da casa de saude da Idanha-Belas, para jazigo de família, no cemitério de Carnaxide.

Trata AGÊNCIA CARDOSO
Telef. 960105
BELAS

Passou pelo Tejo um paquete inglês

Procedente da Austrália e de regresso a Londres passou hoje no Tejo o paquete inglês «Strathmore», com 968 passageiros em trânsito.

COLMEIAS

CERA MOLDADA, E TODOS OS UTENSÍLIOS PARA AGRICULTURA

J. CAMPOS PEREIRA

SELECÇÃO APÍCOLA
PAÇO DE ARCOS
TELEF. 0420100

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Transporte de pequenos volumes

São os seguintes os preços de transporte de pequenos volumes, em grande velocidade, qualquer que seja o percurso a efectuar em caminho de ferro.

Até	5	kgs	3$50
»	15	»	10$50
»	10	»	7$00
»	20	»	14$00
»	30	»	20$00
»	40	»	26$00

No Serviço Comercial e do Tráfego da C. P., Estação de Santa Apolónia, Lisboa (Telef. 864181), prestam-se todos os esclarecimentos que o Publico desejar sobre o transporte de pequenos volumes.

Os problemas da estabilização dos rendimentos da Lavoura

(Continuação da página central)

conjunto de tão importantes problemas para a economia nacional.

O discurso do secretário de Estado do Comércio

O sr. seretário de Estado do Comércio começou por acentuar as crescentes dificuldades da agricultura em manter um confronto a par da expansão industrial que, em todo o Mundo, se procura em ritmo acelerado. Referiu-se ásc ircunstancias em que decorre a actividade agrícola e em que avultam as deficiências e as incertezas do meio natural e que têm condicionado o aumento da produtividade neste sector da vida económica e limitado, muitas vezes, o aproveitamento prático das conquistas que no campo da ciência económica se vão fazendo.

Assinalou que a própria rigidez natural dos mercados agrícolas cria enorme irregularidade no seu funcionamento, com grandes oscilações nos preços geradores de uma perigosa instabilidade dos rendimentos da lavoura sempre que não surge uma acção exterior que procure repor o equilibrio. E acrescentou:

— É, por isso, hoje doutrina assente que os preços dos produtos agrícolas requerem uma protecção, justificada não só pela necessidade de assegurar a estabilidade dos rendimentos originados na agricultura, como de evitar, posteriormente, perturbações nos níveis da oferta e da procura.

3 milhões e meio de contos de subsídios à Lavoura

— Entre os objectivos que têm orientado uma política neste sentido — prosseguiu o sr. dr. João Dias Rosas —, cabe á Secretaria de Estado do Comércio participar na defesa dos preços e dos rendimentos agrícolas. A sua actuação consiste, como afinal acontece geralmente, na defesa dos rendimentos agrícolas perante a pressão a que as condições em que a produção agrícola se apresenta no mercado os sujeita. E dispõe para esse efeito, de um instrumento de acção geral — o Fundo de Abastecimento — e de mecanismos de actuação sectorial. Para se avaliar em que grau o Fundo de Abastecimento tem funcionado como instrumento desta acção a favor da agricultura, bastará referir que, no decurso dos 15 anos da sua existência, embora mais de 90% das suas receitas não proviessem do sector agrícola, para ele foram canalizados mais de 40% no total dos sübsídios concedidos. Embora de início, fundamentalmente orientada no sentido do abastecimento publico e da estabilização dos preços no consumidor, a actuação do fundo — acrescentou — tem-se encaminhado progressivamente para a defesa dos preços agrícolas, a qual, em relação ao período de existência do Fundo, determinou um dispêndio a favor da agricultura da ordem dos 3 milhões e 400 mil contos para o que esta contribuiu, no mesmo período apenas com cerca de 570 mil contos, em grande parte — 333 mil contos — pago pela exportação de cortiça.

— No ano de 1961 — disse o sr. secretário de Estado —, os subsídios concedidos á lavoura através do Fundo de Abastecimento ascenderam a 470 500 contos, importancia de que beneficiaram os seguintes produtos: trigo, com 220 mil contos; trigo para semente, com 19 mil contos; milho, com 50 mil contos; carne, ovos e gorduras, com 42 mil contos; azeite, com 20 mil contos; e batata, com 9500 contos. Não obstante, a acção crescente no Fundo no domínio da estabilização dos rendimentos agrícolas, tem de salientar-se que ela nunca deixou de representar apenas uma parte da intervenção levada a efeito com aquele objectivo, a qual tem sido completada, em larga medida, pelas disponibilidades dos fundos sectoriais que subsistiram ou foram entretanto criados.

Através desses fundos — observou o orador —, constituídos fundamentalmente pela contribuição das actividades produtoras, mas imputando-se uma importante parcela a cargo do encargo geral do consumo, consoante a maior ou menor rigidez do mercado, tem-se ocorrido, também, em boa medida, para a defesa dos rendimentos agrícolas, nos sectores onde eles existem, nomeadamente no do vinho, dos cereais panificáveis e do arroz.

São ainda de salientar, como importante elemento de apoio áquela política os financiamentos de produtos concedidos pelos organismos de coordenação económica que para o efeito têm mobilizado avultadas verbas, quer provenientes de recursos próprios, quer obtidas através do crédito.

A revisão dos preços agrícolas

Observou o sr. secretário de Estado não poder observar-se uma revisão oportuna de preços, com o objectivo de fomentar produções fundamentais e que assegure o pronto e suficiente aumento das disponibilidades.

Desenvolvendo considerações sobre este aspecto do importante problema, acrescentou o sr. dr. João Dias Rosas:

— A revisão dos preços agrícolas, sobretudo nas suas relações com os industriais, de modo a repor-se um novo equilibrio, tem por outro lado de apoiar-se firmemente numa produção elástica, pronta a responder, em liberdade de funcionamento do mercado, aos acertos que, naturalmente, neles venham a fazer-se através de um comércio que só nestas circunstancias pode e deve ser livre, e terá de ser clarificado nos seus circuitos. De outro modo, em face da pressão continuada que a procura exerce sobre determinados produtos agrícolas e pecuários, e dada a rigidez da sua oferta, a liberdade de mercado degeneraria necessáriamente em altas acentuadas. Assim, uma política de revisão de preços só é possível num clima de relativa estabilidade destes, que permita evitar estrangulamentos e consequentes movimentos inflacionistas que acabariam por ser altamente prejudiciais á própria lavoura, a par de um esforço simultaneo de melhoramento das condições das explorações agrícolas e de novo ordenamento cultural.

Definida pelo orador a acção da Secretaria de Estado, dentro dos referidos condicionalismos, para defesa da regularidade dos abastecimentos e do nível de preços, acrescentou:

— O peso desta política que tem de incluir no seu todo as próprias subvenções ao consumo, é, porém, cada vez maior, na medida em que se agravam os custos de produção e aumenta a procura dos produtos. Entre os sectores em que a intervenção da Secretaria do Comércio se tem afigurado mais necessária para a defesa dos rendimentos agrícolas, na selecção que sempre tem de fazer-se á luz das possibilidades financeiras do Fundo de Abastecimento figuram os adubos, os cereais, o azeite, a batata e as gorduras alimentares, aos quais se destinam, também no ano em curso, a maior parte das verbas previstas para a acção estabilizadora de preços á lavoura.

O problema do milho e da batata

Neste capítulo disse o sr. dr. João Dias Rosas que merecem particular atenção, neste aspecto da actuação do Fundo de Abastecimento pelo melindre de que se tem revestido, dois produtos: o milho e a batata.

Disse que a defesa dos rendimentos dos produtores de milho tem trazido pesados encargos, sobretudo com o escoamento dos excedentes anualmente canalizados para forragens, a preço compatível com esta utilização, e com os periódicamente exportados com prejuízo unitário elevado.

Acrescentou que os encargos anuais do Fundo, com o escoamento do milho comprovado á produção, para forragens, industria de amidos, fermentos e outros derivados, e com o abastecimento das ilhas adjacentes, ascendem a algumas dezenas de milhar de contos. A estes encargos acrescem os prejuizos periódicos com as exportações de excedentes, que só nas campanhas de 1956 e 1957 atingiram 120 mil contos.

Prosseguiram as considerações do membro do Governo:

— O problema da batata é outro cuja solução se tem revestido de grandes dificuldades na medida em que esteja condicionada á actuação apenas sobre a fase final do mercado. Na realidade, as importancias que têm sido despendidas com a tentativa de regularizar o mercado só parcialmente têm atenuado as perturbações que se registam em certos anos e períodos estacionais. Para além das perspectivas que se abrem á sua exportação, já auxiliada no ultimo ano com cerca de dois mil contos, a solução deste problema está intimamente ligada á possibilidade de conseguir a selecção das variedades a cultivar e ao aproveitamento industrial dos excedentes. Cabe, no entanto, referir ainda o encargo que se tornou indispensável prever com o escoamento das avultadas existências delas em poder da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, resultantes de compras anteriores para defesa dos preços.

E acrescentou:

— Para além desta acção estabilizadora de rendimentos, o Fundo de Abastecimento tem ainda como objectivo apoiar, através da política de preços, o próprio fomento económico, encaminhando uma acção sobre as explorações de alguns sectores da produção, de forma a permitir assegurar o equilibrio do seu desenvolvimento, adentro da expansão económica global. Mas para que aquele apoio possa revelar-se eficaz, torna-se indispensável — e chamo muito especialmente a atenção para este ponto — uma actuação efectiva no plano da produtividade técnica que assegure, com relativa estabilidade, o equilibrio entre os custos de produção e os preços tidos por convenientes.

O leite e a carne

O sr. dr. João Dias Rosas ocupou-se depois, de outro importante problema de interesse geral, a do abastecimento de leite, dizendo que «dentro deste condicionalismo e comos os objectivos atrás assinalados, esta Secretaria de Estado, pela parte que lhe cabe na execução do Plano de Fomento Pecuário, recentemente aprovado pelo Conselho Económico, iniciou já a regulamentação dos regimes de comércio e de preços do leite e da carne bovina».

— No que se refere ao leite — prosseguiu —, as providências adoptadas respeitam ainda sómente á produção da área abastecedora de Lisboa, á qual houve que conceder um subsídio, dado que os preços actuais não eram suficientemente remuneradores e não pareceu aceitável um aumento de preço do leite pasteurizado, tanto para não travar a expansão do seu consumo, como, principalmente, por se considerar inconveniente assentar o abastecimento de leite a Lisboa naquela zona, com sacrifício do consumidor, quando outras há com custos de produção menores, mas que não se expandem devido aos preços relativamente baixos a que é pago o leite para a industria. Torna-se por isso necessário um reajustamento dos preços do leite, sobretudo do destinado ás industrias, sem o que se poderá criar um grave desequilibrio na relação entre os preços do leite e da carne, conducente a agravar a insuficiência que a produção daquele produto vem começando a revelar para a satisfação das necessidades do consumo. A solução deste problema, que é muito urgente, não pode, porém desligar-se do estudo das questões que foram afectas á Comissão Reorganizadora da Industria de Lacticínios,

O sr. secretário de Estado referiu-se, a seguir, ao facto de também se ter iniciado a revisão do regime de comércio e de preços do gado bovino e das carnes, manifestando a esperança nos resultados que das medidas previstas irão colher os criadores e o País, através de um efectivo fomento desta produção pecuária.

Resultados da acção do Fundo de Abastecimento

— Conta-se ainda — disse — entre as finalidades do Fundo de Abastecimento, o auxílio á instalação de uma rede de armazenagem nomeadamente no sector do azeite, do vinho e das frutas, prevendo-se uma apreciável verba para aquele efeito. Não posso deixar de salientar que a limitação das receitas do Fundo de Abastecimento, restringidas fundamentalmente a um ou dois sectores, e a multiplicidade dos encargos que têm sido chamado a satisfazer, condicionam presentemente a possibilidade de executar uma política mais profunda de estabilização dos rendimentos agrícolas e de exercer uma acção suficientemente eficaz na defesa do nível de preços no consumidor.

Objectivos definidos

Disse, por ultimo o sr. dr. João Dias Rosas:

— Cabe fazer uma prevenção a respeito do funcionamento dos fundos sectoriais para estabilização dos rendimentos da lavoura: corre-se na realidade, o risco de que deformações no seu funcionamento os transformem em instrumentos de estiolação do espírito de progresso e de melhoramento da produtividade agrícola, fazendo recair sobre o consumo geral os efeitos da manutenção de custos altos de producão que vão pesar, assim, sobre o nível de vida e sobre o ritmo do desenvolvimento económico. Em consequência, pode, a maior ou menor prazo, favorecer-se uma expansão de produções sectoriais sem aferição dos seus custos e da capacidade de absorção pelos mercados, em que são determinantes os mercados externos onde a concorrência é cada vez mais forte e os preços mais arrastados. Ora, os rendimentos da grande massa dos nossos consumidores não atingem os níveis dos países industrializados para poderem suportar o peso destes efeitos sem consequências para o próprio ritmo da expansão económica.

E a finalizar:

— Admite-se, todavia, que o funcionamento dos mecanismos dos fundos sectoriais possa ser orientado económicamente dentro de uma cuidada enálise da evolução dos melhoramentos conseguidos no campo da produtividade das explorações, evitando-se aqueles efeitos e conseguindo-se que esses mecanismos constituam instrumentos eficazes de estabilização de rendimentos a favor da agricultura.

ALGARVE

S. I. A. — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO

MAGNÍFICO INVESTIMENTO DE CAPITAL

ALBUFEIRA

VENDEM-SE: Moradias modernas. — Janelas para o mar, com uma, duas ou quatro residências.
PREÇOS: de 180 a 700 contos por residência.
PAGAMENTO: 10% de sinal e o restante em 30 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETARIOS E CONSTRUTORES:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
ALBUFEIRA — EMPRESA COMERCIAL A. J. CABRITA

PRAIA DA ROCHA

S. I. A. E COPROL (ASSOCIADAS)

VENDA DE APARTAMENTOS

GRANDE PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO — 40 apartamentos modernos, com ascensores, varandas para o mar, acabamentos esmerados.
PREÇOS: 300 a 500 contos por apartamento.
PAGAMENTO: 20% de sinal e o restante em 40 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETARIOS:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
PRAIA DA ROCHA — COPROL — CONSTRUÇÕES PRAIA DA ROCHA, LDA.

COVINA

COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, LIMITADA

PRODUZ:

* CHAPA DE VIDRO
Comum de 1 a 8 mm; Polida; Fosca, simples e artística; Impressa; Armada, Givrada; Temperada; Inestilhaçável; Isoladora

* FIBRAS DE VIDRO — LÃ E SEDA
A granel, em mantas, coquilhas, placas, filtros, etc.

* MOSAICOS DE VIDRO — TIPO BIZANTINO
No formato de 2x2 cms., em 30 cores diferentes

* LÂMPADAS FLUORESCENTES
De tipo standard e arranque-rápido de 15 a 40 w, nas cores: branca, vermelha, verde, amarela, azul e rósea

* AMPOLAS DE VIDRO NEUTRO, BRANCO E AMARELO

FÁBRICAS
SANTA IRIA DE AZÓIA
MARINHA GRANDE
PÓVOA DE SANTA IRIA

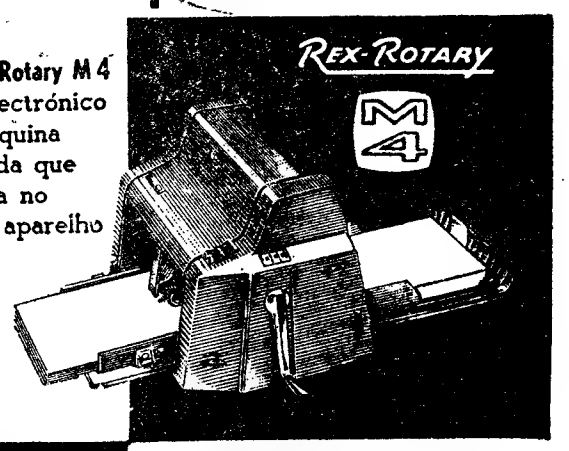
ESCRITÓRIOS
SANTA IRIA DE AZÓIA
(PORTUGAL)

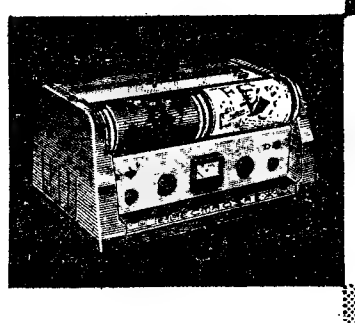
End. Tel.: «Covina» — Tel.: 059024

Uma Nova Técnica

de impressão para escritórios

O duplicador **Rex-Rotary M 4** usando stencil electrónico representa a máquina mais aperfeiçoada que hoje se encontra no mercado. É um aparelho indispensável em qualquer escritório moderno de movimento





O stencil electrónico gravado no aparelho Electro-Rex revolucionou a técnica do duplicador.

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO NO SEU PRÓPRIO ESCRITÓRIO

ELECTRO-REX

TEMOS AO VOSSO DISPÔR ESTAÇÕES DE SERVIÇO PARA STENCIL ELECTRÓNICO EM LISBOA E PORTO QUE RÁPIDAMENTE EXECUTARÃO O STENCIL DESEJADO

Distribuidores:

Sociedade de Representações M. Simões Jr. Lda.

Rua da Prata 68, Telef. 31545-LISBOA
Rua de Santo António, 208-Telef. 25582-PORTO

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL ATRAVÉS DAS SEDES E DEPENDÊNCIAS URBANAS

SEDE SOCIAL: — PORTO

SEDE CENTRAL: — LISBOA

43 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

=×=

Banco Comercial de Angola

SEDE SOCIAL: — LUANDA

SEDE ADMINISTRATIVA: — LISBOA

AGÊNCIAS: BENGUELA-LOBITO-NOVA LISBOA

Em BELMONTE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na «FLOR DO ZÊZERE».

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

VISITE
COVILHÃ
E A
SERRA DA ESTRELA
em qualquer época do ano, quer neve, quer faça sol, utilizando o bilhete turístico «FÉRIAS SOLNEVE».
Informe-se e compre o seu bilhete em Lisboa, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.
— PEÇA FOLHETO DESCRITIVO —

VIDROS

Telef. 324485-33084

A UNIÃO

Rua Luz Soriano, 23-A — Lisboa 2

ESPELHOS

dagol
CALHAS E SUPORTES
Ideais para PRATELEIRAS, RESIDÊNCIAS, BIBLIOTECAS, ESTABELECIMENTOS, ETC.
Rua Joaquim Bonifácio, 2-C.
Telefone 48897/8 — LISBOA

O CASO DO BARÃO AMEDRONTADO

por AUGUST DERLETH

FOLHETIM SEMANAL DO Diario de Lisbôa

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Solar Pons e um amigo são chamados por um velho barão inglês, que vivera na India. Resolvem acudir ao apelo do velho e dirigem-se a sua casa, nos arredores de Londres. Pons é posto ao corrente dos factos. Tudo gira á volta da maldição que pesa sobre uma jóia sagrada, o «Olho de Siva». Pons e o amigo iniciaram as investigações, procurando penetrar nos segredos das pessoas de família do barão. Pons avança nas suas investigações e tem um encontro com o noivo da filha do rico barão.

O detective descobre o autor dos «mistérios», mas não sabe ainda como é que aquele operou. Troca de quarto com o barão e aguarda a chegada do criminoso.

CAPÍTULO VI

A meia-noite soou e o ponteiro dos minutos continuou a avançar lentamente. Toda a casa estava mergulhada em silêncio e o unico ruído que invadia o quarto era o piar lugubre de um casal de mochos. Ainda não decorrera uma hora quando senti Pons mexer-se e, imediatamente, fiquei álerta, ansioso de não perder nada do que se iria passar. Teria ouvido um ruído? Andaria alguém no corredor? Por pouco não estraguei tudo, erguendo a voz, para perguntar a Pons se também ouvira. Mas contive-me, a tempo.

Bateram de mansinho á porta do quarto. Olhei para Pons, que abanou lentamente a cabeça. Numa voz enrouquecida e trémula, o meu amigo perguntou:

— Quem é?

Depois levantou-se e arrastou os passos para a porta, sem contudo se esquecer de ocultar nas dobras do roupão a pesada bengala que escolhera para arma.

Do sítio onde me encontrava podia ver perfeitamente o limiar, e para lá virei a cabeça quando Pons abriu a porta. Não sei o que já previa o meu amigo, mas a realidade ultrapassava as minhas mais macabras previsões; é difícil adivinhar o que teria acontecido a «sir» Alexander se, de repente, deparasse com o espectáculo que surgiu aos nossos olhos. Enchendo todo o rectangulo da entrada, deparou-se-nos uma gigantesca e brilhante imagem de Siva, lembrando uma visão apocalíptica. Por momentos, pareceu imóvel mas, depois, deu a impressão de crescer sobre Pons, que recuara dois passos. Um movimento ameaçador da visão fez com que Pons recuasse um pouco mais, mas desta vez o recuo foi apenas para puxar do bengalão e desferi-lo com toda a força.

Antes que o fantasma pudesse esquivar-se, a bengala caiu-lhe impiedosamente sobre a cabeça. A criatura mergulhou sobre Pons mas, desta vez, correspondendo ao apelo de Pons, eu saltei do esconderijo, e de novo o bengalão golpeou o cranio do outro. Desta vez, a figura fantasmagórica estatelou-se grotescamente no chão e ficou imóvel.

—Luz, Parker — disse Pons a ofegar.

Acendi a luz e só então, vi que, baixo da mascarada, saiam duas pernas bem humanas. Quando a luz se acendeu, desapareceu a misteriosa fosforescência e o papel de lustro da fantasia tornou-se quase baço. Compreendi, então, o segredo daquele brilho misterioso.

— Fósforo! — exclamei, olhando para Pons que calmamente despia agora o roupão de «sir» Alexander. A manta caíra-lhe dos ombros quando vibrara a primeira bengalada.

— Mas evidentemente — replicou Pons, com

certa impaciência. — Tu viste com os teus próprios olhos, ontem á noite no corredor, conquanto eu não saiba como o interpretavas. Bem, vamos embora antes que os outros cá cheguem.

Havia já um certo movimento nos quartos que davam para o corredor.

— Não queres ver quem?... — perguntei a Pons que já se afastava.

— Para quê? É óbvio, meu velho, que se trata do jovem Saring. Vamos. Temos que averiguar ainda um aspecto do assunto.

Saímos rápidamente do quarto, percorremos o corredor e entrámos no quarto de Saring, cuja porta estava entreaberta. Uma vez aí, Pons estacou num momento de silenciosa concentração. Depois, dirigiu-se ao guarda-roupa e começou a revistar a bagagem de Saring, onde depressa encontrou o que procurava — a pequena e fosforescente imagem de Siva, o minusculo motor eléctrico e o fio que servia para puxar a miniatura espectral ao longo do corredor até ao quarto, dando a ilusão de desaparecer subitamente.

Quando saímos do quarto, «sir» Alexander já ia pelo corredor. Á porta do quarto do pai, «miss» Winifred olhava apavorada lá para dentro.

— Apanhámos o patifório, «sir» Alexander, — disse Pons gravemente e, tomando o braço do barão, puxou-o para dentro do quarto e fechou a porta, não sem me recomendar primeiro que cuidasse da pobre «miss» Winifred, que reconhecera as roupas e pernas que emergiam da complicada fantasia, que Geoffrey Saring envergara para executar o seu plano diabólico.

O que se passou por trás da porta fechada de «sir» Alexander não sei; mas, pouco depois de Pons ter saído do quarto, Kennerly apareceu para nos conduzir a casa. Pons não proferiu palavra senão quando já iamos a caminho de Londres.

— Estás muito calado, Parker. Surpreende-te que fosse Saring?

Confessei que ainda mal cabia em mim de espanto.

— Claro, tinhas feito pontaria sobre Ransom. Ransom também tinha certas culpas no cartório, mas não interferiu directamente no plano de Sa-

ring. Foi na verdade o caracter do nosso cliente a chave da solução do problema, e as suas testemunhas mais insuspeitas foram a própria filha e Kennerly. Kennerly reconheceu qde «sir» Alexander era «difícil», mas deu também a entender que o velho tinha as suas razões. Estas razões saltavam á vista. E naturalmente a má vontade que nutria contra Geoffrey Saring não era infundamentada, por muito ténues que fossem as suas razões.

— Além disso, todo o assunto se baseava numa decisão fundamental; ou «sir» Alexander via de facto as coisas que descrevia, ou não via. Toda a gente parecia disposta a acreditar que ele não as via, muito especialmente depois de Ransom e Saring afirmarem, com certa relutancia, nada ter visto. Não tive outro remédio senão partir do princípio de que «sir» Alexander via precisamente aquilo que descrevia e, uma vez formada no meu espírito esta convicção, só tinha que procurar pelas provas. Estas não faltavam. Por exemplo, o misterioso cartão de visita fora surripiado e substituído por outro sem nada escrito. Outro exemplo. Verifiquei, não obstante terem havido tentativas para as fazer desaparecer, provas da existência de fósforo ao longo do rodapé do corredor. E fósforo fora um elemento sugerido no decurso da narrativa de «sir» Alexander. Finalmente, o fósforo ia até á porta do quarto de Saring e aí acabava. Conquanto daí não se pudesse tirar uma conclusão formal, era uma prova inegável quando relacionada com mais dois factores

— O primeiro era que tanto Ransom como Saring mentiam ao negarem nada terem visto. Ambos tinham visto perfeitamente a imagem; mas cada um deles tinha as suas razões para negar o facto. Um, por ser o seu autor, o outro, por não ver motivo para prejudicar um plano que também o iria beneficiar. O segundo destes factores era o móbil, e este parecia constituir uma tentativa para que «sir» Alexander fosse dado por desequilibrado mental, ou sómente, em segundo aspecto, ocasionar-lhe a morte. Ora Ransom não tiraria qualquer benefício se o irmão fosse interditado; ele só beneficiaria com a sua

morte. Foi ele quem jogou verdadeiramente no plano de Saring. Este é que, na verdade, beneficiaria em qualquer das duas hipóteses — tratava-se de um actor desocupado, de um homem sem ocupação, um caça-dotes, em suma, cujo casamento era contrariado a seu ver, sem que existisse razão aceitável para tal oposição. Mas uma vez que dessem o velho como desequilibrado, a sua oposição ao casamento da filha deixaria de ser considerada. Um plano diabólico, Parker, mas que podia ter dado resultado. E o processo empregado era simples, mas bem concebido.

Por exemplo, tu não desconfiaste de Saring, primeiro porque simpatizaste com ele, e segundo porque nos contou como subira a correr as escadas ao ouvir o brado do nosso cliente para ver a imagem espectral a deslizar no corredor. Não te ocorreu um só momento que podia ter sido o próprio Saring quem pusera o engenho a funcionar, batera á porta do quarto de «sir» Alexander e descera rápidamente as escadas antes que o barão abrisse a porta. O plano era tão simples que o terias rejeitado, mesmo se eu to tivesse sugerido. E deixaste-te enganar pela pequena comédia representada ao portão onde, em vez de procurar a pista do cão desaparecido, ele examinava o terreno não fosse ter deixado ali algum indício que eu viesse a notar.

— E, no entanto, Saring foi um dos que apoiou a ideia de «sir» Alexander te mandar chamar.

— Excesso de autoconfiança nas suas possibilidades, Parker. — Riu-se e continuou. — Enfim, foi um feriado. Um caso deveras interessante e que poderia ter sido fatal. Felizmente que, devido á decisão de «sir» Alexander, não o foi. Que pena o jovem Saring não ter reservado inteiramente os seus talentos especiais para o palco!

F I M

HIPOTECAS
AUTOMÓVEIS — PRÉDIOS
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14, 2.º
Telefs. 56580/52248

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFE' UNIDOS.

AGÊNCIA SALGADO
Título registado
Sede: R. Santa Marta, 43-B - T.: 48258 e 48724

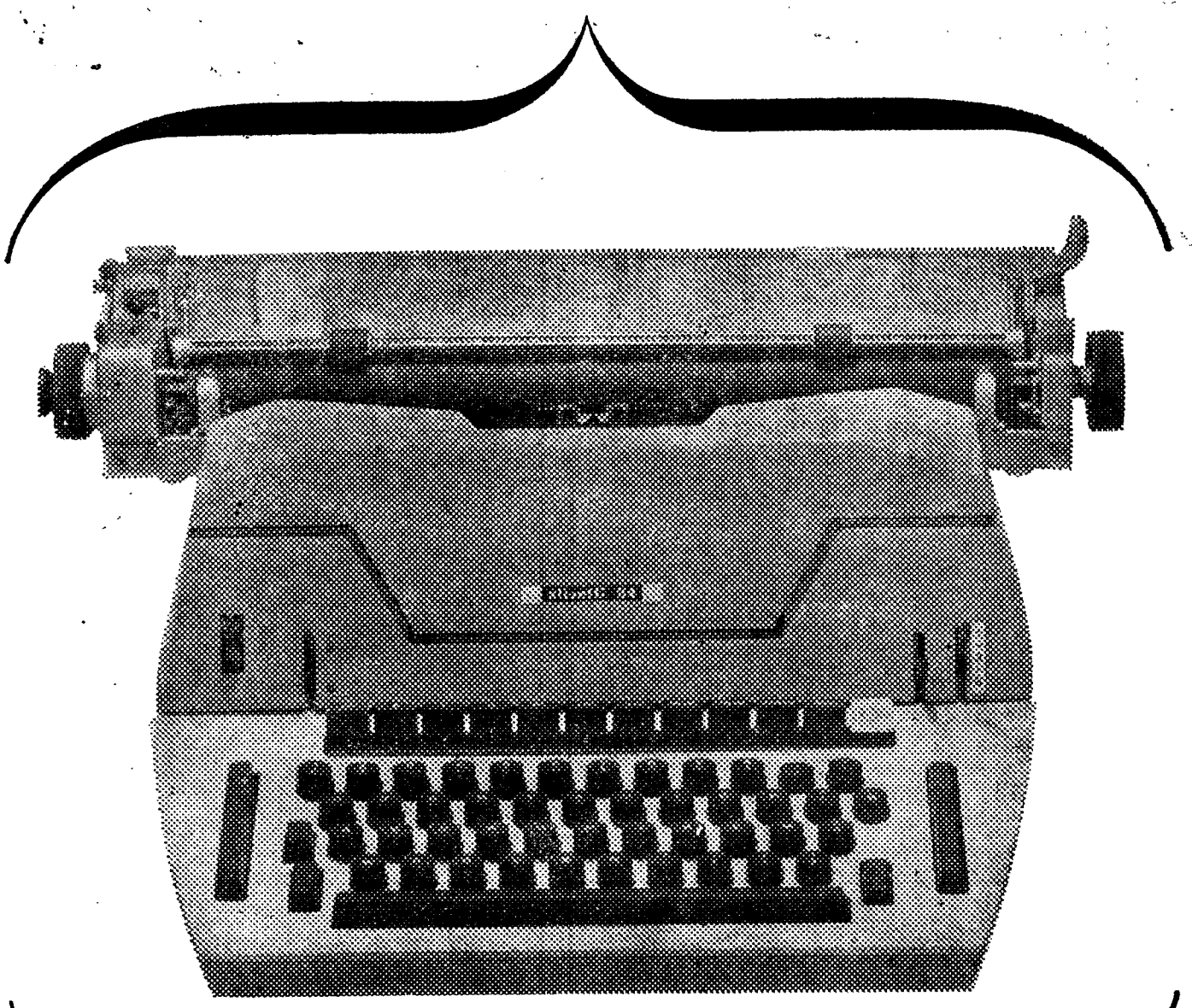
Funerais, Trasladações e Embalsamamentos
1.º Filial — Telef. 771349 — R. Beneficência, 3
2.º Filial — Telef. } P. P. C. 070132 - Cova da Piedade - Almada
3.º Filial — Telef. }
4.º Filial — Telef. 700733 — Estrada de Benfica, 669 - 673
A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO COMERCIAL NO GÉNERO

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

156



olivetti 84

A nova Olivetti leva as vantagens da escrita eléctrica onde é mais contìnuamente precisa e onde o tempo é mais precioso. A Olivetti 84 eleva e torna constante a qualidade de cada carta, reduz o seu custo unitário e tende sempre a diminuí-lo. O seu teclado é um painel de comandos. É uma máquina sólida, calibrada, destinada a longa duração. Ocupa o seu lugar na série de instrumentos que a Olivetti constroi para cada exigência da escrita mecânica: a* Lettera 22 *para a correspondência pessoal, a* Studio 44 *para o trabalho particular, a* Diaspron 82 *para os trabalhos dactilografados do escritório.

OLIVETTI PORTUGUESA S.A.R.L.
LISBOA - Largo S. Sebastião da Pedreira, 29 a 32

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Fernando Vasco Pereira da Silva de Sousa Chichorro

Na sua residência, Rua Correia Teles, 64, r/c., dt.°, faleceu o sr. Fernando Vasco Pereira da Silva de Sousa Chichorro, de 73 anos, natural de Almada. O extinto era casado com a sr.ª D. Francisca Bandeira do Carmo Chichorro, pai do sr. dr. Vasco Artur Navarro de Andrade de Sousa Chichorro, sogro da sr.ª D Guilhermina Pereira de Vasconcelos Cruz de Sousa Chichorro e avô da menina Ana Maria Cruz de Sousa Chichorro.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

D. Maria Rio Carvalho

Da basílica dos Mártires para jazigo no cemitério de Belas, efectuou-se esta tarde o funeral da escritora e poetisa Maria Rio Carvalho, de seu nome completo D. Maria Guilhermina de Sequeira do Rio Carvalho, que colaborou durante muitos anos em diversos jornais diários com o pseudónimo de «Miriam».

Não só nos seus livros — dos quais citaremos «Dor que redime», «Impressões», «Breviário de Beleza», «Mulheres e Almas» e «Heroi de palmo e meio» — ficaram assinaladas a sua formação e sinceridade cristãs, pois Maria Rio Carvalho teve acção directa e relevante na assistência ás crianças.

Contava 81 anos, era natural de Lisboa e viuva do capitão-de-mar-e-guerra Pedro Fragoso Rio Carvalho, mãe da sr.ª D. Margarida Sequeira Rio Carvalho e avó do sr. dr. Manuel Pedro Oliveira do Rio Carvalho.

O funeral constituiu uma sincera manifestação de pesar.

FUNERAIS

José António Pedro Belo

Faleceu o sr. José António Pedro Belo, de 68 anos, funcionário dos C T. T., aposentado, viuvo, natural de Castelo de Vide.

O extinto era pai das sr.ªs D. Matilde Peralta Belo Leandro, Alexandrina Peralta Belo Valdez e Ema da Encarnação Peralta Belo Nunes e dos srs. Acácio Pedro Belo e Virgílio Pedro Belo.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de Santo António de Campolide, para o cemitério do Alto de S. João.

José dos Ramos

Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral do sr. José dos Ramos, primeiro-sargento reformado da G. N. R. Era natural de Mourão, Vila Flor, e contava 82 anos de idade.

O venerando ancião que era muito estimado de todos quantos o conheciam pela sua nobreza de carácter era casado com a sr.ª D. Isabel Constancia Ramos, pai do funcionário bancário sr. Mário Ramos.

O funeral realizou-se da igreja de Arroios para o cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Elpídio Alves Ribeiro

Na basílica dos Mártires celebra-se amanhã, ás 12 e 45, missa do 30.° dia, por alma do jornalista Elpídio Alves Ribeiro.

FERNANDO VASCO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA CHICHORRO

FALECEU

Francisco Bandeira do Carmo Chichorro, Vasco Artur Navarro de Andrade de Sousa Chichorro e sua mulher Guilhermina Pereira de Vasconcelos Cruz de Sousa Chichorro, e filha Ana Maria Cruz de Sousa Chichorro, Maria José Chichorro Peters, Maria Peters de Almeida de Sousa Chichorro, Francisco Alberto Peters de Almeida de Sousa Chichorro, Maria Fernanda Peters de Almeida de Sousa Chichorro e mais família, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 10 horas, da Igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

SANTARÉM

D. Ana da Conceição Mendonça de Almeida Schiappa Pietra

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA IGREJA

FALECEU

Maria Julia Garção Schiappa Pietra, Maria Margarida Garção Schiappa Pietra Ferreira Cabral, seu marido, António Ferreira Cabral Pais do Amaral, António Pedro Garção Shiappa Pietra, sua mulher Maria Helena de Sousa Máximo Schiappa Pietra e mais família, participam o falecimento de sua sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 8 pelas 11 horas da Igreja de Alcáçova, para o cemitério dos Capuchos, nesta cidade.

AG.ª CAMPIÃO & CRUZ

SANTARÉM

D. Ana da Conceição Mendonça de Almeida Schiappa Pietra

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA IGREJA

FALECEU

As Antigas Alunas do colégio de St.ª Margarida participam que foi Deus servido chamar á sua divina presença a alma da grande amiga e conselheira que foi a saudosa fundadora do colégio.

O seu funeral realiza-se amanhã, dia 8, pelas 11 horas, da igreja de Alcáçova, para o cemitério dos Capuchos nesta cidade pelo que pedem a comparência de todas as colegas.

AG.ª CAMPIÃO & CRUZ

No Instituto Industrial

terminaram os trabalhos da 1.ª Semana de Química

Com uma sessão de cinema, durante a qual foram projectados filmes didácticos, terminou hoje, no Instituto Industrial de Lisboa, a 1.ª Semana de Química, organizada pela Pró-Associação dos Alunos do Instituto Industrial de Lisboa.

Abrigue-se do Sol... pelo preço da chuva!
ADQUIRA UM

O estore mais económico do Mundo, que você próprio pode colocar em 10 minutos

BALASTORE CUSTA POUCO E DURA MUITO!

LISBOA — Telef. 45676 - 732444
PORTO — Telef. 40303

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO COMPLEMENTAR

PARA 1962

Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 40 788, de 28 de Setembro de 1956.

— *Obrigações das sociedades e demais entidades colectivas.*

Até 15 de Abril corrente:

Declaração modelo 4
(em duplicado)

A apresentar pelas sociedades anónimas e comanditas por acções na secção de finanças da sede da sociedade, sem necessidade de renovação quando não houver alteração nos seus elementos, da qual constem a sua sede e a importancia das matérias colectáveis que lhes forem atribuidas.

— Artigo 15.º

Nota modelo 6
(em duplicado)

Dividendos atribuídos ás acções nominativas ou ao portador registadas:

A apresentar pelos administradores, directores ou gerentes das sociedades em comandita por acções e sociedades anónimas, nas Direcções de Finanças do distrito da sua sede, notas individuais, extraídas do livro de registo de acções nominativas e do livro de registo de acções ao portador; contendo:

— Nome e residência dos possuidores de acções nominativas e de acções ao portador registadas;
— Data em que se efectuou o registo das acções ao portador;
— Valor nominal das acções;
— Importancia do dividendo não sujeito á dedução do imposto complementar de que trata o artigo 56.º que lhes tenha sido atribuído no exercício do ano anterior, líquido do imposto sobre a aplicação de capitais correspondente.
— Obs:

Comunicação, quando não hajam sido distribuidos dividendos.

Participação modelo 13
(em duplicado)

A apresentar na secção de finanças onde vem sendo colectado em imposto complementar, dentro do prazo fixado para a renovação da respectiva declaração de rendimentos; na hipótese de o contribuinte ter falecido e não for possível determinar a porção de rendimento que aos seus representantes pertencer.

Exceptuam-se da obrigação os casos de cessação de que tenha sido renovada a declaração, isto é, quando por virtude de diminuição dos rendimentos, estes subsistam por importancia *não excedente* ao mínimo estabelecido (de 60 000$00 para os contribuintes individuais).

Swedish
American Line
O luxuoso paquete sueco
«Gripsholm»
Sairá dos seguintes portos:

Nápoles	14 de Abril
Villefranche	16 de Abril
Barcelona	17 de Abril
Lisboa	21 de Abril

para NEW YORK

Os Agentes
D. A. KNUDSEN
& C.ª LDA.
Cais do Sodré, 8 - 2.º
Telef. 31518
LISBOA

Confecções
PARA HOMENZINHOS
CASA EDUARDO FERREIRA
SECÇÃO JUVENIL
RUA DA ASSUNÇÃO, 42, 1.

BOLETIM DO DIA

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1932 publicava uma larga panoramica do seu ultimo ano de actividades, a propósito da comemoração de mais um aniversário. Dessa panoramica transcrevemos alguns parágrafos:

— *A política do País está estreitamente ligada á vida de um jornal que tem o carácter de informação, e cuja direcção é orientada por ideias e não por ambições. A Republica, sob cuja égide trabalhamos, sendo o «Diário de Lisboa» contudo, um jornal no qual todas as ideologias podem encontrar campo para a defender — e assim compreendemos a liberdade — passou dia a dia nas nossas colunas, no limite do possivel dentro das circunstancias.*

Os factos, na sua significação e no seu exterior foram, assim, por nós relatados: a revolta do Funchal, para a qual deslocámos um nosso redactor categorizado; o movimento insurreccional de 26 de Agosto, em Lisboa; a agitação do 1.º de Maio. Demos o máximo de importancia, e até de relevo, á acção e manifestos da conjunção republicana-socialista, ás declarações governamentais do Ministério do Interior, ao Coliseu e do Teatro de S. Carlos, ao pensamento político dos republicanos que não acompanham a Situação, aos projectos dos ministros por todas as pastas, ás afirmações da União Nacional e aos planos do Estado Novo. Acompanhámos as mais importantes viagens presidenciais e governamentais, reproduzimos as declarações políticas ouvidas, e lográmos obter algumas entrevistas, nos vários departamentos da vida política nacional, tendentes, já a esclarecer, já a informar o publico.

A acção financeira do Governo foi por nós seguida, mormente na queda do estalão-ouro em Inglaterra com repercussão em Portugal.

O incidente da Camara Municipal teve no «Diário de Lisboa» o eco necessário, colocando-nos num campo meramente jornalístico, tão exacto como imparcial.

*

A vida cultural, nas letras e nas artes, dentro das tradições deste jornal, mereceram-nos páginas e artigos especiais: crítica literária, musical, cinematográfica, artística e teatral, subscritas sempre por redactores nossos. A actividade do espírito nos Institutos, Escolas, Academias e Universidades; as conferências políticas, sociais e de Altos Estudos Democráticos estão documentadas no «Diário de Lisboa».

O director deste jornal realizou conferências de cultura e deslocou-se a Madrid, para onde foi convidado pelo Círculo de Belas-Artes.

Focaram-se neste jornal, no ultimo ano de actividade, todos os problemas do espírito, desde o religioso ao profano.

Artigos de colaboração e, entrevistas, de resto, completaram muitas vezes o nosso pensamento ou puseram o leitor a par do pensamento alheio.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m — 655 kc./s. — Ás 18 horas: Noticiário; 18 e 10: Rádio Rural; 18 e 30: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Cançonetas portuguesas; 19 e 15: Fala Espanha; 19 e 45: A pianista Beatriz de Sousa Santos; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Orquestras ligeiras; 20 e 30: O povo canta e dança; 21: Um comentário intitulado «O Dia Mundial de Saude» — Crónica de Angola. 21 e 40: Os pianistas Felo e Bruno; 21 e 50: Carta de Madrid; 22: 1.ª parte de um serão para trabalhadores; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: 2.ª parte de um serão para trabalhadores; 23 e 50: Noticiário; 23 e 58: Musica de dança; 1 hora: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — A's 19: Temas ultramarinos; 19 e 30: Arias de concerto, de Mozart; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica portuguesa: obras de Frederico de Freitas: «Pavana e Galharda»; «Concerto em sol menor», para flauta e orquestra; 21: Noticiário; 21 e 15: Recital pela pianista Maria Melina Rebelo; 21 e 40: «Bourrée», de João Sebastião Bach; 21 e 45: Os grandes momentos da história do Mundo; 22 e 15: Obras-primas da musica francesa, gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa: três poemas, de Martinet: «Le Collier», de Messiaen; «Rapsódia Espanhola», de Ravel; 23: A voz do ocidente fala-vos de Lisboa; 1 hora: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Orquestras; 17 e 45: Noticiário; 19 e 15: Cançonetas; 19 e 45: Noticiário e jornal da A. P. A. (continuação); 20 e 15: Repórter Mabor; 20 e 20: Artista; 21 e 15: Imagens por musica; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Banda da Marinha; 22 e 15: Motivos portugueses; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Revista da actualidade peninsular; 23: Asi em España; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário: 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 45: Noticiário; 19: Motivos portugueses; 19 e 30: Um artista do teclado; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Opereta; 22 e 15: Artistas portugueses; 23: Baile dos sábados; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa «Fátima, Sinal de Esperança», do rev. Messias Dias Coelho; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Presença do Brasil; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Clube Radiofónico de Portugal; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Ás 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal (edição da tarde); 19 e 45, Programa Juvenil; 20 e 15, Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, em Santiago do Chile; 20 e 30, Teledesporto — revista semanal dos acontecimentos desportivos da semana; 21, «Dia Mundial de Saude»; 21 e 30, Telejornal (edição da noite); 22 e 5, Loretta Young *Show*; 22 e 25, Quinteto Universitário de Santiago (transmissão dos estudios do Porto); 22 e 45, Bonanza — aventuras do Oeste americano; 23 e 35, Fados por Maria Teresa de Noronha acompanhada por Raul Nery e o Conjunto de guitarras; 23 e 45, «Lux in Tenebris»; 23 e 55, Telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

COLISEU — Sarau da Tuna Académica de Coimbra.
SÃO JORGE — «O fio da meada».
ODEON — «A noiva».
IMPÉRIO — «Todo o oiro do Mundo».
CONDES — «O conde de Monte Cristo».
IMPÉRIO — «Todo o oiro do Mundo».
AVIS — «Os três tesouros».
ROYAL — «A cidade contra mim».
OLIMPIA — «Quadrilha suicida».
RESTELO — «O diabo ás 4 horas».
JARDIM CINEMA — «Um americano em Paris».
PROMOTORA — «O triunfo de Miguel Strogoff».
CAMPOLIDE — «A miuda».
SALÃO LISBOA — «O escudo negro»
ARCO-IRIS — «A estrada da montanha».
CINE-MOSCAVIDE — «Os ambiciosos não sabem perder».
S. L. BENFICA — «O facho e a flecha».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O pai».
VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 23 — «Aqui há fantasmas».
ABC — A's 20 e 45 e ás 23 — «Saude e Totobola».
NACIONAL — A's 21 e 45 — «Blusões negros».
MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 23 — Ballet Jazz Rodney.

CINEMAS

MONUMENTAL — «Para ladrão... ladrão e meio!».
S. LUIZ — «Amores célebres».
TIVOLI — «Os canhões de Navarone».
EDEN — «Ele, ela e o marido».
ALVALADE — «Amores célebres»
POLITEAMA — «Os canhões de Navarone».
ROMA — «Ele, ela e o marido».
CAPITOLIO — «Ao ritmo do Twist».
CHIADO TERRASSE — «As duas mulheres».
LYS — «O sabor do medo».
IDEAL — «O homem que luta só».
VOZ DO OPERARIO — «Escandalo da corte».
CINE-TEATRO ODIVELENSE — «Vindima trágica».

MARES

PRÉIA-MAR

Dia 7 — Ás 5 e 01 (4m,33); 17 e 25 (4m,21).
Dia 8 — Ás 5 e 50 (4m,11); 18 e 14 (4m,01).
Dia 9 — Ás 6 e 30 (3m,82); 18 e 51 (3m,76).

BAIXA-MAR

Dia 7 — Ás 10 e 46 (0m,65); 23 e 08 (0m,72).
Dia 8 — Ás 11 e 32 (0m,89); 23 e 57 (0m,97).
Dia 9 — Ás 12 e 01 (1m,17).

FARMACIAS

TURNO A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão Ajuda, Est. Cruz 20 (633248).
ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Aven. Igreja, 9 (711780) ✲ **Celta**, R. Moura Girão, 3 (710621).
AMOREIRAS — Britanica, T. Légua da Póvoa, 5 (689250).
AREEIRO — Roma, Av. Roma, 85 (772466) ✲ **Garantia**, Av. P.e Manuel Nóbrega, 5 (727300) ✲ **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30 (726860).
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. Republica, 74 (771379) ✲ **Vale**, Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva**, Av. Duque d'Avila, 125 (45225) ✲ **S Sebastião**, L. S. Sebastião, 1 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389215).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (324816) ✲ **Oliveira**, R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, T. Memória, 55 (630944).
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria**, Est. Benfica, 180 (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (27284).
CAMPO OURIQUE — Lobel, R. Infantaria, 16, n.º 98 (688807) ✲ **União**, R. de Infantaria 16, n.º 98-B (688807).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 75 (Bairro Liberdade) (683694) ✲ **Pinto**, R. Campolide, 11 (682610).
CHARNECA — Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (53468).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, Lote 4, Loja B (666971) ✲ **Paiva Costa**, R. Lapa, 105 (664414).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54 (8862835) ✲ **Central**, R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Ai. Linhas Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — Lys, R. Esperança, 17 (660913).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras, 202 (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 15 (728395).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha**, Est. Chelas, 173 (382241) ✲ **Frazão**, R. Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, Rua S. José, 187 (26476).
SANTO AMARO — Biotifar, R. D. João Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo**, R. Luís Camões, 48 (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199 (660513).

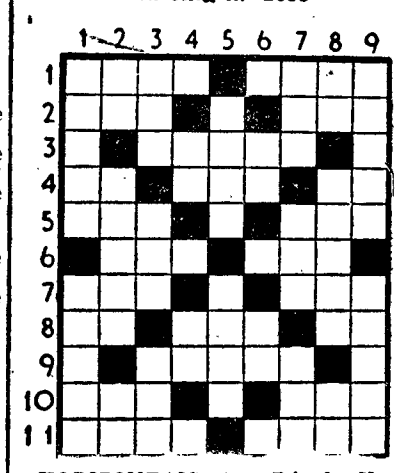
PARA FOLARES ACONSELHAMOS

OS MELHORES PADRÕES

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2633



HORIZONTAIS: 1 — Régulo. Um dos estados do Brasil. 2 — Ferro temperado. Cidade da França. 3 — Afie. Artigo definido. 4 — Pertences. Medida de superfície. Pronome pessoal. 5 — Conjunção. Jogo de cartas parecido com o da paciência. 6 — Felicidade. Recusa. 7 — Sapo do Amazonas. Por baixo de. 8 — Base. Pronome possessivo. Duas vogais iguais. 9 — Tempo do verbo ser. Apelido do célebre pintor que foi assassinado por sua mulher. 10 — Hora do ofício divino. Pedra de amolar. Antes de Csisto. 11 — Repassa ao fogo. Divisão de uma casa.

VERTICAIS: 1 — Curem. Castiga. 2 — Língua antigamente falada ao sul do Loire. Tereçado. 3 — Artigo definido. 3 — Util. Pronome possessivo. Fluido aeriforme. 4 — Deus dos rebanhos. Senhor. 5 — Preposição. Aquele que. 6 — Acusada. Aniversário. 7 — Procede. Cabelos brancos. Artigo definido. 8 — Batráquio. Ribombou. O mais. 9 — Base. Procdra.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

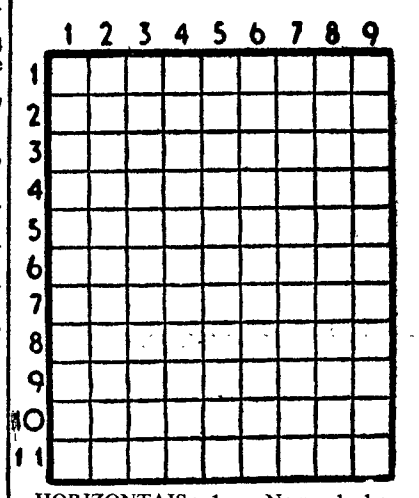
Solução do problema n.º 2632

HORIZONTAIS: 1 — BEBE. Asas. 2 — Aço. O. Ira. 3 — Odorosa. 4 — Opero. 5 — Em. IIV. Tu. 6 — Baia. Alar. 7 — As. Rol. Si. 8 — VINHO. 9 — Doadora. 10 — NÃO. Ais. 11 — Essa. Orna.

VERTICAIS: 1 — Ba. BEBAS. Ne. 2 — Eco. Mas. Dás. 3 — Bodo. Voos. 4 — Opiaria. 5 — Orei. Onde. 6 — Orvalho. O. 7 — SISO. Orar. 8 — Ara. Tas. Ain. 9 — Sá. Turim. Sã. (Provérbio: BEBE O VINHO NÃO BEBAS O SISO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4678



HORIZONTAIS: 1 — Nome de homem que é um dos personagens de Shakespeare. Sirga. 2 — Rapaz que vende jornais. Senhor. 3 — Delito. 4 — Azáfama. Pronome pessoal. 5 — Ice. Possui. 6 — Madraço. 7 — Altar. Sapo do Amazonas. 8 — Símbolo químico do bário. Cantão da Suíça. 9 — Entusiasma. 10 — Estrépito de desmoronamento. Saborosa. 11 — Estima. Móveis sobre os quais se come.

VERTICAIS: 1 — Chefe etíope. Findara. 2 — Sufixo que designa estado. Nome de mulher. Algum. 3 — 1600 em numeração romana. Pronome pessoal. 4 — Terreno endurecido para debulha. Certos. 5 — Reuniriam num todo. 6 — Ablução usada pelos turcos. Soluce. 7 — Irmã da mãe. Gemidos. 8 — Artigo definido. Solo. Oferece. 9 — Pôs em ordem. Fluído aeriforme.

Solução do problema n.º 4677

HORIZONTAIS: 1 — Ápia. Aida. 2 — Ira. Ardor. 3 — Ré. Al. Ana. 4 — Ergá. Ar. 5 — Sarrafo. 6 — Imã. Lua. 7 — Airosas. 8 — Rã. Sara. 9 — Era. Pá. Tu. 10 — Paira. Vãs. 11 — Asse. Cala.

VERTICAIS: 1 — Aires. Trepa. 2 — Pré. Aí. Aras. 3 — Ia. Erma. Ais. 4 — Arrais. Ré. 5 — Alga. Rapa. 6 — Ar. Aflora. 7 — Ida. Ousa. Vá. 8 — Dona. Aa. Tal. 9 — Arara. Sousa.

DEU À LUZ DOIS GÉMEOS
pela oitava vez consecutiva

MARIPOSA (Estados Unidos), 7. — Pelo oitava vez consecutiva, a senhora Rose Wright, de 39 anos, deu ontem á luz um par de gémeos.

As crianças — um rapaz e uma rapariga — encontram-se bem, comentando os médicos não haver memória de se registarem oito nascimentos consecutivos de gémeos nos Estados Unidos.

O casal Wright, que já tem 20 filhos, mostra-se muito satisfeito e disposto a aumentar a numerosa prole. — (A. N. I.).

Parece em preparação
o lançamento pelos russos de outro satélite tripulado

MOSCOVO, 7 — O segundo satélite lançado pelos russos, no espaço de três semanas — o «Cosmos II»—percorre uma órbita elíptica enviando para a Terra dados de interesse para a primeira viabem á Lua.

O novo satélite foi lançado ontèm á noite e, tal como o «Cosmos I», lançado em 16 do mês passado, destina-se a obter informações sobre as radiações cósmicas e outros perigos que o homem possa encontrar nas viagens espaciais. Também enviará elementos que servirão para se cinstruirem novos veículos espaciais. — (A.N.I.).

SINAIS DO «COSMOS II» FORAM CAPTADOS EM BOCHUM

BOCHUM (Alemanha), 7 — O director do observatório astronómico desta cidade, Heinz Kaminski, afirma que o novo satélite russo, «Cosmos II» pode muito bem ser o preludio do lançamento de uma nave espacial tripulada que se manterá em órbita durante dias.

Kaminski, que captou os sinais emitidos pelo «Cosmos II», afirma, ainda, ser possível que os russos muito em breve lancem um novo satélite da mesma série.

Os cursos dos «Cosmos» I e II diferem em 120 graus. Terceiro lançamento, com uma diferença de curso de 240 graus, em relação ao primeiro, permitiria aos russos reunir dados sobre as influências radioactivas em todos os pontos da Terra. — (A. N. I.).

A candidatura de Portugal
ao Mercado Comum Europeu

(Continuação da 1.ª página)

possibilidades de efectuar o alargamento do seu mercado nacional, beneficiando as produções portuguesas, dentro do território nacional das vantagens aliás compreensíveis, de liberdade de circulação e de supressão dos direitos aduaneiros que hoje existem no comércio entre as diversas regiões que constituem o país. Embora esta supressão corresponda na prática a um aumento da protecção de que hoje gozam as produções nacionais quando enviadas de um para outro território português, os países membros do G. A. T. T. (e entre eles encontram-se todos os que no esquema do comércio mundial interessam á economia portuguesa) não poderão exigir igualdade de tratamento para os produtos que queiram exportar para qualquer ponto do espaço português.

COM A UNIDADE ECONÓMICA COMPLETA-SE A UNIDADE POLÍTICA

Além deste aspecto, que gera novas condições, inegávelmente importantes, ao planeamento do desenvolvimento económico das diversas regiões portuguesas da Europa e do Ultramar, a entrada para o G. A. T. T., nas condições indiscutívelmente hábeis em que se realizou, corresponde, na prática, á aceitação internacional do esquema previsto na própria Constituição do país e que completa com a unidade económica a unidade política da Nação portuguesa.

Conhecendo-se as disposições e objectivos do Tratado de Roma, em matéria de relações da Comunidade Económica Europeia com os territórios africanos então dependentes dos países membros do Mercado Comum, e tendo em atenção a alteração da posição desses territórios, que posteriormente se verificou, compreende-se que o Governo português tenha querido definir os processos da integração económica do País e tenha querido fazê-los reconhecer no plano do G. A. T. T., antes de tomar qualquer atitude perante o Mercado Comum.

O PERIGO DO ISOLAMENTO

Não esquecerá, por outro lado, que Portugal é membro da Associação Europeia de Comércio Livre (E. F. T. A.).

Sabe-se que o Governo português nunca desejou uma divisão económica da Europa e isto não só por motivos de ordem comercial mas, sobretudo, por temer que essa divisão acentue o enfraquecimento da coesão política do Ocidente. Em vários discursos do ministro português Corrêa de Oliveira, proferidos na O. E. C. E. e durante as negociações da Comissão Maudling, verifica-se, aliás, essa dupla preocupação do Governo português: contribuir para a unidade europeia e não hostilizar de qualquer modo a Comunidade Económica Europeia.

Não podendo Portugal participar simultaneamente nos dois blocos económicos europeus — Mercado Comum e E. F. T. A. — terá assim que reconhecer-se ter sido indiscutívelmente acertada a política do Governo português quando conseguiu aderir á E. F. T. A., em condições por sinal extremamente favoráveis. Sem essa adesão á E. F. T. A. teria sido natural que Portugal se tivesse visto por completo isolado, durante os ultimos três anos, dos movimentos de integração europeia, como aconteceu, por exemplo, com a Espanha, e em tais circunstancias as suas possibilidades actuais de negociação seriam muito mais fracas.

O MERCADO PARA ONDE MAIS EXPORTAM AS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS

De resto, mesmo que em 1959 a decisão tomada pelo Governo português tivesse sido simplesmente a de optar entre a participação na E. F. T. A. e a associação com o Mercado Comum, nem por isso haveria hoje que deixar de reconhecer que a via escolhida foi, sem duvida a mais conveniente.

Com efeito, nas exportações portuguesas para o Mercado Comum dominam os produtos da Agricultura (53 por cento) e as matérias-primas (18 por cento). Estas ultimas não precisam de ser protegidas, porque não pagam práticamente direitos ao entrarem naquele mercado. Quanto aos produtos agrícolas, não há a garantia de que se tivessem conseguido benefícios em matéria de direitos aduaneiros e de restrições quantitativas análogos aos dos produtos industriais, uma vez que os «Seis» se têm mostrado hesitantes no desmantelamento das protecções concedidas ás suas agriculturas nacionais e só agora começam a definir com segurança e a executarem uma política agrícola comum.

Escolhendo a E. F. T. A., o Governo português deve, pois, ter tido sobretudo a preocupação de evitar discriminações imediatas contra os produtos manufacturados nacionais (48 por cento das exportações para esse bloco) no mercado para onde mais exportam as industrias portuguesas.

A «DECLARAÇÃO DE LONDRES» AUMENTA O PODER DE NEGOCIAÇÃO DE PORTUGAL

Ao mesmo tempo, Portugal aumentou consideràvelmente o seu poder de negociação em escala europeia, ao obter as condições para um apoio, por parte dos países da E. F. T. A., numa negociação com o Mercado Comum. Resulta esse apoio da chamada «Declaração de Londres», de Junho de 1961, pela qual os Governos dos «Sete» afirmam a sua intenção de manter a E. F. T. A. em vigor pelo menos até terem sido negociados acordos satisfatórios que cubram os diversos interesses legítimos de todos os membros da associação e dêem a todos a possibilidade de participar a partir da mesma data, num mercado comum integrado.

Não pode perder-se de vista que, se Portugal, em vez de ter negociado á participação na E. F. T. A. tivesse procurado a ligação directa com o Mercado Comum, poderia não ter ainda hoje chegado a quaisquer resultados, ou pelo menos poderia não ter conseguido, no campo estritamente comercial, condições tão favoráveis como as que lhe foram reconhecidas pela Convenção de Estocolmo.

TUDO LEVA A CRER QUE PORTUGAL VAI SOLICITAR A ABERTURA DE NEGOCIAÇÕES COM OS «SEIS»

Temos, portanto, de admitir que Portugal tem vindo a preparar com toda a segurança e cautela as suas negociações com o Mercado Comum, constituido, de resto, países todos eles membros da Organização do Tratado do Atlantico Norte, organização para a defesa do Ocidente de que Portugal é, desde o início, membro também, facto este do maior significado político e que não poderá deixar de exercer grande peso na atitude da Comunidade Económica Europeia, se, como tudo nos leva a crer, Portugal solicitar a abertura de negociações com o Mercado Comum.

Entretanto, e como ainda ontem, em Estocolmo, Lange o afirmava, a E. F. T. A. continua a ser um vasto e seguro espaço económico, que durará enquanto a Europa do Ocidente não entrar francamente pelos caminhos da união — os unicos que conduzem, sem desvios, aos da força. — (A. N. I.).

PROIBIDA EM ITÁLIA
A PUBLICIDADE DO TABACO

ROMA, 7. — A publicidade do Tabaco, Cigarros, Charutos e artigos destinados aos fumadores passa a ser proibida em Itália onde o Senado acaba de aprovar um projecto neste sentido. Já votado pela Camara, toma força de lei.

As infracções serão punidas com multas que podem atingir um milhão de liras. As finanças italianas vão fatalmente ressentir-se porque não só o Estado perderá o lucro dos impostos sobre aquela publicidade, como, se a nova lei provocar uma regressão no consumo dos tabacos e cigarros — cuja produção é monopólio do Estado — o volume dos negócios diminuirá sensívelmente. — (F. P.).

Encerrou-se
o I Colóquio Nacional de Psicopedagogia

ÉVORA, 7. — Efectuou-se hoje, de tarde, nesta cidade, sob a presidência do sr. dr. Carlos Soveral, subsecretário de Estado da Educação Nacional, no ginásio do Liceu Nacional, a sessão de encerramento do 1.º Colóquio Nacional de Psicopedagogia que desde o dia 2 do corrente reuniu aqui muitos dos maiores valores do sector educacional.

Pelo valor das comunicações apresentadas e pela controvérsias que suscitou, o colóquio atingiu um alto nível, que certamente trará influência na remodelação das técnicas do ensino. Usou da palavra, no decorrer do acto, o sr. dr. Manuel Breda Simões, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e secretário-geral da organização do colóquio, que leu os votos formulados e no decorrer dos trabalhos fez algumas declarações complementares á sua realização.

O sr. subsecretário de Estado congratulou-se com os resultados obtidos na realização do I Colóquio Nacional de Psicopedagogia, formulando a opinião de que ele deve repetir-se para uma melhor eficiência dos serviços educacionais.

ADENAUER E FANFANI
AVISTARAM-SE ESTA MANHÃ

ROMA, 7. — Amintore Fanfani, chefe do Governo italiano, avistou-se esta manhã com o dr. Konrad Adenauer, na região do lago Como, onde o chanceler da Republica Federal Alemã está em férias.

Um informador alemão ocidental revelou que as conversações dos dois estadistas foram secretas, sem a presença de ministros dos Negócios Estrangeiros ou de embaixadores. — (R.).

O PROBLEMA ARGELINO

(Continuação da 1.ª página)

compreenderam prefeitamente que a independência é uma necessidade histórica».

E depois: «E' preciso que se saiba, de maneira clara, precisa e não equívoca, que a atitude de calma, disciplina e a maturidade política do povo argelino não é a do medo ou da resignação perante os acontecimentos sangrentos que se dão ainda, mas pelo contrário, a vontade determinada de um povo respeitar no espírito e na letra os acordos assinados por todos os dirigentes da sua revolução sem qualquer excepção». — (F. P.).

A UM DIA DO REFERENDO

PARIS, 7 — Na véspera da consulta popular, a opinião publica francesa segue com grande preocupação o desenvolvimento da ofensiva terrorista da O. A. S. na Argélia.

Para a quase totalidade dos jornais franceses, esta ofensiva da O. A. S. apenas se explica pelo encarniçamento desesperado da organização subversiva que se esforça por provocar um sobressalto da população muçulmana, com a esperança de que o Exército poderá intervir novamente nos acontecimentos.

Até agora, a população muçulmana conservou o sangue-frio e a F. L. N., pela sua parte, deu ordens muito rigorosas aos seus militantes neste sentido. — (F. P.).

Centro Técnico de Materiais

PEÇA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

UMA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE TODO O GÉNERO DE MATERIAIS E ACESSÓRIOS PARA O REVESTIMENTO DE

PAVIMENTOS
LAMBRINS
PAREDES
ESCADAS
TETOS
MÓVEIS, ETC.

ARTE DECORATIVA MODERNA

A maior concentração de amostras até hoje apresentada entre nós, no mesmo local, de todos os acabamentos para a construção civil

RUA DA ARRABIDA, 64-B
TEL. 68 22 87

Das 9 às 13 e das 15 às 19 horas

FOI DETIDO
O ACTIVISTA MONTAGNON

ARGEL, 7 — Anuncia-se de fonte militar autorizada ter sido preso o ex-capitão Montagnon, que se encontrava ao lado do ex-coronel Gardès, no Uarsenis, com um grupo de vinte membros da O. A. S.

Entretanto, sete pessoas foram hoje mortas, seis das quais muçulmanas e ficaram feridas mais quatro em diversos ataques registados em Argel até ás 9 horas da manhã. Dos feridos três são muçulmanos. — (F. P. e R.).

DJILAS
FOI PRESO NOVAMENTE

BELGRADO, 7. — Foi preso esta manhã, no seu domicílio, em Belgrado, o antigo dirigente comunista jugoslavo Milovan Djilas, que fora libertado condicionalmente no começo do ano passado. Em 1957 fora condenado a nove anos de cadeia.

A nova prisão de Djilas parece relacionada com a próxima publicação nos Estados Unidos do seu livro «Conversas com Estaline».

Um dos mais ásperos críticos do marechal Tito, Djilas foi privado em 1954 do cargo que exercia no Partido Comunista, demitindo-se posteriormente. — (F. P. e R.).

ROMY SCHNEIDER
DEU ENTRADA NUMA CLÍNICA

NICE, 7 — A actriz austríaca Romy Schneider deu ontem entrada numa clínica particular de Nice, sofrendo de fadiga excessiva.

Na clínica disse-se que a actriz necessitaria de repousar durante uma semana, pelo menos.

O marido, o actor francês Alain Delon, vem a caminho de Nice, para se lhe juntar.—(R.).

UM FILME QUE FOI ISENTO DE IMPOSTOS

FRANCFORT, 6 — O Governo Federal da Alemanha, atendendo à excepcional qualidade artística do filme «A Minha Gueixa», resolveu conceder isenção de impostos à sua exibição em todos os cinemas do país.

Só muito raras vezes é concedida tal distinção. — (E.).

NOVIDADES ASTER

ROUBARAM O FARAÓ ■ Claude Pasteur .... 12$50

a melhor crítica humorista ao Paris 1962

ESPIÕES ATÓMICOS ■ Justin Athöll ..... 20$00

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco e o céu estava limpo por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado a noroeste da Peninsula Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS (T. M. G.): Bragança, 4°; Porto, 10°; Penhas Douradas, 5°; Lisboa, 11°; Portalegre, 12°; Beja, 10°; Faro, 14°; Ponta Delgada, 11°; Funchal, 13°

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 16°,3; na água do mar, 13°,1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 23°,3; mínima, 10°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,5; mínima, 10°,3.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Bom tempo, céu geralmente pouco nublado ou limpo; vento fraco predominando de Nordeste; arrefecimento nocturno.

Diario de Lisbôa
magazine

AS TENDÊNCIAS LITERÁRIAS EM 1921

Vida literária e artística

41 ANOS DE INTERESSE PELA ACTIVIDADE INTELECTUAL

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

O aparecimento do «Diário de Lisboa» — que logo ao princípio revelou acentuado interesse pela vida literária — coincide com o mais pronunciado surto de uma transição decisiva nas letras portuguesas. Por volta de 1921 estão a experiências, uma literatura nova, ainda do século anterior e desponta para extenso destino, através de multiformes direcções e renovadas experiências, uma literatura nova. Do que tinha havido de fortemente renovador na «geração de 70» quase nada restava. Ramalho morrera em 1915, cortesanesco e azedo. Junqueiro, ainda vivo, nada mais tinha a dizer e extinguia-se em nebulosas pseudo-filosofias. Teófilo Braga era apenas um velho professor esquecido numa erudição anárquica. Sabugosa era uma sobrevivência elegante. E as figuras das gerações posteriores — um Eugénio de Castro, um Trindade Coelho, um Augusto Gil — haviam concluído pràticamente a sua mensagem válida de escritores.

Mas, entre essas sombras mais ou menos amáveis que já pertenciam a um passado, despontavam entre interrogações, experiências e audácias as gerações novas. As revistas «Orfeu» e «Portugal Futurista», depois continuadas na «Contemporanea» e na «Athena», haviam soado entre sorrisos indulgentes ou escandalizados, os primeiros toques da alvorada da re-

ANTÓNIO SÉRGIO

novação literária. Mario de Sá Carneiro, que tinha publicado «Dispersão» em 1914, morrera em 1916, deixando uma esteira de promessas e de enigmas. Em 1921, só um círculo estreito o recorda. E quase não se fala de Fernando Pessoa,

JAIME CORTESÃO

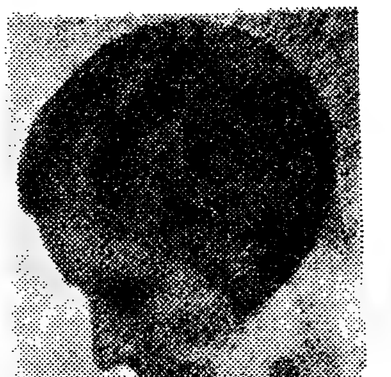
deambulando obscuro pelos «cafés» e pelos cais da beira-rio nas suas visões heterónimas. Mas são figuras dinamicas e revolventes na época Almada Negreiros, que por esses dias do nascimento do «Diário de Lisboa» proferiu na Liga Naval, com sensação, a sua conferência «A invenção do dia claro»; António Ferro, que na novela «A Leviana» e nas crónicas sobre Colette prenunciava a adesão ao futurismo de Marinetti; Virginia Vitorino, que conquistou êxito surpreendente com os versos do seu primeiro livro, «Namorados».

A juventude de então alongava, sem duvida, olhos ávidos para essa corrente inovadora que fazia a sua erupção entre as sombras das gerações extintas ou decadentes. Ti-

ALMADA NEGREIROS

nham á volta de 20 anos, por essa época, José Régio, José Gomes Ferreira, António de Sousa, Edmundo de Bettencourt, Vitorino Nemésio, António Boto, Jorge Barbosa. O modernismo ia nascer, como movimento literário, dessa atmosfera indecisa de transição. Os decadentismos «fin-de-siècle» tinham esgotado as suas breves antevisões do futuro — e a juventude de 1921 via despontar os caminhos ainda incertos da literatura nova.

Entre a luz declinante e a alvorada que então coincidiam, algumas personalidades singulares seguiam o seu rumo, como se as inspirasse a legenda inconscientemente orgulhosa de Vlaminck: «un groupement dénote une faiblesse individuelle». É Raul Brandão que vai erguendo sem amarras a sua obra visionária e dramática; é Aquilino Ribeiro, então regressado da Alemanha e que logo começa a publicar em folhetins no «Diário de Lisboa» algumas novelas poderosas reabsorvendo com viril alento as aragens da terra pátria para os seus livros próximos de incomparável prosador; e João de Barros, com a sua inata fibra épico-dramática, publicando então o poemeto



VIRGÍNIA VITORINO

«Ao Soldado Desconhecido»; é Jaime Cortesão levando á cena «Adão e Eva», António Sérgio iniciando o seu heróico apostolado intelectual e cívico nos «Ensaios», Raul Proença em vésperas de iniciar a campanha doutrinadora da «Seara Nova». O *Grupo da Biblioteca* constitui-se por essa época como a força intelectual mais viva e séria no País, enquanto o *Integralismo Lusitano*, com Sardinha, Hipólito Raposo, Monsaraz, prossegue a sua malograda aventura.

A vida literária é intensa, variada e influente. Voltados aos mais diversos quadrantes, escritores de todos os generos e feições afirmam-se livremente. Enquanto Lopes Vieira tece as suas liricas requintadas João Lucio de Azevedo an-

AQUILINO RIBEIRO

ça os alicerces da visão positiva e economica da história; enquanto Julio Dantas trabalha a sua prosa fina e «salonnière». Ferreira de Castro ensaia no jornalismo a experiência de escritor que há-de conduzi-lo a uma obra de humanidade profunda e de irradiação mundial; e se nos salões literários de Carlota Serpa Pinto ou de Veva de Lima se cultiva o aristocratismo estético, é no contacto com a vida e com a alma operárias que se forja uma grande geração de jornalistas e escritores de que Ferreira de Castro vai ser, precisamente, o testemunho mais expressivo e vitorioso.

Época rica e fecunda nas suas indecisões e interrogações, os que a viveram podem recordar ainda o que houve nela de vivo e criador

JÚLIO DANTAS

e de livre arte um mundo de que mal se podiam adivinhar os rumos — saído de uma tragédia universal dissipadora e logo a caminho de outras tragédias que marcavam uma evolução crucial da humanidade. A literatura era, como em raras épocas, mais uma flor acarinhada e desejada — um testemunho da liberdade e da espontaneidade fundamentais do espírito entre as dores genesíacas de uma civilização em metamorfose. O «Diário de Lisboa» pode orgulhar-se de ter sido, então, o palco aberto e intrinsecamente juvenil onde todas as correntes do pensamento e da arte puderam exprimir-se livremente — assegurando-lhe pelo tempo adiante esse cunho de ser o mais literário dos jornais portugueses.

COLABORADORES ACTUAIS DO SUPLEMENTO SEMANAL «VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»

Na continuidade de uma tradição, que vem do seu primeiro numero, o «Diário de Lisboa» mantém hoje no seu suplemento semanal das quintas-feiras, «Vida Literária e Artística», a presença viva dos valores culturais portugueses. Aberto a todas as correntes do pensamento e da arte, o nosso jornal inclui actualmente entre os seus colaboradores regulares, muitas figuras do maior relevo, sem discriminação de idades e de escolas. E aberto continuará aos que quiserem trazer-lhe a sua colaboração em nível de qualidade intelectual e artística, que não diminua a sua tradição de quarenta e um anos.

AQUILINO RIBEIRO

Colaborador do *Diário de Lisboa* desde o primeiro dia, o grande mestre da prosa portuguesa reatou há meses a sua presença literária, com a série de admiráveis crónicas recentemente publicadas sob a rubrica «Cruzes e Cunhos». Interrompida durante algumas semanas, por motivo de saude essa colaboração vai recomeçar em breve, valorizando, no mais alto nível literário, as páginas do nosso suplemento.

ADRIANO DE GUSMÃO

Os artigos recentes de Adriano de Gusmão sobre o clássico problema dos *Painéis*, que vão ser continuados com estudos sobre outros, temas de história e crítica das artes plásticas, marcaram o seu ingresso entre os nossos colaboradores permanentes, com manifesto interesse para os leitores.

AUGUSTO ABELAIRA

E' uma afirmação de juventude criadora e ascendente a colaboração do romancista e dramaturgo Augusto Abelaira, no nosso suplemento literário. As suas «Confissões de um leitor de romances» assinalam originais perspectivas na apreciação contemporanea dos valores literários.

FÉLIX MANUEL

Sob o anonimato de um pseudónimo que não se deixa identificar, um escritor, critico de cultura profunda e séria, tem trazido ao nosso suplemento semanal, nas crónicas intituladas «Anotações», a evocação flagrante de figuras e coisas da *petite histoire* nacional.

FERNANDO NAMORA

O prestigioso escritor, ainda há pouco consagrado com o Prémio Lins do Rego, figura relevante do movimento renovador contemporaneo na nossa literatura, é, há meses, nosso colaborador regular, com as humanissimas «Notas de um romancista». Nelas se representa o testemunho de uma geração que teve e tem o mais destacado lugar na cultura portuguesa das ultimas décadas.

F. R.

E' um estudioso e amador de arte, com notável relevo na vida cultural do País, o nosso colaborador F. R., que subscreve as sugestivas notas «Museu da Caricatura» e outros apontamentos sobre criação plástica, ultimamente publicados nas páginas das quintas-feiras.

ILSE LOSA

A fina arte literária de Ilse Losa, inspirada num humanismo de universais raizes, assinala o inconfundível estilo da colaboração que há pouco iniciou no suplemento semanal do «Diário de Lisboa» e que esperamos ver continuada assiduamente.

JOSÉ PEDRO MACHADO

Com as «Notas de linguística» tomou o filólogo dr. José Pedro Machado um lugar de especialidade entre os nossos colaboradores que completa oportunamente a diversidade dos respectivos géneros.

MANUEL MENDES

São sempre actuais e vivas as crónicas que Manuel Mendes traz assiduamente ao suplemento literário do *Diário de Lisboa*. A diversidade dos seus temas é um expoente de cultura e de oportunidade intelectual, que salienta o constante interesse das nossas colaborações.

MANUEL RIUTORT

As breves crónicas «Semana de Madrid», que o escritor e jornalista literário Manuel Riutort tem publicado regularmente no suplemento do nosso jornal constituem para o nosso publico uma porta sempre aberta sobre a actualidade intelectual e artística no país vizinho.

MÁRIO DIONÍSIO

Comentador e intérprete magistral das artes plásticas contemporaneas, na sua mais larga e humana projecção cultural, Mário Dionísio tem mantido nas nossas páginas uma colaboração do mais relevante significado, em cuja continuidade se traduz a cultura mais atenta e actual.

VARELA ALDEMIRA

Renovando uma presença que vem de longe, Varela Aldemira tem, na actualidade, um lugar de destaque nas nossas colaborações sobre os grandes temas de arte. Através dos seus artigos reflecte-se nestas páginas o interesse pelos problemas clássicos da cultura no ambito universal.

Oûtros colaboradores, mais acidentalmente marcam com a sua presença no suplemento «Vida Literária e Artística» o largo quadrante dos interesses culturais que se representam nele. Estrangeiros como Lilian Browse, Rollo Myers, Paul Bloomfield; nacionais como João José Cochofel, Flausino Torres, Zacarias da Silva e tantos outros, são expoentes da variedade que se procura manter nas nossas colaborações literárias. É para fecho desta resenha, podemos anunciar que vai dar começo em breve a uma colaboração, que esperamos regular e continuada, no suplemento do «Diário de Lisboa», o grande poeta, romancista e crítico José Régio — uma das mais prestigiosas e representativas figuras da nossa literatura neste século.

RAÚL BRANDÃO

O «DIÁRIO DE LISBOA»
E AS RAZÕES DO SEU BRILHANTE ANO

Dois acontecimentos relevantes da vida nacional ocorreram no ano do seu aparecimento — 1921 — para consagrar o «Diário de Lisboa» como grande jornal de informação e opinião: a cerimónia da tumulização dos Soldados Desconhecidos, em Abril, e em Outubro o movimento revolucionário de 19 desse mês, o qual profundamente influiu no curso da nossa política. O primeiro, que fez vibrar a alma nacional num movimento de legítimo orgulho e teve larga repercussão fora das nossas fronteiras, foi o complemento da intervenção de Portugal na primeira guerra mundial. O segundo, tendo em conta as suas consequências imediatas e distantes, impressionou o sentimento popular que fez vibrar comovida e dolorosamente.

Nos dois casos, os profissionais que compunham o quadro da nossa redacção se distinguiram e a direcção do jornal vincou a sua fidelidade aos princípios fundamentais de doutrina e acção, que com o tempo, foram por nós inalterávelmente observados e fielmente mantidos. Não era, então, fácil triunfar na reportagem e na factura de um órgão de Imprensa que se propunha, sem desrespeito pela tradição, inovar e agitar o meio a que se destinava. Alguns jornais, com sorte vária e quase sempre com galhardia, conseguiram o favor da população, de carácter vincadamente político uns, outros de feição informativa, e a pleiade de jornalistas que generosamente se bateu nesta trincheira da Imprensa, deixou perdurável recordação da sua actividade fecunda.

A tarde, ainda a «Capital», animada por Manuel Guimarães, se publicava e a sua colecção atesta o mérito dos que nela trabalharam e conquistaram, á força de talento, a simpatia do publico que durante anos sucessivos aguardou a sua chegada para a ler sofregamente. A «Tarde», com Jorge de Abreu na direcção, foi um modelo efémero de dignidade profissional, de «savoir faire» jornalístico, de honestidade e correcção. O nome do director era uma garantia que os factos confirmaram. A edição da noite de «O Século», que se publicou alguns anos, além de valiosos recursos gráficos, contava com a colaboração de nomes ilustres e a reconhecida aptidão de Avelino de Almeida, que foi, como outros no seu tempo, mestre acatado e admirado na árdua profissão do jornalismo. De manhã, além dos grandes órgãos de informação, outros jornais surgiram e desapareceram, que podem citar-se como modelos de factura e ética jornalística: a «Luta» de Brito Camacho, a «Republica» de António José de Almeida, a «Manhã», dirigida por Mayer Garção, a «Vitória», com Herculano Nunes e Hermano Neves, dois nomes inesquecíveis que aguardam a hora da justiça e da consagração que merecem, além de outros de menor relevo e projecção.

Uma emulação ardorosa era a regra de trabalho entre os que se entregavam ao labor dos jornais e os seus nomes elevaram a uma altura nunca mais atingida ou igualada, o brilho e influência da profissão. Sem a preocupação de citar todos, recordaremos os nomes de Tito Martins, Adelino Mendes, Virginia Quaresma, Luis Derouet, Rocha Junior, Bourbon e Meneses, Raul Brandão, gigantes do artigo doutrinário, da polémica, da reportagem, do «fait divers», autores de uma obra literária perdurável ou de simples «sueltos», primorosos de factura e intenção, todos servindo com independência, isenção e beleza o jornalismo e o publico. Foi essa uma das fases mais brilhantes e perduráveis da história da nossa Imprensa e nela o triunfo não era fácil nem a competição cómoda.

Na reportagem da tumulização dos Soldados Desconhecidos, dadas as suas exigências, trabalhou triunfantemente a jovem equipa do «Diário de Lisboa» — Norberto Lopes, que o dirige hoje, numa reveladora afirmação de continuidade e ética profissional, Artur Portela, desaparecido depois de erguer uma obra de fecundidade e beleza insuperáveis, Manuel Nunes e outros que a morte levou ou seguiram rumo diferente, como Sarmento Duque e Consiglieri Sá Pereira. Este e outros redactores fizeram, de maneira exaustiva e brilhantíssima, a reportagem do 19 de Outubro, de que o primeiro deixou um livro admirável intitulado «A noite sangrenta». A entrada, pouco depois, para o «Diário de Lisboa» de Norberto de Araujo já consagrado pelo mérito literário e pela devoção profissional, completou o grupo de jornalistas que durante anos asseguraram o seu êxito e lhe garantiram uma popularidade honrosa. Mais tarde outros vieram para continuar o seu trabalho e servir a mesma causa e ideais, mas os nomes dos que citámos perdurarão indelevelmente, pois ninguém os superou ou fez esquecer.

Os acontecimentos a que nos referimos deram oportunidade ao «Diário de Lisboa» para, pela pena do seu director, marcar uma posição da qual, decorridos mais de quarenta anos, orgulhosamente dizemos que nunca se desviou ou afastou. A sua linha de rumo, definida então em artigos modelares pela concisão e sinceridade, tem sido inalterávelmente observada e nessa constante do nosso esforço reside uma das razões porventura a maior da estima e fidelidade dos seus leitores e da parte do publico que reconhece o significado dos serviços prestados por este jornal ás causas verdadeiramente nacionais, sem pensamento reservado ou preconceitos partidários que as superem, com uma galhardia e vibração que o tempo e a morte não estiolaram nem fizeram fenecer.

João de Barros

João de Barros foi, na caminhada do «Diário de Lisboa», um amigo incomparável, um companheiro vigilante, um conselheiro desinteressado e um colaborador constante. O seu pensamento esteve sempre voltado para nós. Viveu as nossas alegrias e sofreu com os nossos desgostos. Nas horas de risco em que as circunstancias nos obrigaram a tomar posição firme em defesa das causas que sempre pusemos acima das aparências lugidias — a Pátria, a Republica, a Justiça, a Liberdade — medimos a grandeza da sua estatura e avaliamos a generosidade da sua alma. Na sua modestia, que nenhum cumprimento dobrou, ficou erecto e insensível ao apostolado que representavam para nós todos a sua palavra e a lição perene que dimanava da sua presença tutelar.

O civismo dignificante, pelo qual nos batemos desde que aparecemos, e o convívio entre os portugueses, sem o qual não concebemos a solidariedade que uns aos outros devemos, e tem sido o cimento da nossa grandeza colectiva e o traço inconfundível que nos distingue entre os outros povos e civilizações, foram o norte que nos ensinou a fixar e a servir com o seu exemplo e a sua inalterável amizade. No dia em que celebramos mais um aniversário, evocamos comovidamente a sua figura e o seu verbo, com a íntima certeza de que permanecemos fieis a tudo o que ele exaltou e defendeu. A homenagem que queremos prestar á sua memória reveste-se, nesta hora de ansiedade para os destinos de Portugal, que tão corajosa e desassombradamente serviu, de relevante significação, pois ninguém como João de Barros interpretou no nosso tempo a imortalidade da Pátria para além das contingências que transitóriamente a desfiguram ou diminuem.

Nestes quarenta e um anos de existência, o «Diário de Lisboa» publicou 14 122 numeros. Composto a principio, apenas de 8 páginas, o jornal foi, sucessivamente, aumentando de volume, para corresponder ao interesse crescente dos leitores e ao desenvolvimento dos serviços de informação. A partir de certa altura, passaram a fazer-se jornais de 12 páginas, depois de 16, 20, 24 e 32 e, muitas vezes, como é o caso de hoje, numero ainda mais elevado. Deste modo, a nossa colecção, que se compõe de 90 volumes encadernados, tem mais de 170 000 páginas e pesa cerca de 1 tonelada.

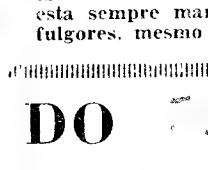
Se os jornais dessa mesma colecção dos numeros diários fossem estendidos e colocados com as folhas, topo a topo, perfaziam uma extensão de 60 quilómetros.

Nascido de uma erupção de juventude ousada, irrequieta, brilhante, mas que se debruçava sobre os grandes problemas e inquietações humanas — e tanto contribuiu para a renovação do jornalismo e da mentalidade portuguesa, com a honrosa colaboração dos mais eminentes valores nacionais —, o «Diário de Lisboa» apareceu com a marca do espírito desempoeirado, fulgurante, generoso e largamente compreensivo, do seu fundador, o saudoso dr. Joaquim Manso, que teve a rodeá-lo essa juventude audaciosa e admirável. Ele era o director, companheiro de sonho nessa maravilhosa aventura, mas também o camarada, o companheiro mais velho a quem se tributavam o apreço e todo o respeito — que era espontanea e sentida afectividade. A' frente deste jornal, em pleno vigor fisico e estuante mocidade de espírito — esta sempre mantida, com seus fulgores, mesmo no declinar da existência —, ou na descida da vertente, Joaquim Manso foi sempre o jornalista independente, altivo e orgulhoso da sua condição, fiel aos seus ideais, intransigente na defesa das causas justas, mas tolerante e generoso, por isso, com a força do «Diário de Lisboa», pôde fazer uma obra em prol dos altos valores e supremos interesses da Nação.

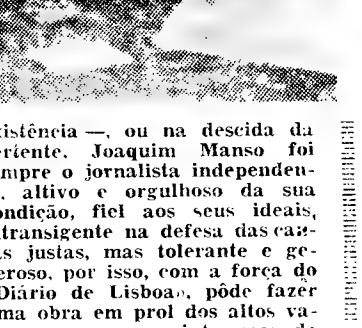
Duas épocas do «Diário de Lisboa» assinalam apenas efeméride cronológica no seu rico historial, pois, pairando aqui a memória tutelar de Joaquim Manso e dos que ergueram o prestigio do jornal, mantêm-se os mesmos princípios, a mesma veemente paixão no batalhar pelos direitos, pelas liberdades, por tudo aquilo que é razão de ser e alicerce inabalável da nobre instituição da Imprensa — timbre de quem dirige e dos que devotadamente servem o «Diário de Lisboa», honrando-se em servi-lo.

DO [illegible] AO [illegible]

Quando o nosso jornal surgiu, e durante ainda alguns anos, dispunha para o seu serviço de uma unica linha telefónica, com um velho aparelho de coluna. Tinha o n.º 5213-(C) e chegava muito bem para o serviço da época e até para outras chamadas particulares que a juventude dos redactores e a sugestão romantica do «Chá das cinco» tornaram, sucessivamente, mais frequentes. O primeiro progresso em matéria de comunicações telefónicas foi a instalação de outra linha, que recebeu o n.º 487-(C). A rede da companhia não era, [illegible], nessa altura, muito extensa, pois servia pouco mais de oito mil assinantes... mas nós aspirávamos já então a



5213



32 02 71/3 — 32 11 54/5

sair muito para além do ambito do Chiado, o que circunscrevia a estação central da companhia, e por isso, acolhemos com entusiasmo o melhoramento.

Hoje, o «Diário de Lisboa» dispõe de um P. B. X., com diversas linhas da rede da companhia, uma linha da rede do Estado, linhas directas para os campos de futebol, noventa aparelhos e três teleimpressores ligados directamente ás agências noticiosas para assegurar o mais rápido conhecimento dos acontecimentos internacionais.

A COMPANHIA PORTUGUESA

RÁDIO MARCONI

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

Para as radiocomunicações telegráficas, telefónicas e telefotográficas

contribui poderosamente com os seus circuitos radioeléctricos para a aproximação espiritual e económica das províncias de Portugal espalhadas pelo Mundo

Estações em: Carnaxide—Alfragide—Vendas Novas—Porto—Funchal —Ponta Delgada—Praia (C. Verde)—Luanda—Lourenço Marques

SERVIÇOS ESPECIAIS DE ACEITAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE TELEGRAMAS

FUNCHAL — Av. Arriaga, 7-9 Telef. 20011 | LISBOA — Rua de S. Julião, 131 Telef. 34531/8 | PORTO — Praça Almeida Garrett, 27 Telef. 25680

MUNDET & C.ª, LDA.

Sede — SEIXAL

— * —

TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA

Escritórios:

Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 19-1.º

LISBOA

Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26.106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete fomentar a indústria da pesca do bacalhau.

HIDRO ELÉCTRICA DO ZÊZERE

S. A. R. L.

Avenida Sidónio Pais, 24 — L I S B O A

CONCESSIONÁRIA DO APROVEITAMENTO HIDRO ELÉCTRICO DO RIO ZÊZERE

CENTRAIS DE

CASTELO DO BODE, CABRIL E BOUÇÃ

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País

oficialmente reconhecida pelo Governo da Nação e em edifícios próprios

OS MELHORES **E MAIS RICOS «AUTO-CARS»** FÚNEBRES

GARAGENS

— E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS —

SEDE NA:

194—RUA SARAIVA DE CARVALHO—202

Telefone P. B. X. 661113 - 665027 **PORTUGAL** **LISBOA**

Pancada, Moraes & C.ª

BANQUEIROS

37, RUA AUGUSTA – LISBOA

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO

Guarda e administração de valores. Execução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos, Câmbios e Comércio Externo

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio

LIMITADA

Construções Civis
Carpintaria Mecânica
Beton Armado
Trabalhos de Pintura

Escritórios e oficinas: **Rua Dr. Alexandre Braga — Telefone P. B. X. 43191-43192 — LISBOA**

Depósito de materiais
Estrada de Moscavide, 17 e 19
Telef. 399072

Associação Comercial de Lisboa Câmara de Comércio Portuguesa

FUNDADA EM 1834

A mais importante e mais antiga organização do Comércio Nacional — Secções Técnicas de Importação e Exportação — Informações Comerciais — Contencioso Jurídico, Fiscal e Aduaneiro — Estudos Económicos — Serviços Culturais — Biblioteca

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89 — LISBOA 2
Telefs. P. P. C. 327179 — 327289 — 323472

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE
TINTAS — VERNIZES — SECANTES

para todos os processos gráficos
Novas instalações em
CABO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 389061 - 389082
LISBOA — 6

144 anos ao serviço das Artes Gráficas

HOTEL EMBAIXADOR

No centro da Capital e com excepcional categoria internacional

Magníficos quartos, todos com casa de banho privativa, chuveiro, rádio e telefone.

«Boîte – Terraço das Estrelas» no 10.º andar – «Snack-bar» – Cocktail-bar – Solário – Bar – Cabeleireiro. Miradouro, de onde se desfruta maravilhoso panorama

Telefone 730171 – 14 linhas – Avenida Duque de Loulé
LISBOA – PORTUGAL

CASINO ESTORIL

NELE SE REUNEM AS MAIORES INDIVIDUALIDADES DE TODO O MUNDO

Clima privilegiado – Ambiente de élite – Jogo – Música
Salão Restaurante com «Show»

O Carnaval do Estoril é excelente cartaz do turismo nacional

ESTORIL — a mais importante estância turística do país
Telefones — 060729 a 060731 e 062365

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital realizado: Esc. 200.000.000$00
Reservas: Esc. 235.000.000$00

SEDE: Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS E AGÊNCIAS

PORTO, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada

Abrantes, Alferrarede, Amadora, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Évora, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Lordelo (Douro), Mangualde, Matosinhos, Minde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, S. João da Madeira, S. Mamede de Infesta, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo, Trofa e Vila Franca de Xira

DEPENDÊNCIAS URBANAS

LISBOA — Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Campo Grande, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque de Saldanha, Praça de Londres e Rossio

PORTO — Carvalhido, Costa Cabral e Mousinho da Silveira

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER
Telefone 22881
RUA DO LORETO, 18

CAMINHOS DE FERRO
TRANSPORTE DE MERCADORIAS ENTRE LISBOA E PARIS

Este serviço, do maior interesse para o comércio e industria, entrou em execução regular no sentido França-Portugal, e vai agora realizar-se também no sentido inverso, abrindo novas perspectivas á nossa exportação de pequenas remessas para aquele país.

Papelaria Vasconcelos, Lda.

RUA DA PRATA, 270
LISBOA

Telefones 320244 - 35594 - 322370 - 325289

Endereço Telegráfico PAPELCAR

Representante exclusivo para Portugal

das célebres gravuras BEATRICE D'ESTE

PARA OS MAIS PEQUENOS

«BAPO»

Eu tenho um gato
que se chama «Bapo»,
muito vivo, esperto e brin-
[calhão.
Com ele anda tudo num
[virote,
salta para uma mesa,
atira tudo ao chão.

Corre atrás duma bola
e dá cambalhotas,
rola e rebola,
dá saltos, cabriolas
até mais não,
enfim: é um gato brincalhão.

Em frente de um espelho
é mesmo uma loucura:
primeiro finge que não vê,
depois espreita,
arremete como um touro
e até parece... não sei o quê.

Muito mansinho,
não faz mal a ninguém,
só às moscas.
É ver uma. Prende-a e
[come-a,
vai em procura doutra,
brinca com ela
e, por fim, come-a também.

Ora uma vez.
fazendo-se atrevido,
vai ter com o peru,
pensando com seus botões
(botões que ele não tem):
— Vou ter um companheiro.
Mas o peru ferra-lhe uma
[bicada
e ele fugiu aos pulos e sal-
[tões.

Eu tenho um gato
que se chama «Bapo».
muito vivo, esperto e brin-
[calhão.
Com ele anda tudo num
[virote,
salta para uma mesa,
atira tudo ao chão.

MARIA CLARA PEREIRA
(Aos 10 anos)

SE EU TIVESSE UMA VARINHA DE CONDÃO...

Se eu tivesse uma varinha de condão, que bom que era!
A primeira coisa que fazia era saber falar como o passarinho
Era tão feliz, tão feliz que ensinava os meus amigos a falar como os passarinhos.

FERNANDO PEDRO
(10 anos)

*

Se eu tivesse uma varinha de con-
[dão
Queria um palácio de marfim
Queria trajos de ouro
Mas não era só para mim.

Queria também dinheiro
Para dar aos pobrezinhos
E muitos coitados deles
Andam na rua sem fatinhos.

Gostaria de ter um reino
Como os reis antigos
E daria algumas terras
Aos rapazes meus amigos.

ANTÓNIO
(11 anos)

Oiçam lá esta!...

A neta, muito carinhosa, dirige-se à avozinha:

— A avozinha ainda pode morder coisas duras?

— Não, minha querida, não posso, porque já não tenho dentes.

— Então, guarde-me estas amêndoas, se faz favor.

PUXEM PELA CABEÇA!

I
Eu trabalho noite e dia
Se me derem que fazer;
Nos dentes quero ter água
E na boca de comer.
O que é?

II
Meu ser começa num ponto
E num ponto há-de acabar.
Nem que digam o nome todo
Metade vem a faltar.
O que é?

III
Por um cravo se perde uma ferradura; por uma ferradura, um cavalo; por um cavalo, um cavaleiro; por um cavaleiro, um esquadrão; por um esquadrão, um regimento; por um regimento, um exército; e por um exército, uma nação.
O que quer isto dizer?

IV
Uma senhora muito esbelta,
Que com lindos véus se aperta;
Quem a quiser desapertar
Muita lágrima há-de chorar.
O que é?

*

Mandem as soluções até ao próximo dia 14 do corrente. Assinem o nome, indiquem a idade (anos e meses) e a morada. Temos livros muito bonitos para sortear pelos sobrinhos que mandarem todas as soluções certas.

SOLUÇÕES

Soluções das adivinhas publicadas no dia 17 de Março passado: 1 — Estopa; 2 — Melancia; 3 — Botões; 4 — Estrelas.

BRINDES

Desta vez, quase todos os sobrinhos erraram na solução da primeira ou da segunda adivinha. Só o sobrinho João Julio Sant'Anna Leite mandou todas as soluções certas. Parabens ao João Julio.

* ABRIL *

Em Abril
Queima a velha o carro e
[o carril
E o que mais lhe ficou
Ainda em Maio o queimou.

Vá de roda, siga a roda!...

PERGUNTAS:

1 — Quem és tu?
2 — Queres mandar o teu retrato para a nossa roda? (Como os de bihete de identidade).
3 — Que idade tens? (Anos e meses).
4 — Onde moras?
5 — Em que classe andas?
6 — O que é que mais gostas de estudar?
7 — O que queres ser quando fores grande?
8 — Qual é a arte de que mais gostas?
9 — Tens preferência por alguma ciência?
10 — Qual é a figura de cientista que mais admiras?
11 — Qual é a poesia de que mais gostas? (Nome da poesia e do seu autor).
12 — Cita as três coisas que mais te agradam na vida.
13 — Cita as três coisas que mais te desagradam na vida.
14 — O que pensas da nossa secção «Para os mais pequenos»?
15 — Queres fazer o retrato da Tia Maria Lúcia? (A tinta da

China, ou lápis de cera preto, ou lápis de carvão, ou esferográfica preta; em papel branco, sem linhas).

RESPOSTAS:

1 — Chamo-me Maria Madalena Frutuoso Hofacker de Moser.
3 — Tenho sete anos e cinco meses.
4 — Moro em Lisboa.
5 — Ando na primeira classe de Português e de Francês do Liceu Charles Lepierre.
6 — Gosto mais de estudar Francês.
7 — Gostava de ser médica.
8 — A arte de que mais gosto é de Ballet.
11 — A poesia de que mais gosto é «Le Printemps», de Victor Hugo.
12 — As coisas de que mais gosto são: cantar, recitar e estar na praia.
13 — Não gosto de favas, nem de ter más notas, nem da chuva.
14 — Gosto muito de ver os bonecos desta secção.
15 — Vou fazer o retrato da

Tia Maria Lúcia e mando-lhe muitos beijinhos.

*

— Chamo-me Mearia Leonor

Frutuoso Hofacker de Moser.
3 — Tenho nove anos e sete meses.
4 — Vivo em Lisboa.
5 — Ando na quarta classe de Português e de Francês.
6 — Gosto mais de estudar História.
7 — Quero ser agente de viagens.
8 — A arte de que mais gosto é de Ballet.
10 — A figura de cientista que mais admiro é o Infante D. Henrique.
11 — A poesia de que mais gosto é «Bênçãos». de Tomás Ribeiro.
12 — As três coisas de que mais gosto são: fazer Ballet, nadar e estudar.
13 — As três coisas que mais me desagradam são: comer, ser mole e não ter tempo para brincar.
14 — Gosto muito das adivinhas desta secção.
15 — Este é o retrato da Tia Maria Lúcia:

novidades ARCÁDIA

Prémio Formentor 1961

(O mais importante do mundo atribuido a um livro: cerca de 300 contos)

TORMENTA DE VERÃO

de **JUAN GARCIA HORTELANO**

Uma publicação simultânea a sair em 1 de Maio, próximo, em: francês, italiano, alemão, espanhol, inglês, sueco, finlandês, dinamarquês, norueguês, holandês, no Canadá e em Portugal.

Faça já o pedido desta obra extraordinária ao seu editor em Portugal.

Editora ARCÁDIA Limitada
Travessa de S. Paulo, 7-3.° — Lisboa-2

PARA COZINHAR DEPRESSA
E COM ECONOMIA, USE
GÁS DA COMPANHIA
"O Combustível de Lisboa"

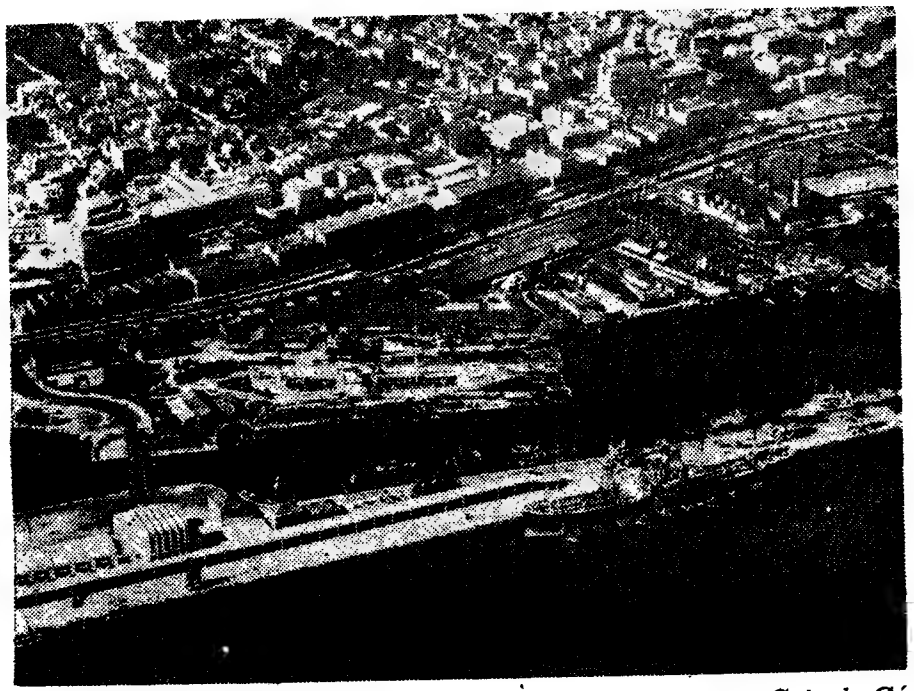
SALÕES DE VENDA DAS
C.AS R.DAS GÁS E ELECTRICIDADE
RUA GARRETT, 2 /CHIADO/ TEL. 30913
RUA DA BOA VISTA, 39

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE VENDA
ATÉ
DOMINGO DE PÁSCOA

HIPOTECAS
AUTOMÓVEIS — PRÉDIOS
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14, 2.°
Telefs. 56580/52248

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

PORTO DE LISBOA



Instalações portuárias entre a Rocha do Conde de Obidos e o Cais do Gás. Estação Marítima, no primeiro plano e ao fundo do Estaleiro Naval

MOVIMENTO DO PORTO

	Em 1960	Em 1961
Navios (arqueação bruta) ...	18 000 000	19 000 000 t.
Mercadorias	6 000 000	6 300 000 t.
Passageiros de longo curso	270 000	310 000
Tráfego fluvial:		
Passageiros	21 500 000	23 800 000
Veículos	1 100 000	1 320 000

O porto de Lisboa, dadas as suas excelentes condições naturais de amplidão, de segurança e de acesso, admitindo, em todo o tempo, a entrada dos maiores navios existentes, figura entre os melhores portos da Europa e é, pela sua situação geográfica, porto de escala nas comunicações com a África e com a América do Sul e do Norte. É porto de armamento de importantes empresas nacionais de navegação e dispõe de ampla zona industrial para actividades económicas do maior interesse nacional.

A administração do porto é exercida pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, organismo dependente do Ministério das Comunicações e dotado de autonomia administrativa.

A zona de exploração comercial localiza-se na margem norte do rio e desenvolve-se ao longo de 14 kms de cais acostáveis, compreendendo entrepostos e terraplenos livres, todos possuindo instalações de armazenagem e apetrechamento. Os entrepostos são recintos vedados onde as mercadorias de origem estrangeira ou ultramarina, se encontram em regime livre, só pagando direitos aduaneiros quando passarem para outro regime; de entre os entrepostos existentes destaca-se, pela sua maior capacidade de armazenagem, o de «Alcântara-Norte», destinado, principalmente, a mercadorias provenientes das províncias ultramarinas.

Outras actividades ainda encontram no Porto de Lisboa, a sua base: em Pedrouços, a doca de pesca e respectivas instalações terrestres, em execução, em Alcântara a maior doca comercial do Porto; o estaleiro de construção e reparação naval, com cinco docas secas e duas carreiras de construção; e, no Poço do Bispo, silos para armazenagem de cereais e cimento.

A movimentação de passageiros das carreiras de longo curso é efectuada através de duas estações marítimas, Alcântara e Rocha do Conde de Óbidos. Para o tráfego entre margens várias estações fluviais asseguram o intenso movimento de passageiros e de veículos.

Na zona industrial sobressaem, na margem norte, as instalações petrolíferas pertencentes a empresas particulares, com uma capacidade de armazenagem de 400 000 m3 e a refinaria, onde são tratados anualmente 1 200 000 toneladas de petróleo bruto; para a movimentação dos produtos petrolíferos existe uma rede de numerosos oleodutos estabelecendo a ligação entre as diferentes instalações e uma ponte-cais recentemente construída e equipada para o fim em vista, que permite a acostagem de navios-tanques de grande tonelagem.

Na margem sul, destacam-se: as instalações de armazenagem de produtos petrolíferos, na Banática e em Porto Brandão; a base naval e arsenal, subordinados ao Ministério da Marinha no Alfeite; a grande construção industrial da Companhia União Fabril, com instalação portuária privativa, no Barreiro; e, na região do Seixal, a indústria siderúrgica, recentemente inaugurada, que se destina, de momento, à produção anual de 200 000 toneladas de aço, encontrando-se, no entanto, a fábrica planeada por forma a permitir a ampliação para um milhão de toneladas por ano; as instalações siderúrgicas dispõem de um cais acostável e respectivo equipamento, por onde são recebidas a quase totalidade das matérias-primas e se expedirá a maioria dos laminados.

JARDINAGEM

Cultura de jacintos na água

Só em casa ou na estufa se cultivam jacintos na água. Devem utilizar-se, de preferência, as garrafas próprias que se vendem no mercado, e empregar-se a água da chuva, ou de minas. Os bolbos devem colocar-se de maneira que só as bases fiquem em contacto com a água, na qual se deita, prèviamente, algum pó de carvão de madeira ou sulfato de ferro.

Passados alguns dias brotam dos bolbos as raízes, desenvolvem-se as folhas e surge o pedúnculo, que florescerá mais ou menos rápidamente, conforme a temperatura do lugar em que se procede á cultura.

Passada uma semana ou dez dias de imersão dos bolbos na água, devem examinar-se as bases e retirar qualquer parte que tenha vestígios de podridão.

Para que as raízes se desenvolvam mais fácilmente, coloquem-se as jarras, ou garrafas — se lhes quisermos chamar assim — em sítios escuros, e, á medida que a água se vai evaporando, haja o cuidado de as atestar continuamente.

A água que se adiciona, tem de ter temperatura igual á que se encontra na jarra.

Quando as raízes atingirem o desenvolvimento desejado, mudam-se as jarras para lugar bem iluminado, caso contrário, as plantas estiolam e dão fraca folhagem e poucas flores. E' aconselhável, então, voltar as jarras todos os dias e mudar-lhes as posições, para que os bolbos possam receber por todos os lados a luz por igual.

Este processo de cultura é curiosíssimo, até porque permite seguir todas as fasés do desenvolvimento da planta. Os bolbos, porém, perdem-se, pois ficam esgotados.

E já que falámos da perda dos bolbos, aproveitaremos o ensejo para informar os leitores do processo mais conveniente para conservar as cebolas dos jacintos. Logo que termina a inflorescência, suprime-se a haste, á altura de três ou quatro centímetros do nível da terra, para evitar a formação das sementes que debilitam os bolbos. Deixam-se, depois, envelhecer as folhas, aliviam-se as cebolas na terra, cuidadosamente, e sem as arrancar, deixando-as ficar assim por algum tempo para permitir que se robusteçam. Quando a planta estiver completamente secà, o que se verifica em Junho, tiram-se as cebolas da terra e secam-se em lugar sombrio e arejado, nunca humido.

Passados alguns dias tiram-se-lhes as raízes velhas e as tunicas do ano anterior, separando-se, também, os bolbilhos, que se semeiam no tempo próprio em viveiro.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Transporte de pequenos volumes

São os seguintes os preços de transporte de pequenos volumes, em grande velocidade, qualquer que seja o percurso a efectuar em caminho de ferro.

Até	5	kgs	3$50
»	15	»	10$50
»	10	»	7$00
»	20	»	14$00
»	30	»	20$00
»	40	»	26$00

No Serviço Comercial e do Tráfego da C. P., Estação de Santa Apolónia, Lisboa (Telef. 864181), prestam-se todos os esclarecimentos que o Publico desejar sobre o transporte de pequenos volumes.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscavide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

FRANCIS SCOTT FITZGERALD

O GRANDE ROMANCISTA AMERICANO DA «GERAÇÃO PERDIDA», QUE UM CRÍTICO DO «OBSERVATEUR» CONSIDERA SUPERIOR A CAMUS.

numa das suas maiores criações

TERNA É A NOITE*

O DESESPERO DE UMA GERAÇÃO QUE SE AUTODESTRUIU NA FÚRIA DE VIVER

* Deste romance foi extraído o filme com o mesmo título que o Tivoli apresentará brevemente, numa realização de Henry King e desempenhado por Jennifer Jones e Tom Ewell.

PORTUGÁLIA EDITORA

DA MULHER E DA CRIANÇA

A MODA TAL COMO A DITAVAM HÁ 41 ANOS OS COSTUREIROS DE PARIS E DE LONDRES

A ELEGÂNCIA FEMININA

e a constante evolução do vestuário

Já nesse distante ano de 1921 a Moda ocupava as páginas dos jornais e revistas, soberana e exigente, caprichosa e voluvel, brincando com a impaciência e curiosidade das elegantes. Também, como hoje, havia as revelações dos modelos lançados por Londres ou Paris, e o segredo do chique rodeava-se da mesma expectativa das passagens da Moda dos nossos dias.

A coqueteria feminina é de todos os tempos, amoldando-se aos costumes e padrões da época, servindo, muitas vezes, para caracterizar determinados períodos da História — as modas feminina e masculina reflectem sempre preocupações e noções de vida das épocas da humanidade. A silhueta da mulher vai acompanhando essas evoluções, sempre na convicção de lhe conservar a gracilidade, de favorecer a linha esbelta — esta linha que tem sofrido todas as variações de uma geometria exótica, dos traçados rectilíneos aos curvilíneos, dos agudos aos graves, dos alongamentos aos encurtamentos...

Generosamente, a deusa da elegancia tem uma imaginação fértil e exótica, usando as mil e uma futilidades e os numerosos e encantadores «nadas» para cobrir ou descobrir a mulher, segundo a feição da época.

E, numa ansia de conquistar o inédito, cai nos exageros, que vistos á distancia têm o seu quê de absurdo e ridículo, mas coerente com as noções estéticas do tempo. E, senão, veja-se o que era considerado «dernier cri» em 1921: conjuntos estravagantes, vestidos até aos calcanhares, tunicas e panos, que caiam como cortinados dependurados de sanefas. Sem o rosto maquilado á vedeta do cinema mudo — olhos grandes rasgados a emergirem de um círculo esbatido de «crayon» e bocas de um vermelho sanguíneo em rostos brancos de pó de arroz abundante — nada sugeria nesses longos e fartos vestidos a beleza natural e evidente de uma mulher. Aconselhavam-se os quimonos exóticos e saias com grandes laços de fitas compridas em «toilettes» desportivas. A cor «tango», as mangas em refêgos, o «crepe» da China para os arrojados decotes, as cinturas mareadas por trouxas laçadas de «organdie», as rendas sobrepostas, enfeites com vidrilhos, o «chiffon» nos ombros...

Os chapéus, esses pareciam açafates cobertos de flores — «quantas mais flores mais chique», dizia uma cronista mundana da época — de grandes abas, ou, então, gorros semelhantes aos das bailarinas bulgaras que enxameavam Paris.

Apresentavam-se os modelos e faziam-se previsões: «A aura do «colifichet» perdurará sempre nítida, doirada, no horizonte da fantasia, enquanto num só espírito de mulher existir um vislumbre de coquetismo... Esta moda seguirá, como base da elegancia, pelos anos fora». Mas, hoje, a uma distancia de 41 anos, pode bem ver-se quão efémera é a Moda e como se enganam os vaticinadores da elegancia feminima.

O «clou» da «saison» lisboeta: um modelo de supremo chique, «crepe marrocain» branco, em que a larga barra da túnica bordada a ouro, sobre fundo «tète de négre», sobressai numa sumptuosidade requintadamente distinta

Uma elegante e cómoda capa, em pano branco, que fàcilmente se levava no braço, como medida preventiva para as noites traiçoeiras de Abril. Era usada com vestido de «sport» ou de passeio. O enfeite de pele «Angora» imprime-lhe uma nota de conforto e agasalho, um conjunto chique

Conselhos de todos os tempos para vestir os meninos

Parece que não seria preciso dizer que a roupa deve ser mais ou menos, conforme faz frio ou faz calor; mas há mães que, em tempo quente, trazem as crianças abafadas e a suar, ou que se descuidam de as agasalhar quando o tempo arrefece. E, num caso ou noutro, pode surgir uma doença por culpa da mãe.

*

A criança não deve apanhar frio enquanto a vestem, e a roupa não deve prejudicá-la. A mãe deve saber vesti-la bem e depressa. As roupas com mangas vestem-se sempre pela frente, prendendo-se nas costas, para se não torcerem os bracinhos quando se enfiam nelas.

*

As roupas de dormir devem ser amplas, de modo a permitirem que a criança se vire e se estenda durante o sono.

Quilómetros de rendados num vestido de passeio, com uma rosa natural numa fita que sublinha a cintura e um chapéu gracioso, cheio de frescura florida, para tardes quentes de Verão. A necessária sombrinha para resguardar a pele branca da elegante dos raios tisnantes do Sol

Um conjunto de trajos desportivos, «muito práticos e simples», que fizeram furor em 1921. Quimonos, laços e fitas até aos pés, refêgos «funcionais» e adornos de todos os tamanhos e feitios — eram moda usar-se em qualidade, e número e cor numa gama infinita de gostos

No Verão de 1921 estavam em voga estes sugestivos vestidos para «soirèes»: crepes e rendas douradas escondiam o que pretendia evidenciar-se da silhueta feminina, pondo à prova a imaginação de cada um para adivinhar a beleza da mulher

O «dernier cri» de 1921 em abafos para a Primavera: quatro encantadores modelos, com os seus folhos, os seus drapeados e pano suficiente para uma «frescura-quente» dos dias primaveris

PARA BEM DA SAÚDE

a cargo do DR. MÁRIO CEIA

Doenças de crianças em adultos...

Algumas das doenças características da infância podem atacar os adultos e, regra geral, com maior gravidade. A explicação talvez resida no facto de as pessoas «crescidas» suportarem pior a agressão infecciosa porque os seus órgãos, os seus vasos sanguíneos, os seus tecidos não são *novinhos em folha*, como os das crianças. Para ilustrar esta asserção, o dr. Gerardin contou há pouco uma anedota pessoal. Quando tinha 10 anos, o dr. Gerardin foi atacado de tosse convulsa que seguiu a evolução normal daquela jovem idade. O pior é que o pai do dr. Gerardin, que nunca tivera a doença, a «recebeu» de seu filho. Como era nessa ocasião chefe de serviços num Ministério e ia diàriamente ao «despacho» com o ministro, comunicou-lhe generosamente a tosse convulsa... O ministro era idoso e a doença assumiu nele proporções consideráveis, fazendo perigar a sua vida!

Existe uma regra, nunca escrita, mas verificada frequentes vezes que poderia enunciar-se assim: «quando um micróbio ou um vírus ataca um indivíduo ou um órgão para o qual habitualmente não estava *destinado*, a doença assim provocada é mais grave do que quando os microrganismos determinam o tipo de afecção que lhes é característica». Por outras palavras, o pneumococo é, em geral, o responsável pela pneumonia e o meningococo pela meningite. Ora uma meningite causada por pneumococos é nitidamente mais grave do que a meningite por meningococos. Do mesmo modo um vírus ou um micróbio que normalmente afecta as crianças, parece mais «endiabrado» quando se instala num adulto.

Há, no entanto e pelo menos, uma excepção a esta regra: a do reumatismo articular agudo. Trata-se de uma doença dos jovens e quanto mais jovem, maior o risco de complicações cardíacas. Um reumatismo articular agudo num adulto idoso, poucas probabilidades tem de lesar o coração.

Mas são numerosos os exemplos que confirmam a citada regra. Os mais «famosos» são sem duvida os da *papeira* e os da *rubéola* do adulto. A *papeira* que, na criança, é uma doença comezinha, sem grandes complicações torna-se, quando surge depois da puberdade, muito perigosa para as glândulas sexuais. Com efeito, a papeira no adolescente ou no adulto pode complicar-se de orquite (no homem) ou de ovarite (na mulher). A orquite conduz muitas vezes á atrofia definitiva dos testículos e á esterilidade masculina, embora não influa na potência. A ovarite não é tão perigosa porque os ovários são muito mais resistentes ás agressões do que o testículo.

A *rubéola* (doença infecto-contagiosa aparentada com o sarampo) é bastante benigna na infância e perigosíssima se aparece na mulher grávida, durante os primeiros meses de gestação. Com efeito, em tal caso, o futuro ser pode nascer com graves anomalias dos olhos e do coração.

Por isso, em muitos países nada se faz para impedir que as crianças contraiam a papeira e a rubéola. Nalguns mesmo, todas as raparigas que não tiveram rubéola antes de casar, são inoculadas com o vírus da doença antes de contrair matrimónio.

A *difteria*, hoje felizmente rara, pode complicar-se de uma grave afecção cardíaca designada por miocardite. Um coração «novo» de criança resiste quase sempre a este ataque ou, quando invadido, recupera fácilmente e sem sequelas ao fim de algumas semanas de repouso. Pelo contrário, o coração de um adulto, já intoxicado pelo café, pelo tabaco ou pelo álcool ou desgastado por profissões fatigantes ou alimentações desequilibradas, apresenta muito maior fragilidade á difteria, ou melhor, á toxina que os bacilos diftéricos fabricam. O mesmo se pode dizer da *escarlatina*. Esta doença é provocada por um estreptococo que tem grande tendência para invadir os rins e provocar uma inflamação destes órgãos designada por nefrite. O rim da criança, embora atacado, cura-se quase sempre, sem consequências de maior. O rim do adulto, mais «usado», menos resistente, quando atacado pelo micróbio da escarlatina, reage com uma nefrite que pode passar á cronicidade.

Claro que a melhor maneira de evitar os malefícios da difteria da escarlatina e da tosse convulsa é a vacinação em idades muito jovens. Quanto á papeira, sarampo e rubéola são males necessários e, por enquanto não existem vacinas oficialmente aceites para estas afecções. A sua benignidade encoraja a contraí-las na infância, pelos perigos citados quando atacam na adolescência ou na idade adulta.

OS PERIGOS de [illegible] vulgar [illegible]

Médicos de todo o Mundo começam a reconhecer como potencialmente perigoso para o homem um verme que parasita os cães e os gatos (Toxocara canis *ou* catti). *A história começa em 1947, quando os drs. Perlingiero e Gyorgy descreveram uma doença das crianças, caracterizada por febre, aumento do fígado, infiltração dos pulmões e que julgavam ser devida ás lombrigas. Depois desse trabalho apareceram mais casos com sintomas idênticos, mas só em 1952 se verificou que as lombrigas não estavam em causa, mas sim um verme, a* Toxocara canis.

Em 1953 e em 1956 diversos médicos americanos descreveram numerosas afecções dos olhos provocadas pelas larvas da Toxocara. *Estes achados foram confirmados por um professor de oftalmologia de Londres, que encontrou também larvas do citado verme nalgumas afecções dos olhos, consideradas até aí como tendo causa diferentíssima.*

A maior parte dos casos foram observados em crianças dos 4 aos 6 anos de idade e as perigosas larvas da Toxocara *atacam diversas estruturas dos olhos, podendo provocar um descolamento da retina e a cegueira.*

A toxocara *parasita o cão e o gato. A transmissão ao homem faz-se pelos ovos do parasita que só são eliminados em grandes quantidades pelos cachorrinhos ou pelos gatinhos (3 semanas a 6 meses de idade). As crianças, na fase do gatinhar e do chupar no dedo, são as mais vulneráveis, embora os adultos também possam sofrer infestação. Os ovos ingeridos transformam-se em larvas que migram para diversas partes do corpo humano, especialmente para os olhos e para o fígado.*

Como não se conhece medicamento eficaz contra o verme, a presente linha de ataque é a profilaxia. Todo o cão ou gato de tenra idade deve tomar um vermífugo do tipo piperazina. *Os cachorros não devem defecar nos locais onde brincam as crianças e visto que a cadela pode ingerir as fezes dos cachorros durante o aleitamento, as suas fezes estão também contaminadas e devem, de preferência, ser queimadas. O mesmo se aplica aos gatinhos, embora se afirme que os gatos são talvez menos perigosos por ficarem infestados em idades menos precoces, por terem hábitos mais fastidiosos e por geralmente enterrarem os excrementos.*

MEDICINA HÁ 4000 ANOS...

Segundo Heródoto, não existiam médicos nas épocas mais recuadas do Egipto e da Babilónia. Os doentes eram expostos nas ruas de maior transito e as pessoas, que por lá passavam, eram convidadas a olhar para aqueles, procurando reconhecer doenças de que tivessem já sofrido e curado. O transeunte indicava então ao seu «colega» na desgraça o tratamento que nele surtira efeito. «Ninguém, afirma Estrabão, passava por aqueles sítios sem dar a sua opinião gratuita».

Dezenas de anos depois, como este sistema não desse grandes resultados, os sacerdotes egípcios tornaram-se estudantes de Medicina, cada um deles especializando-se numa determinada doença.

TELEGRAMAS MÉDICOS

Médicos de Veneza comunicaram os primeiros resultados obtidos com um composto químico, a xenalamina, **no tratamento de doenças provocadas por vírus. Em 48 de 58 crianças com gripe, a droga mostrou-se muito eficaz, baixando rápidamente a temperatura e desaparecendo os outros sintomas da influenza. A** xenalamina **foi também utilizada no tratamento ou na prevenção do sarampo e da varicela. Os resultados foram bons no respeitante ao tratamento das citadas doenças; quanto á profilaxia, mostrou-se eficaz em relação ao sarampo e duvidosa na varicela.**

—*—

Um antibiótico, produzido por um fungo (o Streptomyces orientalis) **e designado por** vancomicina, **foi empregado para tratar 25 casos graves de infecções pelos temíveis estafilococos, muitas das quais se encontravam já na fase de septicémia. Os resultados foram bons e até excepcionais em presença de enterocolites devidas aos citados micróbios, salientando os autores do estudo que algumas vidas puderam ser salvas graças á vancomicina.**

—*—

Em diversos países, sobretudo nos Estados Unidos, em Itália e na Russia, vários investigadores demonstraram as virtudes do suco de couve **no tratamento das ulceras do estômago e do duodeno. Investigadores americanos foram mesmo mais longe e afirmam ter isolado da couve a substancia responsável pelas virtudes curativas do suco.**

A luta contra o cancro nos países evoluídos

Por nos parecer bastante util e talvez inspirado... transcrevemos na íntegra um anuncio que sai frequentemente em diversos jornais da Grã-Bretanha:

«LUTE CONTRA O CANCRO POR MEIO DE UM TESTAMENTO»

Se pensa em auxiliar as investigações médicas, por favor lembre-se da Fundação para Investigações sobre o Cancro. Esta Instituição não tem donativos oficiais e é completamente mantida pelas contribuições voluntárias. Por favor, ajude-nos quando puder.

«Sugestão da terminologia a utilizar no testamento: Lego a soma de ..... libras, isenta de direitos de transmissão, á Fundação para Investigações sobre o Cancro, com fins de pesquisas científicas. O recibo passado pelo tesoureiro da dita Fundação será a prova da execução deste legado».

Apetece-nos fazer comentários e até comparações. No entanto, talvez seja melhor contentarmo-nos com o título!

QUESTÕES DE LINGUAGEM

Familicense e Famalicanense

Vamos responder á gentilíssima carta do Senhor Edmundo Nery Motrena (de Moscavide), mas primeiro devemos endereçar-lhe os nossos melhores agradecimentos, não apenas pelas palavras que nos dirige nela, mas também pela atenção com que lê estas *Questões de Linguagem*.

As suas considerações são inteligentíssimas e provam também provirem de espírito excepcionalmente culto.

Não poderemos responder desta vez a todos os casos que nos apresenta. Como nos sentimos na obrigação de responder a outros igualmente muito amáveis correspondentes, publicamos hoje as nossas considerações sobre um dos seus casos a acompanharem as respeitantes ao de outro interessado e guardamos para os numeros seguintes o que entendemos dizer ás restantes questões que nos propôs.

Realmente, quase toda a gente chama aos naturais ou os habitantes de Vila Nova de Famalicão *Famalicenses*, vocábulo que, embora falte inexplicávelmente nos dois vocabulários publicados pela Academia das Ciências de Lisboa (fazemos referência ao de 1940 e ao de 1947) e em alguns dicionários, como nota o Senhor Edmundo Nery Motrena, aparece registado, por exemplo, na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e no *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa* de Augusto Moreno, 7.ª edição. Por sinal, esta, póstuma, «revista e aumentada», escreve erradamente *famalicence*, em vez de *famalicense*.

Famalicense corre, na realidade, como designação de quem é natural ou habitante da citada localidade, ou, ainda, do que lhe é relativo.

Trata-se, como muito bem observa o nosso prezado correspondente, de vocábulo mal formado, pois de *Famalicão* só se esperaria, por via regular, a palavra *famalicanense*, em consequência de a presença do ditongo *-ão* postular presença anterior de *-an(o)* a que se juntaria o sufixo *-ense*. Isto é: *Famalican(o)-+-ense*.

Famalicense exigiria um nome primitivo *Famalica*, *Famalice* ou *Famalico*...

Cremos, porém, que a correcção do vocábulo hoje em uso não conseguirá impor-se, dada a popularidade que ele já conseguiu. Note-se a propósito, que na vila em questão até já se publicaram dois semanários com o nome «Famalicense», um em 1891 e outro em 1908.

Supressão da conjunção integrante

Torna-se por vezes difícil, no estilo português, evitar o aparecimento frequente da palavra *que* (umas vezes causal, outras integrante, mas mais vulgar como pronome relativo).

Dispomos, na verdade, de diversos processos para evitar tão incómodo encontro e entre eles poderemos aconselhar o que nos propõe o Senhor Décio Mendes: a sua supressão, quando integrante e a preceder verbo no modo conjuntivo.

A frase fica mais elegante, continua expressiva e até cumprimos, desse modo, norma já utilizada por alguns dos nossos mais prestigiosos clássicos, como se pode provar com o passo que vamos transcrever do admirável João de Lucena: «obrigar com isso ao príncipe lhe mandassem tirar a vida», na *História da Vida do Padre Francisco Xavier* (III, p. 163, ed. de 1600).

JOSÉ PEDRO MACHADO

E o próximo...?

— O senhor professor disse hoje, na aula, que nós devemos trabalhar para ajudar o próximo.

— Evidentemente!

— E... o que é que faz o próximo, enquanto a gente trabalha?

QUATRO GRANDES ESCRITORES DO NOSSO TEMPO

HUXLEY
metamorfose

MILLER
um diabo no paraíso

STEINBECK
a taça de ouro

QUATRO EDIÇÕES DE LIVROS DO BRASIL

O RISO da semana

REVOADA DE GRAÇAS

DESASTRE

Aquela boa esposa partiu o guarda-chuva na cabeça do marido e levada á presença do juiz, ele invectivou-a por ter praticado um acto tão censurável, desculpando-se então ela dizendo que aquilo tinha sido apenas um desastre. Perante o assombro do juiz ela explicou que não tinha tido a intenção de partir o chapéu de chuva... Fora um desastre.

PONTUALIDADE

Era uma pessoa tão previdente e tão pontual que, sempre que tinha uns momentos livres ia para a porta do cemiterio, porque tinha receio de chegar atrasado ao seu próprio enterro. E afinal (coisas do destino!) morreu num naufrágio e nunca chegou a ser enterrado.

COISAS ESQUISITAS

As raparigas só acham que as ruas estão mal iluminadas enquanto não têm um namorado

ILUDIDA

Ela julgou ter casado com um banqueiro e não se tinha enganado. O marido tinha uma oficina onde se fabricava bancos de cozinha. E então requereu o divórcio por ter sido iludida na sua boa fé.

O FILHO DO CONSTRUTOR

O pai, construtor civil, explicava ao filho as vantagens da sua profissão e aconselhava-o a que seguisse a mesma, e, para o ir acostumando, deu-lhe uma relação dos materiais de construção que são necessários para fazer uma casa:

— Vai decorando isso. cal, areia, ferro, madeiras tijolos, tintas, cimento, pedra, ferragens, sanitários, pregos e vidros.

— Sim pai, disse o filho, mas ainda falta uma coisa — a hipoteca.

ENTRE DOIS NAMORADOS

Dizia ele muito apaixonado:

— O meu amor por ti é tão grande, que estou absolutamente resolvido a casar imediatamente contigo.

E logo ela acudiu:

— Se realmente gostas assim tanto de mim o melhor que tens a fazer é permitir que eu seja feliz o mais tempo que possas.

POR CAUSA DA HERANÇA

Aquela senhora tinha tido tantos incomodos e tantos aborrecimentos para receber a herança do marido que, por vezes, até chegava a desejar que ele não tivesse morrido.

UMA DE SHAKESPEARE

Os ladrões exigem-nos a bolsa ou a vida; os médicos levam-nos a bolsa e a vida.

AO CÃO PERDIDO

Um francês, de passagem por Aberdeen, Escócia, (cujos habitantes passam por muito forretas) perdeu um cão que tinha em grande estimação e correu a pôr um anuncio no jornal prometendo duas libras á pessoa que lho encontrasse. Cinco minutos depois, querendo acrescentar mais qualquer coisa ao anuncio, voltou atrás e pediu para falar ao empregado a quem tinha entregue o anuncio.

— Acaba de sair — respondeu o porteiro.

— E o chefe dos escritórios?

— Também saiu.

— E o chefe da redacção?

— Saiu também.

— E o director?

— Também não está.

— Mas então — exclamou o francês — não está ninguém?

— Não, senhor.

— E para onde foi toda essa gente?

— Foram todos á procura do seu cão.

Uma dama muito elegante desce do eléctrico. Um homem olha e grita:

— Oh! que linda perna!

A dama mostra-se muito arreliada e um cavalheiro que desceu com ela diz-lhe:

— Não te zangues porque aquilo foi um cumprimento muito amável.

— Mas eu não acho. Eu só queria saber a razão por que ele se extasiou só com uma das pernas, quando a outra é exactamente igual.

* ANEDOTAS *

PRECOCIDADE

Aquela professora, bela rapariga de pouco mais de 23 anos, costumava propor um tema aos alunos. Certo dia escreveu no quadro: «Escrevei um pensamento sobre a vossa professora».

Joãozinho escreveu logo o seu pensamento: «O que eu mais desejava era ter vinte anos».

RECEITA RÁPIDA

O saloio não costumava pagar ao médico, arranjando sempre uma desculpa e a promessa de pagar no dia seguinte. Pela ultima vez que o consultou, o médico disse-lhe só:

— Estou com muita pressa. Tome três vezes ao dia diclorodifeniltricloroetano.

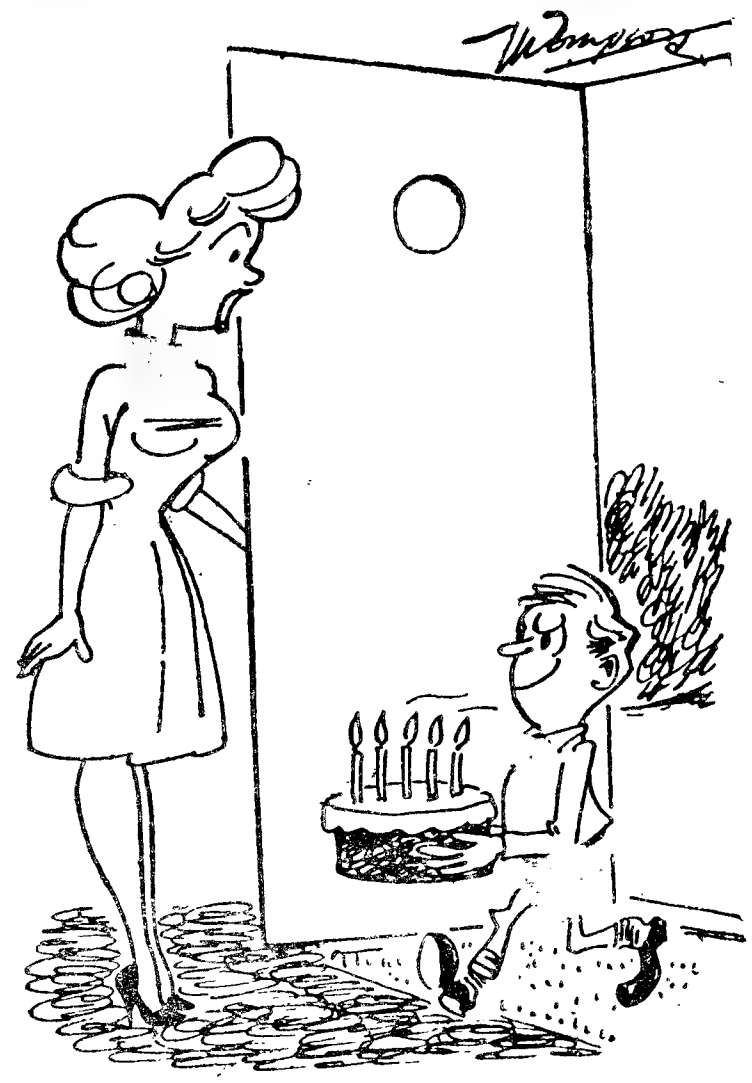
ANTEPASSADOS

Conversa de amigos á mesa do café:

— Se os nossos antepassados retornassem á terra, haviam de ficar maravilhados ao ver os aeroplanos.

— Sim, mas julgo que ainda ficariam mais admirados de ver maçãs a oito escudos cada uma.

— Sua Excelência diz que se ponha a cavar daqui para fora!



— Então, divertiste-te muito na festa de anos da Joana ..

O CÉREBRO ELECTRÓNICO SERÁ o mestre dos nossos filhos

«Alimentar» uma máquina electrónica exprime-se pelo termo «programação»

Qual o motivo que leva o animal a pressentir a aproximação do caçador? Porque circunstância uma criança distingue determinado tipo de avião? O que nos leva a reconhecer o «A» como a primeira letra do alfabeto? E porque distinguimos nós a pronuncia inglesa da brasileira?

Tudo isto resulta do chamado «reconhecimento das estruturas»: os sons e as formas são retidos, comparados com outros e associados a certos conceitos. As espécies atacadas por uma águia sabem-na distinguir de um outro qualquer pássaro inofensivo e imediatamente associar-lhe a ideia do perigo. A criança reconhece no céu este ou aquele tipo de avião por o ter já visto em qualquer jornal ou estampa. O aspecto das diferentes letras do abecedário encontra-se gravado na nossa memória. E, finalmente, conseguimos identificar o acento ou a língua do nosso interlocutor por comparação com os sons registados no nosso cérebro.

Esta questão do «reconhecimento das estruturas» foi um dos assuntos mais debatidos na Conferência Internacional Numérica da Informação, em 1960, realizada em Paris, e na qual estiveram presentes dois mil especialistas de 37 países diferentes.

As máquinas de que se ocuparam os especialistas que participaram nesta reunião, eram susceptíveis de resolverem a velocidades fantásticas problemas de uma complexidade extraordinária; as suas memórias mecanicas podem armazenar uma quantidade prodigiosa de informações; são capazes de aprender a «pensar», de regularizar o funcionamento de outras máquinas, de colocar um satélite artificial em órbita e lançar um foguete na Lua; são capazes, finalmente, de traduzir uma língua numa outra.

Semelhantes máquinas chegaram a este resultado, graças á — «programação». Os especialistas conseguem armazenar na máquina todas as informações uteis e comunicar-lhe as instruções necessárias para que essas informações se agrupem e satisfaçam as questões postas. O «programa» é um código secreto análogo ao dos serviços secretos, código que as células do cérebro electrónico estão habilitadas a decifrar. As informações e instruções devem ser introduzidas na máquina sob a forma de fichas ou de bandas perfuradas. Se a parte electrónica de uma máquina pode «jogar» com dez mil elementos de informação (posições binárias) por segundo, um tempo considerável deve, em contrapartida, ser consagrado á elaboração dos «programas» e á perfuração das fichas ou bandas com as «instruções».

Suponhamos, por exemplo, que se deseja traduzir em russo um texto francês: o texto, logo de início, deve ser dactilografado numa máquina que transforma os caracteres em sinais perfurados. A máquina tradutora analisa, então, estes caracteres, e compara as palavras francesas com as dos dicionários que — sempre por intermédio de fichas ou bandas perfuradas — se encontram registadas na sua memória. Os vocábulos russos são, por sua vez, inscritos numa banda perfurada, que acciona uma máquina de escrever aléctrica.

O orador falará em francês e a máquina traduzirá em russo

O ideal seria colocar a máquina ante uma página impressa e processar-se uma tradução igualmente impressa. Mais util seria que a máquina captasse a voz de um orador falando francês e traduzisse em russo as palavras proferidas. Uma máquina assim aperfeiçoada, fácilmente substituiria os intérpretes no decorrer das conferências internacionais.

No momento actual, todavia, tudo isto ainda se encontra nas nuvens, no mundo das hipóteses. No entanto, os participantes na Conferência da Unesco, não esconderam o seu optimismo quanto ás possibilidades técnicas. Há doze ano era ínfimo o numero de pessôas que dedicavam a sua atenção aos calculadores. Hoje, são ás centenas de milhar. Os primitivos aparelhos, unicamente capazes de simples operações aritméticas, transformaram-se em verdadeiros «cérebros mecanicos» dotados de faculdades estranhamente humanas. Não tardará o momento em que se reconhecerão nessas máquinas as «estruturas» que permitem a um cérebro humano raciocinar.

Verdadeiramente — o que é que falta para isso? A percepção de uma imagem e a sua transmissão por processos electrónicos não constituem já um problema. Tenha-se em conta a televisão: o «reconhecimento das estruturas» está perfeitamente assegurado para o telespectador. O telefone e a rádio convertem a voz em sinais que reproduzem á distancia uma voz idêntica. Atente-se, no entanto, que é uma audiência humana que «reconhece as estruturas».

A voz artificial terá um sotaque escocês

Imagens e sons podem ser armazenados numa memória electrónica. As imagens de televisão podem ser conservadas, não sómente sob a forma de filmes semelhantes aos desbobinados em qualquer casa de espectáculos, como, também, através de sinais registados em bandas magnéticas. Quer os filmes, como as bandas, transmitirão, no momento oportuno, as imagens desejadas e o som que, porventura, se gravou.

Convém, igualmente, assinalar a existência de um dispositivo notável que permite captar uma voz, analisar-lhe as frequências e transmiti-las sob a forma de sinais codificados — exactamente como uma mensagem pode ser telegrafada em vez de ser telefonada. Os sinais são decifrados por um aparelho receptor que os converte em sons, os quais originam a audição de uma «voz artificial» quase semelhante á da pessoa que enviou a mensagem. Haverá uma unica diferença: essa voz terá uma pronuncia escocesa.

«Formidable» (francês) e «formidable» (inglês)

Assim se inicia uma nova etapa para o «reconhecimento artificial das estruturas»: o aparelho acima descrito sabe, com efeito, distinguir as pronuncias diferentes de uma mesma palavra. Ele não confunde o «formidable» dos franceses com o «formidable» dos ingleses. O aparelho distingue o «à» do «ei»! Ora, isto é verdadeiramente formidável...

As dificuldades técnicas a vencer são, todavia, enormes — dado que, para se reconhecerem as estruturas, necessário se torna que a máquina, não sómente armazene as imagens, más, também, as compare. Ela deverá, não sómente, reconhecer a letra «a», mas, também, identificá-la como a primeira letra do alfabeto. Da mesma maneira, o numero «2» não será um algarismo manipulado pelas calculadoras, mas, também, uma imagem a recompor. Sob o ponto de vista aritmético, «2» representa 1+1, ou sejam três elementos de informação; mas, como afirmaram os sábios japoneses na Conferência, sob o ponto de vista do «reconhecimento das estruturas», são precisos 120 elementos de informação para a identificação da imagem «2».

Os matemáticos preocupam-se do mesmo modo com o «reconhecimento das estruturas» para as suas máquinas, dado que pretendem que estas não só resolvam equações aritméticas, como, também, tratem de formas geométricas: linhas, superfícies e volumes.

O «reconhecimento das estruturas» poderá encontrar uma aplicação imediata e relativamente fácil no domínio da análise dos documentos. Está, presentemente, a «ensinar-se» ás máquinas como extrair dos documentos científicos aqueles elementos que permitem identificar o autor e as frases mais próprias para uma ideia geral do conteudo. Caso tal se consiga, seria um passo gigantesco na difusão das informações científicas! Sabe-se que, actualmente, três milhões de artigos científicos são publicados todos os anos em mais de 40 000 revistas especializadas de diferentes países. E' práticamente impossível uma pessoas apropriar-se de tal torrente de informações, as quais desaguam nas bibliotecas e laboratórios do Mundo inteiro. Mas quando as máquinas souberem «armazenar» as mais importantes informações, analisar os documentos e extrair as partes essenciais, todas as atenções estarão habilitadas a uma documentação imediata, concreta e precisa.

A máquina, embora por nós controlada, homens do presente, será o mestre dos nossos filhos, homens de amanhã.

PAOLA TINHA FRIO e foi contra o protocolo pedindo ao marido que fosse com ela para casa

Paola transformou-se. Aquela que era conhecida por «princesa foliona» é agora um modelo de coragem e paciência.

Ela quase não sai do Castelo de Belvédère — e, na prática, quase sempre se encontra afastada do marido. O descuido feliz dos primeiros meses findou: Alberto trabalha e ajuda o rei, que é seu irmão. Em 19 de Março findo, integrado numa missão económica, deslocou-se á Inglaterra. Dois dias mais tarde, passou a Roma, onde assistiu a um consistório, no decorrer do qual monsenhor Suenens, arcebispo de Malines, recebeu o chapéu de cardeal.

Foi a primeira vez que Paola não acompanhou o marido numa viagem á Itália — e necessário foi á princesa ter serenidade e disfarçar o desgosto.

Quinze dias depois o casal encontrou-se em Klosters, na Suíça, e o sorriso do pequenino Philippe foi o encanto dos pais separados por questões de Estado. Mas Alberto logo partiu solicitado por essas mesmas questões...

Não tardará muito que Alberto empreenda uma viagem de estudo pela América do Sul. A unica esperança de Paola, é que o príncipe parta depois de Junho. Tanto ela desejava que o marido estivesse junto de si por ocasião do nascimento do seu segundo filho!

● Sempre terna

Ainda há muito pouco tempo, Paola revoltar-se-ia com semelhantes ausências. Actualmente, no entanto, ela aceita de bom grado estes sacrifícios. Ela sabe que o marido joga uma partida difícil e que obrigatório se torna mostrar aos seus detractores serem de somenos importancia as férias na praia ou na montanha. «Paulo é pago para alguma coisa».

Todavia, de quando em quando, a jovem princesa esboça um movimento de revolta. Mas é tão encantadora na atitude, tão gentil e suave, que até os seus piores inimigos não murmuram.

Há dias, no Cinema Eldorado, em Bruxelasc, Paola e Alberto apareceram juntos numa «soirée» dedicada aos Cavaleiros de Malta. Há já muito tempo que não saíam juntos — e Paola, pelo braço do marido, estava córada de prazer.

Terminada a sessão, Alberto demorou-se no átrio do cinema a fim de cumprimentar e elogiar os organizadores da «soirée». Paola impacientou-se. Desejava penetrar na intimidade do lar e desfrutar a sua paz na companhia do marido. Sem olhar ao protocolo, enfiou o seu braço no de Alberto e disse-lhe:

— Vens, Alberto? É que estou com frio.

MANUTENÇÃO MILITAR

FUNDADA EM 1897

Órgão abastecedor das Forças Militares em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes — Fornecedores das Cantinas e Cooperativas Militares

2 «GRAND-PRIX» NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO
2 MEDALHAS DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA

Sede em Lisboa (Beato) — com Fábricas de Moagem, Pão, Massas alimentícias, Torrefacção e moagem de café, Bolachas e Comprimidos

Depósito de Géneros, Forragens, Combustíveis e Lubrificantes
Secção de abastecimento de gasolina e óleos

Sucursais em: COIMBRA, ELVAS, ENTRONCAMENTO, ÉVORA, PORTO, LUANDA, L. MARQUES e BISSAU

Delegações: (com Depósito de Géneros) em todas as Guarnições Militares do País

«MESSE» DE OFICIAIS EM LISBOA, PEDROUÇOS, PORTO, CAXIAS E TOMAR

Fábrica de Papel da Abelheira

TOJAL — LOURES

Papéis e Cartolinas — Papéis Parafinados
Papéis Gomados — Sacos de papel Multi-folhas e Saquetas

GUILHERME GRAHAM J.or & C.a

LISBOA — Rua da Alfândega, n.º 160
PORTO — Rua dos Clérigos, n.º 6

Crédit Franco-Portugais

Fundado em 1895 pelo
CRÉDIT LYONNAIS

SEDE EM LISBOA
Rua da Conceição, 92
Telef.: 362512

Dependência Urbana
247-B, Avenida Almirante Reis
Telef.: 710047

AGÊNCIA NO PORTO
Avenida dos Aliados, 66-80
Telef.: 25705

Dependência de Matosinhos
Rua de Brito Capelo, 94
Telef.: 932392

Ao serviço da economia portuguesa
Ao serviço das relações bancárias e comerciais entre Portugal e o Mundo

VINHOS
DE
COLARES
V. S.

VISCONDE DE SALREU

GRANDES CAVES EM COLARES
O MELHOR ENTRE OS MELHORES
AZEITES finíssimos para consumo e exportação
VINHOS VERDES DAS MARCAS
«CASAL DA SERRA»
e Peara
«CASAL MIRANDA»

D. J. SILVA, LDA.
RUA BARATA SALGUEIRO, 15-1.º — LISBOA
Telefone 47154

Banco Borges & Irmão

PORTO S. A. R. L. **LISBOA**

Instituição fundada em 1884
Capital e Reservas — Esc. 157 500 000$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga)-Sá da Bandeira Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido Foz do Douro—Boavista—Carlos Alberto e Costa Cabral (Areosa)

Dependências em Lisboa — Praça dos Estados Unidos da América Avenida Fontes Pereira de Melo, Rua Pascoal de Melo e Avenida Álvares Cabral (ao Rato)

AGÊNCIAS—Braga, Setúbal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa, Gondomar, Vila do Conde Murtosa, Alberg.-a-Velha e V. N. de Gaia
POSTO em Vilar Formoso
Correspondentes no Rio de Janeiro — *Banco Borges*

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

SENA SUGAR ESTATES, LDA.

SEDE EM LONDRES
Plantações e Fábricas de Açúcar em Luabo e Marromeu
Província de Moçambique

Direcção local: Avenida da India, 8 — Lisboa

Prefiram sempre Conservas TENÓRIO

ATUM TENÓRIO

à venda nos bons estabelecimentos

Renascença Gráfica

S. A. R. L.

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1961
RELATÓRIO

Senhores Accionistas:

Vimos submeter á vossa apreciação e deliberação o Relatório e as Contas respeitantes ao exercício de 1961.

Os numeros, que constam do Balanço e da Conta de Ganhos e Perdas, exprimem com inteira nitidez a situação da Renascença Gráfica, dispensando quaisquer comentários.

É-nos grato reconhecer a valiosa cooperação do digno Conselho Fiscal, e bem assim a constante dedicação, zelo e esforço de todo o pessoal ao serviço da Empresa.

Terminado agora o nosso mandato trienal, há que proceder á eleição dos Corpos Gerentes.

Para o saldo final dos lucros propomos a seguinte aplicação :

Fundo de Reserva	2 129$99
Fundo para aquisição de Acções	4 259$98
Conselhos de Administração e Fiscal	3 833$98
Reserva para Renovação de Material e Máquinas	8 150$37
Dividendos	24 000$00
Saldo para 1962 ...	225$56
	42 599$88

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1962.

O Conselho de Administração
(aa) *Dr. João Ruella Ramos*
Dr. Guilherme Pereira da Rosa
Eng.º Pedro Manso Lefèvre

BALANÇO GERAL

Activo

Acessórios e Tipo.....	18 000$00
Armazens Gerais	278 690$00
Caixa	34 311$55
Depósitos em Bancos	78 342$64
Cobranças Duvidosas	31 480$80
Devedores Gerais ...	695 261$58
Edifícios e Propriedades	35 000$00
Letras a Receber	18 385$94
Máquinas	450 000$00
Móveis e Utensílios ...	15 000$00
Valores á Cobrança ...	1 378 087$28
	3 032 559$79

Passivo

Capital	200 000$00
Credores Gerais	2 231 402$84
Fundo para Aquisição de Acções	136 989$24
Fundo de Reserva ...	73 494$59
Reserva para Cobranças Duvidosas	31 480$80
Reserva para Renovação de Material e Máquinas	316 592$44
Ganhos e Perdas	42 599$88
	3 032 559$79

Conta de GANHOS E PERDAS

	Débito	*Crédito*
Edições ...		1 267 844$81
Juros e Descontos		1 620$12
Armazéns gerais ...		22 229$46
Contribuições e impostos	251 076$10	
Encargos Corporativos	435 696$35	
Obras e Reparações	156 030$20	
Gastos Gerais	396 197$01	
Ganhos e Perdas:		
Créditos incobráveis	10 246$95	
Saldo de 1960		152$10
Saldo desta conta	42 599$88	
	1 291 846$49	1 291 846$49

O Guarda-Livros
(a) *Mário P. da Silva Pereira*
O Conselho de Administração
(aa) *Dr. João Ruella Ramos*
Dr. Guilherme Pereira da Rosa
Eng.º Pedro Manso Lefèvre

Parecer do CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Como é de lei, verificámos a escrituração da Sociedade, conferimos os valores, e examinámos atentamente as contas, tudo encontrando na devida ordem.

Agradecemos as amáveis referências, com que nos honra o Conselho de Administração, e somos de

PARECER

1.º Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas da Administração, que é digna de louvor;
2.º Que se reconheça o zelo e prestante actividade do pessoal ao serviço da Empresa;
3.º Que se realize a eleição dos novos Corpos Gerentes.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1962.

O Conselho Fiscal
(aa) *Cap. Felisberto Tavares*
Dr. Alberto Ruella Ramos
Carlos Alberto Pereira da Rosa

Uma das vozes

que encantam a América pertence a uma jovem de ascendência portuguesa

PARECE que desponta, em radioso clarão de promissoras esperanças, no firmamento artístico da América do Norte, onde brilham fulgurantes constelações do mundo lírico, uma «estrelinha» cujo rasto luminoso partiu da terra portuguesa.

E' uma pequena cantora luso-americana, com doze anos, de família radicada na Califórnia, possuidora de uma voz que os mestres classificam de «inacreditável para a sua idade». Chama-se Clairette Clementino e o seu nome, que tem para nós uma grata ressonancia portuguesa, ouviu-se já em Hollywood como auspicioso pronuncio de uma carreira triunfal, depois de expressivos êxitos com os primeiros discos de larga e entusiástica repercussão e em triunfais actuações nalgumas categorizadas emissoras de rádio e televisão.

Recentemente, a jovem cantora, que, além de uma voz prodigiosa, afirma invulgar personalidade artística, gravou em Hollywood, para a companhia «Encore Records», mais duas das suas magníficas e afamadas canções, anunciando-se que vai agora tomar parte «numa gigantesca «Teen Age Fair», na capital do Cinema, em que será eleita a «Miss Teen USA».

E falam os jornais na possibilidade de Clarette Clementino actuar, brevemente, num sensacional programa de Dinah Shore — consagração dos méritos, classificados de verdadeiramente excepcionais, da pequena artista, a caminho da celebridade, distinguida já como «uma das vozes que encantam a América».

A pequena cantora Clairette Clementino

Abrem-se-lhe as portas da fama

Para ter alcançado tão assinalados êxitos, é preciso que a jovem cantora seja realmente dotada de invulgar talento artístico. De facto, a pequena Clarette Clementino não precisou mais do que o «prodígio da sua voz maravilhosa» para se tornar notada num meio onde não escasseiam autênticos valores, aos quais, tantas vezes por lhes faltar talvez o dom indefinido dos predestinados, a glória não bafeja.

Principiou a cantar, «com singular poder aliciante, numa surpreendente revelação de raros dotes naturais», aos três anos e na sua rutilante e rápida trajectória ascensional brilhou no «Dick Stwart Show» e entusiasmou categorizados auditórios cantando em diversas cidades da Califórnia e no México.

Apareceu, também, por duas vezes, com Bob Conrad e Poncie Ponce, no programa da TV, «Hawaiian Eye». Entusiasmado pela voz «insinuante, sugestiva, extraordinàriamente bela» da pequena cantora, Bob proclamou: — «Em seis meses, será famosa!». — E essa profética exaltação do notável talento da jovem artista transforma-se em realidade, pois já a sua voz ressoa triunfal por toda a América, que lhe abre as portas doiradas da fama.

Orgulho dos portugueses da América

Com o natural orgulho pela celebridade da pequena cantora de origem portuguesa, o «Diário de Notícias», que no nosso idioma se publica em New Bedford, festeja os seus êxitos invulgares:

«Clairette Clementino actuou no *Palladium*, em Hollywood, ante uma assistência de 2 700 pessoas, no dia 1 de Novembro do ano passado, ao lado de artistas como Steve Allen, Pey Bishop, Danny Thomas, Bobby Darin, Connie Stevens, Soupy Sales e outros de igual categoria.

«Dick Stewart, do *KPIX Dance Party*, disse, nessa altura, custar-lhe a acreditar que Clairette possuisse uma voz de tal calibre. Disse o mesmo locutor, que a apresentou na TV, que a voz de Clairette é um «misto de Juddy Garland, Brenda Lee e Connie Stevens». Um agente da *Encore Records*, que a ouviu, então, contratou-a para gravar, e o seu primeiro disco, com as canções «You've been telling our secrets», foi o primeiro classificado no programa «Batalha de Sons», da estação de rádio KYA(sendo votado *O melhor disco da semana*».

Com entusiástico interesse foi aguardada a apresentação de outro disco da pequena cantora no célebre programa de Groucho Marx, «estando este famoso comediante americano — acrescenta o jornal — interessado na carreira de Clairette Clementino».

Dizem de El Verano, na Califórnia, que «numerosos locutores da rádio da costa do Pacífico têm pela pequena artista luso-americana grande predilecção, tocando constantemente as suas canções».

E todos os portugueses que vivem nos Estados Unidos, quando ouvem cantar a jovem Clariette Clementino, sentem, com o fascínio da sua linda voz, o convicto orgulho na certeza de verem «brilhar, em breve, uma artista nossa no firmamento da canção americana».

Uma vacina

eficaz

contra o sarampo

O sarampo é, como se sabe, uma doença febril e contagiosa, que se caracteriza pela erupção de manchas vermelhas na pele. Ataca, de preferência, as crianças — e torna-se perigosa nos adultos.

Os cientistas norte-americanos descobriram agora um novo método de administrar a vacina contra o sarampo, que proporciona práticamente cem por cento de imunidade.

Uma das maiores vantagens da vacina, que foi estudada pelo dr. John F. Enders, do Hospital Infantil de Boston, é eliminar os efeitos malignos causados pelo sarampo na maior parte dos cérebros das crianças, segundo afirma o dr. Joseph Stokes Jr., que esclarece sobre os resultados dos ensaios decisivos: «Fizemos experiências com cinquenta crianças que receberam a vacina. Devíamos ter encontrado vinte e cinco com alguma forma suave de alteração cerebral e não encontrámos nenhuma».

Acrescentou o cientista:

«Para muitos dos países em desenvolvimento a vacina é uma bênção. Nalguns desses países, o sarampo mata dez por cento das crianças que o contraem».

As muitas e variadas utilizações do milho

Em Portugal, a utilização do milho está ainda muito limitada: pão, forragem, palhas e industrialização em pequena escala para a obtenção dos amidos. Nos grandes países produtores, como os Estados Unidos, a Itália, a Jugoslávia, a França, o Egipto e a Espanha, noventa por cento do milho é industrializado.

Depois de debulhado e limpo, é colocado em tanques de maceração, passando, em seguida, aos moinhos. Daqui vai aos degerminadores, para se fazer a separação dos gérmens. Secos e prensados, dão o óleo que tem larga aplicação na cozinha, industria de saboaria, cortumes, produtos farmacêuticos, etc. A água da maceração serve para o fabrico de antibióticos. Da massa restante extrai-se o farelo, que se aplica na manufactura de rações para gados e mesmo de alimentos humanos. Por sedimentação, separam-se o amido e o gluten. Este é muito rico em proteínas, óptimo para a alimentação.

Devidamente preparado, o milho utiliza-se ainda no fabrico de vernizes, esmaltes, têxteis artificiais e produtos farmacêuticos. O amido do milho pode usar-se como tal, ou para se obterem dextrinas, glucoses e dextroses, que têm larga e variada aplicação.

O milho tem ainda muitas mais utilizações industriais, além do caso especial da conserva, muito divulgada nos Estados Unidos e países mediterranicos. Muitos países europeus aprovcitam-no, também, para a produção de papel e sedas artificiais, corantes e plásticos. Nas regiões nórdicas, especialmente na Russia, o milho, a meio crescimento, é usado para ração de gados e a obtenção de adubos.

Em suma, o milho pode constituir uma magnífica fonte de riqueza e de recursos económicos, se não for apenas gasto no fabrico de pão.

AQUI ENTRE NÓS (CONVERSA INTIMA)

Leitora assídua do seu correio, compreendo que ele tem um carácter íntimo que na verdade não posso atribuir ao problema que neste momento me preocupa. Mas como não tenho a quem pedir conselho e a Telma soube despertar-me confiança e simpatia, venho dizer-lhe o que se passa, na certeza de que me ajudará.

Um casal amigo convidou-me a ir passar com ele uma semana, logo que me seja possível. Como nos damos muito bem aceitei, e estou disposta a ir breve, mas surgiu-me uma duvida: devo levar-lhe um presente, ou não? Caso afirmativo, o que será mais indicado?

RESPOSTA

E' natural que o convidado corresponda á atenção que lhe dispensaram com uma outra atenção. Sem duvida é gentil oferecer uma lembrança, que as circunstancias, grau de intimidade e possibilidades financeiras aconselharão: umas garrafas de Porto ou de espumante, um belo cesto de frutas, ou doces — qualquer coisa que se considere supérfluo e não essencial. Um bom livro ou disco serão igualmente bem recebidos. Se na casa há crianças, também um brinquedo ou qualquer outra lembrança para elas lisonjeará os pais.

O que se oferece deve revelar bom gosto e significar sobretudo um bom pensamento amigo — como todas as «lembranças».

Se as pessoas que lhe fizeram o convite não vivem na abastança, mas só nesse caso, pode oferecer-lhes um presente de mais valor e utilidade, mas sempre com muita delicadeza e de maneira que não dê a impressão de pretender «pagar» a atenção recebida.

*

UMA GULOSA EXIGENTE— Não conheço nenhum livro que se ocupe exclusivamente da decoração de bolos. Mas quase todas as obras de culinária dedicam um capítulo ás doçarias e nele incluem os ensinamentos e sugestões que pretende.

Parece-me que o melhor recurso é justamente esse que aponta: procurar nas boas livrarias os livros da especialidade. Por outro lado, as montras das pastelarias apresentam por vezes bolos muito bonitos, constituindo excelentes indicações para as senhoras hábeis e com conhecimentos básicos do assunto.

Nisto, como em quase tudo, o mais importante é a prática e o gosto pessoal. Estou certa de que será capaz de realizar maravilhas, logo que se disponha a dar forma ao que a imaginação lhe sugerir.

*

SENHORA DOS AFLITOS — Não posso dar-lhe opinião em problema tão grave e que mal conheço. Acho que deve consultar um advogado. Não perca a calma, coragem e fé no futuro. Há-de surgir uma boa solução.

Acompanho-a com toda a simpatia.

TELMA

disco da semana

MELODIAS de SEMPRE N.º 4

orquestra dirigida por ALVES COELHO FILHO

* MARIA FERNANDA SOARES

** ARTUR GARCIA

— Cartolinhas
— Camélias
— Canção do Ribeirinho
— Tu és o meu coração

Um disco COLUMBIA

Editado pelos Estabelecimentos

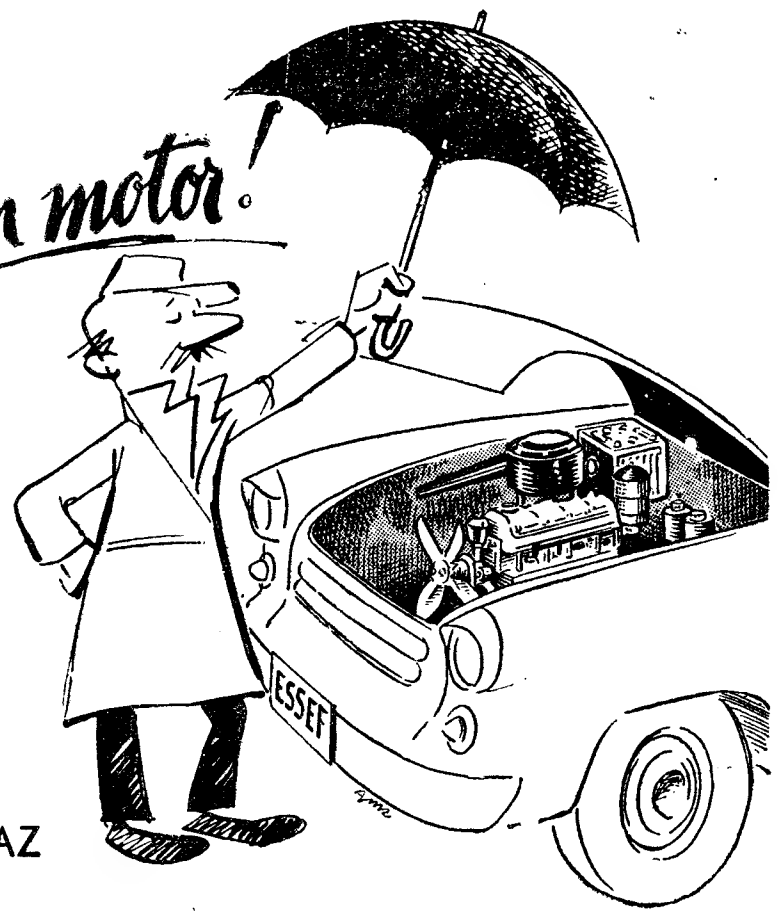
Valentim de Carvalho, Lda.

Rua Nova do Almada, 97

— Lisboa —

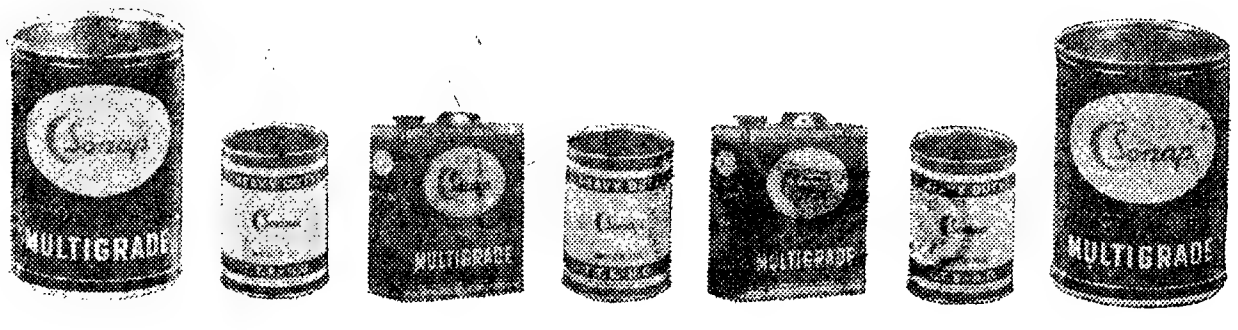
Assim

Não se protege um motor!



PARA PROTECÇÃO EFICAZ
PREFIRA OS

lubrificantes Sonap



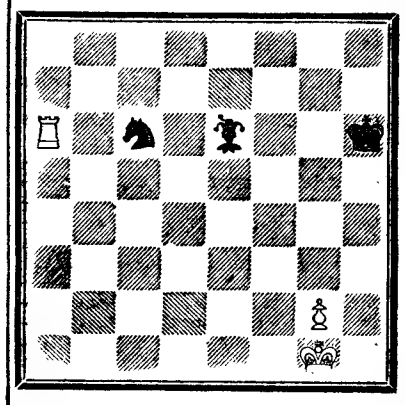
61/195

XADREZ PARA TODOS

PEÇA SEMI-INAMOVIVEL

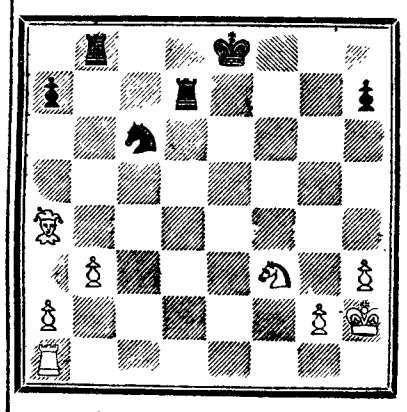
Embora a **peça semi-inamovivel (ou semipregada)** não seja muito **vulgar** no decorrer **da partida**, convém aos iniciados conhecer quando ela se produz, tanto mais que é comum nos problemas de xadrez, aos quais nos **dedicaremos** na altura própria.

O **diagrama seguinte** auxiliará **a** interpretar a situação em que se cria uma peça semi-inamovível:



a Torre é uma peça que indirectamente está a ameaçar o Rei; o Cavalo e o Bispo, que estorvam a acção da peça atacante, são neste caso peças semi-inamovíveis (ou semipregadas), pois, se qualquer delas, para evitar ser capturada, abandonar a linha em que se exerce a acção atacante da Torre, a outra ficará pregada, em consequência de não poder colocar o seu próprio Rei em xeque.

Outro exemplo:



aqui é um Bispo que ataca indirectamente o Rei negro; Cavalo e Torre são as peças semi-inamovíveis — qualquer delas ficará pregada quando a outra partir.

Sempre novidades aos melhores preços do mercado

TUDO PARA DECORADORES E ESTUFADORES

SÓ PARA REVENDA

●

JORGE, FERREIRA & CARVALHO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 16-2.º

Telefone 323072 LISBOA

Boa ocasião para uma visita a SEVILHA

aproveitando os bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos á venda em várias estações da C. P. por motivo da FEIRA DE ABRIL naquela cidade espanhola.

Os portadores de bilhetes por Vila Real de Santo António podem na mesma viagem visitar também o Algarve, pois os bilhetes permitem paragens nas estações intermédias do percurso

Período de venda — de 5 a 30 de Abril
Validade para regresso — de 10 de Abril a 5 de Maio

Os preços e condições constam de cartazes afixados nas estações.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital e Reservas: 373 mil contos

SEDE
LARGO DO CHIADO, 8
Telef. P. P. C. 30194
LISBOA

FILIAL
Pr. G.ºº Gomes Fernandes, 10
Telef. P. P. C. 25977
PORTO

Agências por todo o Continente, Ilhas e Ultramar

António Moreira Rato & Filhos, Lda.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
CRÉS — LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 660879 - 663708 — Telegramas: «Ratofilhos»

AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

TEATRO+CINEMA+RÁDIO+TELEVISÃO

HÁ 41 ANOS, ISTO É, EM 7 DE ABRIL DE 1921, NÃO TÍNHAMOS RÁDIO NEM TELEVISÃO... COMO SE SABE. PORTANTO, NESTA PÁGINA EVOCATIVA DO TEMPO EM QUE APARECEU O «DIÁRIO DE LISBOA», FALAREMOS PRINCIPALMENTE DE TEATRO E DE CINEMA.

O «Diário de Lisboa»
e os espectáculos

Desde o seu primeiro numero que o «Diário de Lisboa» dedicou o maior interesse aos espectáculos, particularmente ao Teatro. E de tal modo que, nesses já recuados tempos de 1921, se dizia, com certa ironia, que o «Diário de Lisboa» era o «Diário do Governo»... dos teatros!

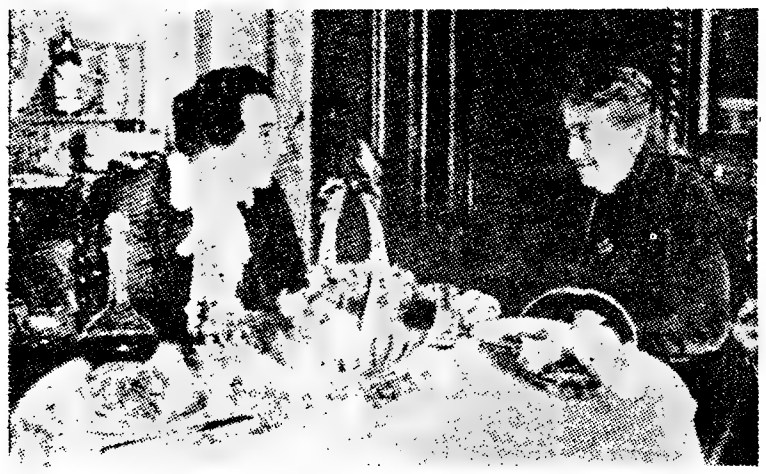
Logo no seu primeiro numero, o nosso jornal trazia uma desenvolvida secção teatral. A abrir, noticiava: «A próxima «première» do Gimnasio», nos seguintes termos: «Araujo Pereira, o talentoso ensaiador que todos conhecem, trabalha sem cessar nos ensaios de apuro da vibrante peça de Mirbeau «Les affaires sont les affaires» vertida para o nosso idioma com o título «Negócios são negócios».

E nas «Notícias Inéditas», anunciava: «O actor Robles Monteiro faz a sua festa no Teatro Nacional com a primeira representação da peça em 4 actos «Os Cegos», original do ilustre escritor Joaquim Leitão. — Tito Arantes, autor de duas pequenas operetas, que foram ouvidas com geral agrado em alguns dos nossos primeiros salões mundanos deve estrear-se como autor dramático brevemente no Teatro Nacional com a representação da sua peça «Emigrantes», que será levada á cena em festa artística da ilustre actriz Amélia Rey Colaço. — Segundo nos informam projecta-se fazer na 50.ª representação da peça «Zilda», que actualmente está em cena no Teatro Nacional, uma festa de homenagem ao seu autor sr. dr. Alfredo Cortez. — Na próxima época de Verão o Teatro Avenida será explorado por uma companhia de declamação que está sendo organizada pelo actor Robles Monteiro e pela actriz Amélia Rey Colaço. Parece que farão parte dessa companhia, entre outros, os artistas Henrique de Albuquerque, Laura Hirsch, Matos Reis, Seixas Pereira — Está sendo distribuída no Teatro do Ginásio a comédia em 3 actos «Adão e Eva», do ilustre dramaturgo e poeta sr. ar. Jaime Cortezão, que brevemente ali subirá á cena em festa da actriz Berta Viana da Mota. — Está em ensaios no S. Luís para a récita do actor Henrique Alves a opereta «Sinos de Corn-ville».

No seu n.º 2, o «Diário de Lisboa» entrava na polémica acerca da peça «Zilda», de Alfredo Cortez, publicando um artigo de Rodrigues Alves; anunciava o regresso de Lucília Simões e, na secção «Teatros», que se tornaria habitual, inseria mais «notícias inéditas» e «reclames» das peças em cena. Com o «Cartaz» (nove espectáculos teatrais e uma companhia de circo no Coliseu de Recreios), publicava a lista dos «animatógrafos» em actividade: «Olímpia», Rua dos Condes; «Cinema Condes», Av. da Liberdade; «Chiado Terrasse», Rua António Maria Cardoso, e «Salão Central», Praça dos Restauradores. A estes «animatógrafos» juntar-se-ia, dias depois o «Salão Ideal», da Rua do Loreto.

É curioso que, enquanto o cartaz de teatros indicava a hora do espectáculo e o título da peça, o mesmo não acontecia com os cinemas. Isso mostra que o animatógrafo, em 1921, não atingira ainda, o prestígio de que hoje goza, o que não impediu que, no seu n.º 30, o «Diário de Lisboa» publicasse um artigo de Almada Negreiros, incluindo um desenho, sobre Charlie Chaplin. «Eu tenho vergonha de dizer que ele é das pessoas que mais admiro», dizia o autor do artigo, que concluia: «Charlot é o unico homem de quem conheço a obra completa».

A importancia dada pelo «Diário de Lisboa» aos espectáculos não deixaria de crescer. No seu numero 11, publicava um artigo de Manuel de Sousa Pinto sobre Nijinsky, intitulado «O Bailarino Enlouquecido» e a atenção dada ao Teatro aumentava de dia para dia, com notícias, críticas, polémicas e artigos de variada procedência.



Lucília Simões e Lucinda Simões, a filha e a mãe, duas grandes artistas, duas épocas do teatro português, fotografadas em 1921

AMÉLIA REY COLAÇO

VEDETISMO
E VANGUARDISMO

Os males e os bens do vedetismo não são do cinema de hoje. Os anos de vinte são, precisamente, os que marcam a vitória espectacular das grandes vedetas, sistema que trouxe os salários fabulosos e a quimera do ouro... de celuloide.

Em Itália floresceu a chamada «geração das grandes divas», em que se destacaram as «trágicas do silêncio», Francesca Bertini, Lyda Borlli e Pina Menichelli, enquanto em Hollywood iam surgindo as famosas «estrelas» da época, cuja popularidade foi também enorme. Os ecos dessa popularidade chegaram, em certos casos mais talentosos, até aos nossos dias, como por exemplo no que se refere a Glória Swanson e Mary Pickford.

De certo, podemos considerar Charlot uma vedeta surgida da popularidade da geração dos cómicos de 1910, mas transcendeu ràpidamente o vedetismo pelo talento.

Em pleno 1921, o cinema beneficiou do entusiasmo dos artistas e intelectuais que lhe trouxeram outras ambições e lhe indicaram novos caminhos. E' o período do vanguardismo, particularmente significativo em França.

Da importancia dessa benéfica invasão intelectual (Gance, Delluc, Dulac, Leger, Epstein, René Clair, l'Herbier, Renoir, etc.), é bem o espelho a retrospectiva que está a ser, actualmente, projectada em Lisboa, pedida pela Cinemateca Francesa.

A luta entre o espectáculo e a criação, a ganância e a inteligência, o comércio e a arte é, de resto, umas das características mais acentuadas do cinema de todas as épocas. Aos vanguardistas dos anos vinte se deve, porém, o mais decidido combate por um cinema artisticamente válido.

Esse combate não derrotou o vedetismo, mas abriu largos e novos caminhos ao cinema como expressão de arte.

O CINEMA PORTUGUÊS
EM 1921

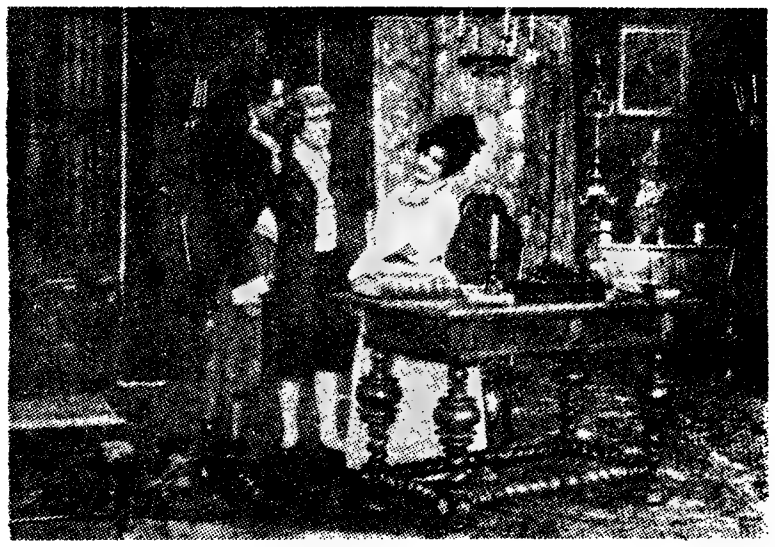
O aparecimento do «Diário de Lisboa» coincidiu com o período de maior prosperidade e entusiasmo da nossa incipiente industria cinematográfica. Foi o período áureo da «Invicta Film», fundada no Porto em 1918.

Em Lisboa, a «Lusitânia» construira um estudio e produzira dois filmes realizados pelo estreante Leitão de Barros: «Malmequer» e «Mal de Espanha». Nascimento Fernandes filmara em Barcelona, criando um tipo de cómico ao estilo do tempo: «Nascimento Sapateiro» e «Nascimento Musico». Mário Huguim, em Lisboa, realizou «O Condenado», adaptação da peça de Afonso Gaio, figurando o pintor Almada Negreiros entre os intérpretes (Virgínia Pereira, Ana Pereira, Joaquim Costa, Maria Sampaio, Joaquim de Oliveira, etc.). Também Ernesto de Albuquerque dirigiu e fotografou «A Morgadinha de Vale Flor», segundo a obra homónima de Pinheiro Chagas, com Auzenda de Oliveira e Artur Duarte; «O Rei da Força» e «O Suicida da Boca do Inferno», argumentos de Álvaro Baptista, que era um dos intérpretes. Lino Ferreira filmou uma peça dos irmãos Quintero, «O Centenário», com os intérpretes do palco: José Ricardo, Ilda Stichini. Rafael Marques, Joaquim Costa e Jorge Grave.

A «Invicta Film», após os êxitos anteriores, nomeadamente «Os Fidalgos da Casa Mourisca», produziu, em 1921: «O Amor de Perdição», segundo o romance de Camilo, realizado por Georges Pallu, com Pato Moniz, Brunilde Judice, Irene Grave, Alfredo Ruas, António Pinheiro, Samuel Dinis, Jorge Grave e Maria Judice da Costa; e «Mulheres da Beira», segundo um conto de Abel Botelho, realizado por Rino Lupo, com Brunilde, António Pinheiro, Rafael Marques, Mário Santos, Celeste Ruth, Duarte Silva e Maria Judice da Costa.

Nos anos seguintes a produção portuguesa continuaria ainda em bom ritmo, valendo a pena citar filmes como «O Primo Basílio» (com Angela Pinto e Amélia Rey Colaço); «O Destino» (com Palmira Bastos) e «As Pupilas do sr. Reitor» (com Eduardo Brasão).

Eram bem prometedores, aqueles anos de vinte, para o cinema português. Pudessemos hoje, relativamente, dizer o mesmo... — *M. de A.*



Uma cena do filme português «Amor de Perdição», produzido em 1921 pela «Invicta Film» e exibido em Lisboa no Cinema Condes nesse mesmo ano

Brunilde Judice na cena de loucura do tribunal, no filme «Amor de Perdição»

AS GRANDES ESTRELAS DO PASSADO

MARION DAVIES

MARY PICKFORD

LILIAN GISH

FRANCESCA BERTINI

GLORIA SWANSON

O Diario de Lisbôa ENTRE DU

Resultado de uma gralha

JOAQUIM MANSO

As gralhas constituem, num jornal, o pão nosso de cada dia. Por mais cuidado que haja, por mais competente que seja o quadro dos revisores, não é possível evitar que esses passarocos daninhos poisem nas colunas de um jornal como pardais numa seara de trigo. Há gralhas inofensivas, mas há outras que comprometem. Esta, por exemplo: um escritor amigo do dr. Joaquim Manso — o nome não vem para o caso — mostrava-se agastado com ele e quase não o cumprimentava por considerar, em determinada altura, que não era alvo das atenções a que estava habituado por parte do nosso director e a que se julgava já com direito. Para lhe provar que não tinha nada contra ele e que o tratava sempre com a mesma consideração, o dr. Manso aproveitou a primeira oportunidade que se lhe ofereceu e consagrou-lhe na primeira página um eco que pretendia ser o mais amável possível. Uma gralha, porém, empregou-se de estragar tudo. Onde o jornalista escrevera: «O nosso prezado amigo Fulano de Tal...» saiu publicado: «O nosso pseudo-amigo Fulano de Tal...».

Supomos que, a partir dessa data, cortou definitivamente relações com ele.

De cravo na lapela

NORBERTO LOPES

Quando, no Verão de 1929, Maurício de Oliveira entrou para o «Diário de Lisboa», já conhecia o Aprígio Mafra, embora não tivesse ainda dado conta de quanto ele apreciava criar aos outros situações de embaraço, mais ou menos humorísticas mas sempre sem consequências... O Mafra viu no seu jovem camarada terreno propício para uma das suas «partidinhas» e tratou de lhe dizer com o ar mais natural deste mundo: «— Daqui a dias, chega de Africa, onde foi em serviço do jornal, o nosso camarada Norberto Lopes e eu quero avisar-te de um pormenor importante para te evitar qualquer aborrecimento».

Cheio de interesse, dispôs-se o Maurício de Oliveira a ouvi-lo. «— O Norberto Lopes, informava o Mafra, é um belo camarada, mas tem um feitio levado dos diabos... Imagina tu que chega a andar quinze dias sem nos dar uma palavra... Mas nós já descobrimos a maneira de saber quando ele está neura. E' muito simples. Quando o vires sem uma florzinha vermelha na lapela, já sabes, escusas de lhe dar os bons dias, pois nem sequer te responde... Pelo contrário, quando trouxer a flor, podes, dirigir-lhe a palavra, porque encontrarás um espírito jovial e bem disposto, a contar anedotas divertidas e a dizer as melhores piadas da redacção».

Mas o Mafra, para evitar que Maurício descobrisse a brincadeira foi-o avisando que guardasse a informação para si, a fim de se evitarem comentários e, na fraseologia que ele tanto usava, «para não darmos azo a ditos e mexericos...».

Norberto Lopes chegou dias depois, e Maurício de Oliveira, que o conhecia apenas de nome, esperou interessadamente a sua entrada na redacção. Seria dia de flor ou dia sem flor? Apareceu. Vinha sem flor... O Artur Portela, que ignorava a tramoia arranjada pelo Mafra, fez as apresentações. Norberto teve um «muito prazer em conhecer», mas o novo redactor tratou logo de se afastar, em face da ausência da flor vermelha na lapela de Norberto Lopes, que, entretanto, conversava normalmente com todos os camaradas, embora sem grande exuberancia, como é próprio da sua maneira de ser. Maurício tratou de pôr a coisa a claro e abordou o Mafra que, nessas ocasiões, não conseguia nunca dissimular uma expressão reveladora da sua «culpabilidade». Riu-se a bom rir e comentou:

«— O Norberto usou lá alguma vez flor na lapela! Se o vires um dia de cravo na botoeira, então podes concluir que ele endoideceu»... E batendo-lhe nas costas: «— Hás-de concordar que não foi caro o teu tributo de «caloiro» no «Diário de Lisboa».

Pairava acima da vulgaridade

ALVES MARTINS

Quem se lembra já do António Alves Martins? Era um excelente poeta, mas nunca chegou a ser um grande jornalista. Era, sobretudo, um filósofo e um grande coração. Veio para o jornalismo, depois de formado em Direito, como se podia ter empregado numa repartição publica. Porque precisava de ganhar a vida. Era difícil marcar-lhe um serviço que ele gostasse de fazer. Andava sempre fora do mundo e das realidades da vida. Não conhecia as pessoas, não conhecia os lugares, nem se dava conta do interesse jornalístico que os assuntos podiam ter. Pairava sempre acima da vulgaridade do «fait divers» e não se resignava a ter contactos desagradáveis, como aqueles que a nossa profissão tem, por vezes, de suportar.

Estalara uma greve revolucionária no Sul e Sueste, de que era então director o eng. Plínio Silva. Era preciso que alguém fosse falar com ele a fim de colher elementos para a notícia. O Álvaro de Andrade chamou-o e perguntou-lhe:

« — Ó Alves Martins, conheces o Plínio Silva?».

O Alves Martins, que passeava na redacção de um lado para o outro, absorvido por pensamentos que o situavam a mil léguas de distancia, respondeu distraidamente:

«— Eu só conheço a minha dor».

E foi outro fazer a notícia.

O ALVORECER DO «DIÁRIO DE LISBOA»

ÁLVARO DE ANDRADE

MEU CARO NORBERTO LOPES: — Dos da primeira hora — sem falar nos colaboradores —, somos os unicos sobreviventes. Todos os outros — os que abancaram naquela velha loja, abandonada há muito tempo, a meio da Rua do Mundo (como então se designava a Rua da Misericórdia) — a morte levou já.

O teu telefonema fez-me recuar 41 anos — uma vida! O que isso foi de doloroso para quem, dobrados os sessenta e muitos, nunca se esqueceu das horas alegres, dinamicas e despreocupadas que então se passaram.

Começámos juntos a trilhar a nossa profissão, no «Século», edição da noite. Companheiros fomos, depois, no «Diário de Lisboa», durante mais de dez anos. Hoje, embora separados jornalisticamente, une-nos uma sólida amizade, alicerçada por uma antiga convivência, que foi vivida, dia a dia, hora a hora.

Pedes-me que recorde um episódio do tempo em que estive portas a dentro do «Diário de Lisboa». Os episódios foram tantos — os que merecem ser contados — que se baralham no meu cérebro. Vejo ainda, na minha frente, todos os nossos companheiros de então. Eram moços desempenados e desempoeirados, cheios de ideias, e, principalmente, de brio e vontade decidida. Vejo-os, desde o Artur Portela ao Afonso de Bragança, desde o Alves Martins ao Sarmento Duque, sem falar no Norberto de Araujo, no António Ferro e em tantos outros. Estávamos todos na casa dos vinte e poucos.

Recordar? Pois sim.

Essa tarde de 7 de Abril de 1921, em que viu a luz do dia o «Diário de Lisboa» — como vai longe! — nunca a poderei esquecer, viva, ainda, os anos que a saude o permitir. Depois do dever cumprido, na redacção e na tipografia, de se ter escrito o jornal em sujas secretárias e de feita a paginação, fomos á «Brasileira» tomar o habitual café.

Havia ainda sol no Chiado, em ambos os passeios. Havia ainda sol em Portugal! Iamos, que me lembre, o saudoso Joaquim Manso, o Portela, tu e eu Ali, á porta, esperámos, com ansiedade, a garotada. Com que prazer e orgulho ouvimos apregoar, pela primeira vez, o «Diário de Lisboa»! Todos comprámos um exemplar. Olhámos, embevecidos, para a «nossa obra». Com sofreguidão percorremos a vista pelas suas oito pequenas páginas — formato totalmente diferente do que era habitual nos jornais daquela época (mais tarde, muitos o copiaram). Depois, mais atentamente, relemos o que já quase todos havíamos lido em provas. De repente, — nunca o esquecerei — notei um erro de paginação. O «fundo» começava assim:

«O «Diário de Lisboa» portanto, será um jornal moderado»... etc.

Era o segundo «grancl» que vinha paginado em primeiro lugar. Fiámos aborrecidos, como se calcula, pela massadora contrariedade. E, o que mais nos admirou: a prova da primeira página fora vista e revista nada menos do que por dez ou doze pessoas, entre redactores, tipógrafos e o próprio director, autor do artigo. A todos havia passado esse arreliador lapso de paginação. Passados momentos, já esquecidos do engano — compreensível na factura apressada de um jornal — o nosso bom Joaquim Manso mandou servir um cálice de Porto a todos os presentes. Juntaram-se ao nosso grupo, entre outros, o Aquilino Ribeiro, o João de Barros, o António Soares, o Almada Negreiros e o Jorge Barradas, para só falar nos colaboradores.

O «Diário de Lisboa», depois, singrou, apresentando, sempre, na sua primeira página, durante muitos anos, um artigo de fundo — sempre ou quase sempre — saído da pena do nosso director — paginado ao centro, rodeado por pequenos ecos e comentários dos acontecimentos diários, que todos nós escreviamos. A brilhante escritora Carlota de Serpa Pinto que, com o pseudónimo de «Clarinha», foi das primeiras colaboradoras, chamava, com a graça que lhe era peculiar, a essa página, «o bife com batatinhas».

Já lá vão 41 anos e parece que foi ontem! Vieste, com o teu telefonema, meu querido Norberto Lopes, acordar o que, com grande saudade, viverá sempre na minha alma: a camaradagem que havia nesse tempo, e relembrar quanto foi grande o esforço e a dedicação que tornaram possível uma obra que ainda hoje perdura.

Abraços amigos do

ALVARO DE ANDRADE

O prémio da gentileza

NORBERTO DE ARAÚJO

É com enternecida saudade que no «Diário de Lisboa» se recorda sempre o nome de Norberto de Araújo. Jornalista de raça, este jornal deve-lhe algumas das mais belas páginas que nele se publicaram e alguns dos mais assinaláveis triunfos que contribuiram para o seu êxito. As Marchas Populares, que organizou durante alguns anos a pedido da Câmara Municipal, constituiam uma preocupação dominante do seu espírito e da sua dinâmica actividade. Desde que os ensaios começavam, andava numa vibração permanente. Quando o juri se reunia, no final das exibições, alta madrugada, era sabido que ele trazia sempre na algibeira uma «classificação» que procurava insinuar no espirito dos jurados. E, quando o contrariavam, dava por paus e por pedras. Alfama costumava ser a menina bonita dos seus olhos. Mas um ano, não se sabe porquê, voltou-se para a Graça, com o que nem todos os membros do juri estiveram de acordo. O Matos Sequeira e o Norberto Lopes puseram os pés á parede e votaram pela Madragoa, que acabou por ganhar o 1.º Prémio. Pouco fal-

Quando estalou a revolta de Almada, seguiu para ali Félix Correia que, nessa mesma tarde, publicou uma entrevista, telefonada para o nosso jornal, com os chefes revolucionários, dr. Lacerda de Almeida, que fora oficial miliciano, e Martins Junior, construtor civil, que ameaçavam bombardear Lisboa se o Governo não se demitisse imediatamente. Efectivamente, foram disparadas algumas granadas contra o Arsenal de Marinha. Vendo-se perdidos, os dois dirigentes pediram ao nosso camarada e a José Nunes, de «O Século», que negociassem a rendição.

De bolo-rei no funeral

APRÍGIO MAFRA

O Aprigio Mafra, que foi um dos redactores do «Diário de Lisboa» mais espirituosos, entrou uma bela manhã com o Santos Vieira numa pastelaria para comprar um bolo-rei. Naquele tempo, ainda se faziam os funerais com acompanhamento a pé. Á saída da pastelaria, cruzaram-se com um enterro e viram-se, subitamente, envolvidos pelo cortejo, que era numeroso e recolhido.

DUAS ÉPOCAS

Recordações pitorescas e pequenas indiscrições da nossa vida profissional

émio tileza

DE ARAÚJO

da saudade sboa» se re- de Norber- sta de raça, lgumas das que nele se s dos mais que contri- dito. As Mar- organizou a pedido da constituiam minante do a dinâmica os ensaios numa vibra- ando o juri s exibições, sabido que a algibeira ue procura- o dos jura- ntrariavam, pedras. Al- a menina s. Mas um quê, voltou- o que nem juri esti- Matos Se- Lopes puse- e votaram acabou por Pouco fal-

tou para o Norberto de Araújo ter uma síncope. E esteve quase para cortar relações com êles. Mas não tardou a resolver o problema a seu modo, inventando para a Graça — o Prémio da Gentileza...

Era apenas Colares

SANTOS VIEIRA

No regresso de uma viagem á Palestina, Norberto Lopes trouxe de Jerusalém meia duzia de rótulos das garrafas de vinho que lhe serviam no hotel. O vinho não era nenhuma especialidade, mas os rótulos eram vistosos. Pouco depois de ter chegado a Lisboa, reuniu-se com alguns camaradas para jantar num restaurante típico da Estrela. Quem se lembra já da Tia Iria? E resolveu, com o Norberto de Araujo, fazer uma partida aos convivas, colando os rótulos do vinho de Jerusalém em garrafas de vinho português e apresentando-as como uma especialidade das vinhas do Hebron. Á medida que o iam provando, nenhum dos camaradas se dispensava de dizer uma palavra em abono do vinho da Palestina, que alguns reputavam uma preciosidade. Não faltou quem lhe descobrisse qualidades raras e o comparasse aos melhores vinhos franceses.

«— Que aroma! Que «bouquet»! Que paladar!».

Quando chegou a vez do Santos Vieira, depois de ter esvaziado o copo, dando com a língua o estalinho clássico dos apreciadores, o espirituoso jornalista, que era um entendido no assunto, exclamou:

«— Isto é Colares Burjacas».

E era.

Perigoso erro de tradução

ARTUR PORTELA

Quando foi da guerra de Espanha, o Artur Portela entrou um dia no quartel-general de Leganés, onde se estava a fazer uma grande concentração de tropas com o objectivo de atacar Madrid, e perguntou ao primeiro oficial que viu:

«— *Entonces hoy aqui no pasa nadie?*».

«— *Como no pasa nadie?*» — retorquiu-lhe, espantado, o oficial, que era do Terço.

A parada do quartel estava cheia de mouros que tinham chegado nessa manhã de Ceuta. O Portela queria perguntar na sua se não havia nada, se não estava para acontecer alguma coisa nesse dia, e perguntou se não havia «nadie», que em espanhol quer dizer — ninguém.

A coisa foi falada.

Expediente desportivo

TAVARES DA SILVA

Tavares da Silva, grande jornalista desportivo e companheiro que sempre recordaremos com saudade, debaixo do seu feitio despreocupado, de semblante risonho, ocultava, porém, um apurado espírito observador a que não faltava a resolução rápida quando as circunstancias o exigiam.

Tavares entendia, e muito bem, que o jornalista tinha obrigação de fazer tudo para assegurar, custasse o que custasse, a eficiência da missão que lhe era confiada.

«— Temos de ir ao sítio — dizia — e de lá informar. Não há o impossível absoluto. A notícia nunca pode falhar. Mesmo que seja a não referir nada».

O episódio, que constituia, na verdade, um magnífico exemplo da astucia que deve fazer parte da bagagem do repórter, sempre que surgem obstáculos, reportava-se aos tempos em que determinados clubes se opunham á instalação de telefones nos seus campos a fim de ser dado, directamente, o relato dos jogos para a edição da tarde dos domingos. Tavares da Silva narrava então:

«— O «Diário de Lisboa» não podia falhar. Como era proibido o telefone, resolvemos a coisa com... pombos-correios.

«Foi facílimo. Quem foi destacado para fazer o serviço levava numa caixa ou cesto uns três ou quatro pombos-correios. Tudo estava combinado com os proprietários dos pombais, membros de sociedades columbófilas. A colaboração entre estas e a Imprensa, felizmente, era uma realidade.

Saboreando o efeito da sua descrição, sempre em tom agradável, «o homem do charuto» prosseguia:

«— Para a composição das equipas, o colaborador escrevia num papelinho que enrolava, cuidadosamente, e depois metia na anilha que a ave tinha numa das pernas. A «transmissão» era rápida. No pombal estava um redactor que, pelo telefone, lia o que o camarada escrevera. E, assim, sucessivamente. Ao intervalo, mais um pombo; a meio da segunda parte, outro, e no final do jogo outro ainda».

Aspirando profundamente o seu «habano», Tavares da Silva rematava:

«— Nem queiram saber o êxito que «aquilo» foi. Só passado muito tempo é que os dirigentes dos clubes tiveram conhecimento do recurso. Enfim, os pombos-correios demonstraram também, naquela tarde, que eram mais eficientes do que muitos jornalistas...».

A surpresa do presidente

MÁRIO NEVES

O prof. Oliveira Salazar recebera do general Carmona o encargo de formar Governo. Sobraçando, ainda, a pasta das Finanças, o novo presidente do Conselho continuava a ocupar o seu antigo gabinete da ala ocidental do Terreiro do Paço, onde concertava com Leal Marques, o seu colaborador mais directo, as diligências a fazer para completar o elenco ministerial.

Não se mostrava apressado na escolha das individualidades que haviam de ocupar as várias pastas, nem se deixava perturbar pela impaciência daqueles que assistiam á evolução da crise, deixando que os nomes fossem surgindo a pouco e pouco, como se quisesse marcar bem o cuidado com que recrutava os companheiros para a longa jornada que se propunha empreender.

Deixara, havia poucos anos, a sua vida tranquila de Coimbra, e procurava, cautelosamente, conhecer melhor as condições do meio e informar-se, com toda a segurança, acerca das pessoas que lhe indicavam. O seu dedicado chefe de gabinete não parava, nas contínuas diligências, de que lhe ia dar conta, em casa ou no ministério.

O prof. Oliveira Salazar, quando aparecia, não deixava transparecer na sua máscara inconfundível as impressões que ia colhendo nem revelava as intenções que o guiavam. Subia vagarosamente as escadas do ministério, com o sobretudo nos ombros, sòzinho, seguido a pequena distância por algum acompanhante discreto e, ás vezes, pelo seu dedicado «chauffeur» Raul.

Mário Neves, que viera para o «Diário de Lisboa» fazer o serviço, da Arcada, espreitava todas as oportunidades que lhe permitissem obter uma informação. Era moço como um aluno liceal e não estava ainda muito familiarizado com as figuras que povoavam o centro nevrálgico da nossa vida oficial. Certa vez, precisamente nesse momento da crise ministerial, quando ao novo chefe do Governo só faltava preencher a pasta da Instrução,

(Continua na página seguinte)

Medianeiro à força

FÉLIX CORREIA

revolta de ali Félix esma tarde, ista, telefo- nal, com os , dr. Lacer- fora oficial unior, cons- çavam bom- overno não nente. Efec- paradas al- ra o Arse- lo-se perdi- es pediram a José Nu- e negocias-

Quando os dois se dirigiram ao comandante das forças do Governo, major Faria Leal, este declarou que ela teria de efectuar-se sem condições. Dada a resposta aos amotinados, Martins Junior ofereceu a José Nunes a sua «Savage», de guerra, e o dr. Lacerda de Almeida a Félix Correia o mapa que servira para os cálculos de tiro e a sua pistola F. N., que o nosso camarada vendeu logo que chegou a Lisboa e que foi apreendida pela Policia, poucas horas depois, durante rigorosas buscas efectuadas em estabelecimentos.

Logo que os dois dirigentes regressaram a Lisboa, Martins Junior intimou José Nunes a devolver-lhe o seu pistolão...

o-rei neral

GIO MAFRA

ue foi um rio de Lis- os, entrou o Santos para com- ele tempo, erais com . A saída n-se com se, subita- o cortejo, recolhido.

Com o embrulho do bolo-rei na mão e sem saber o que havia de fazer dele, o Mafra teve uma ideia das suas: enfiou o braço pelo centro do embrulho e, muito digno, acompanhou o cortejo até ao cemitério com o bolo-rei enfiado no braço como se fosse uma coroa de flores.

A sugestão do nome

AFONSO DE BRAGANÇA

A duquesa do Porto, Nevada de Bragança, viuva do Infante D. Afonso, que morreu na Itália, viera a Portugal para receber em Lisboa o corpo de seu marido, que por decisão do Governo da Republica fora trasladado para o Panteão de S. Vicente de Fora. Hospedara-se no Avenida Palace e o Governo português rodeou-a de todas as atenções devidas á sua alta estirpe.

Foi com verdadeiro espanto que um belo dia a duquesa recebeu no seu quarto um cartão de visita que dizia apenas

AFONSO DE BRAGANÇA

Julgou-se vítima de uma alucinação e mandou entrar imediatamente a pessoa que se apresentava com aquele nome. Foi assim que o nosso malogrado camarada Afonso de Bragança obteve da viuva de D. Afonso uma entrevista sensacional. O adjectivo ainda não tinha sofrido nessa época a desvalorização de que mais tarde foi vítima.

O último eléctrico

SARMENTO DUQUE

O Sarmento Duque, que era um boémio e um camarada encantador, morava longe da Baixa e costumava tomar todas as noites, no Rossio, o ultimo eléctrico para casa, depois de passar pela «Ginjinha». Uma noite subiu para o carro que supunha ser o ultimo e perguntou ao condutor:

«— Este é o ultimo eléctrico?».

«— Não senhor, ainda há outro» — respondeu-lhe o empregado».

E o Sarmento Duque, com uma grande dignidade, exclamou:

«— Ora esta, então não ia perdendo o ultimo eléctrico!».

Apeou-se e esperou pelo carro que vinha a seguir. É possível — não o garantimos — que ainda tivesse tempo de entrar outra vez na «Ginjinha».

Os factos e anedotas que se contam nesta página são ilustrados, tanto quanto possível, com retratos da época a que se referem.

O «DIÁRIO DE LISBOA» ENTRE DUAS ÉPOCAS

(Continuação da página anterior)

o jovem repórter viu apear-se do seu automóvel e subir a escadaria, com o seu passo tranquilo de sempre, o prof. Oliveira Salazar. Num ímpeto, quase inconsciente, subiu os degraus a correr e perguntou de chofre ao recém-chegado:

— V. Ex.ª pode-me dizer se já escolheu ministro da Instrução?

Num gesto brusco de surpresa, o prof. Oliveira Salazar virou-se, mirou com os seus olhos semicerrados o intruso, e inquiriu por sua vez:

— Porquê? É estudante?

E sem prestar mais atenção, já acompanhado por alguém cuja fisionomia se não distinguia bem na obscuridade do patamar, continuou a subir, supondo, talvez, que a pergunta partira de um aluno interessado em obter deferimento para algum pedido no Ministério da Instrução, e não de um jornalista que apenas pretendia colher uma informação para o seu jornal.

O sósia do almirante

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Em 1935 passou por Lisboa, vindo da Madeira, em viagem de férias, o almirante John Jellicoe — nem mais nem menos que o vencedor da Jutlandia, na primeira Grande Guerra. Marcaram o serviço a Maurício de Oliveira: ir a bordo e tentar uma troca de palavras com o famoso marinheiro britanico. O jornalista encontrou-se no cais com o Luís Lupi e lá foram ambos para bordo em busca de Jellicoe. «— Ali está ele! —» exclamou o Lupi, ao ver num «deck», encostado nostálgicamente á amurada, um sujeito dos seus 70 anos, estatura mediana, de chapéu preto de aba virada, tez escura e muito vincada, nariz comprido e arredondado, envergando um belo sobretudo em que se adivinhava uma etiqueta do Strand ou de Regent Street. O homem era parecidíssimo com as fotografias de Jellicoe, que corriam mundo. Não havia duvida: era ele.

E dirigiram-se-lhe com as palavras clássicas:

— «Good morning, admiral...»

Sem alterar a expressão, o interpelado respondeu:

«— Oh! Good morning... How are you? Portuguese press?».

O sujeito sabia da presença de Jellicoe a bordo. Era, certamente, um gozador da vida e resolveu divertir-se um pouco á custa dos repórteres. Aceitou o diálogo. Falaram da Jutlandia e das suas «Memórias». Respondeu-lhes, sempre com a fleugma própria de um almirante inglês:

«— Mas ainda valerá a pena falar da Jutlandia?».

Nesse momento, porém, quando passavam junto deles dois vultos, ouviram estas palavras que os sobressaltaram: «— Yes, admiral. Estoril, sixteen miles from Lisbon»...

Então havia dois almirantes ingleses a bordo do paquete? O passageiro que os ludibriara com tanta discrição, ao vê-los surpreendidos, esboçou um sorriso e apontou: «— O almirante Jellicoe vai ali... Se lhe querem falar, não se demorem...».

Aceleraram o passo para tentar a «abordagem». O dr. Carlos Larroudé, médico do almirante, que o acompanhava desde o Funchal, disse-lhe que estava «descoberto» pela Imprensa. O vencedor da Jutlandia, parou, olhou para os jornalistas (era tal e qual o seu sósia) e disse-lhes apenas: «— O almirante Jellicoe «morreu» há muitos anos. Hoje está aqui apenas um velho cidadão britanico que usufrui as delícias de correr mundo e que, para não perder o hábito, vai jogar uma partida de golfe ao Estoril... Adeus, meus senhores...».

E, até que o automóvel arrancasse do cais a caminho do Estoril, não foi possível obter do «autêntico» Jellicoe nem mais uma palavra. Entretanto, o «falso» Jellicoe, receando, talvez, que lhe fossem ainda pedir satisfações, aguardava junto á amurada que os jornalistas se afastassem para desembarcar então tranquilamente.

Um serviço arriscado

DENIS SALGADO

Em mais de três décadas de permanência no «Diário de Lisboa», o Denis Salgado passou por certo quinze anos completos no cavaco ameno do «café», com a sua «objectiva sempre atenta aos rumores da *Brasileira*, como disse um dia Norberto Lopes, ao caracterizar, espirituosamente cada um dos que colaboravam então na factura do jornal. Mas este repórter-fotográfico, que possui, efectivamente, o vício da informação — vício que constitui sem duvida, uma das mais recomendáveis qualidades para um profissional de Imprensa, mesmo que seja fotógrafo — e que adora chegar á redacção com uma «caixa», antes mesmo de entrar na camara escura para revelar uma película, tem, todavia, assinalada a carreira por alguns episódios que demonstram as dificuldades com que deparam tantas vezes aqueles que não olham a sacrifícios para colher a imagem flagrante de um acontecimento susceptível de despertar a curiosidade do publico.

Sem falar nas fotografias impressionantes que fez em Espanha, durante a guerra civil, tantas vezes entre canseiras e perigos indescritíveis, nem aludir sequer á bolada ameaçadora que teria posto frequentemente em risco a sua integridade física e a segurança da sua máquina, junto ás balizas em alguns renhidos encontros de futebol, o Salgado possui na sua admirável colecção algumas chapas obtidas em circunstancias que fizeram tremer de emoção os seus companheiros de trabalho.

Um dia, por exemplo, quando estava quase concluída a primeira torre da Emissora Nacional, no alto de Alferragide, Mário Neves, que ali fora com ele em reportagem, convenceu-o a subir ao topo da grande estrutura metálica, para fotografar o local de uns cem metros de altura. O Salgado, briosamente, aceitou deixar-se içar, por fora da torre, na extremidade de um cabo puxado por um grupo de operários.

Foi, na verdade, uma ascensão emocionante, que demorou certo tempo, ante a receosa expectativa dos que assistiam ao espectáculo. Uma vez chegado ao topo da armação de ferro e depois de disparar algumas vezes a sua máquina, que a ventania quase lhe arrebatava das mãos, o Salgado quis descer. Mas — qual quê? — a pequena tábua em que se apoiava, sentado, não vinha para baixo, pois não possuia o peso suficiente para compensar o do resto do cabo que servira para a puxar para cima. Após uns momentos de hesitação, viu-se o improvisado acrobata fazer um arriscado movimento com as pernas, procurando apoio para deslocar a ponta do cabo em que estava preso. E foi assim, num esforço desesperado, que chegou a cerca de metade da torre, até se restabelecer o equilíbrio indispensável para descer por si.

— Não me apanham noutra — comentava, meio sério, meio risonho, o arrojado fotógrafo. — Aquele topo da torre não me volta a ver mais de perto... Só se vier ele cá abaixo.

E o certo é que veio e que voltou a ser fotografado — mas em terra, quando caiu arrebatado pela violência do ciclone que, há anos, assolou a região.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS

ROBINSON

— FUNDADA EM 1840 —

PORTALEGRE

Com a sua longa experiência, aliada á mais moderna técnica, a ROBINSON ocupa um lugar de destaque na industria corticeira, sendo o seu nome a segura garantia da superior qualidade dos produtos que fabrica.

FABRICANTES E EXPORTADORES DE TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA AGLOMERADA E NATURAL

AGENTES GERAIS:

AZEVEDO & PESSI, LDA.

Lisboa — Rua Nova do Almada, 46

PANORAMA INTERNACIONAL

A FIGURA DA SEMANA

O REFERENDO EM FRANÇA

No referendo que amanhã se realiza em França, todos os franceses são convidados a exprimir o seu «sim» ou o seu «não» relativamente ao cessar-fogo e ás disposições que se impõem, por parte do Governo francês, para pôr em prática as cláusulas acordadas no domínio da cooperação franco-argelina.

Os termos em que o general de Gaulle apresentou aos franceses a amplitude e os objectivos do referendo têm dado origem a algumas críticas severas e, sobretudo, a declarações dos principais chefes políticos das esquerdas sobre o significado e a extensão que atribuem ao voto de amanhã: o seu «sim» visa aprovar a paz e a autodeterminação para a Argélia, mas não pretende significar o seu acordo, em termos genéricos e imprecisos, á política do chefe de Estado.

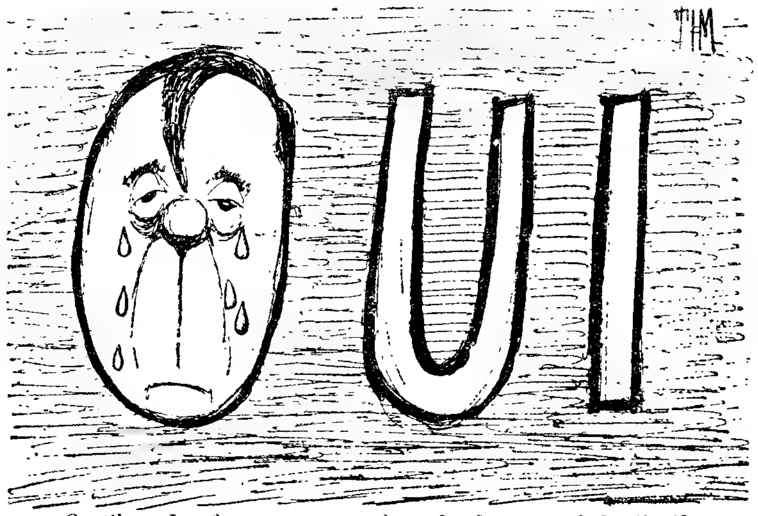
A questão a que o eleitorado é convidado a responder inclui três elementos reunidos no mesmo projecto de lei: as cláusulas do cessar-fogo, o fundo dos acordos de Évian e a autorização, antecipada, ao presidente da Republica de dar realização ás conclusões sobre a cooperação entre a França e a Argélia independente.

Na mensagem que dirigiu ao Parlamento, o general de Gaulle afirmou a necessidade da «própria nação sancionar uma tão vasta e profunda transformação e conferir ao chefe de Estado e ao Governo os meios de resolver, no mínimo prazo, os problemas que serão postos, á medida que forem aplicados (os acordos)». E na alocução que dirigiu ao país, no dia 26 do mês passado, a abrir a campanha do referendo: na missão muito difícil que me incumbe (o povo francês) e da qual o problema da Argélia é só uma parte, terei a sua confiança para hoje e para amanhã.

Estas palavras do chefe de Estado francês são tanto mais de estranhar quanto é certo que são proferidas numa altura em que, apesar da satisfação causada pelo resultado das negociações de Évian, é geral, da extrema direita á extrema esquerda, o descontentamento pela sua política. As esquerdas não só o acusam de conduzir os problemas do país pela bitola unica do seu ponto de vista pessoal, num desprezo soberano pelas instituições representativas da vontade e do pensamento da nação, como verberam a atitude passiva das autoridades perante a onda de crimes e de depredações da O. A. S.

Como explicar assim a decisão do general de Gaulle de querer imprimir ao referendo de amanhã o sentido de uma adesão á sua pessoa e ao conjunto da sua política actual e futura?

Não falta quem veja nessa posição uma tentativa para que os comunistas votem negativamente o que, apesar de tudo, não é considerado provável. As verdadeiras intenções do general de Gaulle parecem, no entanto, filiar-se numa outra perspectiva: a de aproveitar-se da conjuntura actual, que só pode conduzir a uma larga percentagem de votos favoráveis, para conseguir, aos olhos dos franceses e do Mundo, uma vitória retumbante que reforce as suas teses e os seus pontos de vista, por mais ultrapassados e irrealizáveis que possam parecer.



O «Sim» dos franceses no referendo do general de Gaulle

(Desenho de Tim)

À MARGEM do noticiário

● AS CRÍTICAS À POLÍTICA DE DE GAULLE

A crítica e os ataques de algumas altas personalidades da vida política francesa, que têm visitado ultimamente Washington, contra o general de Gaulle, têm tomado aspectos de uma tão grande violência, que o presidente Kennedy deu instruções aos seus colaboradores mais directos para que as prevenissem contra esses excessos, que o têm colocado, frequentemente, numa difícil situação perante o embaixador da França na capital norte-americana. Pouco depois desta ordem foi o próprio secretário de Estado, Dean Rusk, diante do qual o presidente do Partido Radical, Maurice Faure, criticou vivamente a política atlântica e europeia do general de Gaulle, que teve de tentar reunir alguns argumentos que apresentou em defesa da política do chefe do Estado francês.

● O DIFERENDO SINO-SOVIÉTICO

A Assembleia Nacional da China Continental começou a funcionar no dia 25 do mês passado. E' opinião dos observadores que os representantes do povo da China Popular, durante a presente legislatura, terão de ocupar não só das dificuldades económicas do país, como também do endurecimento da posição soviética perante a «linha» dogmática de Mao Tsé Tung. Segundo esses observadores, não pode ser indiferente aos chefes chineses que os dirigentes soviéticos, nos discursos proferidos durante a ultima campanha eleitoral, tenham criticado pessoal e abertamente a política de Pequim.

● AINDA AS VIOLÊNCIAS DO DIA 8 DE FEVEREIRO

Um documento sobre a repressão da manifestação anti-O. A. S de 8 de Fevereiro passado, acaba de ser publicado pela União dos Sindicatos C. F. T. C. O opusculo que insere numerosos testemunhos de militantes da C. F. T. C., postos á disposição da justiça, é ilustrado com muitas fotografias dos incidentes ocorridos durante a manifestação.

O documento refere mesmo a culpabilidade de certas forças da ordem, responsáveis pelas violências então registadas que ocasionaram oito mortos e centenas de feridos.

Chamado ao poder em Maio de 1958 pelos partidarios da «Argélia Francesa», o general de Gaulle assumiu novamente a direcção dos negócios publicos do seu país, vendo acrescida a sua elevada estatura moral, que aos olhos de muitos franceses têm o valor de um símbolo.

O perigo da guerra civil ensombrava a nação. Os acontecimentos sucediam-se a um ritmo vertiginoso e na marcha incerta que o país trilhava, de Gaulle aceitou a chefia do Governo francês, saudado como o mais ilustre dos franceses e aclamado como o chefe forte e seguro que a França necessitava.

Na rota, que teria de ser inédita, por força da sua vincada personalidade, foram-se sucedendo as desilusões. A tese da Argélia Francesa não tardou a ser abandonada. A Argélia argelina, a autodeterminação e a «paz dos bravos» foram fases consecutivas que lentamente levaram ao reconhecimento e ás negociações com a F. L. N. e acabaram, depois de cedências mutuas, pelos acordos de Évian, assinados em 18 do mês passado.

A evolução operada no espírito do general de Gaulle e a aceitação das realidades que se mostravam evidentes, valeram-lhe a censura e o corte radical dos generais que o levaram ao poder. As forças das esquerdas que foram apoiando de Gaulle, nos períodos de transição das suas teses começaram, a certa altura, a sua impaciência pela morosidade que caracterizava o rumo das negociações e, ultimamente, pela passividade e benevolência do poder perante a actividade criminosa da O. A. S.

A consulta feita amanhã ao país, evidenciará uma larga percentagem de opiniões favoráveis á política de de Gaulle, que este aproveitará para prosseguir, com uma situação reforçada, a defesa e imposição das suas teses. Mas por mais expressivo que seja o numero dos «sim» esse resultado jamais poderá iludir a onda de descontentamento pela política pessoal e altiva do general de Gaulle.

A doutrina Monroe, considerada como pedra basilar da política exterior dos Estados Unidos, estará em vias de sofrer uma profunda e total revisão? As ultimas atitudes assumidas pelos Estados Unidos, relativamente ao regime de Havana assim parecem indicar.

E' recordada, a propósito, a interpretação histórica, dada em 1895, por altura de uma questão fronteiriça registada na Venezuela, que levou o secretário de Estado norte-americano Richard Olney, a afirmar que a Doutrina Monroe não apoia qualquer intento dos Estados Unidos para mudar uma forma estabelecida de Governo em qualquer parte do Continente Americano, nem impede qualquer povo de mudar a sua forma de Governo, mediante o exercício da sua livre vontade.

No entanto, que pensar e como classificar a nova linha de conduta seguida pelos Estados Unidos para com Cuba?

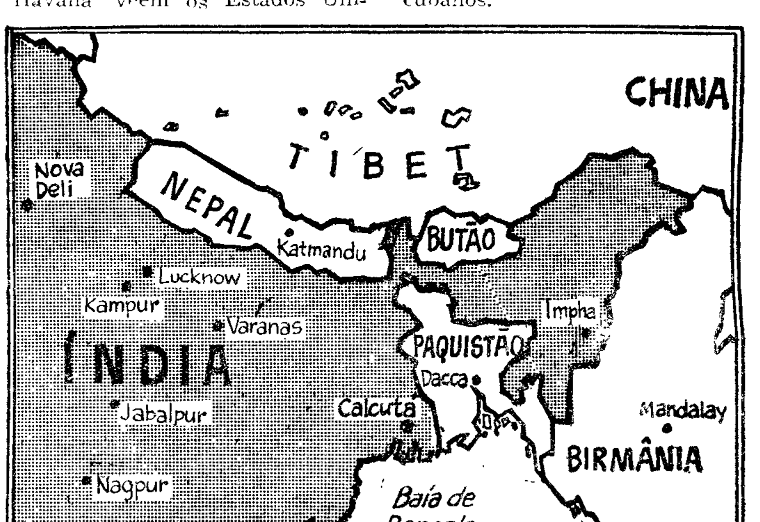
A presença, a poucos quilómetros da costa dos Estados Unidos, de um Estado que diz pertencer ao bloco socialista, ainda que se trate de um Estado minusculo, cria os maiores receios ao grande colosso norte-americano. Falando do regime de Havana, o presidente Kennedy declarou, há alguns meses atrás que ele põe em perigo os nossos interesses e a nossa segurança nacional, que temos de proteger e protegeremos».

As declarações, confusas e contraditórias, dos dirigentes norte-americanos, quando da tentativa de invasão dos cubanos fixados nos Estados Unidos, não deixaram duvidas sobre a responsabilidade de Washington na malograda invasão. Por outro lado tem-se falado insistentemente nos preparativos de outro desembarque em Cuba, a partir do território norte-americano, dos cubanos que se opõem ao regime de Fidel Castro.

Também a decisão de Washington de tentar a condenação do regime cubano pela Organização dos Estados Americanos e, em especial, a insistência que utilizou para conseguir os seus objectivos, foi de molde a criar-lhe sérios embaraços no futuro e a aumentar a onda de descontentamento e de hostilidade que grassa em toda a America Latina.

A estes factos tem de se acrescentar as diligências feitas pelo Governo Kennedy, enviando, nomeadamente, um emissário á Europa, para que os países seus amigos — e especialmente os membros da N. A. T. O. — colaborem com Washington numa política de boicotagem comercial contra o regime cubano. Nesta política concertada contra Havana vêem os Estados Unidos a possibilidade de enfraquecer e aniquilar o actual regime cubano. Mas a pergunta tem sido formulada muitas vezes: conseguirá esse tipo de acção os resultados que Washington espera?

Parece questão fora de duvida que o Governo norte-americano não se encontra disposto a que se prolongue indefinidamente a actual situação em Cuba. E de que meios se servirá para conseguir os seus intentos? Outra certeza não é menos evidente: a inquietação e a censura, apesar de certos movimentos das forças das direitas, aumenta dia para dia nos diversos países do Continente Americano, considerando como violação da Doutrina de Monroe e acto de agressão a intervenção de Washington nos problemas cubanos.



O diferendo fronteiriço entre a China Popular e a União Indiana está longe de se encontrar resolvido. Aventa-se mesmo que Nova Deli se prepara militarmente para tentar reocupar a zona invadida pelos chineses. É difícil prever as repercussões que a disputa sino-indiana poderá ter no continente asiático

LIVROS DO BRASIL

ERICO VERISSIMO — O TEMPO E O VENTO

Pelo significado heroico pela forma perfeita pela grandeza épica da sua concepção esta 1.ª parte da trilogia «O tempo e o vento», transcende toda a anterior e vasta obra do autor. 70$00

ANTONINA VALLENTIN — PICASSO A SUA VIDA E SUA OBRA

A figura mais discutida e desconcertante da arte moderna, num valioso estudo 60$00

ANNE FRANK — DIÁRIO

Um dos mais admiráveis e pungentes documentos humanos do nosso tempo 45$00

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

EXERCÍCIO DE 1961

Senhores Accionistas:

Como já é habitual, faremos acompanhar as contas do exercício de 1961 de breve relatório sobre o que de mais saliente se passou no ano findo em relação com as actividades da Companhia.

1 — Reflexões sobre a produção: O ano civil de 1961 situa-se, do ponto de vista hidrológico, ligeiramente acima da média, sendo o respectivo coeficiente de hidraulicidade de 1,05: considerando o ano hidrológico 1960-61 o coeficiente de hidraulicidade toma o valor 1,04. Em 1960 estes coeficientes tinham sido, respectivamente, de 1,62 e 1,71.

Como se verifica, o ano de 1961 foi sensivelmente menos húmido que o anterior e que aqueles que se vinham sucedendo desde 1958. Quanto à hidraulicidade mensal, observa-se que o 1.º trimestre se apresentou abaixo da média, tendo os meses de estiagem oscilado em torno dos valores médios, após o que se registaram novamente elevadas hidraulicidades no final do ano.

Embora o ano civil, no seu conjunto, tivesse sido, hidrològicamente, pouco acima da média, verificaram-se apreciáveis excedentes de energia hidráulica, em parte por efeito das afluências muito elevadas de Novembro e Dezembro de 1960 o que provocou estarem cheias, no início de 1961, todas as albufeiras para as quais não existiam limitações de cota para realização de trabalhos. Ao reflectir sobre os referidos excedentes é claro que não deve esquecer-se, como se tem dito em relatórios anteriores, que ao estabelecer um programa de produção para satisfação dos consumos, é indispensável atender também ao que poderá suceder em anos secos embora com a consciência do custo da garantia a satisfazer.

Prosseguiu a execução do Plano de Fomento, tendo sido inaugurado o aproveitamento de Miranda (segundo escalão do Douro Internacional) cujo 1.º grupo havia entrado em serviço ainda em 1960; continuaram os trabalhos nos aproveitamentos do Távora, de Pisões (Alto Rabagão) e de Bemposta e ainda os relativos à instalação do 2.º grupo da central térmica da tapada do Outeiro.

A Comissão do Planeamento dos Novos Centros Produtores de Energia Eléctrica, criada pelo Decreto-lei n.º 43 503 de 10/2/61, iniciou (tendo como órgão técnico o Repartidor Nacional de Cargas) os estudos para definição das realizações que permitam assegurar a continuidade da satisfação dos consumos na transição do 2.º para o 3.º Plano de Fomento.

A nossa Companhia continuará atenta ao desenvolvimento dos consumos e ao acréscimo dos meios de produção acompanhando-os, como lhe compete, com o desenvolvimento da sua rede de transporte e interligação.

Podemos registar, com satisfação, o facto de durante este ano se ter efectuado o paralelo da nossa rede com a rede espanhola. Os ensaios foram realizados em 19 de Fevereiro em paralelo com a rede da Iberduero após o que o País ficou com possibilidades de interligação, a 220 kV, com a rede espanhola. No dia 23 de Novembro, a pedido da Unidad Eléctrica S. A. (UNESA) e para lhe permitir um trânsito de energia dificultado em consequência de uma avaria na subestação de Compostilla a nossa rede foi interligada à da Europa Ocidental (na data 10 países) tendo sido efectuado, até 30 de Dezembro, um trânsito de energia oriunda da central de Conchas através de Lindoso e entregue pela C. N. E. à Iberduero a 220 kV. Embora este serviço seja òbviamente de escala modesta para as possibilidades da interligação a 220 kV, o facto de, pela primeira vez, se ter funcionado em paralelo por um período duradouro reveste-se de certo significado; e, dados os benefícios que, além de funções de socorro, é lícito esperar da interligação com o estrangeiro, a Companhia Nacional de Electricidade continuará diligenciando no sentido da interligação da sua rede na interligação internacional, para o que conta com o espírito de colaboração das entidades espanholas responsáveis.

2 — Elementos de estatística: Em 1961 a produção total de energia eléctrica na parte continental do País atingiu 3620 GWh, segundo o apuramento, não definitivo, já efectuado na D. G. S. E. Na rede interligada do R. N. C. a produção foi de 3397 GWh, sendo 3337 GWh (98,2 %) de produção hidráulica e 60 GWh (1,8 %) de produção térmica. A produção térmica não teve qualquer significado de apoio energético, pois proveio, na sua quase totalidade, de novo período de ensaios da central da Tapada do Outeiro.

A evolução dos consumos do País continua a processar-se em ritmo muito satisfatório. Efectivamente na rede do R. N. C. (que representa 94 % das produções e consumos do País) verificou-se um acréscimo de produção de 11,4 % em relação a 1960, índice este que representa a evolução global dos consumos (considerados com perdas).

Decompondo aqueles consumos, como é habitual, em «permanentes» e «não permanentes» verifica-se que a produção para consumos permanentes teve um acréscimo de cerca de 12 %— isto é, uma taxa de crescimento da mesma ordem da verificada no ano anterior. Os consumos não permanentes, considerados também com perdas, aumentaram de 54 GWh em relação a 1960, o que corresponde a um acréscimo de 8 %; as fábricas consumidoras de energia não permanente tiveram-na, aliás, à sua disposição durante todo o ano, devido ás condições hidrológicas médias que se verificaram.

3 — Movimento da rede: Pode dizer-se que o ano de 1961 reintegrou na sua marcha normal os volumes de energia movimentados pela rede da Companhia, cuja evolução ascensional fora perturbada pela abundancia e distribuição de chuvas registadas nos dois anos anteriores.

Assim, enquanto de 1959 para 1960 se registou apenas um aumento de 140 GWh na quantidade de energia recebida, em 1961 receberam-se mais 463 GWh que em 1960, correspondendo a um acréscimo de 22,7 %.

Idêntica recuperação se operou na posição da energia movimentada pela Companhia, em comparação com as produções totais do País e da rede do Repartidor Nacional de Cargas, cujas relações foram, respectivamente de 69,5 % e 73,8 % em 1961, contra 62,7 % e 67 % em 1960.

Discriminado por empresas e considerando apenas o movimento físico da energia, independentemente da respectiva contabilização, esse movimento cifra-se em:

Energia recebida:

Da Hidroeléctrica do Douro	1 335 130 000	kWh
Da Hidroeléctrica do Cávado	633 701 000	»
Da Hidroeléctrica do Zêzere	429 793 000	»
Da Empresa Termoeléctrica Portuguesa	53 472 500	»
Da União Eléctrica Portuguesa (Norte)	52 801 500	»
Da Sidergia Nacional	1 610 000	»
Da Hidroeléctrica Alto Alentejo	695 400	»
Da Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal	680 000	»
Da Iberduero (Importação da Espanha)	246 400	»
De Diversos	82 300	»
	2 508 215 100	

Energia fornecida:

Às Companhias Reunidas Gás e Electricidade	651 793 000	kWh
À Câmara Municipal do Porto	318 453 860	»
Ao Amoníaco Português	261 283 850	»
À União Eléctrica Portuguesa (Sul)	197 760 000	»
À União Electrica Portuguesa (Norte)	192 849 000	»
À União Fabril do Azoto	179 480 000	»
À Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal	173 033 000	»
Às Minas de Vila Cova	62 560 000	»
À Companhia Eléctrica das Beiras	55 798 500	»
À Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses	45 018 500	»
À Companhia Carris de Ferro de Lisboa	42 183 000	»
À Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve	31 075 198	»
À Siderurgia Nacional	31 310 000	»
A transportar	2 245 927 908	»
Transporte	2 245 927 908	kWh
A Hidroeléctrica do Zêzere	25 636 921	»
À Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos	20 152 800	»
À Hidráulica Alto Alentejo	17 561 238	»
À Iberduero (Exportação para Espanha)	10 370 800	»
À União Industrial Têxtil e Química	9 326 238	»
À Empresa Termoeléctrica Portuguesa	4 263 200	»
À Hidroeléctrica do Douro	145 000	»
	2 333 381 105	»

Consumos próprios:

Oficinas, Armazéns e Laboratório	2 143 899	kWh
Casas de pessoal e Serviços Sociais	589 448	»
Subestações (Serviços Auxiliares)	1 994 723	»
Perdas (6,8 %)	170 102 925	»
	2 508 215 100	»

Como é natural, continua a acentuar-se a preponderância da energia recebida das empresas da rede primária, que constituem praticamente os nossos únicos fornecedores.

O fornecimento da União Eléctrica Portuguesa (Norte) corresponde, quase totalmente, a energia em trânsito para a Câmara Municipal do Porto, ao abrigo do respectivo contrato, que prevê a alimentação deste distribuidor, em partes iguais, pela U. E. P. e pela C. N. E.

Tal como no ano anterior, a produção da Empresa Termoeléctrica Portuguesa não resultou da necessidade de apoio térmico à rede nacional mas, como se disse atrás, da conveniência de prosseguir os ensaios de rendimento da central da Tapada do Outeiro.

Registaram-se, pela primeira vez, fornecimentos de energia à Siderurgia Nacional, Iberduero (Espanha) e Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos. O fornecimento à Siderurgia Nacional iniciou-se em Abril de 1961; as suas instalações do Seixal são alimentadas a 150 kV por uma linha que parte da subestação de Porto Alto. As trocas de energia com a Iberduero iniciaram-se a pedido da Unidad Eléctrica S. A. (UNESA), como atrás se refere. A alimentação directa da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos iniciou-se em Agosto, através da linha a 60 kV, Vila Chã-Canas de Senhorim, já ligada agora à subestação de Vila Chã.

Fornecemos ainda energia a outros clientes não ligados directamente à nossa rede e que, por não figurar explicitamente nos quadros anteriores, a seguir se indica, discriminada por empresas:

— 42,8 GWh, à Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, por intermédio da Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal, União Eléctrica Portuguesa (Norte) e Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, sendo 0,6 GWh via Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal e 42,2 GWh via União Eléctrica Portuguesa (Norte); este fornecimento acresce ao efectuado directamente (20,2 GWh), a partir da nossa subestação de Vila Chã;
— 17,3 GWh, à Soda Póvoa, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 10,2 GWh, ao Metropolitano de Lisboa, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 0,07 GWh, à Sociedade Nacional de Detergentes, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 11,6 GWh, à Empresa Industrial do Freixo, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Norte);
— 5,2 GWh, à Companhia União Fabril, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Sul).

4 — Obras e estudos

a) — *Obras:*

SUBESTAÇÕES — Além dos trabalhos a seguir especialmente mencionados, prosseguiram ou estão em estudo obras de ampliação nas restantes subestações da Companhia tendo em conta as novas necessidades que vão surgir, nomeadamente a alimentação das subestações da C. P. integradas no prolongamento da electrificação da linha de caminho de ferro entre o Entroncamento e o Porto, a ligação à subestação de Ermesinde da central de Tabuaço e ainda a ligação a esta mesma subestação do 2.º grupo da central da Tapada do Outeiro.

1 — Subestação de Porto Alto. Foi concluída esta subestação que entrou em serviço no princípio de Junho. Todavia em Fevereiro pôs-se em carga parte da instalação, para permitir o fornecimento de energia à Siderurgia Nacional;
2 — Subestação de Vila Chã. Concluiu-se em Agosto, data em que se iniciou o fornecimento directo aos fornos de Canas de Senhorim;
3 — Subestação de Sacavém. Está em serviço desde o mês de Outubro o quinto transformador. Pôs-se em serviço, provisòriamente, a saída V, a 30 kV, para as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, por isso nos ter sido solicitado por aquela Empresa; está encomendado o material para a ligação desta instalação à subestação de Alto de Mira;
4 — Subestação de Alto de Mira. Iniciou-se a construção desta subestação que deverá entrar em serviço, pelo menos em parte, no fim do ano corrente. Esta instalação começará por permitir uma segunda alimentação à cidade de Lisboa, por meio da sua ligação à subestação de Carenque, das Companhias Reunidas Gás e Electricidade. Os trabalhos de montagem vão desenvolver-se durante este ano e serão prolongados pelo ano de 1963;
5 — Subestação de Setúbal. Concluiu-se a montagem dos painéis da segunda linha do Porto Alto a Setúbal e da linha de Setúbal a Ferreira do Alentejo;
6 — Subestação de Ferreira do Alentejo. Iniciou-se a construção desta instalação que, quando estiver concluída, possibilitará a alimentação do Sul do País a 150 kV.

LINHAS — O programa de obras e estudos foi executado integralmente. Iniciaram-se os estudos das linhas Pisões-Caniçada-Vermoim, a construir em 1963 e 1964.

1 — Linha Picote-Vermoim II. Esta linha ficou concluída em Agosto, reforçando-se assim a ligação de Picote à subestação de Vermoim e tornando possível o escoamento, em boas condições de segurança, de toda a energia produzida nas duas centrais que estão em exploração no Douro Internacional;
2 — Linha Porto Alto-Seixal. Está concluída e em serviço desde o mês de Fevereiro de 1961, data em que a Siderurgia Nacional iniciou os ensaios do seu equipamento em ligação com a rede da C. N. E.;
3 — Linha Porto Alto-Setúbal. Entrou esta linha em serviço no mês de Abril, ficando assim duplicada a alimentação da subestação de Setúbal, com o correspondente aumento de segurança;
4 — Linha Pereiros-Alto de Mira. A construção desta linha está em pleno desenvolvimento, estando concluídos 75 % dos maciços e montados metade dos postes; estão também já montados condutores em 25 % do seu comprimento. Julga-se não haver dificuldade, em pôr em serviço a subestação de Alto de Mira por meio desta linha na data provável da «ponta» de Lisboa;
5 — Linha Tabuaço-Ermesinde. A construção desta linha esta em curso e em bom estado de adiantamento em relação à data fixada para o arranque da central de Tabuaço. Estão em nosso poder a quase totalidade dos materiais necessários e o pouco que falta deve ser entregue em curto prazo;
6 — Linha Tapada do Outeiro-Ermesinde. Está concluída a montagem do 2.º terno de condutores desta linha. Esta montagem fez-se desde já por exigência do programa de trabalhos da montagem do 2.º grupo da central da Tapada do Outeiro.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da página anterior)

b) *Estudos energéticos, documentação e intercâmbio:*

Dentro do intercâmbio regularmente mantido com outras entidades e organizações, tanto no plano nacional como no internacional, acompanhou-se o desenvolvimento dos estudos gerais dos problemas de energia, designadamente quanto à futura produção por via nuclear no nosso País, em que colaboramos activamente com a Companhia Portuguesa de Indústrias Nucleares. Esteve também a Companhia representada no Congresso Trienal da Union International des Producteurs et Distributeurs d'Energie Eléctrique, (UNIPEDE) que em 1961 se realizou na Alemanha.

Também os nossos Serviços e Instalações têm sido visitados por técnicos estrangeiros dentro do intercambio referido, sendo de salientar, pelo seu significado, que entre eles se contam diversos engenheiros brasileiros, em alguns casos com permanência de certa duração no Despacho da Rede Primária para estudo das soluções nacionais da coordenação das redes eléctricas.

5 — Laboratório de Ensaios: Durante o ano de 1961 notou-se um incremento geral das actividades do Laboratório em estudos, investigações e ensaios, não só em serviço próprio da Companhia, como também na colaboração dada a outras empresas. Entre estes e pelas consequências que dos seus resultados podem advir, há a salientar os relativos aos problemas das interferências radiofónicas e de harmónicas da rede.

Entre os estudos, projectos e montagens motivados pelo desenvolvimento da rede, no que respeita a teleinformações e protecções, merecem referências as correspondentes ás novas instalações em Porto Alto e Vila Chã e á interligação com Espanha. Relacionado com as protecções e pela análise estatística das perturbações da rede, em que se continua a verificar um elevado numero de disparos não selectivos nas linhas a 60 kV, resultou terem-se dado os primeiros passos no sentido de se conseguir uma melhor coordenação das protecções da rede eléctrica nacional.

Prosseguiram os trabalhos de construção do analisador de redes e iniciou-se a ampliação do edifício, necessário á sua instalação, esperando-se poder ainda este ano contar com a valiosa colaboração deste calculador. Para salientar as vantagens deste poderoso meio de cálculo e simultâneamente esclarecer certas questões referentes à rede eléctrica nacional, foram elaborados relatórios pormenorizados que se distribuíram pelas entidades interessadas e promovidas conferências sobre os resultados dos ensaios executados em 1959 em analisadores de redes estrangeiros.

6 — Oficinas de Sacavém: Durante o exercício findo as nossas oficinas metalomecânicas e de zincagem executaram o fabrico e zincagem de todos os postes e estruturas necessários às obras próprias da Companhia. Por outro lado, concluiu-se o fornecimento de postes zincados destinados à linha Cambambe-Luanda e obteve-se a encomenda do trabalho de furação e zincagem dos suportes da catenária da segunda fase da electrificação da linha de caminho de ferro Lisboa-Porto. O movimento total das oficinas cifrou-se, durante o ano de 1961, em 5803 toneladas de material fabricado e 5796 toneladas de material zincado.

7 — Contratos: Por despacho de Sua Excelência o Ministro da Economia foram fixadas, durante 1961, as seguintes tarifas de energia eléctrica que interessam à nossa Companhia:

a) — Nova tarifa de venda do Grupo de produtoras hídricas da rede primária (Hidroeléctricas do Zêzere, Cávado e Douro) à C. N. E., válida desde 1 de Julho;

b) — Novos preços de venda da C. N. E. e H. E. A. A. às fábricas de adubos azotados, válidos a partir de 1 de Outubro.

Foram também fixadas, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Indústria, as tarifas de venda à Siderurgia Nacional. Para este efeito, foi o forno eléctrico de fabricação de aço equiparado à outra indústria electrometalúrgica. A energia destinada aos restantes consumos da Siderurgia Nacional será aplicada a tarifa geral da Companhia.

O Governo Português deu já a sua aprovação à minuta de contrato a celebrar entre a Companhia e a Iberduero S. A., destinado a regular as trocas de energia entre as redes portuguesa e espanhola. O contrato poderá ser assinado logo que se verifique idêntica aprovação por parte do Governo Espanhol.

8 — Empresa Termoeléctrica Portuguesa: Iniciaram-se os trabalhos preparatórios da montagem do 2.º grupo da central da Tapada do Outeiro e prosseguiram os ensaios do 1.º grupo.

Na qualidade de Presidente do Conselho de Administração desta empresa acompanhámos atentamente a sua vida durante a gerência finda.

9 — Acção Social: No exercício de 1961 manteve-se a acção social a favor dos empregados e assalariados da Companhia, que se repartiam no final do ano como se segue:

No Sector de Construção	863	unidades
No Sector de Exploração da Rede	298	»
Nas restantes explorações, Serviços Administrativos e Centrais	261	»
	1 422	»

Neste domínio teve especial relevo a assistência médica que abrangeu pràticamente todos os empregados e assalariados da Companhia, bem como os respectivos familiares, num total de cerca de 6 000 pessoas. Esta assistência foi exercida em perfeito acordo com os Serviços Médico-Sociais (SMS), alcançando-se assim ainda o objectivo de completar o seu esquema de assistência.

A fim de ilustrar a actividade dos Serviços Médicos da Companhia citam-se os seguintes dados relativos ao exercício findo:

Consultas de clínica geral	13 750
Consultas de especialistas	7 938
Vacinas	1 249
Análises	2 199

A assistência materno-infantil foi dedicado um especial carinho, tendo cerca de 600 crianças frequentado as consultas de Pediatria; foi ainda prestada cuidadosa assistência a 71 grávidas.

As consultas e tratamentos foram comparticipados mediante uma tabela ajustada aos ordenados, constituindo a parte da Companhia 79 % do encargo total.

Nos refeitórios da Sede e de Sacavém forneceram-se 61 575 refeições, fixando-se a comparticipação do pessoal em 46,4 % segundo uma tabela estabelecida de forma a favorecer as remunerações mais baixas.

No exercício findo, foram perdidos 5,8 % dos dias de trabalho, em consequência de doenças e sinistros, a que correspondeu o pagamento de subsídios, tendo-se repartido o encargo respectivo entre a Caixa de Previdência e Companhia de Seguros (40,2 %), e a nossa Companhia (59,8 %).

10 — Investimentos e Meios Financeiros: Totalizou 131 064 contos o investimento realizado pela nossa Companhia no ano findo, em exacto cumprimento do plano de obras fixado pelo Plano de Fomento para o referido ano.

Na realidade, em «valores afectos à concessão», o investimento mede-se por 165 274 contos, por terem sido, neste ano, incorporados nas instalações valores apreciáveis de materiais que se encontravam em «stock» ou em curso de fabricação e figuravam por isso, em 1960, na rubrica «valores de transição». Este numero representa o mais alto nível de investimento nas instalações da concessão realizado pela Companhia desde a sua fundação, há cerca de 15 anos, e dá relevo ao crescente desenvolvimento da rede e ao elevado grau de eficiência atingido pelos meios de acção que a Companhia criou e vem aperfeiçoando ao longo do tempo, com vista a responder cabalmente àquele desenvolvimento.

O investimento total, no final do último ano, atingiu 1 361 624 contos, correspondendo-lhe 262 091 contos de reintegrações (19,2 %) e um valor actualizado de 1 099 533 contos.

Foi particularmente difícil o financiamento de tão acentuado volume de obras, dele tendo resultado para a nossa tesouraria problemas de abastecimento de crescente dificuldade, alguns dos quais não foram ainda satisfatòriamente resolvidos.

Como financiamento directo, apenas foi possível receber, a título de empréstimo, 45 000 contos do Banco de Fomento Nacional e 8 475 contos de clientes (em consequência de montagens de instalações que lhes foram destinadas) perfazendo estes financiamentos o total de 53 475 contos.

A emissão de obrigações de 65 000 contos e as operações de crédito externo de 20 000 contos, aprovadas uma e outras, não puderam ter realização no ano findo por contingências estranhas à Companhia e de todos conhecidas. Estas circunstâncias e o desejo de não diminuir o ritmo das obras forçou-nos a ter de recorrer à totalidade das nossas receitas disponíveis e ao uso do crédito bancário a curto prazo, relativamente ao qual é justo referir o apoio quase geral encontrado pela Companhia junto dos seus banqueiros, aos quais nos cumpre aqui manifestar os nossos vivos agradecimentos. Porém, esta forma meramente precária de financiar o nosso investimento carece agora de ser substituída, para o que o vosso Conselho de Administração tem em curso várias diligências, entre as quais espera poder realizar, muito em breve, uma emissão de 40 000 contos de acções, financiamento que, nos termos aprovados pelo Conselho Económico, dirá respeito ainda ao programa financeiro do ano findo.

Realizada aquela operação a Companhia estará ainda efectivamente desembolsada de 45 000 contos de meios financeiros previstos. A cobertura deste dispêndio terá de fazer-se ao longo do corrente ano por pesquiza de novas fontes de financiamento e pela continuação da política de compressão de despesas que vem orientando a nossa gestão.

A evolução patrimonial da Empresa, no último exercício, traduz-se nas seguintes variações:

Investimento	+ 131 064		contos
Acto Disponível	— 30 032		»
Acto Realizável	+ 26 635		»
Passivo a Curto Prazo		+ 35 627	»
Passivo a Longo Prazo		+ 31 011	»
Reintegrações		+ 33 543	»
Situação Líquida		+ 27 486	»
	+ 127 667	+ 127 667	»

Pelo serviço de empréstimos operou-se o reembolso de 13 779 contos, sendo 9 537 contos aos nossos obrigacionistas e 4 242 contos ao Banco de Fomento Nacional.

O total amortizado, desde o início das operações de reembolso, atinge 96 189 contos e representa um autofinanciamento da Companhia para além do que tem sido destinado a obras da concessão, a obras fora da concessão e a participações financeiras (cerca de 215 000 contos).

11 — Obras do Plano de Fomento para 1962: A progressiva procura de energia e a consequente necessidade de promover o seu transporte, dos principais centros de produção para as grandes zonas de consumo, obrigando a um investimento continuado, determinam que o nosso programa de novas instalações a montar em 1962 se fixasse num custo estimado de 138 000 contos.

Vai, portanto a Companhia continuar a recorrer ao mercado de capitais em nível da mesma ordem do que se vem verificando em anos anteriores, esperando-se que, como tem sucedido, os capitais nacionais não deixem de acorrer a um investimento que, sendo básico para o desenvolvimento económico do País, permite, ao mesmo tempo, dar boas garantias de segurança e rentabilidade.

12 — Orçamento Geral: Como nos anos anteriores foi elaborado o nosso orçamento de receitas e despesas para o corrente ano, prevendo-se a manutenção do equilíbrio da exploração.

13 — Balanço: Far-se-á breve referência aos principais aspectos das contas adiante apresentadas.

No que diz respeito à conta «Rede c/Exploração» verificaram-se, relativamente aos números do ano anterior, os sensíveis aumentos de 20 % e de 22,3 % respectivamente, na compra e na venda de energia. Consequentemente a nossa receita líquida acusa também um aumento sensível sobre o apuramento de 1960. Isso se deve, fundamentalmente, às condições excepcionalmente favoráveis de exploração verificadas no 2.º semestre do ano e à revisão da nossa tarifa de compra às produtoras hídricas da rede primária mercê do que foi possível encontrar mais ajustada compensação para os encargos de exploração da rede, embora se anote que não foi ainda possível, neste ano, obter a sua total cobertura, considerados os níveis habituais de remuneração de capitais.

O aumento nas despesas de exploração e conservação explica-se fundamentalmente pela entrada em serviço das subestações de Vila Chã e de Porto Alto. Mostra-se ainda esta conta onerada, de harmonia com as prescrições legais, com os encargos das dotações aos fundos de reintegração das instalações e de reconstituição do investimento.

A conta de «Lucros e Perdas» apresenta-se um pouco mais sobrecarregada no que respeita a despesas, do que no ano anterior, em consequência do natural desenvolvimento da Companhia, o que provoca maiores encargos.

No nosso Balanço e Contas a arrumação das rubricas é rigorosamente igual à do ano anterior, o que se faz com a preocupação de permitir uma análise comparativa dos números agora apresentados à vossa apreciação.

14 — Conselho de Administração: Em virtude de ter sido preenchida a vaga de Presidente do Conselho de Administração, deixou de exercer as funções de gerência o administrador Ex.mo Sr. Dr. Mário Morais de Oliveira, que graciosamente as vinha desempenhando com inexcedível dedicação, zelo e muita inteligência. A passagem do Sr. Dr. Mário Morais de Oliveira pela gerência da Companhia Nacional de Electricidade fica assinalada pelas medidas tomadas para enfrentar os complexos problemas que surgiram e pela inteligência e ponderação de que deu sobejas provas, pelo que S. Ex.ª é credor dos nossos vivos agradecimentos.

Terminaram no exercício de 1961 os mandatos da Mesa da Assembleia Geral, de dois Administradores e de dois membros do Conselho Fiscal. Recordamos que nos termos dos arts. 12.º, 18.º, 28.º e 30.º dos Estatutos, são permitidas as reeleições para todos os cargos indicados.

15 — Considerações Finais: Os resultados da conta de exploração demonstram claramente que o período desfavorável que a Companhia atravessou no exercício de 1960 se revestiu, como se previra, de carácter transitório.

Assim os efeitos prejudiciais do novo sistema tarifário na economia da Companhia foram atenuados pela revisão feita já no exercício de 1961 e, por outro lado, a laboração quase contínua das instalações industriais abastecidas directamente provocou a manutenção das receitas provenientes deste sector em nível equilibrado. Para os melhores resultados obtidos contribuiu ainda o condicionalismo hidrológico verificado em 1961, que proporcionou a intensificação do tráfego nas linhas da C. N. E., a manifestar-se como atrás se disse, através da preponderância da energia recebida das empresas da rede primária.

Estes factores, adicionados ao satisfatório crescimento do consumo nacional de energia eléctrica, permitem um optimismo justificado quanto ao futuro da Companhia; todavia não se considera prudente sugerir que se retome já neste exercício o nível habitual da remuneração do capital social da Companhia em virtude do aumento dos encargos fiscais extraordinários, que embora sejam absolutamente justificados não podem deixar de influenciar os resultados da empresa. Propõe-se a distribuição de um dividendo de 7,5 %.

Nestes termos, fechando a Conta de «Lucros e Perdas» com o saldo de 36 806 088$24 o qual adicionado ao saldo do exercício de 1960, perfaz o total de 36 852 017$52, propõe-se a seguinte aplicação:

Para o Fundo de Reserva Legal:	
(N.º 1 do art.º 37.º dos Estatutos)	2 100 000$00
Para dividendo ao capital, cativo de impostos ...	34 500 000$00
Saldo a Conta Nova	252 017$52
	36 852 017$52

Devemos ao Conselho Fiscal e ao Delegado do Governo Ex.mo Sr. Eng.º Duarte Abecassis, solícita colaboração que nos é grato assinalar e agradecer.

O pessoal contribuiu com muita competência e dedicação digna de menção especial para os resultados obtidos, pelo que nos cumpre manifestar a gratidão que lhe é devida.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1962.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente interino — *Arnaldo Schulz*
Pela Hidro-Eléctrica do Zêzere — *Mário Morais de Oliveira*
Pela Hidro-Eléctrica do Cávado — *José Albino Machado Vaz*
Pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade — *William Menschaert*
Pela União Eléctrica Portuguesa — *Paulo de Barros*

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da página anterior)

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1961

ACTIVO

Disponível:			
Caixa		2 757 752$75	
Bancos e Banqueiros		6 366 773$21	9 124 525$96
Realizável:			
Devedores e Credores — Saldos Devedores		124 013 557$51	
Efeitos a Receber		6 621 333$00	
Papéis de Crédito		3 264 904$00	
Participações Financeiras		40 706 850$00	174 606 644$51
Fixo:			
Valores Afectos à Concessão:			
Linhas	690 682 489$91		
Subestações	484 368 933$17		
Telecomunicações	30 251 359$65		
Laboratório	11 357 114$93		
Material em Instalações Alheias	163 291$20		
	1 216 823 188$86		
Reintegrações	— 221 540 644$33	995 282 544$53	
Valores não Afectos à Concessão:			
Máquinas e Ferramentas	5 689 714$85		
Móveis e Utensílios	5 772 075$08		
Veículos	9 027 178$97		
Serviços Sociais	8 528 124$30		
Armazéns	3 931 198$93		
Oficinas	30 264 506$17		
	63 212 798$30		
Reintegrações	— 40 550 405$52	22 662 392$78	
Valores de Transição:			
Material em Armazém	54 043 213$63		
Oficinas c/ Exploração — Obras em Curso	7 621 602$84		
Construção Civil c/ Exploração — Obras em Curso	3 716 973$18		
Lab. de Ensaios c/ Exploração — Obras em Curso	1 889 836$97		
Pagamentos Antecipados	14 316 410$09	81 588 039$01	1 099 532 976$32
			1 283 264 146$79

CONTAS DE ORDEM

Devedores por Cauções	3 206 774$40	
Títulos em Caução	200 000$00	
Material Instalado de c/ Alheia	62 106$85	
Apoio Térmico	5 823 380$00	9 292 261$25

PASSIVO

A Curto Prazo:			
Juros a Pagar	716 921$25		
Obrigações Sorteadas	1 152 000$00		
Dividendos a Pagar	778 191$29		
Efeitos a Pagar	26 392 095$95		
Devedores e Credores — Saldos Credores	140 106 180$89	169 145 389$38	
A Longo Prazo:			
Obrigações	270 793 000$00		
Banco de Fomento Nacional	234 358 205$50	505 151 205$50	674 296 594$88

SITUAÇÃO LÍQUIDA

Inicial:			
Capital			460 000 000$00
Acumulada:			
Fundo de Reserva Legal	11 353 000$00		
Fundo de Estabilização de Dividendos	5 400 000$00		
Fundo de Conservação	4 471 366$55		
Reconstituição do Investimento	22 595 249$30		
Provisões Diversas	8 531 649$64	52 353 265$49	
Rectificativa:			
Comparticipações (nos termos do art.º 12.º do Caderno de Encargos)		59 762 268$90	
Adquirida:			
Lucros e Perdas:			
Saldo de 1960	45 929$28		
Lucro Líquido do Exercício	36 806 088$24	36 852 017$52	608 967 551$91
			1 283 264 146$79

CONTAS DE ORDEM

Cauções Prestadas	3 206 774$40	
Credores por Cauções	200 000$00	
Credores por Material Instalado de c/ Alheia	62 106$85	
Empresa Termoeléctrica Portuguesa c/ Apoio Térmico	5 823 380$00	9 292 261$25

Lisboa, Fevereiro de 1962

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Desenvolvimento da conta «LUCROS E PERDAS»

DÉBITO

Despesas Gerais		17 468 211$68
Despesas de Estudo		804 020$25
Encargos Financeiros		20 002 397$13
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão		600 000$00
Saldo de 1960	45 929$28	
Lucro Líquido do Exercício	36 806 088$24	36 852 017$52
		75 726 646$58

CRÉDITO

Rede c/ Exploração — Saldo	73 775 050$37
Rendimentos Diversos	1 905 666$93
Saldo de 1960	45 929$28
	75 726 646$58

Lisboa, Fevereiro de 1962

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Desenvolvimento da conta «REDE C/ EXPLORAÇÃO»

DÉBITO

Compra de Energia	429 437 424$70	
Encargos Fixos da Empresa Termoeléctrica Portuguesa	29 500 000$00	458 937 424$70
Encargos de Exploração		9 615 146$34
Encargos de Conservação		5 130 459$08
Coordenação Energética da Rede Primária		833 934$06
Reconstituição do Investimento		3 500 000$00
Reintegração de Valores Afectos à Concessão		28 100 000$00
SALDO		73 775 050$37
		579 892 014$55

CRÉDITO

Venda de energia	578 550 578$30
Consumos Próprios	1 341 436$25
	579 892 014$55

Lisboa, Fevereiro de 1962

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da página anterior)

REINTEGRAÇÕES E SITUAÇÃO LÍQUIDA ACUMULADA

Discriminação	Valores Iniciais a Reintegrar e Reconstituir	Reintegrado, Reconstituído, Reservas Diversas	Valores por Reintegrar e Reconstituir
Posição em 31/12/61:			
1 — Reintegrações:			
Valores afectos à Concessão ...	1 024 104 601$47	221 540 644$33	802 563 957$14
Valores não afectos à Concessão			
Máquinas e Ferramentas	5 689 714$85	4 887 701$34	802 013$51
Móveis e Utensílios	5 772 075$08	5 561 926$49	210 148$59
Veículos	8 338 940$75	6 422 917$05	1 916 023$70
Serviços Sociais	3 451 007$68	2 914 999$88	536 007$80
Armazéns	2 435 615$28	1 995 094$90	440 520$38
Oficinas	28 998 934$21	18 767 765$86	10 231 168$35
	1 078 790 889$32	262 091 049$85	816 699 839$47
2 — Reconstituição do Investimento	1 216 823 188$86	22 595 249$30	1 194 227 939$56
3 — Reservas Diversas		29 758 016$19	
		314 444 315$34	
Aplicação dos Fundos:			
Amortização de Obrigações—4%—1949/69			32 680 000$00
» » » —5%—1954/82			9 000 000$00
» » » —5%—1955/82			8 000 000$00
» » » —5%—1956/83			2 949 000$00
» » » —5%—1957/85			1 578 000$00
Amortização do Empréstimo do Banco de Fomento Nacional			41 981 794$50
Investimento e Disponibilidades			218 255 520$84
			314 444 315$34

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Terminou, com o ano de 1961, o nosso 14.º exercício, ao qual se referem o Relatório, o Balanço e as Contas que o Conselho de Administração apresenta para serem submetidos à vossa esclarecida apreciação, e sobre os mesmos documentos vem o Conselho Fiscal emitir o seu parecer, como lhe cumpre.

Pormenorizado como todos os anteriores, o Relatório dá a conhecer os factos que mais podem interessar sobre a vida da Companhia durante o exercício a que diz respeito. A exposição que nele é feita permite-nos, tanto pela sua enumeraçao como pelos investimentos exigidos, avaliar a importância não só dos trabalhos executados durante o exercício, nada inferiores aos dos exercícios anteriores, como também da obra até hoje realizada, e dá ideia das dificuldades que, para tal realização, tem sido e continuará a ser necessário vencer. Só nós, que de perto temos sempre acompanhado a sua actividade, podemos testemunhar o esforço dispendido pelo Conselho de Administração que por isso é credor do vosso reconhecimento.

Duas passagens do Relatório teremos de destacar, por dizerem respeito ao prestígio e ao progressivo desenvolvimento da Companhia.

A primeira é a que se refere ao trabalho em paralelo da nossa rede com a da Europa Ocidental, o que, a nosso ver, bem pode considerar-se como um marco miliário na história da indústria da electricidade no País.

A segunda é a que apresenta os dados relativos ao movimento de energia na nossa rede, por onde se vê que em 1961 recebemos 2 508 GWh, ou seja 69 % da produção total do País e muito mais que o dobro do que recebemos em 1957 (1 220 GWh), sendo de notar que a ponta atingiu 501 MW, o que também é muito significativo.

Quanto às contas julgamos que, como nos anos anteriores, a sua clareza nos dispensa de qualquer referência especial. Como sempre, temos examinado periòdicamente a escrituração, bem como os documentos e valores de Caixa e podemos por isso garantir-vos, Senhores Accionistas, a sua rigorosa conformidade com o Balanço e as Contas apresentadas, e aqui patenteamos a nossa satisfação pela modelar organização que sempre temos elogiado.

Os resultados da conta de exploração vieram demonstrar o carácter transitório do período desfavorável que se verificou no exercício anterior, assim se tendo confirmado a previsão do Conselho de Administração e justificado o nosso optimismo, que de resto sempre temos manifestado.

Saudando o Conselho de Administração e garantindo-lhe a nossa colaboração, associamo-nos às palavras com que se refere ao Ex.mo Sr. Dr. Mário Morais de Oliveira, aos agradecimentos que dirige ao Ex.mo Sr. Eng.º Duarte Abecassis e aos banqueiros da Companhia, e ainda à gratidão que manifesta ao pessoal pela sua competência e dedicação.

Apoiamos incondicionalmente a proposta do Conselho de Administração sobre a aplicação a dar ao saldo de 36 852 017$52.

Concluindo, o vosso Conselho Fiscal é de:

P A R E C E R

1.º — Que aproveis o Relatório, o Balanço, as Contas e actos do Conselho de Administração relativos ao exercício de 1961;
2.º — Que aproveis, também, a sua proposta sobre a aplicação a dar ao saldo apurado de 36 852 017$52;
3.º — Que aproveis, ainda, um voto de louvor e muito apreço ao Conselho de Administração, voto que deve ser extensivo ao pessoal.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1962

O CONSELHO FISCAL
Presidente
Pela Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal
Seraphim Lainho
Vogais
Nuno José J. M. F. Xavier de Mendonça
Pela Hidro-Eléctrica Alto Alentejo
António Temudo de Castro

BANCO LISBOA & AÇORES

S. A. R. L.

Capital e Fundos de Reserva — Esc.: 194.000.000$00
SEDE: Rua Aurea, 88 — LISBOA

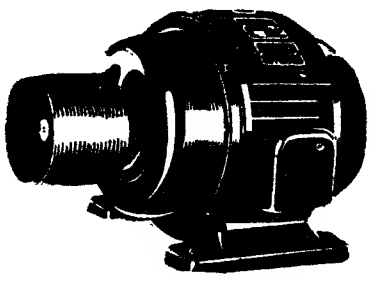
DEPENDÊNCIAS EM LISBOA:
Avenida Almirante Reis ● Rua de São Paulo ● Avenida da República
Santo Amaro ● Avenida de Roma ● Cais de Santarém
e Marquês de Pombal

FILIAIS:
PORTO e PONTA DELGADA

AGÊNCIAS:
Aeroporto de Lisboa ★ Almeirim ★ Bombarral ★ Caldas da Rainha
Coimbra ★ Coruche ★ Covilhã ★ Estoril ★ Évora ★ Mira de Aire
Serpa e Torres Novas

CORRESPONDÊNCIAS PRIVATIVAS:
Alcanena, Reguengo Grande, Vendas Novas

CORRESPONDENTES NA MAIORIA DAS LOCALIDADES DO PAÍS E ILHAS ADJACENTES



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.
11 — Calçada Marquês de Abrantes — 13
Telefone 668061 (5 linhas) LISBOA

NA JOALHARIA MERGULHÃO

PODERÁ ADQUIRIR PRATAS ANTIGAS, SERVIÇOS DE CHÁ, ANTIGOS E MODERNOS, BAIXELAS DE PRATA, CANDELABROS, TABULEIROS E SALVAS DE GRADINHA, FAQUEIROS, ETC.

A preços reduzidos

RUA DE S. PAULO, 162 **Tel. 30013**

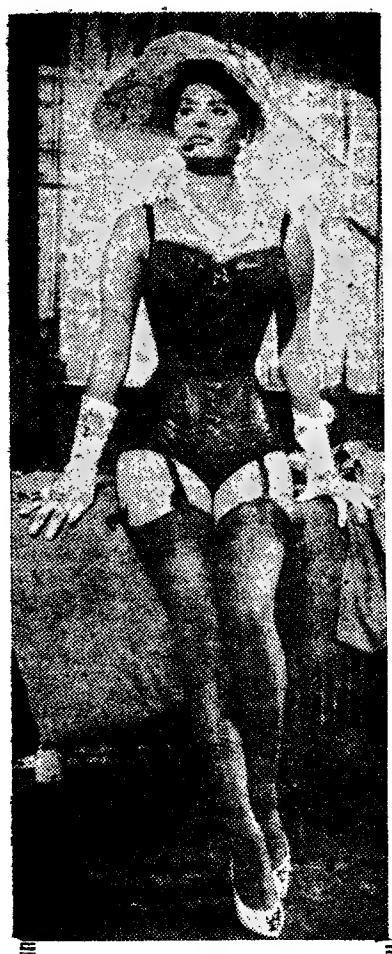
Boa ocasião para uma visita a SEVILHA

aproveitando os bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos á venda em várias estações da C. P. por motivo da FEIRA DE ABRIL naquela cidade espanhola.

Os portadores de bilhetes por Vila Real de Santo António podem na mesma viagem visitar também o Algarve, pois os bilhetes permitem paragens nas estações intermédias do percurso.

Período de venda — de 5 a 30 de Abril
Validade para regresso — de 10 de Abril a 5 de Maio

Os preços e condições constam de cartazes afixados nas estações.



As meias são indispensável ornamento para a mulher, não apenas de efeito artístico, mas que dá o equilíbrio estético e um retoque gracioso ao conjunto da elegancia e das subtis atracções femininas

A MODA IMPÕE

AS MEIAS ÀS MULHERES PARA ESTÉTICA DAS PERNAS

A moda impõe, de novo, ás mulheres o uso de meias, agora em tom escuro, preto ou acinzentado transparente, que dão ao conjunto da estética feminina um equilíbrio mais harmonioso e anulam o efeito descuidado das pernas nuas.

Na Holanda, por exemplo, com um refinamento de elegancias femininas, o consumo de meias de senhora vem registando um acréscimo notável, o que se nota, aliás, por toda a parte.

Assim, enquanto que, em 1959, cada mulher holandesa gastava sete pares de meias, esse numero subiu, em 1960 e 1961, respectivamento, a dez e catorze, precendo-se para este ano um aumento para dezasseis ou dezassete pares.

No consumo global, as meias sem costura figuram na proporção de cinquenta por cento. Começam, no entanto, a aparecer, como ultima variante da moda, novos padrões de meias com caprichosos efeitos de costuras e riscos em toda a vertical e laterais até uns vinte centímetros além do tornozelo.

Pode-se avaliar do recrudescimento do uso de meias por parte das senhoras na Holanda, pelo volume da importação, no ano findo, principalmente da Itália, da Alemanha Ocidental e da Bélgica. Nos primeiros oito meses do ano, as importações de cada um desses países totalizaram, respectivamente, cinco, seis e quatro milhões e meio de pares de meias que embelezaram as pernas das esbeltas e atraentes holandesas.

BRASÕES

observe-se com atenção modelos expostos **ANÍBAL**, grav. Unico especializado Rua Nova do Almada, 64, T. 326162

ESTRELA

Carneiro *(De 21 de Março a 20 de Abril)*

Os aspectos astrais em relação ás finanças deixam muito a desejar e alguram algumas provações a que terá de fazer frente. Gastos inesperados, inimizades ocultas, obstáculos vindos do exterior. Terá de reprimir toda a tendência conflituosa, a vontade obstinada, as anomalias perversas. Grande tensão de nervos nos dias 13 e 14. Corre o risco de prisão ou internamento em hospital se não dominar os impulsos. Vida sentimental: agitada; exaltação. Saúde: trate dos nervos. Dias desfavoráveis 9 e 11.

Touro *(De 21 de Abril a 21 de Maio)*

Vénus, que governa este signo, recebe maus influxos de Saturno, o que pode complicar as iniciativas importantes, se se deixar arrastar mais pela imaginação do que pelo senso prático. Precisa de ser racionalista nos empreendimentos financeiros, apesar da grande actividade mental determinar a tendência para as especulações. Vida sentimental: forte sexualidade. Não se deixe arrastar pelos sentidos. Saúde: esgotamento nervoso por excessos. Dias desfavoráveis: 8 e 11.

Gémeos *(De 22 de Maio a 21 de Junho)*

Período de indecisão dos amigos em relação aos seus interesses. Procure ser mais objectivo, menos intolerante e coordene de maneira construtiva as suas actividades. As finanças atravessam um período de instabilidade. Vida sentimental: sensibilidade exacerbada, acuidade profunda ás ressonancias do meio que frequenta. Saúde: delicada; desarranjos causados por más digestões. Atracção desregrada para os prazeres. Dias desfavoráveis: 9 e 11.

Caranguejo *(De 22 de Junho a 23 de Julho)*

Período de instatabilidade pelo orbe lunar nas realizações e possessões materiais. Alternativas nos ganhos e perdas. Concepções dificilmente realizáveis. Em consequência, terá de vigiar de perto os negócios e assumir as responsabilidades. Vida sentimental: cordial. Satisfações de amizades, mais intelectuais que sensuais. Harmonia familiar. Saúde: vulnerabilidade nervosa; desequilíbrio glandular. Faça uma cura de repouso e depurativa na Primavera. Dias desfavoráveis: 11 e 13.

artis

Dispõe de oficinas próprias para executarem

MÓVEIS E DECORAÇÕES

modernos, de estilo e comerciais. Projectos e orçamentos grátis

RUA MARIA ANDRADE, 64 (aos Anjos) * Telefone 848719

Leão *(De 24 de Julho a 23 de Agosto)*

A configuração dos dias 13 e 14 é bastante negativa e restritiva. Terá de ser menos intransigente e egoista. A sua animosidade e, por vezes, a violência contra subordinados podem acarretar-lhe dissabores e rivalidades manifestas. Vida sentimental: aborrecimentos na vida familiar. Mostre-se mais conciliador, mais confiante nas pessoas que o estimam. Saúde: evite as causas de discussões. O enervamento prejudica o ritmo do coração, que é regido pelo seu signo. Dias desfavoráveis: 11 e 13.

Virgem *(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)*

A configuração planetária pode influenciar particularmente os interesses financeiros dando possibilidades de melhorar a situação social. Precisa de ser previdente e servir-se da intuição aliada aos esforços pessoais. Êxito nos projectos e acordos financeiros em colectividades publicas. Vida sentimental: harmonia na vida comum; boa colaboração e entendimento conjugal. Saúde: deve proteger a saúde das mudanças bruscas de temperatura; está sujeito a resfriamentos. Dias desfavoráveis: 9 e 11.

Balança *(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)*

As aspirações de realizar obras notáveis nas artes ou nas letras são de excessiva ambição; embora goze de uma imaginação extraordinária por algum tempo, falta-lhe a força de vontade e persistência para as realizar. Contudo, pode produzir com originalidade, se tiver aptidões para isso. Vida sentimental: hostilidades ao casamento, indecisão passageira. Saude: força de impulsão ao serviço do intelecto; combatividade eficiente, infatigável. Dias desfavoráveis: 9, 10 e 13.

Escorpião *(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)*

Algumas desilusões o esperam nas relações com colaboradores e associados. Os aspectos expõem aos conflitos que podem provocar separação como meio em que vive. Carreira interrompida por dissentimentos familiares, por indecisão e obstinação. Vida sentimental: contrastes inquietantes entre sentimentos e actos individuais; caprichos que o obrigam a lutar consigo próprio. Saúde: desarranjos de gravidez nos nativos do sexo feminino. Riscos acidentais. Dias desfavoráveis: 9 e 13.

Todos os mestres da pintura universal num magnífico album

DURER, MEMLING, BOSCH, PIERO DE LA FRANCESCA, ZURBARAN, CRANACH, FRAGONARD, HOLBEIN, MURILLO, RIBERA, RUBENS, ETC.

FOI POSTO À VENDA

O 1.º FASCÍCULO DESTE NOVO ALBUM

OBRAS PRIMAS da pintura estrangeira no MUSEU DE ARTE ANTIGA

por Armando Vieira Santos

UMA EDIÇÃO ARTIS

AS REALIZAÇÕES ARTIS, RUA DAS TAIPAS, 12 R/C — LISBOA

Queiram enviar-me, sem compromisso, o 1.º fascículo desta obra, que devolverei, caso não me interesse.

Nome ... ...

Morada ... ...

Sagitário *(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)*

A vida está sob a influência de forças contraditórias, cheia de lutas que põem á prova todas as forças do nativo. Só a constancia, a assiduidade no trabalho, a firmeza inquebrantável poderão trazer-lhe o êxito dos esforços empreendidos. As alternativas de radicalismo podem acarretar-lhe controvérsias prejudiciais aos interesses de património. Vida sentimental: a presença de Júpiter favorece o equilíbrio conjugal. Dias desfavoráveis: 9 e 12.

Capricórnio *(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)*

O sentido da conservação e da economia podem favorecê-lo numa capitalização progressiva, se for perseverante no trabalho. Êxito em negócios de prédios e propriedades, valores fundamentais para os deste signo. Vida sentimental: deve combater a tendência para o excesso de luxo, se quiser economizar no lar familiar e não comprometer o orçamento por gastos excessivos. Saúde: instável; desarranjos passageiros. Dias desfavoráveis: 9 e 13.

Aquário *(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

Período favorável á criação de obras literárias, edição, correspondência, etc. A's pequenas viagens também. A disposição para a intelectualidade analista dar-lhe-á grande vivacidade de espírito e concorre para a evolução do nativo. Vida sentimental: bom entendimento com irmãos e parentes que podem ajudar a resolver vários problemas. Tendência para gozar a vida á grande. Saúde: sensibilidade apurada. Risco de acidentes. Dias desfavoráveis: 11 e 13.

Peixes *(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)*

No domínio financeiro há grande instabilidade. E' de aconselhar toda a prudência nas especulações e transacções comerciais. Os ganhos são determinados por actividade mental nos objectivos desejados. Vida sentimental: influenciada por sentimentos estéticos. Grande sensibilidade artística. Forte sensualidade a combater. Saude: desarranjos nervosos; irritabilidade. Dias desfavoráveis: 9 e 11.

SYBILLA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas
Dr António Ferrão — Doenças dos olhos — Às 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, Ossos e Articulações — Às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — Às 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das Senhoras e operações — Às 15 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas
Dr Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — Às 16 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas
Dr.ª Maria José Leão — Análises clinicas — Às 9 horas.

VISITE

COVILHÃ

E A

SERRA DA ESTRELA

em qualquer época do ano, quer neve, quer faça sol, utilizando o bilhete turístico «FÉRIAS SOLNEVE».

Informe-se e compre o seu bilhete, em Lisboa, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

— PEÇA FOLHETO DESCRITIVO →

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE: RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244—PORTO

RELATÓRIO E BALANÇO DA GERÊNCIA DE 1961

SENHORES ACCIONISTAS:

Para cumprimento das disposições legais e estatutárias, temos a honra de apresentar e submeter à vossa deliberação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1961.

Produção e venda de energia eléctrica

		1951 kWh	1960 kWh	1961 kWh
Energia hidráulica recebida da Central do Lindoso		186 329 847	270 114 711	250 808 399
Energia hidráulica recebida das Centrais do Pego do Altar, Vale do Gaio e Campilhas		1 679 520	16 054 063	9 803 661
Energia térmica emitida	Freixo	1 791 589	—	—
	Cachofarra	27 647 219	27 027	125 934
Energia recebida da C. N. E. e de outras empresas	Norte	50 836 084	248 397 333	314 124 321
	Sul	39 396 100	168 655 828	192 852 065
		238 957 520	518 512 044	564 932 720
Energia entregue ás redes de AT	Norte	68 722 839	184 736 918	202 781 660
	Sul	307 680 359	703 248 962	767 714 380
	Total			
Energia vendida com carácter eventual a outras empresas (Norte)		16 460 706	12 351 833	10 983 719
Energia vendida a clientes	Norte	198 563 084	500 039 228	549 392 870
	Sul	65 889 505	171 998 224	189 232 459
Energia total vendida		280 913 295	684 389 285	749 609 048

A energia vendida atingiu um total de 749,6 milhões de kWh, com uma diferença positiva, em relação a 1960, de 65,2 milhões de kWh, correspondente a 9,5 %; esta taxa traduz-se por uma duplicação do consumo em período compreendido entre 7 e 8 anos. Continua assim a processar-se o desenvolvimento do consumo a uma cadência rápida, inferior contudo à do ano anterior, em que a taxa de crescimento foi de 12,4 %.

Já por mais de uma vez temos dito que este crescimento do consumo força à realização de investimentos contínuos e ao permanente recurso ao mercado de capitais. Retomaremos este problema em capítulo seguinte.

Em relação à energia entregue às redes de alta tensão — 767,7 milhões de kWh — verifica-se que apenas 32,7 % provêm da central do Lindoso; a restante — 67,3 % — é adquirida na sua quase totalidade à Companhia Nacional de Electricidade. Novamente focamos o aspecto primacial que para nós revestem as condições de fornecimento da energia recebida desta origem, visto acentuar-se cada vez mais a sua influência.

Em relação ao consumo total permanente do País, a energia vendida pela nossa empresa continua a representar cerca de 30 %; este índice revela o papel fundamental que cabe à União Eléctrica Portuguesa no abastecimento de energia eléctrica e a importância das regiões por ela servidas.

A taxa média de crescimento registada na Metrópole, em consumos permanentes, foi de 12,3 %, correspondente a uma duplicação em cerca de 6 anos.

A ponta máxima da nossa rede do Norte foi de 143 500 kW e verificou-se no dia 24 de Janeiro às 11 h 30 m; a emissão máxima diária foi de 2 189 639 kWh, no dia 21 de Dezembro, com uma ponta de 141 000 kW e uma utilização de 15,5 horas.

Na nossa rede do Sul a ponta máxima foi de 40 900 kW, no dia 19 de Dezembro às 18 h 07 m; a emissão máxima diária foi de 738 000 kWh, no mesmo dia, com a ponta acima indicada e a utilização de 18 horas.

A repartição da energia vendida nas diferentes classes de consumo indica-se a seguir:

Classes de consumo	Norte (kWh)	Sul (kWh)	Total (kWh)	Percentagens de distribuição por classes		
				1961	1960	Variação
Distribuidoras	322 563 828	30 795 378	353 359 206	47,1	47,6	— 0,5
Industrias:						
— têxteis	89 363 882	1 180 600	90 544 482	12,2	11,9	+ 0,3
— químicas	2 267 812	52 273 921	54 541 733	7,3	6,8	+ 0,5
— do cimento	14 403 812	34 329 477	48 733 289	6,5	7,2	— 0,7
— de alimentação	16 323 251	11 494 911	27 818 162	3,7	3,9	— 0,2
— da cerâmica e outros materiais de construção	16 309 639	2 272 327	18 581 966	2,5	2,4	+ 0,1
— da celulose e do papel	17 933 626	—	17 933 626	2,4	2,3	+ 0,1
— de construções mecânicas e eléctricas	6 373 020	7 047 153	13 420 173	1,8	1,9	— 0,1
— da cortiça	937 027	9 990 083	10 927 110	1,4	1,3	+ 0,1
— dos metais não ferrosos	10 126 992	—	10 126 992	1,3	1,2	+ 0,1
— da borracha	4 000 745	5 817 000	9 817 745	1,3	0,5	+ 0,8
— extractivas mineiras (excepto carvão)	3 816 900	3 344 000	7 160 900	1,0	1,0	—
— da extracção do carvão	6 826 768	—	6 826 768	0,9	1,2	— 0,3
— da elevação de águas	146 762	3 508 171	3 654 933	0,5	0,5	—
— da madeira e da mobília	3 249 900	294 374	3 544 274	0,5	0,5	—
— do vestuário e acessórios	3 177 411	—	3 177 411	0,4	0,4	—
— da metalurgia do ferro e aço (excepto electrometalurgia)	3 158 220	—	3 158 220	0,4	0,4	—
— das peles e artigos de peles	2 503 134	—	2 503 134	0,3	0,3	—
— vidreiras	2 354 860	4 686	2 359 546	0,3	0,5	— 0,2
— gráfica e do livro	260 420	17 126	277 546	0,0	0,0	—
— outras	6 334 925	13 146 172	19 481 097	2,6	3,4	— 0,8
Electroquímica	11 988 359	57 772	12 046 131	1,6	0,8	+ 0,8
Outras empresas	10 983 719	—	10 983 719	1,5	1,8	— 0,3
Agricultura	641 103	1 665 759	2 126 862	0,3	0,3	—
Diversas	4 510 474	11 993 549	16 504 023	2,2	1,9	+ 0,3
Totais	560 376 589	189 232 459	749 609 048	100,0	100,0	

As distribuidoras continuam, de longe, a ser a classe predominante, representando, só por si, 47,1% do consumo; acusam uma ligeira regressão em relação a 1960, proveniente de aumentos noutras classes. Seguem-se, como é habitual, as indústrias têxteis, as químicas e o cimento; sobre as restantes classes, pela sua reduzida importância, não interessa fazer qualquer comentário.

O movimento de contratos e clientes é dado pelos seguintes números:

Alta Tensão

		1959	1960	1961
Numero de clientes	Norte	518	570	589
	Sul	118	121	123
	Total	636	691	712
Numero de postos de transformação	Norte	895	915	947
	Sul	242	242	249
	Total	1 137	1 157	1 196
Potência ligada (MVA)	Norte	218	227	307
	Sul	58	68	104
	Total	276	295	411
Contratos novos		37	32	32
Contratos renovados		72	59	54

Baixa Tensão

Número de clientes	25 117	27 454	30 337

A evolução destes índices demonstra uma vez mais o desenvolvimento da empresa. O grande aumento de potência ligada na rede do Sul provém essencialmente do novo cliente União Fabril do Azoto, com 20 000 kVA instalados.

Obras e Projectos

Prosseguiu durante 1961 a realização das obras necessárias ao abastecimento de todos os clientes; para isso, tornou-se necessário ampliar as instalações existentes pela montagem de novas subestações e pela construção de novas linhas a tensão mais elevada. É justamente a enumeração dessas obras principais que referimos a seguir:

Linhas a 60 kV:

Linha Santa Clara — Figueira da Foz	(37 000 m) — Construída e em exploração
Linha Santa Clara — Serviços Municipalizados de Coimbra	(3 500 m) — Construída e em exploração
Linha C. N. E. — Coina	(18 250 m) — Construída e em exploração
Linha Coina — Sobreda	(14 000 m) — Em construção
Linha Barreiro — UFA	(2 080 m) — Construída e em exploração
Linha Coina — UFA	(9 900 m) — Em construção
Linha Ferreira do Alentejo — Vale do Gaio	(33 000 m) — Em estudo
Linha Vale do Gaio — Évora	(53 000 m) — Em estudo

Subestações:

Subestação de Avanca — 60/15 kV 10 MVA	— Concluídas as obras de reequipamento e modernização
Subestação da Figueira da Foz — 60/30 kV 10 MVA	— Construida e em exploração
Subestação de Santa Clara (Coimbra) — 60/30 kV	— Em construção
Subestação de S. João da Madeira — 60/15 kV 10 MVA	— Montagem de um segundo transformador
Subestação de Aveiro — 60/15 kV 10 MVA	— Montagem de um segundo transformador
Subestação de Coina — 60/30/6 kV 40 MVA	— Concluída a montagem dos novos painéis de 60 kV e de uma bateria de condensadores que entrou em exploração no ano de 1961
Subestação da Sobreda — 60/30/6 kV 20 MVA	— Em construção
Subestação de Vale do Gaio — 60/30 kV 13 MVA	— Em estudo
Subestação de Alcácer do Sal — 30/30 kV 5 MVA	— Adquirido o material, devendo iniciar-se a construção em 1962; destina-se a substituir a antiga subestação, obrigada a deslocar-se do local existente devido a imposições de urbanização
Subestação da Mutela 30/15 kV 10 MVA	— Em construção

Entre as obras citadas destacam-se, pelo pesado investimento que representam, as linhas a 60 kV Ferreira do Alentejo - Vale do Gaio e Vale do Gaio - Évora e a subestação de Vale do Gaio. O desenvolvimento do mercado de Évora implicará a instalação de uma nova linha, a tensão mais alta, 60 kV, que ficará, de momento, muito folgada para as necessidades de potência do cliente; poder-se-á deste modo garantir o abastecimento a esta zona do País durante largos anos.

Avulta assim o problema da realização de investimentos volumosos, não rentáveis nos primeiros tempos, caso normal da indústria eléctrica. A existência de grande número de instalações simultâneas, em que umas estão a atingir a sua saturação e outras em início de fornecimento, consegue tornar, em geral, o conjunto rentável; força porém a estudos extremamente cuidadosos para se evitar que haja um desequilíbrio no sentido de os investimentos realizados não produzirem o rendimento indispensável.

A par dos trabalhos atrás referidos realizaram-se, como de costume, todas as pequenas obras de conservação, ampliação e remodelação da rede e construiram-se os ramais necessários para abastecimento de novos clientes; esta é aliás uma actividade da maior importância, absorvendo grande parte do tempo dos nossos gabinetes de estudo.

Entregámos na sua quase totalidade a execução das obras a empreiteiros, deixando para os serviços da empresa, fundamentalmente, o estudo dos projectos e a exploração das instalações. Desta forma segue-se a tendência geral da especialização, evitando quadros superlotados com dificuldade de utilização permanente do pessoal, dada a irregularidade do diagrama de trabalho, em virtude de as obras de construção não se estenderem uniformemente ao longo do ano.

O activo fixo passou de 477,7 milhares de contos para 535,2 milhares de contos, acusando assim um aumento de 57 570 contos, correspondente a 12 %. Quer dizer, os investimentos realizados cresceram a um ritmo superior ao do consumo, fenómeno que se verifica muitas vezes pela necessidade, atrás referida, de as instalações andarem à frente do consumo; outros anos haverá em que se verifique o contrário, pelo apro-

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da página anterior)

veitamento de instalações com folga suficiente; em média, já o dissemos no relatório anterior, o crescimento do investimento deve acompanhar o do consumo.

Insistimos neste ponto, que vem demonstrar — como já dissemos — a necessidade do recurso permanente ao mercado de capitais, visto as margens de autofinanciamento serem sempre muito limitadas. Em consequência, impõe-se uma justa remuneração do capital accionista, única forma de o atrair como convém. Este aspecto reveste uma significativa importância, pois não se pode pensar em desenvolver o aparelho industrial do País sem que a rede eléctrica — produção, transporte e distribuição — que constitui a infra-estrutura, se vá também desenvolvendo, de forma a estar apta a satisfazer as exigência do consumo.

A rede de alta tensão tem a seguinte extensão:

	1958	1959	1960	1961
Norte	1 585 km	1 686 km	1 730 km	1 756 km
Sul	771 »	801 »	867 »	925 »
Total	2 356 »	2 487 »	2 597 »	2 681 »

acusando assim um aumento de 84 km correspondente a 3,2 %.

As dificuldades financeiras decorrentes da conjuntura actual forçaram a uma cuidadosa revisão do programa de investimentos em 1962 e ao adiamento para época mais oportuna de todas as obras que não forem consideradas indispensáveis.

Actividade social

Prosseguiu a acção da empresa no domínio social, em obediência às directrizes traçadas desde sempre.

Apesar das dificuldades existentes, entendemos dever manter esta actividade como elemento essencial do programa da empresa. Continuamos atentos à evolução da assistência prestada pelas Caixas de Previdência e, dentro do possível, utilizaremos os seus serviços, no sentido de aliviar as nossas próprias organizações. Contudo, fazemos notar que certas regalias existentes não serão fàcilmente supridas pelas Caixas, por serem na verdade complementares de algumas que elas concedem.

Entre essas regalias avultam o suplemento ao abono de família, os subsídios de férias e de doença, os serviços médicos privativos e a comparticipação nas refeições servidas pelos refeitórios dos escritórios do Porto e das centrais do Freixo e da Cachofarra. A contribuição obrigatória para a Caixa de Previdência atingiu 4700 contos.

Em 1962 procuraremos limitar, o mais possível, as despesas em serviços sociais sem prejuízo dos benefícios instituídos. Tal orientação justifica-se em face dos graves inconvenientes de ordem social que poderiam advir da regressão de uma política que a experiência tem demonstrado ser util para o País e para a empresa.

Comparticipação noutras empresas

Continuámos a dar a nossa melhor colaboração às sociedades de que somos accionistas, convencidos de que por esta forma servimos o desenvolvimento industrial do País, quer aplicando capitais em indústrias, quer colaborando na administração dessas empresas.

.....

Capital

Realizou-se em 1961 uma ampliação de capital de 50 000 contos, pela emissão ao par de 500 000 acções do valor nominal de 100$00 cada uma, das quais 400 000 se reservaram a antigos accionistas e 100 000 se facultaram à subscrição pública.

Estas últimas liberaram-se em Junho; quanto às outras foi paga a primeira prestação, de 30 %, em Junho e a 2.ª prestação, de 50 %, em Dezembro, devendo o restante liquidar-se no corrente ano.

Esta ampliação de capital teve um assinalado êxito, pois a subscrição pública excedeu em muito a parte que lhe era reservada, obrigando a forte rateio. Isto demonstrou uma vez mais a confiança que o público deposita na nossa empresa.

Corpos gerentes

No passado ano tivemos o desgosto de perder o vogal do Conselho Fiscal Senhor Joaquim do Valle Cabral, prestimoso colaborador de há muitos anos. À sua memória prestamos a nossa homenagem e o preito de viva saudade

A vaga aberta pelo desaparecimento do Senhor Joaquim do Valle Cabral foi preenchida com a chamada à efectividade do vogal substituto Senhor Arménio de Lemos.

Terminará este ano o mandato do Ex.mo Delegado do Governo, Senhor Dr. António Gonçalves Rodrigues. É com mágoa que o vemos afastar-se do cargo que com tanto aprumo, dignidade e inteligência soube exercer. Sempre encontrámos nele uma elevada compreensão de todos os nossos problemas e o desejo de auxiliar a sua resolução, dentro dos princípios superiores que lhe competia zelar. A lei não permite a sua recondução e por isso queremos deixar aqui registadas estas palavras de despedida e de justiça.

Contas

Cumprido o disposto no n.º 2 do artigo 12.º dos Estatutos apresenta a conta de Resultados Gerais um saldo de 32 763 688$61. Em relação a 1961 regista-se um aumento de 1281,7 contos, correspondente a cerca de 4 %; a variação nos resultados não acompanha assim a da energia vendida, o que era de esperar, dado o permanente aumento de despesas que se vem sempre processando.

Em face das perspectivas que se desenham para o corrente ano, provenientes de novos encargos fiscais parece-nos prudente, embora com prejuízo do dividendo, constituir uma reserva extraordinária para atenuar a sua incidência.

Nestes termos, temos a honra de propor a seguinte aplicação para o saldo acima referido:

Fundo de reserva legal	2 000 000$00
Dividendo a distribuir (9 %)	23 052 315$00
Reserva extraordinária	5 500 000$00
Gratificação a todo o pessoal (9 % sobre o dividendo).....	2 075 000$00
Para novo exercício	135 373$61
	32 763 688$61

Porto, 19 de Fevereiro de 1962.

PELO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

O Presidente

(a) *Carlos Barbosa*

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1961

ACTIVO

1) — Disponível			
Títulos de Capital em Carteira	72 916 825$47		
Participações de Capital por Quotas ...	283 900$00		73 200 725$47
2) — Circulante			
a) — Fluído			
Dinheiro	3 659 415$24		
Depósitos Bancários	23 433 274$45	27 092 689$69	
b) — Créditos			
Créditos sobre Clientes	93 716 981$93		
Créditos e Débitos Gerais (Créditos) ...	14 802 589$50		
Accionistas	8 381 088$50	116 900 659$93	
c) — Permutável			
Material em Armazém	74 007 604$83		
Material de Propriedade Alheia	175 504$00		
Material a Receber	19 642 272$97		
Serviços de Oficinas (em curso)	2 042 171$53	95 867 553$33	239 860 902$97
3) — Fixo			
Móveis, Utensílios e Biblioteca	11 071 637$22		
Veículos	6 909 153$96		
Material em Instalações Alheias	14 644 932$41		
Aparelhos, Ferramentas e Inst. Acessórias	7 112 314$55		
Oficinas Gerais	1 546 025$76		
Redes de Baixa Tensão	53 766 355$30		
Centrais, Subest. e Post. de Seccionamento	177 550 834$10		
Linhas de Alta Tensão	214 555 130$42		
Edifícios de Serv. Próprio e Terrenos ...	48 091 768$49		535 218 152$21
4) — De compensação			
Cauções da Administração	500 000$00		
Cauções Alheias	795 294$70		
Créditos por Cauções Prestadas	344 351$00		
Valores em Depósito	510 000$00		2 149 645$70
			850 459 126$85

PASSIVO

1) — Débitos			
a) — De vencimento imediato			
Ordenados e Salários	185 939$51		
Débitos por Resgate de Obrigações	962 911$15		
Juros de Obrigações	4 807 522$05		
Débitos Gerais por Aquisições e Serviços	12 102 436$74		
Créditos e Débitos Gerais (Débitos) ...	15 140 355$15		
Dividendos Vencidos	508 430$73	33 707 595$96	
b) — De vencimento a curto prazo			
Débitos por Aquisição de Energia	42 261 211$70		
Obrigações de Resgate Próximo	4 919 100$00	47 180 311$70	
c) — De vencimento a longo prazo			
Obrigações de Resgate Diferido	181 722 900$00		
Fundo de Reembolso de Capital (Quotas de Reversão)	47 500 000$00	229 222 900$00	
2) — De ordem			
Reintg. de Móveis, Utensílios e Biblioteca	8 928 985$86		
Reintegração de Veículos	5 256 225$13		
Reinteg. de Material em Instal. Alheias...	11 834 611$89		
Reinteg. de Apar., Ferram. e Inst. Acessórias	2 217 763$05		
Reintegração de Oficinas Gerais...	928 481$66		
Reintegração de Redes de Baixa Tensão	17 344 211$80		
Reinteg. de Centrais Subestações e Postos de Seccionamento	35 948 151$28		
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	66 207 152$98		
Reinteg. de Edifícios de Serviço Próprio e Terrenos	13 279 077$58		
Quotas de Obsolência de Material em Armazém...	389 273$01	162 333 937$21	
3) — De compensação			
Débitos por Cauções da Administração ...	500 000$00		
Débitos por Cauções Alheias	795 291$70		
Cauções Prestadas	344 351$00		
Débitos por Valores em Depósito	510 000$00	2 149 643$70	474 591 120$84
SITUAÇÃO ACTIVA			
1) — De constituição			
Capital		300 000 000$00	
2) — Acumulada			
Fundo de Reserva	20 057 945$31		
Fundo Variável para Amortizações	7 650 000$00		
Provisões Gerais	15 393 371$83	43 101 317$14	
3) — De exercício			
Resultados Gerais		32 763 688$61	375 865 005$75
			850 459 126$85

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

A. Tavares Júnior

OS ENGENHEIROS GERENTES

Mamede Fialho — Paulo de Barros

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da página anterior)

RESULTADOS GERAIS
GERÊNCIA DE 1961

DÉBITO		CRÉDITO	
Exercícios Anteriores	1 039 971$91	Exercícios Anteriores (inclui o saldo anterior de 731 996$45)	856 578$15
Encargos Gerais de Administração	5 016 660$61	Exploração	60 664 660$34
Juros de Obrigações	9 014 796$01	Rendimentos Gerais	390 614$25
Contribuições e Impostos	14 076 735$60		
Balanço	32 763 688$61		
	61 911 852$74		61 911 852$74

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

OS ENGENHEIROS GERENTES
Mamede Fialho
Paulo de Barros

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Antes de se pronunciar, como lhe cumpre, sobre o Relatório, Balanço e Contas do **Conselho de Administração, relativos ao exercício de 1961**, deseja o Conselho Fiscal manifestar o seu profundo pesar pela perda do seu Vogal, Ex.mo Senhor Joaquim do Valle Cabral.

Pela sua personalidade, em que se aliavam às perfeitas qualidades de integridade de carácter e esmerada educação, o amor ao trabalho, marcou bem a dedicação com que serviu a nossa sociedade durante tão longos anos.

Associa-se, assim, este Conselho, como preito de saudade, às palavras de sentida homenagem que o Conselho de Administração dedicou à sua memória.

Os documentos submetidos por aquele Conselho à nossa apreciação, que examinámos com a costumada atenção, reflectem plenamente os resultados de uma gestão conduzida com a habitual inteligência e larga visão, no sentido do maior progresso, a par da necessária previsão e prudência, orientação que continua a ser a garantia da estabilidade e expansão da nossa sociedade.

Traduzem também os mesmos documentos, aliás como sempre, a exactidão das contas, o que, de resto, nos foi dado verificar no decorrer do exercício, no desempenho da nossa missão, e dando-nos ainda o Relatório em apreciação uma síntese cuidada da actividade da nossa sociedade e dos seus grandes interesses.

Pretende aqui apenas este Conselho salientar, e o que muito lhe apraz, a parte referente à cuidadosa assistência que vem sendo prestada a todos aqueles que trabalham na sociedade, e a garantia que é dada ao seu bem-estar.

E, em conclusão, é o Conselho Fiscal de

PARECER:

1.º — Que se aprovem o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1961, dando-se ao saldo de Resultados Gerais a aplicação proposta pelo Conselho de Administração.

2.º — Que seja tributado um voto de justo louvor ao mesmo Conselho, bem como à muito competente e zelosa Gerência.

3.º — Que se reconheça a boa colaboração e dedicação de todos aqueles que servem a sociedade.

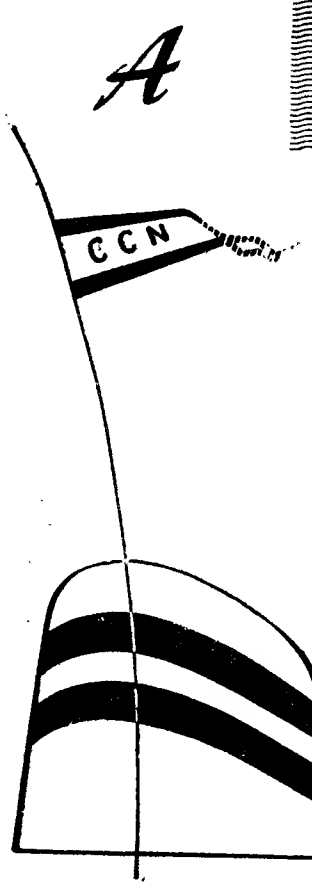
4.º — Que se consigne na acta um voto de muito pesar pelo falecimento do Ex.mo Senhor Joaquim do Valle Cabral.

Porto, 21 de Fevereiro de 1962.

O CONSELHO FISCAL

(aa) **Raúl Monteiro Pinto**
Francisco de Sá Carneiro
Arménio de Lemos

A COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO



assegura com os seus paquetes e navios de carga as ligações rápidas entre Portugal e as suas províncias ultramarinas de África, a America do Sul, a América Central e entre Angola e o Norte da Europa.

SACAVÉM

DESDE 1850, A MARCA DAS MELHORES FAIANÇAS QUE SE FABRICAM NO PAÍS

SERVIÇOS DE MESA — JARRAS E BIBELOTS DECORATIVOS

AZULEJOS LOIÇAS SANITÁRIAS MOSAICOS

LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 49/57
Filiais no PORTO - COIMBRA - FUNCHAL - LUANDA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS CENTRAIS E CULTURAIS
SECÇÃO DE PROPAGANDA E TURISMO

Para melhor conhecimento de Lisboa editou o Município:

JANELAS DE LISBOA — ARCOS DE LISBOA
MUSEUS DE LISBOA — ESCULTURAS DE LISBOA
IGREJAS E MOSTEIROS DE LISBOA

Ao preço de 7$50 cada exemplar

«LISBOA – ROTEIRO TURÍSTICO»
A publicação que há muito se esperada
Ao preço de 12$50 cada exemplar

À venda nas livrarias, Postos Municipais de Turismo do Castelo de S. Jorge, Estufa Fria, Parque Municipal de Campismo e Turismo e na Secção de Propaganda e Turismo, Paços do Concelho.

UMA MARCA QUE GARANTE

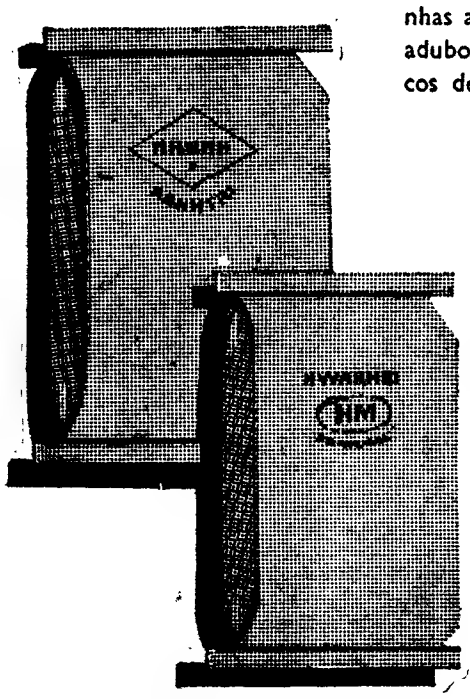
OS MAIS MODERNOS PROCESSOS NA TÉCNICA DE LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos

H. VAULTIER & C.ª

Em Sacavém o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da V.ª de António d'Oliveira Paciência.

Proteja os seus produtos!...



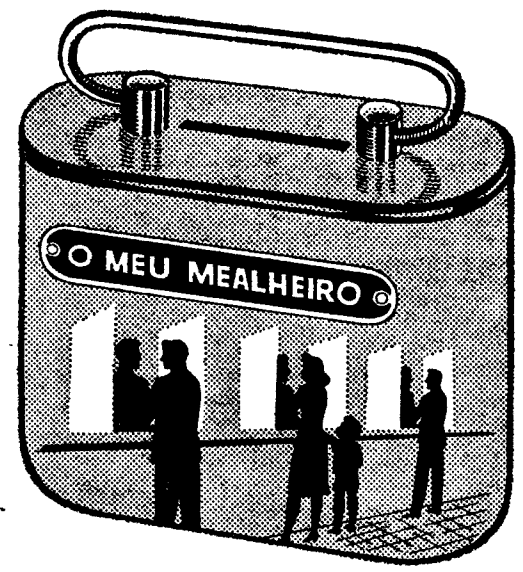
Para embalar, conservar e transportar açúcar, farinhas alimentares e de panificação, rações para gado, adubos, aglomerados de cortiça, etc., prefira os sacos de papel ⚜ porque lhe garantem:

- completa protecção do produto às poeiras e contaminações;
- boa resistência e defesa contra a humidade;
- melhor e mais fácil armazenamento;
- melhor manuseamento e transporte;
- melhor apresentação com possibilidade de boa publicidade do produto embalado;
- melhor preço.

sacos em papel KRAFT de grande capacidade para diversos fins em formatos e tipos diferentes

OVIC

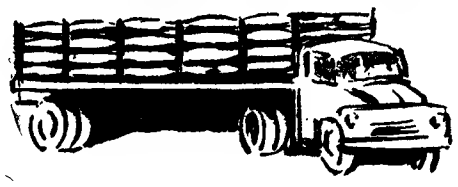
DEPÓSITOS



— À ORDEM
— A PRAZO
— PARA MENORES, JURO MAIS ELEVADO
COFRES-MEALHEIROS

O PRIMEIRO MEALHEIRO PÚBLICO DO PAÍS

LISBOA-R. Áurea, 219 a 241 — PORTO-Av. dos Aliados, 90
COIMBRA • ÉVORA • FARO



da EMPREZA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Para informações comerciais e técnicas dirigir-se á

RUA BRAAMCAMP, 7 — LISBOA
TELEF. 59161/66 — TELEG. CIMENTARIA

FÁBRICAS METALÚRGICAS
AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

Sede em :
ALBERGARIA-A-VELHA
Telefone 6 — P. P. C.
Telegramas : «ALBA»

Escritório em Lisboa :
R. DOS CORREEIROS, 40-2.°-E.
Telefones 321363/4

FUNDIÇÕES DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS

Artigos sanitários e de cozinha; aparelhagem vinícola; Acessórios para condutas adutoras e redes de distribuição de águas; Artigos para instalação de saneamento; Apetrechamento para a industria vidreira; Artigos para instalações eléctricas; Receptáculos postais domiciliários, etc.

A CERVEJA PORTUGUESA DE CLASSE INTERNACIONAL

ESTABELECIMENTOS

GRANDES ARMAZÉNS DE VÍVERES

*

Papelaria, perfumaria, produtos químicos
e especialidades farmacêuticas

*

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO
Fornecedores de mantimentos para navios

Teleg. «Víveres» ★ 13, Rua Garrett, 23 — LISBOA ★ Tel. 362191

RODRIGUES

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS — SEDAS E VELUDOS
— DE —
Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º LTD.

(COMPANHIA DOS TELEFONES)
FUNDADA EM 1887

75 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO
DE LISBOA E PORTO

LONDRES — Donnington House Norfolk Street
— London W. C. 2

LISBOA — Rua Andrade Corvo, n.º 14
PORTO — Rua da Picaria, n.º 5

BANCO
FONSECAS, SANTOS & VIANNA

Estabelecido em 1861

Capital e Fundo de Reserva

ESC. 600.000.000$00

Rua do Comércio, 132

LISBOA

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

PASTAS, PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL E IMPRESSÃO
REVISTA, CAIXAS DE CARTÃO CANELADO E FITA
GOMADA, SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

SEDE: Lisboa, R. Castilho, 90-5.º
Telegramas: Celulose — Lisboa
Telefones: 731174-75-76-733161

INSTALAÇÕES FABRIS: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telefones: Aveiro 91287 - 88 - 89

Caminho de Ferro de Benguela

1348 KM. através de Angola

LIGAÇÕES RÁPIDAS E CÓMODAS
PARA PASSAGEIROS E CARGA
SERVINDO AS REGIÕES DE

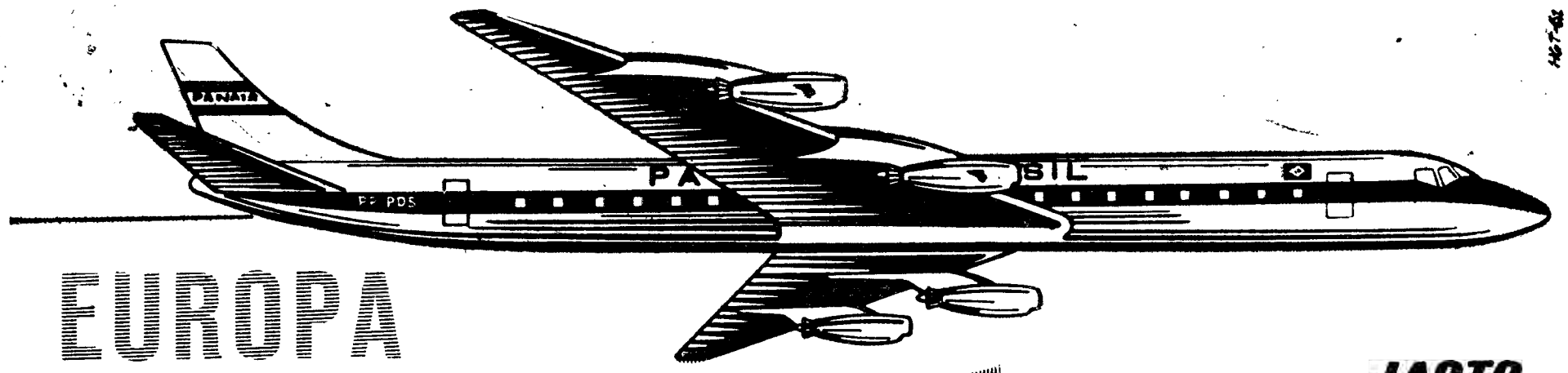
BENGUELA, HUAMBO, BIÉ, MOXICO
E LUNDA
CONGO EX-BELGA E RODÉSIAS
MOÇAMBIQUE
UNIÃO SUL-AFRICANA

No Lobito: HOTEL TÉRMINUS

Empresa Industrial de Tintas, Lda.

FABRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO

Rua da Cascalheira, 33 — Alcântara — Lisboa
Tel. 638008



EUROPA

AMERICA do SUL

JACTO

DC-8

4 SERVIÇOS: SEMANAIS PELOS MAIS MODERNOS E APERFEIÇOADOS AVIÕES A JACTO PARA TRANSPORTES DE PASSAGEIROS

Peça Informações à sua Agência de Viagens ou à

PANAIR DO BRASIL

AVENIDA DA LIBERDADE, 68 · TELEF. 31963 · LISBOA — PALÁCIO ATLANTICO, SALA 704 · TELEF. 32915 · PORTO

ESTORIL

Calendário cultural e desportivo

ABRIL:

5 a 19 — Exposição de Pintura de D. Maria Helena de Almeida e do Arquitecto Leopoldo Castro de Almeida, no Casino Estoril

8 — FUTEBOL — Estoril-Vila Franca de Xira

13 a 15 — GOLFE — XXIX Campeonato Nacional de 1.as Categorias (homens) e Campeonato Nacional (senhoras), no Estoril

14/4 a 4/5 — SALÃO DA PRIMAVERA, na Sede da Junta de Turismo da Costa do Sol

16 a 18 — GOLFE — Campeonato Infantil — Taça Visconde Pereira Machado, no Estoril

16 a 22 — TÉNIS — Torneio da Páscoa — Juniores, no Estoril

22 — FUTEBOL — Estoril-Ferroviários

28 e 29 — GOLFE — VIII Campeonato Nacional de 1.as Categorias (Pares-Homens) no Estoril

29 — Columbofilia — Prova Corunha-Costa do Sol

Informações: JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
Arcadas do Parque — ESTORIL

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Serviços Anexos:

Caixa Nacional de Crédito
Caixa Nacional de Previdência

TELEFONES (PBX) 31980 a 31989

Depósitos à ordem e a prazo
Empréstimos hipotecários e sobre penhor de títulos
Operações de Transferências e Cobranças
Empréstimos sobre penhor de ouro, jóias e pratas
Pela CASA DE CRÉDITO POPULAR
Empréstimos agrícolas e Industriais
Pela CAIXA NACIONAL DE CRÉDITO

FILIAIS EM TODAS AS SEDES DE DISTRITO
AGÊNCIAS E DELEGAÇÕES
NAS SEDES DE CONCELHO

Automobilismo

Foi em 1929 que se realizou a primeira grande prova automobilística nacional: a I VOLTA a PORTUGAL em AUTOMÓVEL

OS ULTIMOS 41 ANOS DE AUTOMOBILISMO SOFRERAM UM INCREMENTO QUE PODE AVALIAR-SE EM FUNÇÃO DO NUMERO DE SOCIOS DO AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL:

1921 — 1 218
1962 — 42 404

Tendo passado já o seu período de pioneirismo, o automóvel, em 1921, já não era, pelo menos nos centros mais populosos, visto como um engenho diabólico e perigoso. Muitas pessoas o utilizavam, nessa época, no nosso País, e não apenas pelo espírito de se ser um «sportman», mas para o usar com fins utilitários. As redes rodoviárias ainda não eram extensas, mas muitas centenas de veículos motorizados circulavam já por êsse País fora, muito embora algumas viagens se rodeassem da expectativa e surpresa de uma autêntica aventura. Entretanto, tinham-se feito algumas corridas, tanto pelo interesse e entusiasmo de um grupo de desportistas do volante, como para promover o gosto e divulgação do automóvel.

Fundado em 31 de Maio de 1903, o Real Automóvel Clube de Portugal, que perdera o «real», tinha, em 1921, 1218 sócios, sendo seu presidente o conde de Burnay. Hoje, sob a direcção do sr. dr. Mário Madeira, o A. C. P. conta 42 404 associados. E foi precisamente, em 1921, que o Automóvel Clube assinou, na Alfandega de Lisboa, um termo de responsabilidade relativo á circulação internacional de automóveis, a que se seguiu a adopção do tríptico. No ano seguinte, Gago Coutinho e Sacadura Cabral eram eleitos seus sócios honorários.

Entretanto, o automóvel foi evoluindo, tornando-se mais confortável, mais veloz e seguro, com pneus que resistiam melhor ao «leito» das estradas, ganhando elegancia nas formas e transformando-se num objecto de utilidade. Nessa década, apareceram as grandes «limusines» e os niquelados espampanantes começaram a ser usados como adorno dos carros. Criaram-se novas fábricas, os modelos entraram em concorrência, aperfeiçoaram-se os motores e as corrossarias e, pouco a pouco, os carros de turismo e corrida iam vencendo as velocidades, ultrapassando a casa dos 100, dos 200 e 300 quilómetros horários.

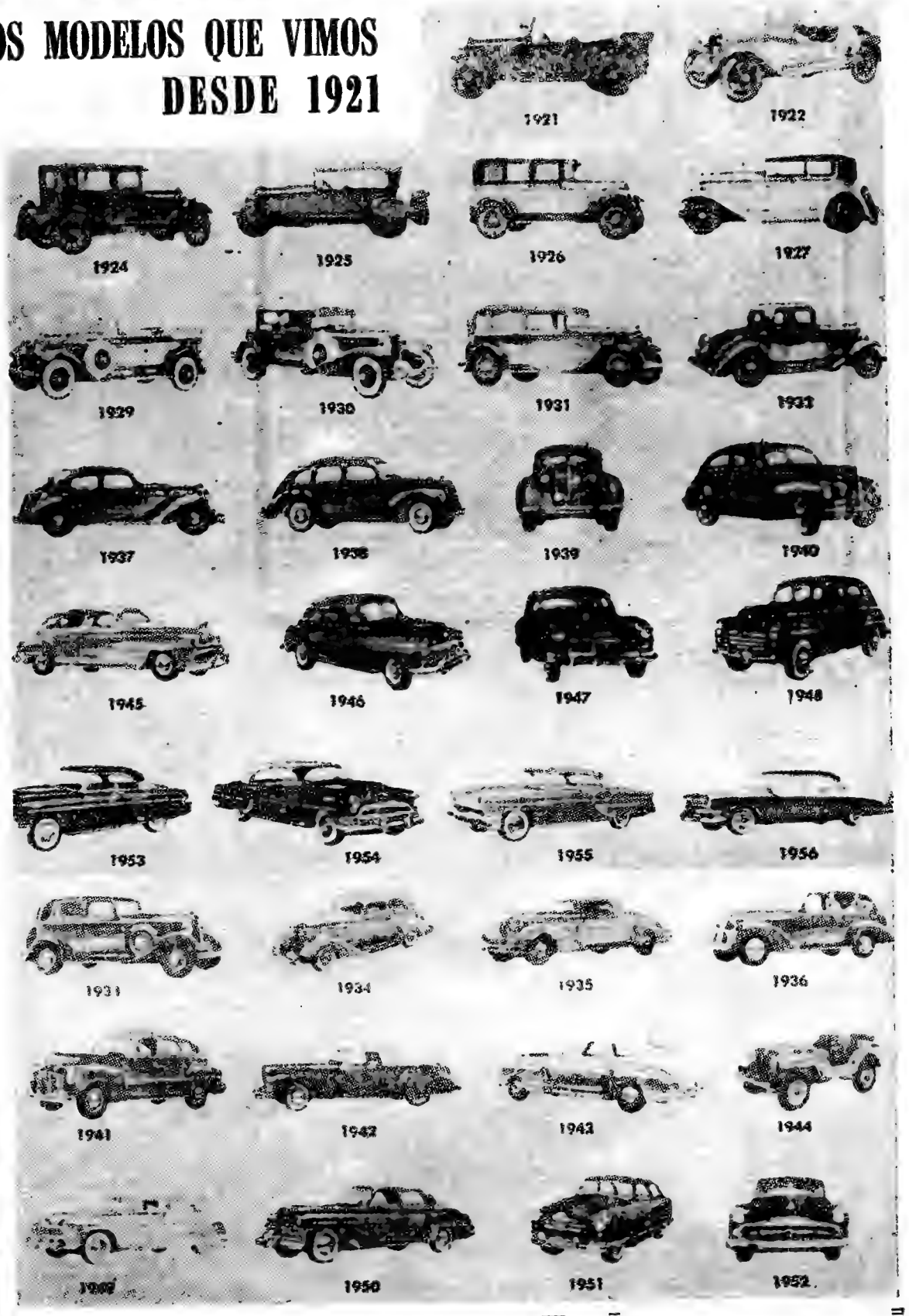
A's «D. Elviras» sucederam automóveis aerodinamicos e tudo mudou nestes quarenta e um anos: aumentou consideràvelmente o numero de adeptos do volante e de provas desportivas, assim como o de modelos e de automóveis; o sistema de matrícula, a carta de condução, e hoje um carro é coisa tão vulgar como outra qualquer das muitas que o progresso e as técnicas lançam na vida comum do homem. Claro que, enquanto, em 1921, se registaram apenas dois acidentes mortais de viação, em 1961 esse numero ultrapassou o milhar — tudo se transformou, tudo aumentou, tudo é diferente, embora o automóvel continue a ser «um engenho que se move sobre rodas e propulsionado por um motor».

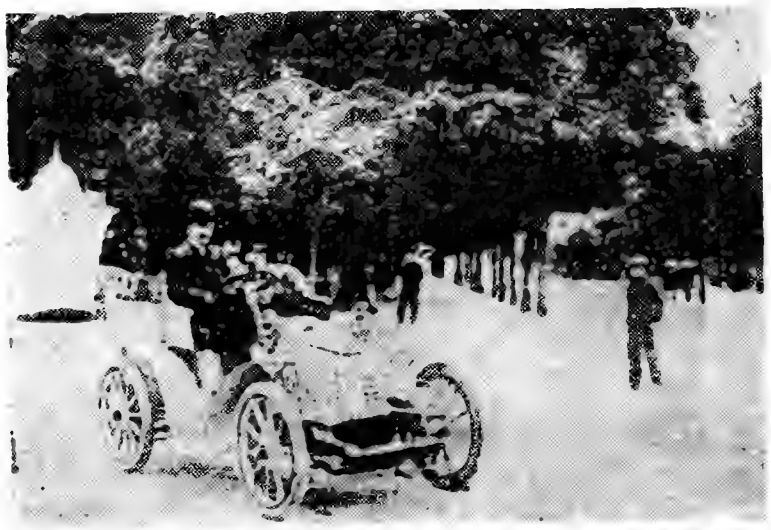
Em 1921, apareceu em Portugal um modelo elegante de carro utilitário — um 6 CV «Renault» KJ. Constitui a sensação do ano no nosso meio automobilístico. A fábrica francesa lançara-o como sendo «o veículo ideal e económico, que permite a evasão da cidade para o campo. Tinha quatro cilindros monobloco, era de construção robusta, e muito maneável.

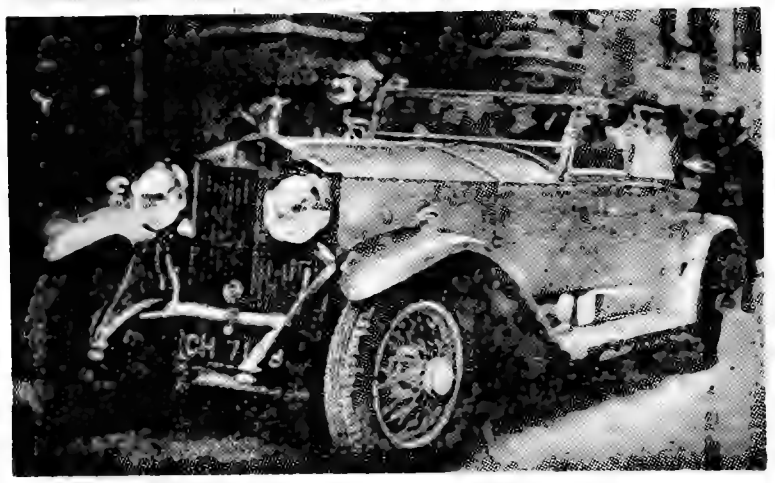
Com alernagem por magneto e arrefecimento por termo-sifar. A embraiagem era de cone invertido e a caixa de velocidade de três posições e marcha atrás, apresentando travões á árvore de transmissão e ás rodas traseiras.

E aqui está o modelo sensacional de 1921 de carro utilitário e resistente. As linhas obedeciam á elegancia da época.

OS MODELOS QUE VIMOS DESDE 1921







EM CIMA: Beauvalet guia o primeiro automóvel — um «Peugeot» — que pertenceu ao rei D. Carlos, em 1902. EM BAIXO: Como se vê por este modelo de 1921, o «Rolls-Royce» pouco tem mudado nas suas linhas essenciais, podendo considerar-se o carro mais conservador do Mundo, o mais sóbrio, sumptuoso e rico. Automóvel de reis, príncipes e grandes potentados, conserva intacta a sua aristocrática árvore genealógica

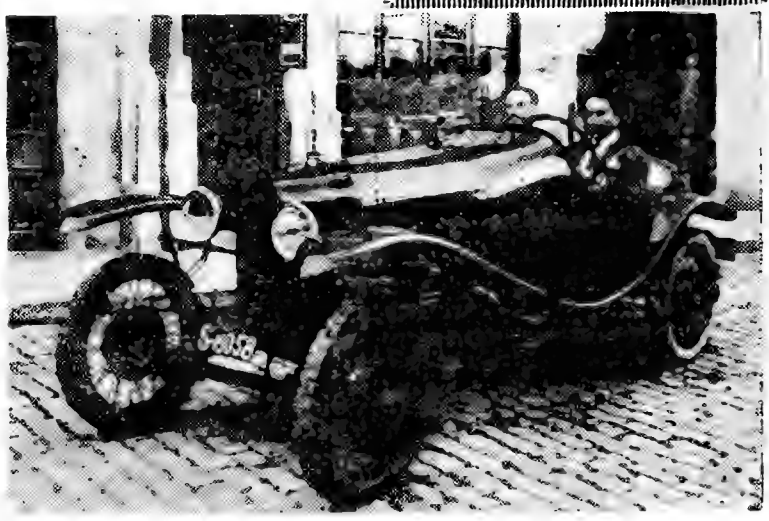
O PRIMEIRO «RALLYE» EM PORTUGAL REALIZOU-SE EM 1925

Em Agosto de 1925, realizaram-se em Chaves animadas provas automobilísticas, que tiveram muitos concorrentes e numeroso público, que as seguiu entusiasmado. O desporto do volante estava a ganhar adeptos no nosso País, com o estímulo que lhes vinha das corridas efectuadas no estrangeiro e a apresentação de sugestivos modelos de carros desportivos motores potentes, desenvolvendo velocidades acimados 140 quilómetros horários, pneus resistentes, mecanica mais acessível e linhas já bastante aerodinamicas.

No entanto, um estilo de prova automobilistica não tinha ainda entrado em Portugal, onde se desconhecia o «Rallye», embora fosse já muito frequente no estrangeiro. E foi precisamente nessas provas de Chaves que o «Rallye» — o primeiro realizado entre nós — começou a entusiasmar os «sportmen» da época. Nesta primeira prova houve, como é natural, poucos concorrentes, mas os resultados estimularam os outros amantes do volante. As classificações deste I «Rallye» foram as seguintes:

1.°, «Fiat», conduzido por João de Almeida, com 74 pontos; 2.°, «Studebaker», conduzido por Ernesto Correia, com 73 pontos; 3.°, «Citroën», conduzido por Artur Mimoso, com 64 pontos; 4.°, «Citroën», conduzido por Artur Santos, com 52 pontos e 6.°, «Mercedes», conduzido por António Augusto de Almeida com 38 pontos.

Os modelos, reproduzidos acima, dão uma ideia bastante exacta da evolução do automóvel comum desde 1921 a 1955—uma modificação completa em que apenas subsistiram quatro rodas e um volante. De 1956 até hoje conserva ainda o leitor na memória as transformações operadas num ritmo de progresso que jamais parará!



Eram assim os «bólides» de 1921, uns carros já muito potentes, velozes, de linhas aerodinamicas e que entusiasmavam o publico que, então, assistia ás provas, quase sempre recheadas de peripécias e expectativa

ESPANHA-PORTUGAL EM FUTEBOL

O ELOGIO DO DESPORTO NA IMPRENSA DA ÉPOCA

Os jornais não dedicavam muito espaço ás manifestações desportivas, mas não as ignoravam. Aliás a importancia delas era cada vez maior, o que levou, por exemplo, a «Ilustração Portuguesa», edição semanal de «O Século» a preencher duas páginas, no numero de 7 de Maio de 1921, acompanhadas do seguinte comentário:

«O «Mens sana in corpore sano» dos latinos não deve considerar-se uma fórmula exacta do equilíbrio humano. Deveria dizer-se antes quê é o corpo são quê gera uma sã mentê e ficaria certo.

A nossa mocidade parece tê-lo compreendido, pois que já cultiva com afinco os exercícios desportivos, quê são o manancial de energias dos povos pugilistas e vitoriosos.

A Inglaterra, a França, a América, Alemanha e os países escandinavos vivem mais do «sport» do quê de outros quaisquer divertimentos. Revigorar o individuo é prepará-lo para resistir á doença, aprestá-lo para a luta pela vida.

Uma aguarela de Smith, representando um jogador de futebol, publicada na «Ilustração Portuguesa»

18 de Dezembro (Madrid) 1921

ponto de partida dos jogos internacionais

Foi de 3-1 o resultado do jogo-estreia da selecção nacional de futebol. A preparação foi confiada a Alvaro Sabbo que teve como auxiliares Alexandre de Lemos Correia Leal (hoje ilustre general, director do Estádio Nacional) e Salazar Carreira (médico, actualmente distinto inspector da D. G. D.). Os espanhóis haviam feito em 1920, no campeonato olímpico de Antuérpia, furor. O «onze» português contou com dez jogadores de Lisboa e um do Porto. Seis deles eram ex-alunos da Casa Pia...

Benfica e Sporting já eram grandes rivais

A equipa do Sporting fotografada no antigo campo de Palhavã

A rivalidade faz bem ao desporto. O Sporting e o Benfica, ao tempo, sugeriam o despique que havia de ser uma das grandes características do nosso tempo ao aglutinarem, cada um, á sua volta, milhares e milhares de adeptos. A despeito da «supremacia casapiana», os dois clubes nas respectivas actividades, não se desprendiam da sua comunicabilidade popular. Projectavam-se para o futuro em impulso vigoroso. Eram duas potências, crescendo, irresistivelmente, dispostas a marcarem a posição que os anseios dos seus sócios e simpatizantes aspiravam. E que se tornou realidade, acrescente-se.

A história do futebol é doutras modalidades, apresenta, regra geral, a cada passo o valor do Benfica ou do Sporting, através das proezas dos seus atletas, principalmente no contacto internacional.

Duas forjas incessantes, dois baluartes de sólida construção.

Para a História

Em cima: a selecção de Portugal, a primeira, que se exibiu, em Madrid, para enfrentar a Espanha. No 1.º plano: J. M. Gralha, António Lopes, Ribeiro dos Reis, Artur e Alberto Augusto. No 2.º: Jorge Vieira, António Pinho, Raul Nunes (dirigente), Candido de Oliveira, Vitor Gonçalves, João Francisco e Carlos Guimarães. Ao lado: Mariano Arrate (Espanha) e Candido de Oliveira (Portugal), capitães das duas equipas.

Casa Pia A. C. «a equipa maravilha»...

José Maria Gralho, António Lopes (4010), Silvestre Rosmaninho, Alberto Loureiro, Alvaro Gralha, H. Gouveia, Clemente Guerra, Candido de Oliveira, António Pinho, José Gomes dos Santos (Gato) e Alberto Nunes.

Estes homens do Casa Pia Atlético Clube ganharam a taça «Associação», da A. F. L. e o campeonato de Lisboa, sem derrotas e, teòricamente, conquistaram o campeonato de Portugal.

Hoje, os casapianos recordam este conjunto. Com saudade...

O «onze» do Sport Lisboa e Benfica

A MULHER

Nas modalidades de concepção aristocrática, a Mulher estava presente com uma nota de interesse e graciosidade. No ténis era frequente vê-la actuar entusiásticamente. E com valor. A imagem, de resto, é expressiva no registar um movimento da jogadora inglesa «miss» E. C. Colyer que pontificava nos nossos «courts»

Diario de Lisboa

N.º 521

LUGEMINI

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

7	
VI	
25	

ADEUS

por JOBIA ACUIAR

Sapia, e ao mesmo tempo não sabia, o que era sempre esse que ficava sobre o mar... Não compreendia como se podia ir-se embora de uma qualquer hora, numa vez só, e ficar-se para sempre. Ela ficava... Ficava sempre. Mesmo quando o dia era cinzento... Negro... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava raivoso e as ondas batiam furiosamente nas rochas... Mesmo quando a chuva caía grossa e fria... Mesmo quando o vento soprava com uma violência de ciclone... Ficava sempre. Mesmo quando o céu estava limpo e azul, ou estava enfarruscado e negro... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava calmo e sereno como um lago... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava bravo e encapelado... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de esmeralda ou de safira... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de sangue ou de ouro... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de prata ou de cobre... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de chumbo ou de ferro... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de nada... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de tudo... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de mar... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de céu... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de nuvens... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de espuma... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de areia... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de rochedos... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de algas... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de peixes... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de conchas... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de corais... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de pérolas... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de mar... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de céu... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de nuvens... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de espuma... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de areia... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de rochedos... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de algas... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de peixes... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de conchas... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de corais... Ficava sempre. Mesmo quando o mar estava cor de pérolas... Ficava sempre.

Mas ninguém olhava... ninguém ouvia... ninguém compreendia...

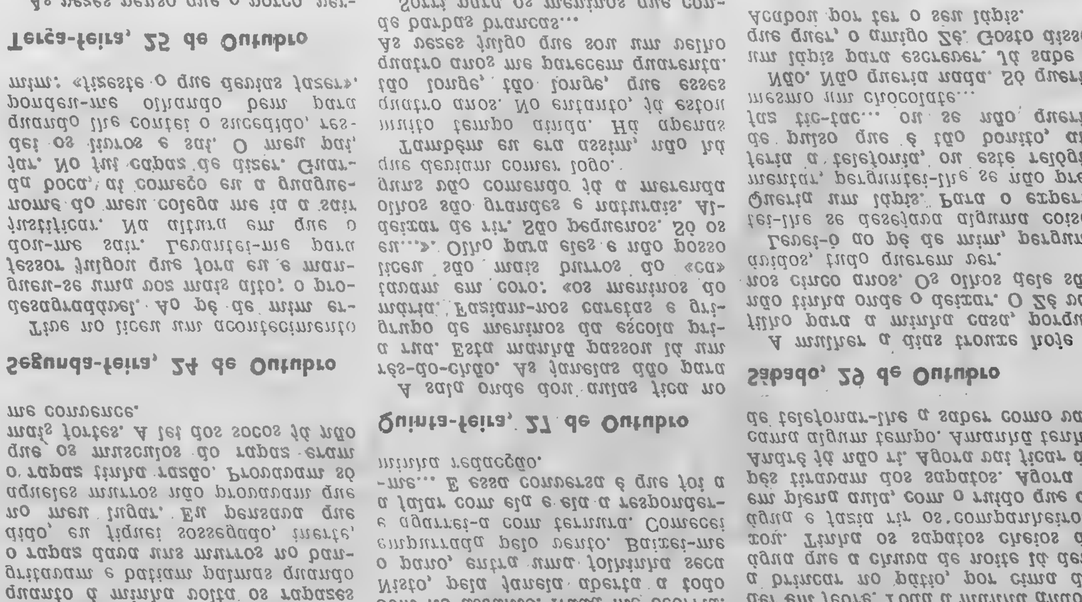
As filhas dos pescadores regressavam a casa, sorrisos apetosos e corpos redondos...

E tudo parecia tuvo... tão-só que uma madrinha sueve corria tudo como um véu...

Mas não... Havia, simplesmente, um olhar... Um olhar fatuo de sempre... de ignorância resignada... de ignorância

JOSÉ C. BARO

DO MEU DIÁRIO



Sexta-feira, 28 de Outubro

Chegou finge a casa porque lhe acompanhou o Março, mas com-barateiro da carteira. Estava a ta-ger em teres. Tem a manhã andou a primeira no banho, por cima de gora que a custo se move de fa-tos. Tenho os sapatos cheios de lama e tenho rir os comprimentos, em breve anda, como o rapaz que os bem tratados nos sapatos. Agora Amanhã tenho de ir não ir. Agora não ficar as fatalidades e sapar como não.

Sábado, 25 de Outubro

A manhã e dias frontes fora o ambo para a minha casa, porque nos cinco anos. Os olhos dela são ardos, tudo diremos nos.

Tenho-o no bê de mim, pergunta-lhe se desejava alguma coisa. Queria um sabe. Para o entretanto, perguntei-lhe se não preferia a fotografia, ou este retrato que bateu uma à tão pouco, até mesmo um chocolate...

Não. Não queria nada. Só queria uma foto dela para escrever. Já sabe o que diz, o amigo Dª. Gosto disso. Acabou por fê-o sem sabê-lo.

Quinta-feira, 27 de Outubro

Tive uma reacção de Portuguesa. O famoso «O Ontono». Os motivos da reacção do Ontono não são os mesmos de outrora. Não acabam mais, mas estão tão a ficar sem efeito. Ontem a manhã estava que se corta o perigo de gripe. Choramei como uma criança. Estava a ta-ver a mesma coisa que o mistério mistérios à espera de «morrer» no assunto. Nada me ocorria. Nisto, bela janela aberta a fogo o barco, entra uma lufamada seca e trazia-a com fúria. Comecei a fazer com ela e ela a responder-me... E esse comércio é que foi a minha reacção.

Quarta-feira, 26 de Outubro

A sala onde dou aulas fica no rés-do-chão. As janelas dão para a rua. Esta manhã passou lá um grupo de meninos da escola primária. Entraram em coro: «os meninos de...». Olho para eles e não posso fazer-lhe mais perros do «os». Mandei-os comer sem lavar. Não queriam ver as fitas. Olho para eles e não posso dizer-lhes se gostaram alguma coisa. Queriam ver fitas. Para o entretanto, perguntei-lhe se não preferia a fotografia, ou este retrato que bateu uma à tão pouco, até mesmo um chocolate...

Não. Não queria nada. Só queria uma foto dela para escrever. Já sabe o que diz, o amigo Dª. Gosto disso. Acabou por fê-o sem sabê-lo.

Terça-feira, 25 de Outubro

As nesse nesso dne o norco, ves-

ESTA LISBOA

EU MESMO

AO ACASO

(Perguntas e respostas de M. Branco)

P — Como se chama?
R — Montalvão Branco.
P — Idade?
R — Comecei o ano passado, e penso ver todos os livros. Para ver morrer antes dos trinta, não acredi grande diferença?
P — Se não tosse o que é, o que ço (nos livros, entenda-se).
gostava de ser?
P — Se não tosse o que é, o que gostava de ser?
R — Admito que sou.
P — Tratou alguma vez?
R — A poesia.
P — Onde é a sua obrigação acerca do «Inverno»?
R — A solução de muito importante na minha vida.
P — Porque é que só agora mandou colaboração?
R — Tenho lido os seu pem recebido.
P — A sua obrigação sobre a juventude portuguesa?
R — Tem tesouro perdido muito ainda.
P — E do futuro?
R — Pertence-me.
P — E do presente?
R — Tem direi! Nunca ninguem me perguntou isso!
P — Que pensa da Democracia?
R — Mas poderá tudo-vai-se — o outro murmura: «se... — se uma se chama «outro-se» — se
P — Como definia literatura?
R — A consciência que se tem quando cada época cria os seus.
P — Se tivez dinheiro e satisfação de um desejo, qual seria o seu?
R — Que todos pudessem trabalhar os seus ofícios.
P — Que pensa dos seus colegas?
R — A maioria-prima à dor, mas os processos industriais não estão actualizados.
P — Que pensa do cinema?
R — Demasiado teatro. Todos os estudantes deviam ver os objectos e interpretar uma vez numa lição. um laboratório. Os mais fracos, depressa, quando os mais não têm calos, tem-nos a consciência!
P — Com que livro imaginou a sua biblioteca?
R — Com o «Diário de Anne Frank».
P — Que livros gostaria de ter?
R — «A Guerra e a Paz» de Tolstoi, «Canto General», de Neruda, «Os Emigrados» de Roger Martin du Gard.
P — Onde pensa ir antes de morrer?
R — Não sei.
P — Porquê?
R — Porque em mim deixo...

ALBERTO COSTA — 14 anos

Na distância indefinida
do limite desta ilha vulgar
em que me sentia gemer,
mens olhos incolores
puseram o voo que me prometeram:
procuraram no fim deste infinito
dos os deuses constituem dando assi.

Que é da cerveja pranca
dne bebia à minha procura
bela prima espessa do meu desejo?

Onde está o timoneiro
dne abroou os mar de lama
da minha ilha?

De além do limite ansente
volve-me apenas o meu olhar
com a viso cabaz de uva sombria.

Chegaram barcos novos e calados.
A minha mão de sonho já não volta.
O deuses mortos e possíveis
deixei-me constituí-a Nova Mau!

CARLOS GUINTAS

— Good. If is enough. A cigarette?
— Yes. Just I am.
— You a sple to vez peace?
— No. Some more.
— Sheek?
— Good. If is enough. A cigarette?
— Yes. Just I am.
— You a sple to vez peace?

ais... Mu ais...

Desço as escadas e sonsei dne mu
Abelho-e. Minda está dneute.
A espelhna do logo esta debandu-
lada no tinco da porta.
A espelhna do logo esta debandu-
lada...

Reflexão — I

Se en tosse boeta prontista tor-
ner mu strange boeta.
Tem pessoas. Para isso, prontista
tem pessoas. Para isso, prontista to-
fetecer nas pessoas o otrulho de se-
ver mu strange boeta.

Reflexão — II

Estupidez: o pomem é mu animal
político.
Em... dne não tez a política do
animal.

Reflexão — III

Para mem a strange stegita foi ter
com ela?
Para mem a strange stegita foi ter
com ela e ela a responder-me...
Para mem dos seus ofícios.
Para mem dne strange stegita foi ter
com ela?

Primavera

No vaso dne en tinha a janela nas-
ceu mu malmequer. Dis-se: é mu mi-
sero;
Não é. Selamos rectonellas. E
nem mu simples certo de viole.

Reflexões ao nível poético

A espelhna do logo esta debandu-
lada.
Abelho-e. Minda está dneute.
Desço as escadas e sonsei dne mu
pedestre mas no tinco da porta.
A espelhna do logo esta debandu-
lada...

Ao menos!

O Nirvana?
Bom, mas ao menos dne não tele
fonio!

Diante da Grave, desenterrada de

Ialdim da Estrela

Na distância indefinida
do limite desta ilha vulgar
em que me sentia gemer,
mens olhos incolores
puseram o voo que me prometeram:
procuraram no fim deste infinito
dos os deuses constituem dando assi.

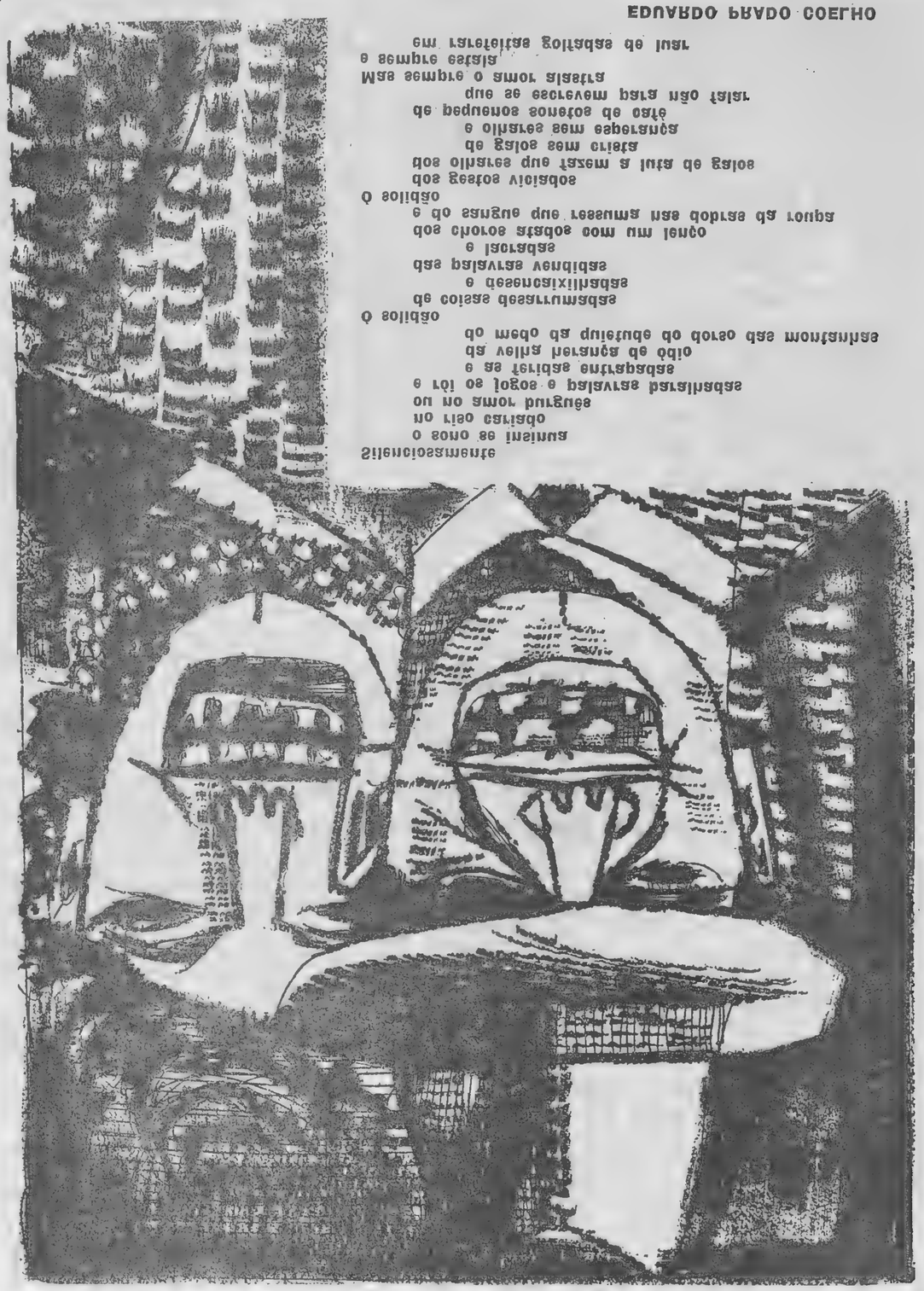
Que é da cerveja pranca
dne bebia à minha procura
bela prima espessa do meu desejo?

Onde está o timoneiro
dne abroou os mar de lama
da minha ilha?

De além do limite ansente
volve-me apenas o meu olhar
com a viso cabaz de uva sombria.

Chegaram barcos novos e calados.
A minha mão de sonho já não volta.
O deuses mortos e possíveis
deixei-me constituí-a Nova Mau!

SILENCIOSAMENTE

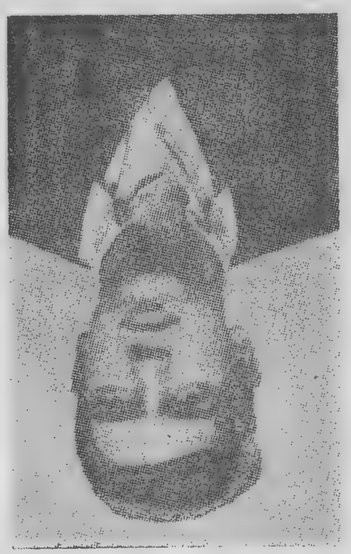


EDUARDO PRADO COELHO

Silenciosamente
o sono se insinua
no rio cansado
ou no amor pungente
e foi os jogos e palavras partilhadas
e as feridas entreabertas
as velhas ternuras de ódio
do medo da duplicidade do choro das montanhas
O soluço
de coisas desenraizadas
e ausências ilimitadas
nas palavras vendidas
e inchadas
nos choros atados com um lenço
e o sangue que ressuma nas dobras da roupa
O soluço
nos gestos vigiados
nos olhares que trazem a luta de Egos
de Egos sem crista
e olhares sem esperança
de pedrouços sonetos de cal
que se escreveram para não ficar
Mas sempre o amor ajusta
e sempre cerzia
em tapeçarias coloridas de luar

MARIA JOSÉ LEMOS

Pela madrugada...
E foge-se, como bassetos,
Colhe as feridas roxas dos meus dedos
Sofrega e nua como as folhas da mamã,
No meu leito,
Meu amor, se nu dia choreres rosas



E, com verdadeira satisfação que assinalamos o aparecimento no campo das letras portuguesas de novel poeta de 20 anos, estudante de Direito, com quem há uns tempos estivemos amena cavaqueira, ao lado de um processo de acção directa, na Rua da Escola Comercial, a propósito de uma tertúlia literária, de cuja organização ele era um dos principais responsáveis, e que, infelizmente, não teve continuidade, aqui deixamos o nosso abraço de parabéns pela publicação de um livro de poemas a que chamaram «Doces bagaços de sufragamento».

Falamos em seguida de estudos, de livros e de autores preferidos. Mas os dois tivemos, Pedro Helf disse-nos:

— Gosto muitos os meus autores preferidos. Mas os dois tivemos influência na minha estrutura literária foram Andrée Gide, Malraux, Dostoiewsky, Aveling, Hemingway, Campbell, Ramparé e Eugénio de Andrade.

— Andrées emigrou duma região tive também oportunidade de ler «A noite e os bassetos» sozinhamente de uma amiga, e gostei muito. Aconselhar-lhe-ia a ler uma poesia sua. Sugeriamos a primeira. Apontou-nos a duplicidade do tempo e do espaço. Muito optimista. «Ilusão» — Como todo o vosso. Tive um-lhe? —

Helf disse-nos:

— Não muitos os meus autores preferidos. Mas os dois tivemos influência na minha estrutura literária foram Andrée Gide, Malraux, Dostoiewsky, Aveling, Hemingway, Campbell, Ramparé e Eugénio de Andrade.

— Andrées emigrou duma região tive também oportunidade de ler «A noite e os bassetos» sozinhamente de uma amiga, e gostei muito. Aconselhar-lhe-ia a ler uma poesia sua. Sugeriamos a primeira. Apontou-nos a duplicidade do tempo e do espaço. Muito optimista. «Ilusão» — Como todo o vosso. Tive um-lhe? —

Ela a poesia prometida:

Pela madrugada...
E foge-se, como bassetos,
Colhe as feridas roxas dos meus dedos
Sofrega e nua como as folhas da mamã,
No meu leito,
Meu amor, se nu dia choreres rosas

Falamos em seguida de estudos, de livros e de autores preferidos. Mas os dois tivemos, Pedro Helf disse-nos:

— Gosto muitos os meus autores preferidos. Mas os dois tivemos influência na minha estrutura literária foram Andrée Gide, Malraux, Dostoiewsky, Aveling, Hemingway, Campbell, Ramparé e Eugénio de Andrade.

— Andrées emigrou duma região tive também oportunidade de ler «A noite e os bassetos» sozinhamente de uma amiga, e gostei muito. Aconselhar-lhe-ia a ler uma poesia sua. Sugeriamos a primeira. Apontou-nos a duplicidade do tempo e do espaço. Muito optimista. «Ilusão» — Como todo o vosso. Tive um-lhe? —

Ela a poesia prometida:

Pela madrugada...
E foge-se, como bassetos,
Colhe as feridas roxas dos meus dedos
Sofrega e nua como as folhas da mamã,
No meu leito,
Meu amor, se nu dia choreres rosas

MARIA JOSÉ LEMOS

E, com verdadeira satisfação que assinalamos o aparecimento no campo das letras portuguesas de novel poeta de 20 anos, estudante de Direito, com quem há uns tempos estivemos amena cavaqueira, ao lado, num processo de acção directa, na Rua da Escola Comercial, a propósito de uma tertúlia literária, cuja organização ele era um dos principais responsáveis, e que, infelizmente, não teve continuidade, aqui deixamos o nosso abraço de parabéns pela publicação de um livro de poemas a que chamaram «Doces bagaços de sufragamento».

Falamos em seguida de estudos, de livros e de autores preferidos. Mas os dois tivemos, Pedro Helf disse-nos:

— Gosto muitos os meus autores preferidos. Mas os dois tivemos influência na minha estrutura literária foram Andrée Gide, Malraux, Dostoiewsky, Aveling, Hemingway, Campbell, Ramparé e Eugénio de Andrade.

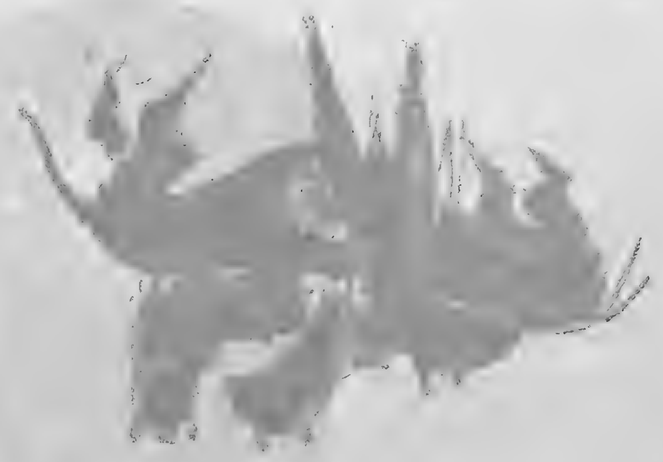
— Andrées emigrou duma região tive também oportunidade de ler «A noite e os bassetos» sozinhamente de uma amiga, e gostei muito. Aconselhar-lhe-ia a ler uma poesia sua. Sugeriamos a primeira. Apontou-nos a duplicidade do tempo e do espaço. Muito optimista. «Ilusão» — Como todo o vosso. Tive um-lhe? —

Ela a poesia prometida:

Pela madrugada...
E foge-se, como bassetos,
Colhe as feridas roxas dos meus dedos
Sofrega e nua como as folhas da mamã,
No meu leito,
Meu amor, se nu dia choreres rosas

O moço Poeta PEDRO HELF disse-nos:
—POESIA É PARA MIM APENAS UMA TEN-TATIVA DE EFICÁCIA PERANTE AS COISAS

OS GATOS



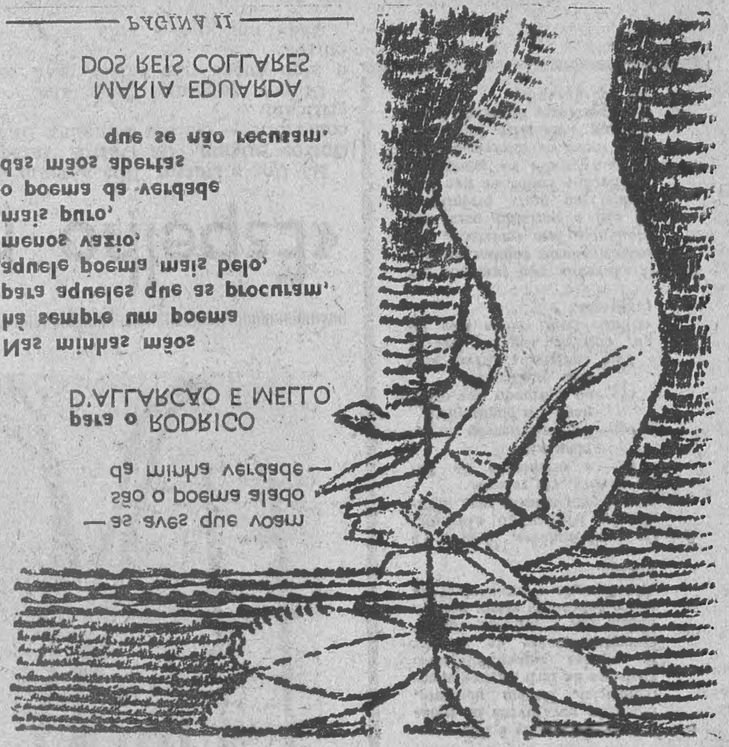
Os gatos bebem o vinho
Que mijam nos telhados
Não são bebos...
Nem vinos.
São gatos. Uns gatos druidenses.
Uns pous: outros mais...
Mas todos gatos.
Lutam, riem, discutem
Os bebos do outro.
Vencem uns, vencem outros.
Ninguém os entende.
E os bebos e vinos não são
Nem vinos. (bebos...
São gatos.

Manuel Ferreira Dinis Jacinto

O AMOR E A VERDADE DE MARIA E. P. COLARES

Não, eu não sou louco, mas nada me consegue ficar plantado na casa dum tipo qualquer a bocejar! Claro que se isto fosse só, se me sufeito a vivo todos os dias, se me sufeito a vivo na sua sociedade; Cortes, Engenheiros, Condes, Artistas, Políticos, etc.), mas não somos bem-vindos. Porquê? Porque não temos dinheiro, não possuímos títulos, não somos parentes de ninguém, não temos automóveis, não somos nada, nada, nada! Mas, apesar disso, não nos falta a coragem de ir a toda a parte, de entrar em todas as casas, de falar com todas as pessoas, de ser amigos de todos os homens, de ser bons para todos os animais, de ser bons para todas as plantas, de ser bons para todas as árvores, de ser bons para todas as flores, de ser bons para todas as coisas, de ser bons para todas as pedras, de ser bons para todas as estrelas, de ser bons para todas as nuvens, de ser bons para todas as montanhas, de ser bons para todas as águas, de ser bons para todas as areias, de ser bons para todas as searas, de ser bons para todas as florestas, de ser bons para todas as cidades, de ser bons para todas as aldeias, de ser bons para todas as pessoas, de ser bons para todos os homens, de ser bons para todas as mulheres, de ser bons para todas as crianças, de ser bons para todos os velhos, de ser bons para todos os mortos, de ser bons para todos os vivos, de ser bons para todos os seres, de ser bons para todos os entes, de ser bons para todos os bichos, de ser bons para todos os animais, de ser bons para todos os peixes, de ser bons para todos os répteis, de ser bons para todos os insectos, de ser bons para todos os micróbios, de ser bons para todos os vermes, de ser bons para todos os parasitas, de ser bons para todos os vegetais, de ser bons para todos os minerais, de ser bons para todos os fósseis, de ser bons para todos os metais, de ser bons para todos os líquidos, de ser bons para todos os gases, de ser bons para todos os sólidos, de ser bons para todos os corpos, de ser bons para todos os astros, de ser bons para todos os planetas, de ser bons para todos os sistemas, de ser bons para todos os mundos, de ser bons para todos os sóis, de ser bons para todas as luas, de ser bons para todas as constelações, de ser bons para todas as galáxias, de ser bons para todas as nebulosas, de ser bons para todas as coisas criadas, de ser bons para todas as coisas que existem, de ser bons para todas as coisas que não existem, de ser bons para todas as coisas que hão-de existir, de ser bons para todas as coisas que não hão-de existir, de ser bons para todas as coisas que talvez existam, de ser bons para todas as coisas que talvez não existam, de ser bons para todas as coisas que talvez venham a existir, de ser bons para todas as coisas que talvez venham a não existir, de ser bons para todas as coisas que talvez tenham existido, de ser bons para todas as coisas que talvez não tenham existido, de ser bons para todas as coisas que talvez estejam existindo, de ser bons para todas as coisas que talvez não estejam existindo, de ser bons para todas as coisas que talvez estejam a existir, de ser bons para todas as coisas que talvez não estejam a existir, de ser bons para todas as coisas que talvez estejam a não existir, de ser bons para todas as coisas que talvez não estejam a não existir

POEMA DA MINHA VERDADE



DOS REIS COLLARES
MARIA EDUARDA

Nas minhas mãos
há sempre um poema
para quantos dos se procurem.
Quando poema mais pelo,
menos vazio,
mais puro,
o poema da verdade
que nos mãos aperte
que se não fecheem.

D'ALLARCÃO E MELLO
para o RODRIGO

— se vês dos vossos
são o poema eleito
da minha verdade

(Dos escolhos do mar-asaro dos, de Ilídia) de Alda H. SANTOS NEVES.

AINDA O «MILAGRE DE MALAGÓUIAS»

Finalmente, e no fim do artigo inteiramente de acordo, dá-se, de um modo em destaque, o conteúdo do que chamamos o principal motivo descontento que «o contrário do que se ouve tantas vezes», de que o mundo está cheio de injustiças, a falta de reformas, do individual, do pessimismo, do... etc.» (o que nos parece chocar um pouco, contraditoriamente, com a afirmação anterior: a «concepção» — «pessimismo» — responde a isto textura algo parecia as suas respostas, o que nos semelha ser descabido e inútil dado que se interpreta «a priori» que finalmente assente ser o motivo do filme a ser tratado.

Como os nossos cumprimentos, parece solitário.

Apresentamos a mensagem de Mickey como o nosso A. M. de Oliveira sobre o filme «Milagre de Malagóuias» não nos parece conseguir a mensagem de B. Mickey mais de reflexão para que se não ficasse, numa leitura um pouco atenta do dito ou um pouco mais atenta do filme, ao nível de um pequeno «western» de cowboys e índios, ou de «gangsters» e «policemen», ou de «cowboys» e «gangsters», ou de «cowboys» e «índios», ou de «polícias» e «ladrões», ou de «polícias» e «gangsters», ou de «polícias» e «índios», ou de «cowboys» e «polícias», ou de «gangsters» e «índios», ou de «cowboys» e «gangsters», ou de «índios» e «ladrões», ou de «polícias» e «ladrões», ou de «gangsters» e «ladrões», ou de «cowboys» e «ladrões», ou de «índios» e «polícias», ou de «gangsters» e «polícias», ou de «índios» e «gangsters», ou de «cowboys» e «índios», ou de «ladrões» e «polícias», ou de «gangsters» e «ladrões», ou de «cowboys» e «gangsters», ou de «índios» e «polícias», ou de «ladrões» e «índios», ou de «gangsters» e «polícias», ou de «cowboys» e «ladrões», ou de «índios» e «gangsters», ou de «polícias» e «ladrões», ou de «cowboys» e «índios», ou de «gangsters» e «polícias», ou de «ladrões» e «índios», ou de «cowboys» e «gangsters», ou de «polícias» e «ladrões», ou de «índios» e «gangsters», ou de «cowboys

DOS JOGOS FLORAIS

Temos o prazer de novamente publicar a constituição dos jogos florais da primavera:

Flores da Primavera:

POESIA

Alexandre O'Neill
Vasco Costa Marques
Paulo Norberto
da Fonseca

CONTO

Teresa Rita
Augusto Abelaira
Manuel Ferreira

PINTURA e DESENHO

Lima de Freitas
Kui Mario Gonçalves
António Domingues

NO ALTO MAR...
Carlos Nowinski Branco

QUE AVI TER
HORIZONTES
OS TERREIROS
DE SONHAR
NUNCA DEIXA
DE ONTEM TONTES
DE AGUAS TURVAS
E DE LUAS
DE VAES NUDAS
DE BOIS MORTOS
MESMO CHEIO
ENTRE PORTOS
QUE ENTRE MARGENS
A CORRENTE
NAO-DE SER
NATURAIS
NAIS DE GENTE
NAIS BANAIS
NAIS SINCELAS
NAO-DE SER
DE VIVER
AS HISTORIAS

SAO BALELAS...
SEM REMEDIO
DE TRAGEDIAS
DE ARREMEDOS
DE ATOS MEDOS
AS HISTORIAS

PROGRAMA

ENTRE AMIGOS...

HISTORIA

GASTEI
AS HORAS INVANTIS
PINTANDO OS HORIZONTES
A LARANJA
E A OURO.
COMO QUALQUER OPERARIO
QUE
NESSA TAREFA
TUDO QUANTO SABIA
(O QUE APRENDI
O QUE INVENTEI...)
ENTRE O QUE FOI
E O QUE VIRA
SOU
UM ELO
RESPONSAVEL
FESTIVAMENTE
SUPORTO O MUNDO
NOS MEUS OMBROS
E COM ELE ME SALVO
DO ESCOMBROS...

MARIA DA GRAÇA MONTE

FRANCISCO DA SILVA CARAVANCHO — (Lisboa) — A platéia que nos conta não tem interesse. Porque seria que não tem interesse? Todos se interessam pelo anecdotario de o teatro — quando bem contada, claro é, quando se interessa pelo proprio assunto de conta. Eu tenho o escritor joelon algumas coisas de lisboa, o Francisco não está presente a proprio assunto se conta. Eu bem morte, todo mesmo (ella se anda teorcoes estão muito ricos muito ricos, acessorios nesse seu conto. O bem morte, todos -se do conto, não o vive — porque o proprio valor den o mesmo exemplo. valor é mesma, tudo teatress é notcontinuamente dados mas depois tudo mallidade. Bem, mas o leitor vivo cis-ção o vivendo...

O Francisco Castanho, apesar de lerisa que deve desenvolver e aplicar melhor.

LUIS NANDIM — (Lisboa) — Uma vez estamos, como lhe prometemos, a ir-lhe o seu conto «Amor de Adolescente». Começo por não achar inteligente. Porque não se trata de um conto, mas disso não se trata nem portanto assim. Depois-se de que me pareceu telemarte os seus temas, uma tal momento multos. Uma operação para o titulo

(Continua na página seguinte)

do alopo mas numa alimentação in-
dum certo de 68 % da porporção
normalmente aceites. A ponto de
muito supor dos valores mínimos
sendo numa proporção mínima
proteína, não aparece nas tacças
função do «conteúdo» ou seja: a
cia, sendo dum interesse na «com-
O alimento biológico por excelên-
mas sempre-se ainda mais
bação» sua «qualidade», o benefí-
nem a sua «qualidade», o benefí-
cio energético dos alimentos, mas tam-
bém a sua «qualidade», o benefí-
cio energético dos alimentos, mas tam-
bém a sua «qualidade», o benefí-
cio energético dos alimentos, mas tam-

Se nos referirmos não só ao valor
biológico mínimo mas tomo.

Quer dizer: 57 por cento da pro-
teína vegetal tem de tomo
nos de 3550 calorias digeríveis, vive
visivo de 2,5 % com me-
nos de 3550 calorias digeríveis, vive
nuns vegetais tem estado de pré-carência
gins. Dos restantes 57 % 7,5 %
stimem os vegetais em geral
mente aplicadas, só 75 %
Segundo estatísticas recentes-
calorias.

dum edulcorante a uma média de 3570
tando entre 3550 e 3500 calorias o
mentos de valor energético osci-
sidade de aproveitamento alimentar
«Cabe-se dum o homem tem neces-
escrito, em tipo mundo, o seguinte:
encontrem um jornal, onde se veja
Então, boje aconteça que os olhos
mente, no mundo em que vivemos.
bonsamos fervorosamente, prossiga-
condições nos novos mundos e os
qsservamos os olhos extasiados de

Mas o texto torna-se estranho ao
ção, etc., Mas...

cessos de «controle» e comunica-
do homem dum se conduz, com pro-
vos especiais, com a sopreviventes
cionados com a construção de na-
tevele em viveres especiais tele-
sens conhecimentos, não na qui-
da dum tipo progresso técnicos no-
mente extraordinariamente os
na divida dum o Homem vive su-
do espaço é uma fantasia. Não
bjetivo.

Não na divida dum a sevente
cial, com respectivo cabeçote de
no mercado tatos para voo espa-
ais do espaço, as biológicas jamais
mem no «infinito espaço de compa-
cimentos», as tomenticas de «um-
ção para a engenharia, para a se-
de repente numa irresistivel voca-
fala. Je-se ficção científica, tem-se
Comprometem-se tonelados nos dum-
os dos «desprevenidos do espaço».
pelo. Os nomes eleitos são sogos
da B. B. do Supermen e da Cam-
A Gente esquece-se do Tarzan e
dos «pára-quedistas do espaço».
mento da nossa atenção.

Geraine, Tifoy, Glenn, entu-
mem no perigo dos perigo. Tods
a suspensão da propaganda se
mos e telefo até ao ponto mais
movimentou para levar ao seus no-
mundo de ferro, até ao ponto mais

A CONQUISTA DO MUNDO...

ESTA VOZ QUE POR MIM CHAMA

por NELSON DE MATOS

Os bes cargo bessoa
e os olhos ago tiveo
mas en vou
vou confiro
o voz dne me strais
dne me spres
os prsoos
num teito
de muniter inscisds.

En gosto dsses sertss
dne vieimpto.
En dneto cesc-ls.
dneto molds-ls
s bsso fime
sempre igns!

Eseys.
En vou.
E nm sonho de mento
E me ssdne.
dne me convoig.
E s voz dne me strai
e me seqne.
E s vigs
E s vs
dne nso iv
dne por mim chsmo.
dne me esterde s mso
dne nso sbeito
Contiuns... contiuns...

ins.
dne qisbers
qs sstrsds-vigs
qe pelsss
Qneto ver esses tcesntos
E nm sonho de mento
En vou.
Eseys.

Contiuns... contiuns...

sempre igns!
s bsso fime
dneto molds-ls
En dneto cesc-ls.
dne vieimpto.
En gosto dsses sertss
de muniter inscisds.
num teito
os prsoos
dne me spres
o voz dne me strais
von confiro
mss en vou
Os bes cargo bessoe
e os olhos ago tiveo

— Son en dne por mim chsmo.

Sempre sinds.
E s ins sinds.

Contiuns... contiuns...

ins.
dne nso sbeito
dne me esterde s mso
dne por mim chsmo.
dne nso iv
E s vigs
e me seqns.
E s vs dne me strai
dne me convoig.
E s vs
E nm sonho de mento
En vou.
En dneto ir.
En vou.

s vs dne me convigs
Sempre sinds
Sinds.

Contiuns... contiuns...

e nso sicnsdo.
E nms vs dne ests bsrto
onde me nso conpsso.
bor nms esrtsds de ins
E nms vs dne me convigs
men rimgo de benemsntos.
Vem-me ds ir
ests vs.
Vem-me dss sompse
nms sesbsrnsds qe exisfsncis.
Sinto dne nms vs
me nspits
e me rtsnstorms.
Qms vs dne me strais
nms sssertto
von confiro
mss en vou
Os bes cargo bessoe
e os olhos ago tiveo

(Continua na 16.ª página)

ria de mistério, interessa-se pelo
Para quem conhece um pouco
ante de pole dnese nso necessits
de dnsinst explicsção.

Mostra-nos ela a bogotosa tisn-
te de Dionisio — o Baco de mito-
logis. Eseys — s tessmsnt vigs.

O fsmbo — qelsbigsqot ttesz-
mvimento, entusiasmo, tessis....

bonsevel — envelhecer Dionisio.

Mas, bsra além de todos os estis-
gos e de todss ss teitsss, o ser
civilisssção s mqm se chsmon Is
to qe dne nms bstis insesmente
se otgnlis...

3.º Prémio RECINA

Carlos Jorge Neves

Rua de S. Gens. 52. 1.º-Esq.

— LISBOA

2.º Prémio RECINA

Ana Maria Ferreira

dos Anjos

Farmácia Lusa — BENAVENTE

1.º Prémio RECINA

Adelina dos Santos

Rua Comes Freire de Andrade, 6

— TAVEIRO

PREMIADOS

«JOGO DAS NAÇÕES»

(Egipto)

NO CONCURSO

Tsrs dnem conhsce nm bonco
nnts de nole dnese nso necessits
de nistorist nntsrvsgi.s nsoss sis-
ts de Dionisio — o Bsco ds nito-
logis. Eseys — s tessmsnt vigs.

O fsmbo — qelsbigsqot ttesz-
mvimento, entusiasmo, tessis....

bonsevel — envelhecer Dionisio.

Mas, bsra além de todos os estis-
gos e de todss ss teitsss, o ser
civilisssção s mqm se chsmon Is
to qe dne nms bstis insesmente
se otgnlis...

ÓNAL A PEÓNENA NACAO
PERA FICNAR ÓNE NUBLI-
ÓNE NOS É RECORDADA
CAMOS?

CONCURSO DAS NAÇÕES

JOGO

(Continuação da página anterior)

sso e nso ejso dne s qistsfigns do ci-
nsms. A tslsvisso, por este ponto de
visis, nso sstis insis do dne cinsms
tsmpors insis continsmente. Mstis Al-
sistsmo. Fors ds cisção de Mswsll
sevs ptossejne ns snnunciso dos si-
sm

FARAGEM ZONA

DA POESIA

A poesia é, sempre, um mergulho na vivência, mergulho e boiada (experiência) do boi e traz o boi da poesia esta em ritmo num conhecimento (revelação). E o valor da poesia está na importância do segredo direto da importância do que descobre, do que preserva. Quanto mais profundo o mergulho, mais inesperada e essencial a descoberta. Mas o fundo profundo é como a boiada explora é como o próprio mundo, o mesmo e sempre outro. Mundo, fundo como fertil de tudo, mundo, fundo como fertil de tudo, mundo, fundo como fertil de tudo,